



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RENATO LIRA PIMENTEL

**DIÁLOGOS, CARACTERIZAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE
GÊNEROS EM TESES E DISSERTAÇÕES NO BRASIL**

Recife
2019

RENATO LIRA PIMENTEL

**DIÁLOGOS, CARACTERIZAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE
GÊNEROS EM TESES E DISSERTAÇÕES NO BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

P644d Pimentel, Renato Lira
Diálogos, caracterização e contribuições dos estudos de gêneros em
teses e dissertações no Brasil / Renato Lira Pimentel. – Recife, 2019.
222f.: il.

Orientador: Benedito Gomes Bezerra.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de
Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Inclui referências e apêndice.

1. Diálogos. 2. Teorias de gênero textual. 3. Teses e dissertações. I.
Bezerra, Benedito Gomes (Orientador). II. Título.

809 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-95)


RENATO LIRA PIMENTEL


Diálogos, caracterização e contribuições dos estudos de gêneros em teses e dissertações no Brasil


Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em LETRAS.

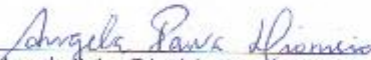
Aprovada em: 15/2/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco


Prof. Dr. Elizabeth Marcuschi (Examinador Interno)
Universidade Federal De Pernambuco


Prof. Dr. Suzana Leite Cortez (Examinador Interno)
Universidade Federal De Pernambuco


Prof. Dr. Angela Paiva Dionísio (Examinador Externo)
Universidade Federal De Pernambuco


Prof. Dr. Antônia Dilamar Araújo (Examinador Externo)
Universidade Estadual Do Ceará

A José e Josefa Pimentel, por serem tudo para mim.

AGRADECIMENTOS

Ao Grandioso *Deus*, pela vida!

Ao professor *Benedito Bezerra*, pela orientação competente, pela delicadeza e segurança com que faz qualquer trabalho a que se dispõe. Penso que poucas pessoas tiveram o privilégio que eu tive: o de ser orientado na iniciação científica, na graduação, na especialização, no mestrado e no doutorado pelo mesmo professor, por um GRANDE professor. O orgulho que sinto dessa parceria é bem maior do que eu posso imaginar, não só por nunca termos tido nenhum tipo de desavença, mas também, e principalmente, por considerar que ele é o maior pesquisador sobre gêneros de texto do país atualmente. Professor, que eu consiga ser metade do que o senhor é academicamente e como pessoa. Muito obrigado!

Às professoras *Beth Marcuschi* e *Angela Dionísio*, pela enriquecedora participação no processo de qualificação desta tese.

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, pelas preciosas discussões ao longo do doutorado: *Antônio Carlos Xavier*, *Beth Marcuschi*, *Cristina Sampaio* e *Angela Dionísio*.

À professora *Beth Marcuschi*, por ter me desafiado com a obrigação de ler uma quantidade enorme de textos toda semana no início do mestrado, por meio dela, agradeço a todos os professores do Mestrado em Letras da UFPE (2012).

À professora e amiga *Jaciara Gomes*, por ter me impulsionado a ser um pesquisador melhor na Especialização, por meio dela, agradeço a todos os professores da Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas da UPE.

À professora *Mônica Magalhães* por me encantar com a sua maneira de ser na educação superior, por meio dela, agradeço a todos os meus professores da graduação em Letras na UPE.

À professora *Joselma Moura*, por sempre me dizer que o meu caminho era o das Letras, por meio dela, agradeço a todos os professores do Ensino Médio na Escola Estadual Henrique Justino de Melo em Jucati.

À professora *Marcilene Muniz*, pela frase mais significativa do Ensino Fundamental II: “você é inteligente e também é estudioso, você vai longe!”, por meio dela, agradeço a todos os professores da quinta a oitava série na Escola Municipal Albino Moreira em Jucati.

À minha madrinha e professora *Josélia Pontes*, por contribuir para que eu fosse “meio matemático” durante toda a educação básica, por meio dela, agradeço a todos os professores do Ensino Fundamental I também no Albino Moreira.

À minha irmã mais velha e professora *Rosilda Pimentel (Dida)*, por ter contribuído no meu processo de alfabetização e nos letramentos diários até hoje. Penso que metade desta tese foi produzida na mesa da sua sala, onde reinava um clima bom, ventilado e de tranquilidade, além de uma ou outra conversa que me distraía e me revigorava. Aqui, ainda agradeço a minhas outras irmãs, *Lora e Neda*, meus amores, todas pedagogas.

Ao meu irmão *Givaldo Pimentel (Val)*, por ter contribuído na formação do meu caráter, por ter sido também um pai para todos os outros cinco irmãos, por ter me ensinado a dignidade que existe na agricultura, mas também por me ensinar que eu poderia ser o que eu quisesse. Aqui, ainda agradeço aos outros irmãos, *Geno, Paulinho e Edinho*, homens de um caráter inquestionável.

Agradeço aos amigos de infância e aos conquistados ao longo do meu caminho, que, por serem tantos, não há como citar nomes. Representarei todos eles por meio de *Crislane*, uma irmã gêmea de mães diferentes. O amor que sinto por ela representa a gratidão e o amor que sinto por todos os outros.

Agradeço aos amigos conquistados na Graduação, com os quais foram divididos muitos momentos importantes durante o espaço de tempo em que nos conhecemos e vivemos juntos. Esses amigos eu representarei por meio de *Ana Paula*, uma pessoa magnífica, que, com toda certeza, representa muito bem a todos os outros.

Agradeço aos amigos conquistados na Pós-Graduação. Representarei todos eles por meio de *Maria Sirleidy, Vinícius Nicéas e Vicente Lima-Neto* que me ensinaram muita coisa, não só da Academia, mas também muita coisa para a vida.

Agradeço também a todos os meus alunos da Educação Infantil à Especialização, pois aprendi muito com eles: aprendi a ser um professor; aprendi a ser um ser humano; aprendi a ser também uma pessoa melhor. Representarei todos eles por meio de *Anderson Jones*, uma lindeza de ser humano que me fez repensar muita coisa na vida.

Agradeço especialmente a minha outra irmã, *Amanda Lêdo*, por tantas batalhas que vivemos juntos e por tantas vitórias construídas nessas batalhas.

Agradeço aos funcionários da Pós-Graduação em Letras: *Jozaiás, Diva, Claudyvani* e os bolsistas, por toda a atenção com que nos atendem e resolvem os nossos probleminhas.

Agradeço à Coordenação de Apoio ao Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro dado à minha pesquisa.

Agradeço a todos que sempre torceram e estiveram presentes em minha vida escolar da Educação Infantil ao Doutorado.

Por fim, agradeço a meu pai, *José Ferreira Pimentel Neto*, e a minha mãe, *Josefa de Lira Pimentel*, por tudo e sempre.

Muito obrigado a todos!

RESUMO

Nas últimas três décadas, os estudos sobre gêneros textuais vêm se desenvolvendo e se tornaram um tema central no âmbito da Linguística, nacional e internacionalmente. Nesta tese, temos como objetivo geral investigar como se caracterizam os estudos de gênero textual no país entre os anos de 2000 e 2016, seus diálogos e interlocuções como sistemas complexos e perceber qual é a efetiva participação das diversas teorias de gêneros no ambiente acadêmico. Para tanto, consideramos importantes os seguintes objetivos específicos: i) construir um panorama dos estudos de gêneros textuais no Brasil das Universidades pioneiras no tema; ii) caracterizar os estudos brasileiros sobre gêneros, apontando quais caminhos teóricos são tomados nas pesquisas de teses e dissertações, bem como que tipo de relação existe, ou não, nesses caminhos; iii) discutir a necessidade de se pensar o fenômeno dos gêneros textuais, bem como os diálogos e as interlocuções sobre as teorias de gêneros, a partir de um olhar que os considerem como complexos; e, iv) caracterizar e analisar diferentes acepções de síntese de estudos de gêneros textuais nas pesquisas, a partir das postulações sobre o termo feitas por Bawarshi e Reiff (2013) e das discussões de Bezerra (2017). Nos procedimentos metodológicos, coletamos no banco de teses e dissertações digitais dos Programas de Pós-Graduação pioneiros nos estudos de gêneros, o PPGL-UFPE, o PPGL-UFSM, o PPGLg-UFSC, o LAEL-PC/SP e o PPGL-UFC, um total de 170 teses e dissertações. Na análise das dissertações e das teses, levamos em consideração os resumos, as introduções e os capítulos teóricos dos trabalhos para que pudessem nos guiar nos objetivos que nos propomos. Assim, seguimos os seguintes passos mais gerais de análise das teses e dissertações: a) verificamos qual o tipo de estudo foi feito nos trabalhos; b) analisamos quais os principais autores que serviram de base para os trabalhos, e, conseqüentemente, quais as principais correntes de estudo de gêneros; c) identificamos quais as combinações e os diálogos que foram feitos com as teorias de gênero; e d) analisamos, a partir das combinações e diálogos, três sentidos de síntese adotados por nós, quais sejam, 1) panorama, visão geral, resumo ou revisão de literatura (BEZERRA, 2016); 2) combinação, justaposição ou união mais simples de teorias (PIMENTEL; LÊDO, 2016); e 3) macroteoria (BEZERRA, 2016). De modo geral, pelo menos em termos de estudos de gênero, parece-nos que no Brasil há uma tendência maior em absorver e aplicar (com diferentes graus de alteração) as teorias existentes no âmbito internacional, havendo iniciativas mais escassas de teorização a esse respeito, a exemplo do pesquisador da UFPE, Marcuschi. Apesar disso, a produção brasileira não consiste apenas numa reprodução pura e simples das tradições internacionais de estudos de

gêneros, existindo confirmações de movimentos de combinação entre aportes teóricos diversos. Desse modo, foram percebidos diversificados diálogos entre as teorias de gênero e também com outras teorias, bem como contribuições nas diferentes linhas de estudos.

Palavras-chave: Diálogos. Teorias de gênero textual. Teses e dissertações.

ABSTRACT

In the last three decades, studies on textual genres have been developing and have become a central theme in Linguistics, nationally and internationally. In this thesis, we have as general objective to investigate how the studies of textual genre in the country between 2000 and 2016 are characterized, their dialogues and interlocutions as complex systems and to perceive the effective participation of the diverse theories of genres in the academic environment. Therefore, we consider the following specific objectives to be important: i) construct a panorama of studies of textual genres in Brazil of the pioneer Universities in the theme; ii) characterize the Brazilian studies on genres, pointing out which theoretical paths are taken in the researches of theses and dissertations, as well as what kind of relation exists, or not, in these ways; iii) to discuss the need to think about the phenomenon of textual genres, as well as the dialogues and interlocutions on theories of genres, from a look that consider them as complex; and iv) to characterize and analyze different meanings of synthesis of studies of textual genres in the research, based on the postulates on the term made by Bawarshi and Reiff (2013) and Bezerra (2017). In the methodological procedures, we collected in the bank digital of theses and dissertations of the Graduate Programs of pioneering in the studies of genres, PPGL-UFPE, PPGL-UFSM, PPGLg-UFSC, LAEL-PC/SP and PPGL-UFC, a total of 170 theses and dissertations. In the analysis of the dissertations and theses, we take into account the abstracts, the introductions and the theoretical chapters of the works so that they could guide us in the objectives that we propose. Thus, we follow the general steps of analysis of theses and dissertations: a) we verified what type of study was done in the works; b) we analyzed the main authors that served as the basis for the works, and consequently, the main currents of study of genres; c) we identify the combinations and dialogues that have been made with the theories of genre; and, d) analyze, from the combinations and dialogues, three senses of synthesis adopted by us, namely: 1) overview, summary or literature review (Bezerra, 2016); 2) combination, juxtaposition or simpler union of theories (PIMENTEL; LÉDO, 2016); and 3) macro-theory (BEZERRA, 2016). In general, at least in terms of genres studies, it seems to us that in Brazil there is a greater tendency to absorb and apply (with varying degrees of change) the existing theories at the international level, and there are initiatives that are scarce in theory, like the UFPE researcher, Marcuschi. Nevertheless, Brazilian production does not consist merely of a pure and simple reproduction of the international traditions of genres studies, and there are confirmations of movements combining various theoretical contributions. Thus, different dialogues were perceived

between theories of genre and also with other theories, as well as contributions in the different lines of studies.

Keywords: Dialogues. Theories of textual genre. Theses and dissertations.

RESUMEN

En las últimas tres décadas, los estudios sobre géneros textuales han desarrollado y se han convertido en un tema central, en el ámbito de la Lingüística, nacional e internacionalmente. En esta tesis, tenemos como objetivo general investigar cómo se caracterizan los estudios de género textual en el país entre los años 2000 y 2016, sus diálogos e interlocuciones como sistemas complejos y percibir cuál es la efectiva participación de diversas teorías de géneros en el ambiente académico. En ese sentido, consideramos importantes los siguientes objetivos específicos: i) construir un panorama de los estudios de los géneros textuales en Brasil a partir de las Universidades pioneras en el tema; ii) caracterizar los estudios brasileños sobre géneros, señalando cuáles son los caminos teóricos adoptados por los investigadores en sus tesis doctorales y disertaciones, así como qué tipo de relación existe, o no, entre esos caminos; iii) discutir la necesidad de reflexionar sobre el fenómeno de los géneros textuales y sobre los diálogos e interlocuciones entre las teorías de géneros, como sistemas complejos; y iv) caracterizar y evaluar diferentes acepciones de síntesis de los estudios de géneros textuales en las investigaciones, a partir de las postulaciones sobre la noción realizadas por Bawarshi y Reiff (2013) y de las discusiones de Bezerra (2017). En los procedimientos metodológicos, colectamos en el banco de tesis y disertaciones digitales de los Programas de Posgrado pioneros en los estudios de géneros, el PPGL-UFPE, el PPGL UFSM, el PPGLg- UFSC, el LAEL-PC/SP y el PPGL UFC, un total de 170 tesis y disertaciones. En el análisis de esos documentos, consideramos los resúmenes, las introducciones y los capítulos teóricos para guiarnos en los objetivos propuestos. De ese modo, utilizamos las siguientes estrategias generales de análisis: a) verificamos el tipo de estudio realizado en el trabajo; b) analizamos cuáles los principales autores que fundamentan los estudios y sus respectivas corrientes de estudios de géneros; c) identificamos cuáles las combinaciones y los diálogos propuestos sobre los estudios de género; d) analizamos, basados en esas combinaciones y diálogos, tres sentidos de síntesis adoptados por nosotros, son ellos: 1) panorama, visión general, resumen o revisión de literatura (BEZERRA, 2016) ; 2) combinación, yuxtaposición, o unión más sencilla de teorías (PIMENTEL: LÊDO, 2016); e macroteoría (BEZERRA, 2016). Con relación a los estudios de géneros, nos parece que en Brasil hay una tendencia mayor en incorporar y aplicar (en distintos grados) las teorías existentes en el ámbito internacional, con escasos intentos de teorizar respecto al tema, como el ejemplo del investigador de la UFPE, Marcuschi. Sin embargo, la producción brasileña no consiste solo en una reproducción de las tradiciones internacionales de los estudios de género,

existiendo un movimiento de combinación de aportes teóricos diversos. De ese modo, fueron constatados diversificados diálogos entre las teorías de género y también con otras teorías, así como contribuciones en las distintas líneas de estudios.

Palabras clave: Diálogos. Teorías de género textual. Tesis y disertaciones.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Níveis de descrição genérica.....	82
Figura 2 - Representação da estratificação dos planos comunicativos adaptada de Martin (1992, p. 496) e de Hendges (2005, p. 6).....	94
Figura 3 - Variáveis do contexto de situação.....	95
Figura 4 - Círculo de pesquisa para a ACG.....	101
Figura 5 - Exemplar de resumo T7 UFPE.....	113
Figura 6 - Recorte de exemplar de resumo D11 UFPE.....	115
Figura 7 - Recorte de exemplar de resumo D15 UFPE.....	116
Figura 8 - Exemplar de resumo T1 UFISM.....	120
Figura 9 - Exemplar de resumo D24 UFISM.....	122
Figura 10 - Recorte de exemplar de resumo da T3 UFSC.....	126
Figura 11 - Recorte de exemplar de resumo D11 UFSC.....	128
Figura 12 - Recorte de exemplar de resumo T7 PUC/SP.....	132
Figura 13 - Exemplar de resumo D23 PUC-SP.....	135
Figura 14 - Recorte de exemplar de resumo T14 UFC.....	141
Figura 15 - Exemplar de resumo D17 UFC.....	144
Figura 16 - Descrição dos autores mais utilizados nos diálogos pesquisados.....	146
Figura 17 - Recorte de resumo da D16 UFPE.....	151
Figura 18 - Recorte do sumário D5 UFC.....	153
Figura 19 - Recorte do capítulo 1 da T6 UFISM.....	154
Figura 20 - Recorte das considerações finais da D18 UFISM.....	155
Figura 21 - Exemplar de mural didático do capítulo de análise da D13 UFPE.....	157
Figura 22 - Recorte da introdução da D29 UFC.....	159
Figura 23 - Recorte de introdução da D24 UFISM.....	160
Figura 24 - Recorte de introdução da D9 UFC.....	161
Figura 25 - Recorte de resumo da T10 PUC-SP.....	163
Figura 26 - Recorte de proposta de atividade a partir da modelização didática de gênero (D6 PUC-SP).....	164
Figura 27 - Recorte do trabalho T6 UFISM.....	165
Figura 28 - Problema de pesquisa e objetivo geral da T2 UFSC.....	166
Figura 29 - Recorte de resumo da D15 PUC-SP.....	168
Figura 30 - Recorte de sumário da T4 UFPE.....	172

Figura 31 - Quadro presente no capítulo 1 da T10 UFPE.....	173
Figura 32 - Recorte de sumário da T1 UFC.....	175
Figura 33 - Figura do capítulo 2 da T1 UFC.....	176
Figura 34 - Recorte de sumário da D17 UFPE.....	177
Figura 35 - Recorte do capítulo 1 da D13 UFSM.....	179
Figura 36 - Recorte do capítulo 1 da T3 UFSM.....	180
Figura 37 - Fgura capítulo 1 da T3UFSM.....	181

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Autores que são teoria de base para as teses e dissertações da UFPE (34 trabalhos).....	110
Gráfico 2 - Autores que são teoria de base para as teses e dissertações da UFSM (32 trabalhos).....	118
Gráfico 3 - Autores que são teoria de base para as teses e dissertações do PPGLg-UFSC (15 trabalhos).....	124
Gráfico 4 - Principais autores nas teses e dissertações do LAEL-PUC/SP (37 trabalhos).....	130
Gráfico 5 - Principais teóricos sobre gêneros para as teses e dissertações da UFC (52 trabalhos).....	138

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA COMPLEXIDADE.....	32
2.1 Do racionalismo científico ao paradigma da complexidade.....	33
2.2 Caracterização da teoria da complexidade.....	36
2.2.1 <i>A complexidade e os seus princípios caracterizadores.....</i>	<i>40</i>
2.2.1.1 Princípio dialógico.....	40
2.2.1.2 Princípio da recursão organizacional.....	42
2.2.1.3 Princípio hologramático.....	42
2.2.1.4 Princípio do circuito retroativo.....	43
2.2.1.5 Princípio da autonomia/dependência.....	43
2.2.1.6 Princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento.....	43
2.2.2 <i>A questão do método no paradigma da complexidade.....</i>	<i>44</i>
2.3 A Teoria da complexidade e os diálogos/interlocuções entre teorias de gênero textual.....	47
2.4 Últimas considerações para este capítulo.....	52
3 TEORIAS DE GÊNERO TEXTUAL – PRIMEIRA PARTE.....	54
3.1 Visão geral sobre os estudos de gênero textual.....	55
3.2 Começando a discussão sobre definições e correntes de estudos de gêneros.....	59
3.2.1 <i>Contribuições de Bakhtin/Volochinov.....</i>	<i>63</i>
3.2.2 <i>O Interacionismo Sociodiscursivo.....</i>	<i>68</i>
3.3 Últimas considerações para este capítulo.....	74
4 TEORIAS DE GÊNERO – SEGUNDA PARTE E ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNEROS.....	76
4.1 A corrente conhecida como inglês para fins específicos.....	77
4.1.1 <i>Contribuições de John Swales.....</i>	<i>78</i>
4.1.2 <i>Considerações em Vijay Bhatia.....</i>	<i>81</i>
4.2 Os estudos retóricos de gênero.....	85
4.2.1 <i>Os estudos desenvolvidos por Miller.....</i>	<i>87</i>
4.2.2 <i>As contribuições de Bazerman.....</i>	<i>90</i>
4.3 Os estudos em Linguística Sistêmico-Funcional.....	93
4.4 A Análise Crítica de Gêneros.....	99
4.5 Últimas considerações para este capítulo.....	105

5 DIÁLOGOS ENTRE TEORIAS DE GÊNERO EM TESES E DISSERTAÇÕES NO BRASIL.....	107
5.1 Universidade Federal de Pernambuco.....	108
5.2 Universidade Federal de Santa Maria.....	117
5.3 Universidade Federal de Santa Catarina.....	123
5.4 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.....	129
5.5 Universidade Federal do Ceará.....	136
5.6 Últimas considerações para este capítulo.....	145
6 CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS DE GÊNEROS NO BRASIL E SÍNTESE DE TEORIAS.....	149
6.1 Caracterização dos trabalhos pesquisados.....	150
6.2 Acepções de sínteses nas pesquisas analisadas.....	170
6.2.1 <i>Panorama, visão geral, resumo ou revisão de literatura.....</i>	<i>171</i>
6.2.2 <i>Combinação ou justaposição de teorias.....</i>	<i>174</i>
6.2.3 <i>Macroteoria.....</i>	<i>178</i>
6.2.4 <i>Percepção geral sobre as acepções de síntese.....</i>	<i>181</i>
6.2.5 <i>Sínteses de teorias e algumas questões sobre a Teoria da Complexidade.....</i>	<i>182</i>
6.3 Últimas considerações para este capítulo.....	183
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
REFERÊNCIAS.....	195
APÊNDICE A - RELAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES.....	207

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos trinta anos, os estudos sobre gêneros textuais vêm se desenvolvendo e se tornaram um tema central no âmbito da Linguística, nacional e internacionalmente. Um dos aspectos que possibilitou a disseminação e a apropriação desse conceito por parte do discurso pedagógico no contexto brasileiro foi a sua inserção em documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BEZERRA, 2015). No âmbito estrangeiro, é também notável o número de campos científicos e de profissionais interessados por esse tema (BHATIA, 1997; HYLAND, 2002; SWALES 1990, 2012).

Para além de uma relação com os PCN, a pesquisa sobre gêneros expandiu-se pelo país ganhando destaque entre os principais programas de Pós-Graduação em Letras/Linguística em diferentes Universidades públicas e particulares. Essa expansão das pesquisas foi refletida na realização de diferentes eventos científicos, a exemplo do Simpósio Internacional de Gêneros Textuais (SIGET), e na publicação de livros, capítulos de livros e muitos artigos sobre a temática, bem como na conclusão de teses e dissertações sobre o assunto em diferentes programas de Pós-Graduação.

Uma das explicações para essa vasta reflexão pode ser dada pela existência de pelo menos quatro grandes vertentes mundiais de estudos dos gêneros textuais: a Escola de Sidney, associada à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF); a Escola Britânica, desenvolvida a partir dos estudos do Inglês para Fins Específicos (ESP), também conhecida no Brasil como “abordagem sociorretórica”, associada à Linguística Aplicada; os Estudos Retóricos de Gêneros (ERG), associada à Nova Retórica e também conhecida entre nós como “Escola Americana”; e a tradição franco-suíça de estudos de gêneros, associada ao Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e também chamada de Escola de Genebra.

Conforme Bezerra (2017), em princípio, pesquisas têm sido conduzidas no Brasil a partir de contribuições de todas essas abordagens, isoladamente ou em combinações diversas. No entanto, nesta tese, temos o propósito de discutir não somente sobre essas correntes, já que, como veremos, o fenômeno dos gêneros textuais é bastante complexo, o que complexifica também as perspectivas teóricas que se dedicam a ele. Este trabalho se dedicará também a saber como são conduzidas essas pesquisas no país, pensando principalmente nas diferentes combinações.

A noção de gênero pode ser compreendida à luz dessas diferentes perspectivas teóricas. No contexto brasileiro, conforme explica Bezerra (2017), os estudos sobre gêneros já foram referidos no âmbito internacional principalmente como “síntese brasileira” com ênfase

na aplicação pedagógica do Interacionismo Sociodiscursivo. Assim, alguns estudiosos fizeram referência à “síntese brasileira” para descrever o conjunto de pesquisas desenvolvidas no contexto nacional (BAWARSHI; REIFF, 2013). Segundo Bawarshi e Reiff (2013, p. 256), a síntese brasileira ou o modelo educacional brasileiro consistiria em “uma abordagem pedagógica fundamentada na teoria do Interacionismo Sociodiscursivo e na tradição suíça de gêneros”. Embora a reflexão sobre essa temática seja recente, ela não se apresenta como consensual, sendo vista como simplificadora por alguns estudiosos, dada a diversidade que compõe a realidade de estudos nos diferentes centros de pesquisa brasileiros (BEZERRA, 2017; VIAN JR, 2015).

Corroborando com Bezerra (2017), entendemos que o ensino de gêneros, sobre gêneros ou através de gêneros pode ser e é realizado com base nas diversas abordagens teóricas e visando a diferentes níveis de ensino, inclusive o ensino superior e de Pós-Graduação. Desse modo, se, como Bawarshi & Reiff afirmam, “a síntese brasileira foi dinamizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação” (2013, p. 5), não nos parece pertinente reduzir os estudos de gêneros realizados no Brasil à preocupação com o ensino na educação básica nem com a abordagem teórica do Interacionismo Sociodiscursivo. Por isso, é importante que seja levantada uma discussão sobre as diferentes teorias utilizadas nas pesquisas brasileiras.

A discussão a respeito da pesquisa sobre gêneros realizada no Brasil relacionada à perspectiva de síntese é recente. Contudo, alguns trabalhos já foram feitos pelos pesquisadores brasileiros, tendo em vista os já mencionados estudos de Vian Jr. (2015), Silva e Bezerra (2014) e Bezerra (2016; 2017) e o tema da VIII edição do Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET), no ano de 2015, *Diálogos nos estudos de gêneros textuais/discursivos: uma escola brasileira?*, principal evento sobre estudos de gênero que reúne pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Mesmo com as investigações já realizadas, faz-se necessário aprofundar as pesquisas sobre o que vem sendo feito e como vêm sendo feitos os estudos sobre gêneros no cenário nacional, bem como em que consistem as sínteses de estudo, já que pensaremos esse aspecto como plural.

Refletindo a respeito da possibilidade de termos uma síntese brasileira nos estudos de gênero, apesar da heterogeneidade das pesquisas que são desenvolvidas nos centros universitários do país, Bezerra (2017) considera relevante pensar sobre de que natureza seria essa síntese. O autor sugeriu que esse termo apresenta duas acepções distintas: em um primeiro sentido, síntese seria “uma visão panorâmica sobre o conjunto das teorias de gêneros e eventualmente dos estudos realizados no Brasil, uma apresentação geral de autores e

abordagens em estilo de manual para uso de estudantes de graduação e pós-graduação” (BEZERRA, 2016, p. 471). Nessa acepção, a síntese estaria relacionada com um esboço de um quadro geral que permitisse visualizar as diferentes teorias de gênero, através de um panorama que esboçasse o conjunto dessas teorias, ainda que de forma independente (ou seja, ainda que não articulasse as abordagens entre si). Particularmente, para esta pesquisa, consideramos que esse primeiro sentido pode ser associado a uma espécie de revisão de literatura a respeito das diferentes teorias e pensamos que essa pode ser uma estratégia possivelmente recorrente no caso de trabalhos como dissertações e teses, que pressupõem a realização de um breve estado da arte dos conceitos que serão utilizados no trabalho, apesar de claramente isso acontecer em uma dimensão menor do que em um livro ou coletânea para graduação, por exemplo.

O segundo sentido a que se refere Bezerra (2016, p. 471) é de síntese “como uma espécie de macroteoria construída a partir de contribuições das diversas abordagens e frequentemente orientada para o ensino”. Pensamos, assim, para esta tese, como veremos também mais adiante, no termo síntese em seu sentido plural, como sínteses, para discutirmos os usos das teorias de gênero nas teses e dissertações, não necessariamente tratando isso como uma “síntese brasileira”, tendo em vista que a primeira acepção, de panorama ou revisão da literatura, não é algo feito somente por brasileiros.

Desse modo, se pensarmos na ideia de uma síntese nos estudos de gêneros textuais, é fundamental refletir sobre algumas questões importantes para esta pesquisa: será que poderíamos falar somente em uma síntese? Se não, como poderíamos descrever e entender diferentes acepções de sínteses, no plural? Quais são as principais contribuições dos estudos brasileiros para uma teoria de gêneros mais abrangente? Algumas dessas questões já foram discutidas por Bezerra (2017) e por autores como Charles Bazerman e Joaquim Dolz no VIII SIGET, evento no qual as discussões levaram os pesquisadores ao consenso de não haver uma síntese nos termos de Bawarshi & Reiff (2013), sendo nosso intuito intensificar essas investigações, também para além das questões sobre “sínteses” de teorias.

Nessa reflexão, é importante destacar que esse tema foi sendo discutido concomitantemente ao desenvolvimento desta tese, entre os anos de 2015 e 2017, principalmente, a ponto de a questão da “síntese brasileira” em si ter se tornado um debate parcialmente superado, permanecendo, desse modo, a importante questão da recepção das teorias de gêneros em todas as suas nuances.

Essa discussão apresenta interesse não apenas teórico para o campo de estudo de gêneros. Assim, considerando a centralidade do conceito de gênero e sua repercussão no

ensino de língua no país, trata-se de contribuir também para que se perceba a complexidade do tema e a variedade de abordagens que podem ser utilizadas para tratá-lo.

Perguntas de pesquisa

A partir do que discutimos até aqui e levando em consideração a diversidade de teorias de gênero textual a que os pesquisadores de pós-graduação brasileiros têm acesso, pensamos em discutir a seguinte pergunta de pesquisa: *Como se caracterizam os estudos de gênero textual no país desenvolvidos em teses e dissertações e quais as inter-relações das diversas teorias de estudos de gêneros textuais no ambiente acadêmico sendo pensadas como sistemas complexos?*

Dessa pergunta principal de pesquisa decorrem outras a ela estritamente relacionadas e apresentadas nos pontos a seguir:

- a) quais os tipos de abordagens de estudos de gêneros textuais servem de base para a pesquisa no Brasil?
- b) como se caracteriza o panorama de trabalhos sobre gêneros textuais desenvolvidos nas principais Universidades brasileiras ligadas ao tema?
- c) existe uma corrente teórica predominante na caracterização dos estudos de gêneros desenvolvidos no país?
- d) quais os diferentes tipos de diálogos e interlocuções de teorias podemos perceber nas teses e dissertações sobre gêneros textuais produzidas no Brasil?
- e) quais as diferentes acepções de síntese podem ser pensadas para explicar os diferentes diálogos e interlocuções pesquisados?

Objetivos de Pesquisa

A partir do exposto, o objetivo geral desta tese consiste em *investigar como se caracterizam os estudos de gênero textual no país entre os anos de 2000 e 2016 e seus diálogos e interlocuções como sistemas complexos.*

Para tanto, consideramos importantes os seguintes objetivos específicos:

- a) construir um panorama dos estudos de gêneros textuais no Brasil das Universidades pioneiras no tema nos 16 anos decorridos entre 2000 e 2016 realizados em teses e dissertações.
- b) caracterizar os estudos brasileiros sobre gêneros, apontando quais caminhos teóricos são tomados nas pesquisas de teses e dissertações, bem como que tipo de relação existe, ou não, entre esses caminhos;
- c) discutir sobre a necessidade de se pensar o fenômeno dos gêneros textuais, bem como os diálogos e as interlocuções sobre as teorias de gêneros a partir de um olhar que os considere como complexos;
- d) caracterizar e analisar diferentes acepções de síntese nas pesquisas analisadas;

Justificativa

Esta proposta de pesquisa se justifica por motivos vários. Primeiramente, pensamos que é importante um trabalho que possa nos mostrar como se caracteriza a pesquisa de gêneros no país e se poderíamos realmente falar no termo sínteses de teorias, com diferentes acepções.

Em segundo lugar, as teorias de gênero, hoje em dia, devem ser vistas como uma parte constitutiva da construção do saber e da prática docentes. Se pensarmos que os documentos oficiais do âmbito educacional, como os PCN's e agora a BNCC, falam que o ensino de Língua Materna e outras línguas, como o inglês e o espanhol, deve ser permeado pelos diversos gêneros textuais, é interessante pesquisar como essas teorias que circundam tal forma de ensino estão sendo usadas, para que, e que tipo de inter-relação é construída entre elas.

Em terceiro lugar, apesar da relevância em se instituir trabalhos produzidos na Universidade e publicações na área de Letras/Linguística como objeto de investigação científica, aqui no Brasil ainda há poucos estudos sobre como as teorias de gêneros são incorporadas às nossas pesquisas e como os estudiosos as utilizam. Assim, esta pesquisa tem o intuito de contribuir também para que se perceba a complexidade [no sentido de que trata Morin, (2007)] do tema gêneros textuais e a variedade de abordagens que podem ser utilizadas para tratá-lo, compreendendo e discutindo o rumo dos estudos e da pesquisa de gêneros no Brasil.

Por fim, discussões sobre gêneros textuais e seu ensino no Brasil, embora não sejam uma “novidade” acadêmica, ainda se mostram necessárias e fecundas. Afinal, os professores/estudantes continuam se perguntando se é ou não para ensinar gramática, ou como fazer o trabalho com os gêneros textuais que foi recomendado pelos PCN’s, aquilo que vem sendo pensado para a BNCC e outros documentos oficiais. Percebe-se, portanto, a importância de pesquisas que possam investigar o modo como vêm sendo incorporadas as teorias de gêneros nas pesquisas brasileiras, qual o seu espaço na Universidade, e as propostas de mudança no ensino-aprendizagem de Língua Materna, colocando ao alcance dos professores de Língua Portuguesa diversas outras concepções teóricas e metodológicas para o ensino, evitando que os documentos oficiais, tais como a BNCC, sejam um tipo de único caminho para essas discussões. Certamente, a pesquisa que realizamos trará contribuições também nessa direção.

Metodologia da Pesquisa

Neste capítulo, nos propomos a fazer uma apresentação da trajetória metodológica que guiou a nossa pesquisa. Desse modo, é importante deixar claro que essa trajetória foi sendo redefinida em decorrência da grande quantidade de trabalhos analisados. Aqui, desenvolvemos como se caracteriza esta pesquisa, como foi feito o processo de coleta de dados, bem como a delimitação do universo que trabalhamos e quais os procedimentos que foram seguidos para que pudéssemos alcançar os nossos objetivos.

No que diz respeito à caracterização da pesquisa, podemos dizer que ela se insere na perspectiva epistemológica de cunho quantitativo e qualitativo, mas, principalmente, qualitativo. Assim, privilegiamos, nos procedimentos analíticos, a descrição detalhada dos dados, mas também esteve presente a quantificação em relação aos autores utilizados e as abordagens de gêneros.

A metodologia de trabalho empreendida foi de natureza bibliográfica e interpretativa. Fizemos, principalmente, análises da produção teórica e aplicada na área de gêneros textuais realizada no Brasil no intervalo de tempo de janeiro do ano 2000 e julho do ano 2016. O critério utilizado para a delimitação desse período de tempo foi o fato de que só conseguimos o acesso às teses e as dissertações nos sites das Universidades a partir do ano de 2000, estendendo a coleta de dados até julho de 2016, sendo o período em que fizemos a qualificação do nosso projeto de tese. Pensamos também que nesses últimos anos foram

desenvolvidos vários trabalhos sobre gêneros nos Programas de Pós-graduação das Universidades escolhidas (que vamos explicitar a seguir). Isso pode ser confirmado, por exemplo, se observarmos as autorias de trabalhos apresentados e desenvolvidos nas várias edições do Simpósio Internacional de Estudos sobre Gêneros Textuais (SIGET), um dos principais eventos sobre gêneros que ocorre periodicamente no Brasil.

Entendemos o nosso objeto de pesquisa – qual seja, dissertações de mestrado e teses de doutorado com pesquisas sobre gêneros textuais – como artefatos sociais e históricos, resultados de um complexo processo de articulação entre diversos agentes. Dessa complexidade constitutiva, resultam objetos multidimensionais e dinâmicos, inscritos em múltiplas redes espaço-temporais (SIGNORINI, 2006). Portanto, cabe-nos a construção de um percurso metodológico também processual, que leve em conta os agentes envolvidos (in)diretamente na construção do saber sobre gêneros textuais na Academia. Nesse sentido, trataremos o nosso fenômeno de estudo como complexo a partir dos preceitos da Teoria da Complexidade, tal qual vamos discutir no segundo capítulo deste trabalho. Desse modo, entendemos que:

i) os objetivos do conhecimento aqui são vistos de maneira abrangente, sem reducionismos, com um fazer científico multidimensional;

ii) o nosso planejamento de pesquisa não se fechou enquanto fazíamos a análise das teses e dissertações;

iii) tratamos as teses e as dissertações a partir de suas multiplicidades complexas. Analisamos determinadas partes do trabalho sempre no pensamento de que ligações entre o todo e as partes e as partes e o todo são extremamente necessárias para discussões mais profundas;

iv) as categorias e instrumentos de análise caracterizaram também a análise dos dados a partir de abordagens multidimensionais;

v) a análise dos dados foi proposta de maneira interativa e associativa, tendo a intenção de refletir sobre as diferentes dimensões e não de nos prender a conclusões fechadas; assim,

vi) pensamos nos limites assumidos com a certeza de que não existem fórmulas específicas, nenhuma lógica simples ou princípio para descrever ou analisar qualquer fenômeno social.

Para os propósitos desta pesquisa temos um universo de dados muito grande para a construção de um *corpus* representativo. Por isso, consideramos os principais centros de

estudos sobre gêneros textuais no país, também em termos de distribuição geográfica, sendo eles os seguintes:

- a) Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE);
- b) Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM);
- c) Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLg) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC);
- d) Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); e,
- e) Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Justificamos a escolha desses Programas de Pós-Graduação nessas Universidades por eles serem pioneiros com relevância histórica nos estudos de gêneros textuais e ainda hoje atuantes nesse tema. Uma outra justificativa para a seleção desses Programas de Pós-Graduação encontramos em Gomes-Santos (2004). Isso porque o autor desenvolveu um trabalho que tem certa semelhança com o nosso no sentido de discutir sobre teorias de gênero textual, ele também se refere aos programas de Pós-graduação que citamos, considerando-os como importantes para pesquisas nessa temática.

Os dados foram coletados no banco digital de teses e dissertações de cada uma das Universidades, sendo esse outro fator para a escolha dessas cinco Universidades, pois todas elas possuem um acervo digital com todos os trabalhos. Não fizemos a coleta diretamente no repositório de teses e dissertações da CAPES, pois era nosso intuito ler os títulos de todos os trabalhos para ter um número exato de pesquisas sobre essa temática. O que acontece é que algumas pesquisas sobre gêneros não necessariamente trazem a palavra gênero em seu título, por isso a importância da leitura dos títulos um a um, e só poderíamos fazer isso a partir da lista apresentada pelos Programas de Pós-Graduação.

No que diz respeito à coleta dos nossos dados, procedemos da seguinte maneira:

- i) primeiramente, fizemos a leitura de todos os títulos dos trabalhos de Mestrado e Doutorado dos programas escolhidos que foram desenvolvidos entre janeiro do ano 2000 e julho do ano de 2016;

ii) depois, selecionamos as teses e as dissertações que apresentavam os termos gênero(s), gênero(s) textual(is), gênero(s) de texto, gênero(s) discursivo(s) ou gênero(s) do discurso (também selecionamos alguns títulos que, mesmo não tendo esses termos, pensamos se tratar de trabalhos sobre gêneros quando traziam, por exemplo, o nome do gênero, ou, quando pelas nossas experiências nessas pesquisas, também pensamos se tratar de trabalhos nessa temática). A partir dessa primeira coleta, conseguimos levantar um total de 213 trabalhos, os quais compõem o *corpus* ampliado do trabalho;

iii) em seguida, fizemos a leitura dos resumos em português desses 213 trabalhos, e, a partir dessa leitura, pudemos perceber quais trabalhos se dedicavam à temática sobre os gêneros textuais especificamente, pois, em alguns deles, tratavam-se de pesquisas sobre gênero social, ou, em outras, o gênero textual era tomado como objeto de análise para outros fenômenos, não existindo nenhuma teoria de gênero durante o desenvolvimento do trabalho (para confirmar isso, nesse momento, também fizemos a observação de alguns sumários dos trabalhos). A partir dessa leitura dos resumos, fizemos a seleção de 170 teses e dissertações que, efetivamente, estão presentes no nosso *corpus* de análise, que vamos chamar de restrito.

iv) fizemos o *download* dos 170 trabalhos para leitura.

Na análise das dissertações e teses, levamos em consideração os resumos (*abstracts*), as introduções e os capítulos teóricos do trabalho para que pudessem nos guiar nos objetivos que nos propusemos neste trabalho. Nesse sentido, buscamos identificar qual o diálogo, a combinação ou a confrontação das teorias a partir das considerações construídas pelos autores com a referência aos pesquisadores em gêneros textuais e às escolas teóricas de gênero. Assim, seguimos os seguintes passos mais gerais de análise das teses e dissertações:

- a) Verificamos qual o tipo de estudo foi feito nos trabalhos;
- b) Analisamos quais os principais autores que serviram de base para os trabalhos, e, conseqüentemente, quais as principais correntes de estudo de gêneros;
- c) Tentamos identificar quais as combinações e os diálogos que foram feitos com as teorias de gênero;
- d) Analisamos, a partir das combinações e diálogos, três sentidos de síntese adotados por nós, quais sejam, i) panorama, visão geral, resumo ou revisão de literatura (BEZERRA, 2016); ii) combinação, justaposição ou união mais simples de teorias (PIMENTEL; LÊDO, 2016), e, iii) macroteoria (BEZERRA, 2016).

No que diz respeito ao tratamento dos dados, nomeamos cada um dos trabalhos com uma sigla que foi formada da seguinte maneira: T ou D para tese ou dissertação; um número de sequência (1,2,3 e assim por diante) para cada trabalho, seguindo a ordem do ano em que foi feita a defesa de 2000 a 2016; e a sigla da Universidade que comporta o programa de Pós-Graduação em que o trabalho foi desenvolvido. Por exemplo, para os trabalhos da Universidade Federal de Pernambuco, temos: T1UFPE, T2UFPE, ou, D1UFPE, D2UFPE e assim por diante.

No apêndice, trazemos todos os títulos dos trabalhos, os nomes dos respectivos autores e a Universidade em que foram desenvolvidos. Para exemplificar as nossas categorias durante as discussões nas análises, utilizamos os exemplos com escrita e apresentação mais organizadas para a ilustração e discussão. Ou seja, optamos pelos exemplares que facilitaríamos a observação na análise tanto no que se refere à articulação escrita do autor como na organização visual do texto.

Para alcançar especificamente os nossos objetivos e organizar minuciosamente a nossa análise, procedemos como explicitamos a seguir. No segundo capítulo, em que trazemos as considerações sobre a Teoria da Complexidade, já adiantamos um procedimento analítico na medida em que vamos discorrendo sobre o porquê de considerarmos os diálogos entre teorias de gênero e outras teorias como sendo complexos. Nesse momento, o nosso intuito é deixar claro para o leitor a partir de que perspectiva estamos pensando o fenômeno sobre o qual nos debruçamos. Temos, assim, uma análise mais geral que aponta para análises mais específicas. Nas seções três e quatro, trouxemos as principais abordagens teóricas que são utilizadas nas pesquisas do nosso *corpus*.

No capítulo cinco, fizemos uma análise de cada um dos cinco Programas de Pós-Graduação incluídos no nosso *corpus* da seguinte maneira: primeiramente, fizemos uma exposição sobre a história do programa, levando em consideração a sua tradição nos estudos sobre gênero e como esses estudos são desenvolvidos a partir de linhas de pesquisa específicas; em seguida, apresentamos os tipos de trabalho que são feitos nas teses e dissertações, quantificando esses trabalhos e apontando os direcionamentos de pesquisa que eles tomam.

A partir dessa quantificação, trouxemos os principais autores que são utilizados nas discussões teóricas e analíticas por meio de gráficos para facilitar a apresentação dos dados. Por fim, discutimos os diálogos/interloquções entre teorias a partir de figuras que têm o objetivo de caracterizar tais fenômenos. Para esse primeiro capítulo de análise propriamente dita, pensamos ser interessante levantar a discussão em cada programa de cada Universidade

para que o leitor pudesse ter a dimensão dos dados que estudamos e analisamos. A ideia foi fazer, nesse momento, uma análise por Programa de Pós-Graduação, para que, no outro capítulo, pudéssemos analisar os trabalhos como um todo, observando-os a partir de categorias mais específicas, em especial, as acepções de sínteses de teorias.

No capítulo seis, agora observando os dados de modo mais específico, caracterizamos os trabalhos por meio de alguns aspectos apontados por Dolz (2016) e adaptados por nós também com algumas inclusões, a partir do que vimos nas teses e dissertações. Inicialmente, o nosso intuito era pensar cada um dos aspectos olhando para os dados, mas, ao fazer a leitura do prefácio do livro digital resultante dos trabalhos do VIII SIGET com o tema *Diálogos nos estudos de gêneros textuais/discursivos: uma escola brasileira?*, ocorrido em São Paulo no ano de 2015, vimos que os aspectos levantados por Dolz (2016)¹ nesse prefácio, com algumas adaptações e inclusões, serviriam de base para uma caracterização bastante eficaz e interessante dos trabalhos que analisamos. Então, pensamos em utilizá-los fazendo as devidas ilustrações com as teses e dissertações. Os aspectos com algumas adaptações nossas são os seguintes:

1. Influências dos textos fundadores das pesquisas sobre gêneros textuais/discursivos, em Mikhail Bakhtin, Volochinov e Medvedev;
2. Formação de conceitos teóricos baseada nos grandes paradigmas internacionais sobre os estudos de gênero com referências maiores nas abordagens do Inglês para Fins Específicos (ESP), da Linguística Sistemico-Funcional (LSF), dos Estudos Retóricos de Gênero (ERG) e do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD);
3. Orientação pragmática associada à preocupação social pelo letramento (e multiletramento) no Brasil, assim como a contribuição dos estudos de gênero para o ensino e a democratização da educação;
4. Resposta às exigências dos novos parâmetros curriculares do país e dos movimentos criados em favor da igualdade de oportunidades dos alunos em práticas sociais;
5. Criação de redes intra e interuniversitárias importantes de pesquisadores, que pode ser vista também através dos diálogos feitos nos trabalhos;
6. Domínio de pesquisas empíricas centradas na análise de *corpus* textuais do mesmo gênero;

¹ Nesse prefácio do *e-book* resultante do VIII SIGET, Dolz (2016) faz uma caracterização geral dos trabalhos apresentados no evento, em especial dos que constituem o livro digital.

7. Presença de inovações importantes no domínio dos gêneros orais, sobre a modelização didática e as sequências didáticas para o ensino da escrita e da leitura, sobre os gêneros multimodais e o seu papel no multiletramento e, finalmente, no domínio da linguagem no e sobre o trabalho e os gêneros profissionais destinados à formação docente;
8. Extensão das pesquisas sobre o ensino de Língua Portuguesa ao ensino do Inglês e do Espanhol como língua estrangeira;

Após a exemplificação desses aspectos, passamos para a discussão das acepções de síntese, seguindo primeiramente as três categorias descritas acima por Bezerra (2016) e Pimentel e Lêdo (2016) e discutindo outros aspectos sobre os diferentes diálogos, tentando responder a nossa questão de pesquisa principal, a qual retomamos aqui: *Como se caracterizam os estudos de gênero textual no país desenvolvidos em teses e dissertações e quais as inter-relações das diversas teorias de estudos de gêneros textuais no ambiente acadêmico sendo pensadas como sistemas complexos?* Para isso, o nosso trabalho será organizado como descreveremos a seguir.

Organização retórica da tese

Em relação à distribuição das informações neste trabalho, temos, além desta introdução e das considerações finais, cinco seções maiores. No segundo capítulo, levantamos uma discussão sobre a Teoria da Complexidade e como ela se constitui em um importante aparato teórico para a tese que defendemos nesta pesquisa. No terceiro capítulo, começamos a discutir as teorias de gênero textual que são bases para as pesquisas que analisamos nos nossos dados. Nesse capítulo, apresentamos uma visão geral sobre essas teorias, discutindo aspectos importantes de cada uma delas e esclarecendo algumas questões a esse respeito. Nesse mesmo capítulo, refletimos sobre as influências de Bakhtin/Volochinov para os diversos teóricos de gênero textual e sobre o Interacionismo Sociodiscursivo.

Continuando essa discussão, no quarto capítulo, refletimos sobre as concepções dos estudos do Inglês para Fins Específicos, dos Estudos Retóricos de Gêneros e da Linguística Sistêmico-Funcional. Essas abordagens foram escolhidas para serem discutidas nas seções, por se constituírem como as abordagens mais utilizadas nos trabalhos. Nessa discussão, optamos por refletir sobre os principais aspectos de cada uma das abordagens e também aqueles que se destacaram nas pesquisas analisadas para que pudéssemos entender melhor os diálogos.

No capítulo cinco, apresentamos a discussão sobre os diálogos/interloquções entre as teorias de gênero textual nos trabalhos analisados divididos entre os cinco Programas de Pós-Graduação. Para isso faremos as devidas análises e ilustrações, bem como discutiremos como a Teoria da Complexidade se reflete nesses diálogos e quais as contribuições dos diferentes trabalhos para a área. Já no capítulo seis, apresentamos uma caracterização geral dos trabalhos, levando em consideração também as suas contribuições para a área e discutimos as categorias de síntese de teorias levando em consideração todas as pesquisas. Por fim, procedemos com as considerações finais.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA COMPLEXIDADE

Atualmente, têm-se percebido um crescente número de pesquisas nas áreas da Administração, da Comunicação e da Informática, por exemplo, que se dedicam aos estudos sobre como a Teoria da Complexidade é um interessante aparato para a análise de determinados objetos/fenômenos. Muitos pesquisadores dessas áreas têm se dedicado, há alguns anos, à reflexão de uma compreensão diferente sobre os seus objetos/fenômenos de estudo que esteja para além das concepções defendidas através do paradigma cartesiano. No desenvolvimento de tais estudos, os pesquisadores refletem sobre a dimensão do processo como um todo, em que a observação, a análise e a discussão de elementos ou componentes presentes no fluxo processual devem ser tomados como fundamentais. Dentre as leituras necessárias ao entendimento de tal temática, podemos citar Lewin (1994), Gleick (1987), Waldrop (1992), Holland (1995), Mandelbrot (1977) e Edgar Morin, principalmente com a obra, em seis volumes, intitulada *O Método* (2005).

Neste capítulo, temos o intuito de apresentar algumas considerações sobre os aspectos que envolvem o paradigma da Complexidade, que será abordado como um aparato teórico/epistemológico para que entendamos o nosso fenômeno de estudo. No que diz respeito à área da Linguística, alguns autores já desenvolveram pesquisas que levam em consideração os preceitos complexos e sua relação com a linguagem. Larsen-Freeman (2007) é a primeira dentre esses autores, sendo que as concepções da estudiosa são melhor exploradas no livro que ela publicou com Lynn Cameron (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). No Brasil, Vera Lúcia Menezes Oliveira e Paiva e Milton Nascimento (PAIVA; NASCIMENTO, 2011) organizaram um livro em que discorrem sobre a língua(gem) como um sistema complexo, a partir de teses publicadas na Universidade Federal de Minas Gerais.

Esse trabalho de Paiva e Nascimento (2011) é um dos mais importantes na temática que aqui estamos desenvolvendo. Originalmente publicado em 2009, pela Faculdade de Letras da UFMG, e reeditado em 2011 pela editora Pontes, o livro é composto por onze artigos, que, como o próprio título já aponta, tratam da linguagem e da aprendizagem a partir de uma abordagem dos sistemas adaptativos complexos. Paiva e Nascimento se dedicam à perspectiva da complexidade aplicada à linguística há mais de quinze anos. Na organização desse livro em particular, são trazidos vários autores que fazem a aplicação da Teoria da Complexidade ao estudo da linguagem, aprendizagem e ensino de línguas. Desse modo, em cada um dos trabalhos, cada pesquisador utiliza diferentes conceitos teóricos e metodológicos provenientes dos campos da linguística aplicada e da educação.

Paiva e Nascimento (2009) defendem que a linguagem deve ser entendida como um sistema semiótico complexo que compreende processos bio-cognitivos, sócio-históricos e político-culturais. Em síntese, para os estudiosos, a linguagem, na perspectiva dos sistemas adaptativos complexos, nos permite conciliar várias visões de língua(gem), seja ela pensada como comportamento adquirido ou sistema social de comunicação, entre outras. Nesse sentido, a linguagem é um sistema aberto e novos componentes vão se agregando, fazendo com que haja mudanças e constantes auto-organizações, pois um sistema adaptativo complexo “caracteriza-se pela sua auto-organização que o mantém longe-de-equilíbrio mudando, adaptando-se e, ao mesmo tempo, mantendo a estabilidade de suas identidades” (PAIVA; NASCIMENTO, 2009, p. 526). É a partir desse entendimento que os autores dos capítulos do livro procedem com os seus estudos.

Olhando para o desenvolvimento dessa abordagem no Brasil, pensamos ser importante trazer a Teoria da Complexidade nesta tese a partir da leitura de Vian Jr. (2015) que considera os gêneros textuais também como fenômenos complexos. Apesar de alguns autores, a exemplo de Paiva (2016), afirmarem que Edgar Morin fez pouca justiça aos precursores do pensamento complexo, tomaremos esse estudioso, tal como fez Vian Jr. (2015), como autor central à discussão que desenvolveremos nas próximas linhas por entender que os princípios caracterizadores da TC e o método desenvolvidos e aperfeiçoados pelo autor nos dão um aparato bastante eficaz para análise como explicitaremos a seguir. Além disso, pudemos perceber através de um estudo bibliográfico que Edgar Morin é bastante utilizado quando o assunto é diálogos científicos, a exemplo do que vimos em Giusti *et al* (2005).

Na discussão que seguiremos, em primeiro lugar, levantaremos uma reflexão sobre as críticas ao racionalismo científico até a chegada ao pensamento do paradigma da Complexidade. Logo após, discorreremos sobre os princípios caracterizadores da Teoria da Complexidade passando pela questão do método em tal perspectiva de estudo. Por fim, trataremos da relação entre os preceitos da Teoria da Complexidade e os diálogos entre teorias de gênero textual em teses e dissertações.

2.1 Do racionalismo científico ao paradigma da Complexidade

Segundo Thomas Kuhn (2005), o termo paradigma (do grego *parádeigma*: modelo, padrão, exemplo) é a visão de mundo que assegura a uma comunidade científica suas abordagens de investigação. Desse modo, os paradigmas são realizações científicas

universalmente reconhecidas que fornecem modelos de problemas e soluções para determinados grupos de cientistas, e podem durar períodos longos de tempo. Nesse sentido, pesquisadores que compartilham do mesmo paradigma serão sempre submetidos a uma mesma iniciação profissional, compartilhando literatura técnica e reflexões específicas de cada área.

Nos últimos três séculos, o mundo ocidental, com suas crenças e valores, apoiou-se no paradigma mecanicista, defendido principalmente pelas descobertas realizadas pela física do século XVII, que tem os seus princípios firmados por meio do pensamento cartesiano. Nesse âmbito, o filósofo René Descartes formulou as bases do chamado “paradigma mestre” do Ocidente, propondo a separação entre o sujeito pensante e a coisa pensada, acontecendo, conseqüentemente, certa separação entre Filosofia e Ciência. Em meio a essas reflexões, a partir das discussões propostas por Edmund Husserl, em seu texto “A crise da humanidade europeia e a filosofia” sobre a crise das ciências humanas, começa-se a pensar em um novo modo de fazer ciência que não levasse em consideração apenas os modelos lógicos, engessados em teorias baseadas em um pensar estritamente cartesiano. Apesar de ser criticado, em seguida, pelo excesso de cartesianismo em seus preceitos fenomenológicos, Edmund Husserl é um dos filósofos que começam a discutir uma modificação no modo de fazer ciência a partir dos estudos nomeados como fenomenologia.

A Teoria da Complexidade (TC), proposta por Edgar Morin, surgiu também como uma quebra de paradigmas que caracterizou a segunda metade do século XX. Essa nova forma de pensar trata-se de uma reflexão sobre a natureza do conhecimento científico, sendo concebida como uma crítica radical ao saber fragmentado que era considerado o aspecto principal no modelo cartesiano e mecanicista que reinava no desenvolvimento científico desde o século XVII. Dessa maneira, a TC só pode ser compreendida por meio dos diversos aspectos que compõem a crítica ao saber fragmentado, pois ela assegura as condições para o estabelecimento de um novo paradigma.

É nessa linha de reflexão, pensando numa crítica a esse paradigma mestre e numa discussão que envolve a caracterização da atividade do pensamento que se concentra a TC. Para Morin (1986), a atividade do pensamento possui distinção, objetivação, análise e seleção. Assim, podem ser percebidas distinções principalmente entre objetos e meios. A objetivação é a caracterização do objeto por meio de traços invariantes ou estáveis; a análise é a decomposição do objeto em suas unidades constitutivas e a possibilidade de isolar um objeto ou parte do objeto; e a seleção representa uma escolha dos caracteres julgados essenciais ou pertinentes do objeto considerado.

Desse modo, Morin (1986) sustenta sua crítica em possíveis desvios que tais passos implicaram no modelo cartesiano/mecanicista, considerando a inevitabilidade destas operações. Para o estudioso, a distinção se torna disjunção quando se separam e se isolam entidades (fenômenos, processos), sem fazer com que se comuniquem, quando se exclui o aspecto oposto como se fosse inexistente. O que fundamenta esta operação é justamente o “princípio da separação” de René Descartes, que é o recurso para o conhecimento objetivo pretendido, separando-se os objetos uns dos outros, do seu ambiente e do sujeito conhecedor. A disjunção “dissocia e separa o que, sem dúvida, deve ser distinguido e oposto, mas é também inseparável e complementar: a ordem e a desordem, o determinismo e a liberdade, a repetição e a inovação, (...) a sociedade e o indivíduo” (MORIN, 1986, p. 119).

Consoante Campos (1997), o paradigma mecanicista, que deu o tom de progresso científico e tecnológico, que conformou as relações sociais na sociedade moderna e que ainda hoje é dominante, tem como concepção fundamental o universo como sistema mecânico, externo ao indivíduo, formado por partes estanques, ordenado segundo leis estáticas desvendáveis pela ciência por meio do desenvolvimento de teorias. Assim, para a autora, essa concepção afirmou a crença na possibilidade de fazê-lo melhor conhecido pela via da subdivisão progressiva das partes, sem prejuízo da essência do todo. O princípio da redução, nesse modelo cartesiano, afirmava que o conhecimento das unidades permitiria conhecer os conjuntos dos quais elas são componentes. Desse modo, o todo se apreenderia a partir da apreensão das partes. Esse princípio resulta em outro desvio: a análise reduzindo o complexo ao simples, que Morin (1986) chamou de reducionismo.

O reducionismo, a fragmentação e o determinismo, típicos do método científico desta concepção de mundo, desdobraram-se na era moderna na ilusão de neutralidade, na dificuldade de se aceitar e lidar com opostos, no paroquialismo e na arrogância. Exemplos claros de reducionismo podem ser percebidos nos estudos da sociologia, da filosofia e também da linguística, quando se percebe a racionalidade instrumental tomada como razão humana; a lógica econômica como a lógica da vida; o ser humano reduzido ao recurso humano, entre outros fatores observáveis nessas ciências.

Pensando sobre o determinismo, nesta mesma análise, numa busca pela estabilidade, pela lei, pela continuidade, aquilo que não se identifica como tal é descartado, ignorado como se fosse característico de uma falha teórica, da lei, da continuidade. Dessa maneira, produzia-se, na tentativa de tirar do real aquilo que fosse ambíguo, contraditório ou inexplicável, uma unidimensionalização, caracterizada como uma visão unilateral, pela eliminação de certos aspectos do objeto ou do fenômeno, reduzido a um só caráter ou aspecto. Nesse sentido, de

acordo com a abordagem pretendida ou o referencial teórico de análise, a complexidade multidimensional da realidade social passava a ter uma única dimensão, não sendo a que levasse em consideração que os aspectos da sociedade são econômicos e míticos, individuais e coletivos, políticos e não políticos e assim por diante.

Ainda nesse aspecto, era sustentado um modelo de pensamento dominante, um princípio da lógica clássica, dedutivo-indutivo-identitário. “Neste princípio, concede-se um valor de verdade quase absoluta à indução, valor absoluto à dedução e pelo qual toda contradição deveria ser eliminada (MORIN, 2002, p. 560). Assim, esse princípio fundava-se a partir de um modelo de causalidade mecânica, implicando a negação da contradição que permitia previsões e o estabelecimento das leis, pois “o aparecimento de uma contradição num raciocínio assinalava o erro e obrigava a abandonar tal raciocínio. É claro que um princípio de causalidade linear reinava nessa visão” (MORIN, 2002, p. 560).

Nos moldes cartesianos, a racionalidade, tomada como princípio do conhecimento científico, é substituída pela racionalização. Por meio da racionalização, fundada na “crença de que o real é perfeita e totalmente racionalizável” (MORIN, 1986, p. 135), a ciência construía um paradigma internamente lógico e o aplicava à realidade. Dessa feita, a ciência é ocupada em buscar leis e ordem, o real é submetido à lógica de um referencial teórico e rejeita-se o diálogo com as evidências do real, principalmente com as evidências que são contrárias às visões de mundo que o paradigma sustenta.

A partir dessas reduções, racionalizações, eliminações de contradição, no privilégio de dimensões e na recusa da presença e da interferência do sujeito no próprio processo de conhecimento, o modelo cartesiano acaba produzindo um pensamento que é entendido por Morin (1986) como pensamento mutilado. Para o estudioso, esse pensamento “não é inofensivo: cedo ou tarde, ele conduz a ações cegas, ignorantes do fato de que o que ele ignora age e retroage sobre a realidade social, e também conduz a ações mutilantes que cortam, talham e retalham, deixando em carne viva o tecido social e o sofrimento humano” (MORIN, 1986, p. 119). Tendo refletido sobre essa crítica ao modelo hegemônico de ciência, na próxima subseção, discutiremos sobre os preceitos fundadores da Teoria da Complexidade.

2.2 Caracterização da teoria da complexidade

Como pudemos ver acima, a crítica aos moldes cartesianos de fazer ciência estava assentada numa constatação dos desvios relacionados com os princípios do pensamento e da

racionalidade e de sua inadequação para que a ciência possa tentar compreender o mundo, a sociedade e a vida humana. Nessa crítica desenvolvida por Edgar Morin, as questões que se apresentam para o desenvolvimento de novas formas de pensamento são sobre o que é o mundo, a sociedade e a vida humana no século XXI. Na intenção de discutir essas questões, Morin (1986, p. 123) defende que “toda vida, cada vida, a vida de toda sociedade só pode ser multidimensional. Não de maneira harmoniosa, complementar e realizada, mas no conflito, no dilaceramento, na contradição”. Para o estudioso, a realidade pensada por esse viés é a própria complexidade.

Nesse sentido, o que Morin (2007) propõe é, sobretudo, o reconhecimento da circularidade nas explicações simultâneas do todo pelas partes e das partes pelo todo, ou seja, ambas essas explicações são complementares, sem que nenhuma possa anular as consequências antagônicas e concorrentes da outra. Assim, construindo uma visão complexa da realidade, três circularidades são propostas pelo autor, quais sejam: i) a circularidade todo – partes; ii) a circularidade unidade – diversidade; e iii) a circularidade ordem – desordem. No que se refere à primeira circularidade, “a visão simplificada diria: a parte está no todo. A visão complexa diz: não só a parte está no todo; o todo está no interior da parte que está no interior do todo” (MORIN, 2007, p. 88). Desse modo, a segunda circularidade implica que o todo existe enquanto uma única unidade global, mas as partes têm dupla identidade, preservando suas identidades próprias, não redutíveis ao todo e também constituindo uma identidade comum, pois, ao mesmo tempo em que a diversidade constrói a unidade, a unidade constrói a diversidade. No entanto, a principal circularidade é a terceira; ela exprime a essência do sentido da complexidade e dá-se entre as instâncias da ordem e da desordem. Morin (2007) defende que essa circularidade pode ser definida em termos dialógicos. Segundo o autor, a ordem e a desordem são dois inimigos: enquanto um suprime o outro, ao mesmo tempo, em certos casos, eles colaboram e produzem organização e complexidade. Nesta via de reflexão, é pensado um princípio dialógico que permite, mesmo na fonte da unidade, manter a dualidade, pois ele associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos.

Assim, pensando a realidade social em um sentido mais amplo, Morin (2003) define a complexidade de *Complexus*, destacando que o significado disso diz respeito ao

que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e interretroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o

todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. (MORIN, 2003, p. 38)

Dessa feita, dentro da visão complexa do mundo proposta pelo estudioso, contrariando a ciência tradicional em que tudo é determinismo, vem à tona a emergência do sujeito e, conseqüentemente, da autonomia. Portanto, torna-se inevitável pensar que o mundo e o sujeito são colocados em situação de reciprocidade e inseparabilidade. Entretanto, dada esta inseparabilidade, a própria autonomia é ela mesma dependente. Nesse pensamento, para Morin (2008), o ser humano é parte de uma trindade “indivíduo/sociedade/espécie” que funciona numa engrenagem de dependência recíproca, umas gerando as outras. Essa trindade, desse modo, funciona de maneira hologramática, recursiva e dialógica, aspectos que iremos discutir mais profundamente quando tratarmos, mais adiante, dos princípios que caracterizam a TC.

A TC distingue e analisa, de acordo com o paradigma anterior, mas busca estabelecer a comunicação entre o que é distinguido: o objeto, o ambiente, a coisa observada e o seu observador. Nesse aspecto, não pode existir um pensamento linear, que imponha hegemonicamente uma lógica em que não se contemplem contradições e desordens. Segundo Morin (2008), o paradigma do pensamento complexo não “produz” nem “determina” a inteligibilidade. O autor defende que esse paradigma pode incitar a estratégia/inteligência do sujeito pesquisador a considerar a complexidade da temática que está sendo estudada. Pode também incitar “a distinguir e fazer comunicar em vez de isolar e separar, a reconhecer os traços singulares, originais, históricos do fenômeno em vez de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais (...)” (MORIN, 2008, p. 334). Desse modo, ao incitar a se dar conta dos aspectos multidimensionais de toda realidade em que se propõem pesquisas, o paradigma da complexidade “concebe a unidade/multiplicidade de toda entidade em vez de a heterogeneizar em categorias separadas ou de a homogeneizar em indistinta totalidade (MORIN, 2008, p. 334).

De acordo com Morin (2008), a complexidade foi tratada apenas marginalmente, por isso, ela faz suscitar alguns mal-entendidos. O primeiro caracteriza-se com a concepção do pensamento complexo como uma receita, sendo tratado como uma resposta, em vez de considerá-la como desafio e como motivação para pensar, pois esse paradigma tem um caráter explicativo, e não normativo. Para o autor, mesmo defendendo que a complexidade deve ser um substituto eficaz de simplificação, não se pode esquecer que ela também aparece como uma procura viciosa da obscuridade, das entrelinhas, do não-dito. O problema da

complexidade é, antes de tudo, o esforço para conceber um incontornável desafio que o real lança a nossa frente (MORIN, 2008).

O segundo mal-entendido consiste em confundir a complexidade com a completude. Isso pode ocorrer, pois o problema da complexidade não é o da completude do conhecimento, mas sim o da sua incompletude. O paradigma da complexidade se revela na busca pelo conhecimento multidimensional, inter e transdisciplinar, pois a sua intenção é refletir sobre os possíveis “problemas” gerados através dos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. Dessa maneira, o que se busca é fornecer todas as informações sobre um fenômeno estudado, respeitando suas diversas dimensões, já que o ser humano é tanto biológico, quanto social e cultural e os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo, como já discutido, culturais, econômicos, psicológicos, políticos etc. Neste sentido, “é complexo, o que não pode se resumir numa palavra-chave, o que não pode ser reduzido a uma lei, nem a uma ideia simples” (MORIN, 2007, p. 5).

Conforme explica Morin (1995, p. 73),

O que quisemos encontrar foi o lugar charneira para as pesquisas fundamentais, foi um conjunto teórico, metodológico e epistemológico ao mesmo tempo coerente e aberto. Julgamo-lo muito mais coerente que todas as outras teorias que se estendem sobre um domínio bastante vasto, mas que estão reduzidas a repetir incansavelmente as suas generalizações. (...) Colocamos, simultaneamente, a possibilidade e a necessidade de unidade da ciência. Uma tal unidade é, evidentemente, impossível e incompreensível no quadro atual onde miríades de dados se acumulam nos alvéolos disciplinares cada vez mais estreitos e fechados.

Nessa linha de reflexão, tendo em mente que “a ciência é igualmente complexa, porque é inseparável de seu contexto histórico e social” (MORIN, 2008, p. 8-9), é importante destacar que o pensamento complexo não se confunde com o pensamento do contexto. Desse modo, mesmo sendo clara a noção de que o contexto é extremamente importante para a análise dos mais variados fenômenos; no pensamento complexo, não se trata apenas de situar um fato, um fenômeno ou um processo num contexto, trata-se, primeiramente, de buscar conexões, relações e contradições que formam o social. Entende-se, portanto, conforme Morin (2003), que o global é mais que o contexto, ele é o conjunto das diversas partes ligadas de maneira inter-retroativa e organizacional. Uma sociedade, nesse aspecto, é mais do que um contexto, ela é o todo organizador de que fazemos parte. “O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estivessem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo” (MORIN, 2003, p. 37).

Na visão complexa do mundo, a realidade é, essencialmente, definida pelos relacionamentos e pelos processos. Portanto, é importante entender, juntamente com Munné (1995), que a teoria da complexidade mostra que a realidade é não linear, caótica, fractal, catastrófica e “difusa” e deve ser vista de forma não somente quantitativa, mas, principalmente, qualitativa. E refletir ainda no sentido de que “se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, por sua vez, o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a revelá-lo e às vezes mesmo superá-lo” (MORIN, 2007, p. 8).

Assim, entendemos que a complexidade pode ser traduzida por uma grande quantidade de interações e interferências entre um número muito grande de unidades que desafiam a nossa capacidade de cálculo. A complexidade, assim como convive com uma parte de incerteza, seja no centro de nosso entendimento, seja inscrita nos fenômenos, também abrange indeterminações e fenômenos aleatórios (MORIN, 1998). Para dar conta da realidade, entendida como complexidade, Morin define alguns princípios; é sobre esses princípios que dedicaremos a próxima subseção.

2.2.1 A Complexidade e os seus princípios caracterizadores

Como já apontado, Morin desenvolveu alguns princípios que regem a complexidade. Levando em consideração que esses princípios não são leis, pois se tenta, a partir deles, fugir de modelos puramente mecanicistas e de caráter invariável, o que se quis foi buscar algo como diretrizes que resultam em uma orientação do olhar do pesquisador sobre fenômenos e processos sociais. Antes de apresentar tais princípios, é importante adiantar a nossa reflexão no sentido de que eles são continuamente revistos, ampliados e ressignificados, quando pensamos não somente no desenvolvimento das diversas pesquisas que tomam para si os preceitos da TC, mas também nas reflexões dos autores sobre a própria TC. O primeiro desses princípios é o dialógico, o qual já foi citado nas discussões acima.

2.2.1.1 Princípio dialógico

Conforme Morin (2002), o princípio dialógico é, no sentido apresentado por ele, uma recuperação da dialética. O autor defende, por meio desse princípio, que termos como ordem

e desordem são complementares e antagônicos, pois, em certos casos, colaboram e produzem organização e complexidade. No que diz respeito à dialética, Morin (2002) argumenta que ela acabou comprometida no Marxismo pelo entendimento de que a História pressupunha uma síntese e que os dois momentos do jogo dialógico se davam em momentos históricos distintos. Desse modo, nega-se a dialética verdadeira, já que nela tese e antítese seguem em constante movimento, impedindo de acontecer, assim, o jogo dialógico que produz o complexo.

Podemos perceber a crítica à redução da dialética empreendida pelo Marxismo por meio das considerações de Edgar Morin quando ele defende o próprio princípio dialógico. Morin (2002, p. 562) assim se expressa: “E a história, finalmente, a história, que sabíamos há muito tempo ter um caráter quase shakespeariano de ruído e ira, a história que tantos tinham pretendido racionalizar completamente por meio de leis, a história, também fez com que explodissem suas próprias leis”. Nesse aspecto, o estudioso defende que para que se possa conceber a história hoje é necessário fazer com que Marx e Shakespeare copulem. Ele traz essa expressão, sem o uso das aspas mesmo, no intuito de argumentar que “no fundo, então, a ideia de complexidade poderia resumir-se a essa ideia: como conceber a relação específica entre aquilo que é ordem, desordem e organização” (MORIN, 2002, p. 562), em que, então, tanto Marx, quanto Shakespeare, deveriam estar numa constante relação entre aquilo que se caracteriza como ordem, aquilo que se caracteriza como desordem e a provável organização de tudo, pois a ordem e a desordem são indissociáveis numa mesma realidade.

Nesse sentido, enquanto para a dialética marxista a transformação representa, preliminarmente, transformação na forma de produção econômica, da qual deriva todos os aspectos subjetivos da sociedade, para o paradigma da complexidade, a transformação se faz possível a partir do próprio indivíduo, que por meio da educação, da arte, da cultura, da política e da participação numa sociedade livre pode desenvolver uma consciência crítica capaz de questionar as bases da sociedade e, portanto, transformá-la (MORIN, 2005b). Nesse sentido, pode-se discutir aqui o conceito de “sociedade livre” de Morin que se torna fragilizado quando percebemos determinadas realidades. Assim, esse desenvolvimento de uma consciência crítica deve estar ligado justamente à luta cotidiana para que tenhamos liberdade na sociedade. Não participamos de uma sociedade livre, mas lutamos dentro dela para que ela possa ser assim.

2.2.1.2 Princípio da recursão organizacional

Este princípio pode também ser chamado de princípio do circuito recursivo ou realidade recíproca. A partir dele, tenta-se superar a noção de regulação pela de autor-regulação e auto-organização, nas quais, os produtos e os efeitos são produtores e também causadores do que os produz. Com esse princípio, Morin (2002) defende uma ruptura com três ideias constantes do pensamento cartesiano, são elas: a) a ideia linear de que há causas que geram efeitos; b) a ideia de que produtos só são gerados por produtores; e c) a ideia linear de que somente estruturas determinam superestrutura.

Para explicar esse princípio da recursão organizacional, Morin (2002) cita como exemplo a nossa condição individual na sociedade. Como indivíduos, somos produtores de um sistema de reprodução em tempos remotos. O que acontece é que os indivíduos humanos produzem a sociedade (por meio do acasalamento, de suas diversas interações), entretanto a sociedade produz a humanidade desses indivíduos conduzindo-lhes à cultura e à linguagem. Em síntese, “os indivíduos fazem a sociedade que fazem os indivíduos. Os indivíduos dependem da sociedade que dependem dos indivíduos. Indivíduos e sociedade se coproduzem num circuito recursivo permanente” (MORIN, 1986, p. 118). Desse modo, cada termo é, ao mesmo tempo, produto e produtor, causa e efeito, fim e meio do outro, definindo, portanto, que não apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte.

2.2.1.3 Princípio hologramático

O princípio hologramático, o terceiro dos princípios fundamentais da complexidade, é inspirado no holograma, no qual, cada ponto contém a quase totalidade da informação do objeto representado (MORIN, 2002). Com esse princípio, Morin (2002) reafirma a impossibilidade de aplicação da ideia cartesiana de que é possível conhecer o todo a partir do conhecimento das partes. Para o autor, parte e todo formam uma única realidade. “O princípio hologramático está presente no mundo biológico e sociológico (...), portanto, a própria ideia hologramática está ligada à ideia recursiva, que está ligada, em parte, à ideia dialógica” (MORIN, 2007, p. 75). Assim, a sociedade está presente no indivíduo por meio de sua linguagem, sua cultura e suas normas e, paralelamente, o indivíduo, por sua vez, com todas essas características, compõe a sociedade.

2.2.1.4 Princípio do circuito retroativo

De acordo com o princípio do circuito retroativo, as causas desempenham ações sobre os efeitos e os efeitos, por sua vez, também desempenham ações sobre as causas. Isso acontece através de um equilíbrio dinâmico que faz regulamentações do sistema e, ao mesmo tempo, organiza todas as rupturas; este equilíbrio ocorre por meio de retroações mútuas. Morin (2002) pretende argumentar com esse princípio, que rompe também com a lógica linear, que o sistema complexo consegue manter uma dinâmica equilibrada entre continuidade e ruptura. Em síntese, o sistema não se modifica de fora, ele se auto-organiza, porque está composto por elementos com capacidade de aprender. O que se percebe com esse princípio, portanto, é que, ao mesmo tempo em que o sistema complexo conserva as suas estruturas essenciais, ele adquire novas propriedades de adaptação e modificação do entorno, num pensamento claro de que as suas estruturas essenciais são recorrentemente reformuladas.

2.2.1.5 Princípio da autonomia/dependência

Morin (2002) expressa, a partir desse princípio também denominado de princípio da adaptação e evolução, que a realidade dos diferentes fatos e processos sociais deve ser pensada a partir de uma reflexão dialética da relação dependência X autonomia. Para o pesquisador, ao passo que cada sistema tem a sua própria dinâmica, esta dinâmica só se sustenta por uma relação de dependência com o entorno. Em linhas gerais, Morin argumenta que este princípio é sempre aplicável a seres humanos, na medida em que desenvolvem sua autonomia na dependência de sua cultura.

2.2.1.6 Princípio da reintrodução do conhecimento em todo o conhecimento

A partir desse princípio, Morin (2002) reitera a importância da reflexão de que todo o conhecimento do mundo é sempre uma reconstrução pensada por uma mente determinada em uma cultura e época específicas. Com esse último princípio, vêm, mais uma vez, à tona três questões importantes: i) a impossibilidade de uma ciência que reproduza o real em sua complexidade; ii) a presença da interferência do sujeito; e iii) a provisoriedade de todo o conhecimento produzido. Assim, é importante entender que, dependendo do momento da

história, novos conhecimentos são produzidos e, conseqüentemente, outras possibilidades de compreensão do mundo.

Discutindo essas questões, Morin (2002, p. 563) se posiciona na argumentação de que a ciência “fundamenta-se sobre dados certos, cuja certeza é situada no tempo e no espaço, como a velocidade da rotação da Terra em volta do Sol é um dado certo, mas não em relação aos cem milhões de anos que virão, nem em relação aos cem milhões de anos passados”. Desse modo, o que ele quer defender é que os dados são certos em condições espaço-temporais limitadas, no entanto as teorias não são certas. “As teorias podem sempre ser recusadas pelo aparecimento de novos dados ou de novas maneiras de considerar os já existentes” (MORIN, 2002, p. 564). Por hora, terminamos essa discussão sobre os princípios norteadores da TC e, no próximo capítulo, faremos uma apresentação dos aspectos que fundam a questão do método para as pesquisas que caracterizem a sua reflexão levando a cabo o paradigma da complexidade.

2.2.2 A questão do método no paradigma da complexidade

Como discutimos até aqui, a proposta de Edgar Morin nos apresenta uma maneira diferente de conceber o mundo e a sociedade. Nessa nova maneira de observar os fenômenos que nos rodeiam, não há espaços para determinismos, hierarquismos e reducionismos. Através do pensamento complexo, percebemos, por exemplo, que não se podem conceber determinismos sociais como se toda a vida em sociedade fosse determinada por um fator social que se sobreponha a outros. Há, assim, na obra de Morin, um constante alerta no que diz respeito à impossibilidade de um método fechado, sendo apresentadas, portanto, pistas, trajetórias e reflexões que auxiliem na definição de caminhos para as pesquisas que considerem seus fenômenos como complexos.

O que percebemos, atualmente, em todos os campos de pesquisa, é que a ciência se depara com fenômenos complexos, aparentemente irreduzíveis a algo mais simples do que eles mesmos. Isso caracteriza o que Morin (2007) nomeia de complexidade irreduzível. Pensando nisso, o autor assevera que o método da complexidade “pede para pensarmos nos conceitos, sem nunca dá-los por concluídos, para quebrarmos as esferas fechadas, para estabelecermos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade” (MORIN, 1998, p. 192). Sendo feito isso, acaba-se, de modo

pertinente, pensando na singularidade com a localidade, com a temporalidade, e, assim, para que nunca esqueçamos, como pesquisadores, as totalidades integradoras (MORIN, 2007).

No intuito de melhor entendermos o método defendido por Edgar Morin para as pesquisas baseadas no pensamento complexo, vamos expor os principais aspectos integradores dessa teoria a partir do quadro 1, levando em consideração as discussões sobre a questão do método complexo em Lima (2003) e Giusti *et al* (2005).

Quadro 1 - A questão do método na Teoria da Complexidade

1. Objetivos do conhecimento	A intenção, neste aspecto, é romper com o conhecimento construído de maneira parcelada, baseado no reducionismo e na simplificação. Assim, é importante que se promovam reflexões que considerem a confusão, a incerteza do pensar e o fazer científico de modo multidimensional (LIMA, 2003). É importante que o método contemple o ir e vir sempre necessário do conhecimento.
2. Planejamento	O importante, aqui, é pensar um planejamento que não se fecha. Como a realidade complexa comporta imprevisibilidades, a pesquisa deve dar conta delas, não se fechando.
3. Propostas de investigação	Neste aspecto, deve-se refletir como se dá a construção do conhecimento. Deve-se perceber também que o conhecimento constrói-se de maneira multidimensional, com incertezas, sendo, assim, desenvolvido de maneira extensa e não redutora.
4. Dados e amostras	Os dados devem ser tratados a partir de suas multiplicidades complexas, com um tratamento entendido como hologramático. A amostra, por sua vez, deve ser considerada principalmente a partir das incertezas que provém das ligações e religações entre o todo e as partes e as partes e o todo num modo dialógico de percepção.
5. O sujeito	O sujeito aqui é caracterizado como aquele que pensa, pesquisa, conhece etc. O sujeito cognoscente se torna objeto do seu conhecimento, ao mesmo tempo em que permanece sujeito, numa dialógica recorrente (LIMA, 2003).
6. Instrumentos	Os instrumentos podem ser os mais diversificados possíveis. O que se faz importante é pensar nos instrumentos pertinentes que caracterizem a análise dos dados a partir de abordagens

	multidimensionais, como já apontado.
7. Análise dos dados	A análise dos dados deve se propor interativa, associativa e que tenha a intenção de refletir sobre as múltiplas dimensões do objeto de estudo, sem que se prenda a conclusões rígidas e fechadas.
8. Limites assumidos	Por fim, deve-se pensar nos limites assumidos, como bem afirma Morin (1986, p. 133) tendo em mente que “nenhuma fórmula, nenhum princípio, nenhuma lógica simples poderá descrever qualquer fenômeno histórico”. Dessa maneira, as incertezas e contradições não podem ser consideradas como problemas científicos, mas, ao contrário, como características de boas pesquisas.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Giusti *et al* (2005)

Morin (2007) se posiciona sobre a questão do método no pensamento complexo, afirmando que a sua missão não é dar a receita que fecharia o real numa caixa, mas fortalecer-nos na luta contra a doença do intelecto. Essa “doença” estaria representada pelo idealismo com a crença constante de que o real poderia se reduzir à ideia. “Esse método pretende colocar-se contra a doença degenerativa da racionalidade, que é a racionalização que acredita que o real pode esgotar-se num sistema coerente de ideias” (MORIN, 2007, p. 81). Ainda segundo o autor, “a verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instância lógica e a instância empírica; é o fruto do debate argumentado das ideias, e não propriedade de sistema de ideias” (MORIN, 2003, p. 23). Em síntese, existe uma negociação entre a racionalidade, a irracionalidade, o obscuro e o irracionalizável, não existindo somente crítica, mas também autocrítica, para que se reconheça a verdadeira racionalidade a partir da capacidade de identificar suas insuficiências.

Até aqui, vimos o conceito da TC e sua caracterização, além de discutir um pouco sobre os princípios que a regem e sobre a questão do método que é característico dessa maneira de pensar. Assim, a partir de agora, é importante que explicitemos qual a relação entre a TC e a pesquisa que aqui desenvolvemos. O que, afinal, o paradigma complexo tem a ver com a caracterização e as interlocuções entre as teorias de gênero nas teses e dissertações que analisaremos? Na próxima subseção, pretendemos esclarecer essas questões, discutindo o porquê de pensarmos interessante a TC para nos ajudar em nossa reflexão. Não queremos apenas justificar a nossa escolha por uma teoria de cunho epistemológico, mas também

apontar caminhos para que os nossos leitores compreendam, da melhor maneira possível, as análises que faremos nas seções específicas para elas.

2.3 Teoria da complexidade e diálogos/interloquções entre teorias de gênero textual

Para que possamos levantar a reflexão sobre a relação entre a TC e os diálogos entre teorias de gêneros da melhor maneira possível, pensamos em discutir os dez aspectos que caracterizam sistemas entendidos como complexos. Apesar de Morin não falar especificamente em “sistemas” nos referenciais que trouxemos para a discussão acima, achamos interessante pensar a partir dessa nomenclatura em razão do nosso fenômeno de estudo dar abertura para isso, quando levamos em consideração, juntamente com Paiva (2016), que a linguagem em si é um sistema complexo. Desse modo, todos os fenômenos que envolvem a linguagem podem também ser pensados a partir desse viés.

Esses dez aspectos² foram desenvolvidos pelos autores Cilliers (1998), Harvey (1999) e Lyotard (1998) em suas pesquisas. A intenção é criar uma discussão refletindo esses aspectos como categorias dinâmicas para desenvolver essa relação que defendemos. Desse modo, é importante salientar que as análises que empreenderemos nesta tese, em muitos casos, não irão condizer totalmente com aquilo que se entende por paradigma complexo, mas, por isso mesmo, é válida essa constante reflexão, por ela ser uma das características da TC, como vimos acima. Assim, o que estamos definindo como sistema complexo nesta tese são os diálogos/interloquções entre as teorias de gêneros nos trabalhos de mestrado e doutorado analisados. Essa definição vai ao encontro do que Cilliers (1998), Harvey (1999) e Lyotard (1998) caracterizam como sistemas que podem ser interpretados via TC. Para essa discussão, faremos a enumeração dos dez aspectos seguidos dos comentários.

1 - Sistemas complexos possuem um grande número de elementos:

Esse primeiro aspecto é bastante pontual na pesquisa a que estamos nos dedicando. Como veremos nas seções específicas de análise dos diálogos e interloquções das teorias de gêneros, existe um grande número de ocorrência de diálogos não só entre as teorias de gênero

² Encontramos também uma discussão sobre esses dez aspectos dos sistemas complexos em Silva (2000). A autora faz um estudo sobre as contribuições da epistemologia complexa para os estudos organizacionais. Devemos a ela a proposta de organização desses aspectos.

textual, mas também entre essas teorias e outras teorias empreendidas quando se trata de estudos textuais e discursivos das diversas práticas sociais. Como esses diálogos podem ser caracterizados de inúmeras maneiras, conseqüentemente, as teorias de gêneros também são muitas; poderemos constatar isso nas seções dois e três que serão dedicadas especificamente para a discussão sobre tais teorias. Outro fator com bastante diversidade são as teses e as dissertações que utilizaremos nas análises. Apesar do grande número de exemplares que coletamos, esse número ainda não dá conta de uma total representação, pois a nossa coleta de dados esteve restrita as cinco Universidades em que os programas de Pós-graduação têm, ou tiveram, destaque com as suas pesquisas de mestrado e doutorado sobre gêneros. Por fim, é essencial pensar também sobre a diversidade de linhas de pesquisa nas quais se encontram os trabalhos que iremos analisar. Isso é importante na medida em que também direciona as pesquisas para determinados diálogos e interlocuções.

2 - Os elementos constituintes de um sistema complexo interagem dinamicamente:

Esse aspecto nos ajuda a fortalecer a ideia de que os diálogos entre as teorias de gênero podem ser caracterizados como sistemas complexos. O que estamos querendo defender é que o que caracteriza esses diálogos é justamente a interação entre as teorias nas pesquisas analisadas. Outra questão importante a ser pensada, nesse sentido, é a própria interação entre os diversos autores das teorias de gênero textual, no sentido mais técnico, por assim dizer, e a interação entre os diferentes autores dos trabalhos pesquisados no intervalo dos dezesseis anos que pensamos para a coleta dos nossos dados. O que acontece é que os autores sempre trazem à discussão outros estudos que já foram defendidos e que têm relação com os seus estudos. Isso pode ser observado não somente entre pesquisas desenvolvidas em uma mesma instituição, mas também em instituições diferentes. Esse fator é bastante interessante, pois, apesar da constante utilização das teorias de autores renomados, também são referenciadas outras teorias e discussões que surgiram através das primeiras. Isso nos leva à reflexão do próximo aspecto.

3 - Os níveis de interação em sistemas complexos são muito ricos:

É importante esclarecer o que estamos querendo dizer com a expressão “níveis ricos de interação”. Neste trabalho, associaremos essa expressão com a própria diversidade de interação não somente entre os autores mais gerais sobre as teorias, como também entre

aqueles que desenvolvem questões mais específicas e pontuais. Dizemos também que os níveis de interação são muito ricos pela própria variedade de teorias de gêneros textuais, pela variedade de trabalhos que são feitos nessa área e pela diversidade de aspectos que podem ser trabalhados quando se fala em gêneros textuais. Assim, os níveis de interação são muito ricos, pois os estudos de gêneros textuais são feitos desde a pesquisa de estruturas de determinados gêneros até a funcionalidade dos gêneros e a utilização no/para o ensino, por exemplo.

4 - As interações em sistemas complexos não são lineares:

Esse é um dos aspectos que se caracteriza como fundamental para a nossa pesquisa. É extremamente importante que entendamos que na construção de uma concepção de diálogos e interlocuções entre teorias como as de gênero textual não existem interações lineares. Como já dissemos, a circularidade e a dinamicidade são fatores essenciais para a proposta que aqui desenvolvemos. Essas interlocuções não são lineares no sentido de que não seguem regras e caminhos específicos para acontecer. Além disso, não precisam ter necessariamente começos e fins demarcados, nem muito menos finalidades específicas. A mestiçagem de teorias, conforme veremos nas seções de análise, descaracteriza qualquer possibilidade de linearidade para esse sistema. Desse modo, os diferentes diálogos têm um caráter de dinamicidade e complementaridade evidente.

5 - As interações são, majoritariamente, de curta distância:

Esse quinto aspecto é o que menos se reflete, necessariamente, no nosso sistema complexo de diálogos e interlocuções. Aqui, o que entendemos por distância são os intervalos de tempo de desenvolvimento das várias teorias que constroem os diálogos. Nesse sentido, as interações que discutimos nos aspectos acima, não majoritariamente são realizadas em curta distância. Muitos dos diálogos que se constituem trazem relações entre teorias de gêneros textuais de tempos distintos. Isso se reflete não somente nas propostas de novas discussões sobre os aspectos que circundam os gêneros, mas também na utilização de teorias que são as bases (às vezes, mais antigas) para qualquer trabalho científico sobre gêneros textuais. Por outro lado, podemos falar de interações de curta distância quando as pesquisas trazem à discussão os resultados de outras pesquisas para apoiarem os seus projetos, o que é feito sempre que determinada temática específica é seguida.

6 - Nos sistemas complexos existe circularidade e recursividade nas interconexões:

Como pudemos ver em um dos tópicos acima, um dos princípios que regem a TC é o da recursão organizacional. Esse princípio é o que caracteriza o aspecto da recursividade e circularidade. No que se refere aos diálogos entre as teorias de gênero, podemos perceber que o processo de apreensão de teorias está marcado pela interação individual-coletivo, a análise dessas interações indica que um mesmo processo de utilização de teorias que pode se dar de maneira coletiva pode dar margem a diferentes procedimentos individuais, já que, apesar da diversidade de trabalhos, muitas teorias são utilizadas em comum. Esses procedimentos individuais são marcados pela singularidade das experiências em cada uma das pesquisas. Isso faz com que pesquisas semelhantes configurem processos coletivos distintos. Nesse sentido, são muitas as interações e as relações possíveis e não há trajetos definidos previamente, e muito menos inícios que sejam fixos e finalidades totalmente previsíveis por meio de hipóteses.

7 - Sistemas complexos são sistemas abertos:

A proposta defendida neste aspecto diz respeito às possíveis interações que podem ocorrer entre os diversos sistemas. O sistema é aberto se não se basta a si mesmo, se não há só dinamismo interno, isolado em si, mas na convivência com mundos externos, com o qual convive, por vezes, conflituosamente. Não se parte de um equilíbrio funcionalista, mas da sobrevivência em ambiente adverso. Quando consideramos, assim, que os diálogos entre teorias de gêneros são complexos, estamos querendo dizer que outros sistemas também estão em interação com ele, tais como a complexidade das linhas de pesquisa nas Universidades onde são feitas as pesquisas, por exemplo. Como vimos acima, o que caracteriza a complexidade dos fenômenos são justamente as diversas relações firmadas entre os mais variados fenômenos. Dessa maneira, não podemos deixar de caracterizar que existem interações entre diferentes sistemas. Neste trabalho, pesquisamos especificamente as inter-relações entre as teorias de gêneros, mas outras pesquisas podem ser pensadas levando em consideração outros sistemas complexos abertos envolvidos na disseminação de conhecimentos sobre gêneros textuais.

8 - Sistemas complexos operam sob condições longe de equilíbrio:

Nesse aspecto, é importante refletir que estabilidade, simetria e equilíbrio não combinam com sistemas complexos. Desse modo, os sistemas complexos necessitam sempre de transformações, mudanças e reelaborações. Então, deve-se concebê-los como processos, como um constante vir a ser. Como poderemos ver nas nossas análises, as interlocuções e diálogos entre teorias de gêneros se caracterizaram justamente por essas transformações e por estarem longe de um equilíbrio. Quando pensamos em uma teoria para dar conta desses diálogos, a TC é a mais interessante por possibilitar que pensemos nas várias reelaborações que são feitas quando esses diálogos acontecem. Ao considerar os conceitos de transformação e reelaboração, entende-se que não há como se manter estabilidade em um sistema complexo, pois a diversidade e a inter-relação que existe entre os diferentes elementos e a sua interação dinâmica com o ambiente combate qualquer tipo de reducionismo da realidade.

9 - A importância da história:

Aqui é essencial pensar, juntamente com Cilliers (1998), Harvey (1999) e Lyotard (1998), que a dimensão tempo é incorporada à dimensão espaço, pois, além dos sistemas evoluírem através dos tempos, o passado também tem sua responsabilidade, em parte, pelo comportamento presente. Não pode esquecer-se de levar em consideração o fator tempo para qualquer pesquisa que se queira empreender de modo a ser o mais abrangente possível. Em nossas análises, esse aspecto é fundamental por acreditarmos que as teorias de gêneros têm suas especificidades também quando se pensa em que época foram desenvolvidas e quais os propósitos em tempos diferentes. Como dissemos, os diálogos que analisaremos podem ocorrer entre diferentes teorias, em tempos diferentes e com finalidades muitas vezes também diferentes.

10 - Elementos individuais ignoram o comportamento do sistema total no qual estão emersos:

Nesse aspecto, é importante pensar a noção de interdependência, já que os elementos isolados não contém a complexidade do sistema total, não podendo nem controlar, nem compreender a complexidade totalmente. Isso acontece porque elementos isolados quase nunca exercem completo controle sobre um sistema descentralizado. Assim, ao pensarmos

nos diálogos e interlocuções entre as teorias de gênero textual, vale destacar que eles são construções diversas e que, sozinhos, não conseguem caracterizar uma realidade mais ampla. Alguns diálogos podem até parecer mais abrangentes, no entanto, se não levarmos em conta as diversas relações, não poderemos ter uma visão mais profunda daquilo que pesquisamos especificamente.

Assim, através da discussão que apresentamos, pudemos perceber que o pensamento complexo, iniciado com os trabalhos de Edgar Morin e depois difundido por muitos pesquisadores, ao enaltecer a dependência da parte perante o todo e as suas relações apresenta um dinamismo maior no entendimento de muitos fenômenos e, portanto, coloca-se numa alternativa mais concreta do que o determinismo e a estabilidade defendidos por uma abordagem funcionalista.

2.4 Últimas considerações para este capítulo

Com essa reflexão levantada até aqui, buscamos discutir a compreensão de como o paradigma complexo se constituiu numa alternativa eficaz para o entendimento da complexidade do fenômeno dos diálogos entre teorias de gênero textual em teses e dissertações, quando, diferente de um pensamento determinista e cartesiano e de outras perspectivas críticas, defende a necessidade de modelos híbridos e complementares. Isso acontece, pois o pensamento complexo considera os fenômenos a partir de um olhar multifacetado, com uma diversidade de aspectos que não podem ser meramente reduzidos ou esquecidos, e sim levados em consideração nos diversos estudos que se empreendem na Academia.

A nossa proposta foi, antes de levantar uma discussão sobre as diversas teorias de gêneros que são bases para os diálogos que analisaremos, empreender essa discussão tanto teórica, quanto analítica, sobre a TC para posicionar o nosso objeto de estudo em uma situação epistemológica que possa nos dar a abertura de considerar o nosso fenômeno como complexo e multifacetado. Quisemos também apresentar a TC antes dos nossos dados, na intenção de que os leitores percebam da melhor maneira possível como desenvolveremos as nossas análises de acordo com as questões de pesquisa e objetivos que apresentamos na introdução desta tese.

Assim, no próximo capítulo deste trabalho, procederemos na apresentação das teorias de gênero textual que servem de base para as pesquisas que formam o nosso *corpus* de

análise. Começaremos essa discussão no próximo capítulo, a terceira, e a estenderemos até a quarto capítulo. Isso será feito pela considerável quantidade de abordagens teóricas que tratam dos gêneros textuais.

3 TEORIAS DE GÊNERO – PRIMEIRA PARTE

Os estudos sobre gêneros textuais têm se desenvolvido no Brasil de maneira cada vez mais intensa com o passar dos anos. Muitas são as abordagens e muitos são os tipos de pesquisa feitos nessa temática, principalmente a partir do início do século XXI, quando muitos pesquisadores e estudiosos se debruçam nesse tema (MARCUSCHI, 2008) e muitos profissionais se dedicam a trabalhar com as diferentes modalidades de texto em sala de aula. Desenvolvidos inicialmente no Brasil com mais força nas áreas de Linguística Aplicada e Linguística de Texto, os estudos sobre gêneros textuais se espalharam por outras áreas de conhecimento e se fortaleceram na Academia, em especial em determinados Programas de Pós-Graduação, a exemplo do PPGL da Universidade Federal de Pernambuco ou do PPGL da Universidade Federal de Santa Maria, entre vários outros programas.

Assim como são muitas e diferentes as pesquisas sobre gêneros textuais, muitas são as perspectivas teórico-metodológicas adotadas em tais pesquisas. Autores internacionais como Mikhail Bakhtin, John Swales ou Carolyn Miller, entre tantos outros, marcam presença em trabalhos de brasileiros, bem antes do que podemos chamar de “ápice” dos estudos de gênero textual no país no início dos anos dois mil. Do mesmo modo, autores nacionais como Luiz Antônio Marcuschi, José Luiz Meurer e Bernardete Biasi-Rodrigues, e muitos outros, também são referenciados nos mais diferentes trabalhos. Em razão disso, seria complicado trazer os nomes e trabalhos dos vários autores que são importantes para as pesquisas no país, por isso, vamos dedicar duas seções da nossa tese para discutir e trazer as teorias que estarão presentes também nas análises que empreenderemos nas teses e dissertações do nosso *corpus*.

Neste capítulo, começaremos essa empreitada apresentando de maneira geral as diferentes perspectivas e as nomenclaturas em que se enquadram essas perspectivas, a partir do que escreveram Marcuschi (2008), Bhatia (2004), Bonini, Meurer e Motta-Roth (2005), Pereira e Rodrigues (2009) e Araújo (2010). Em seguida, discutiremos os preceitos de Bakhtin/Volochinov sobre a temática, tendo em vista que o autor caracteriza-se como um importante expoente para as pesquisas sobre gênero. Traremos ainda algumas considerações sobre o Interacionismo Sociodiscursivo, abordagem nomeada também como Escola de Genebra. É importante deixar claro, já no início deste capítulo, a impossibilidade de sermos totalmente abrangentes no que se refere a tais discussões teóricas, tendo em vista que são muitos os aspectos que circundam essas teorias. Desse modo, privilegiaremos uma visão geral em cada um dos aparatos teóricos, bem como os aspectos que são mais desenvolvidos nos estudos de Pós-Graduação feitos no país.

3.1 Visão geral sobre os estudos de gênero textual

A partir da tradição poética de Platão e da tradição retórica de Aristóteles, inicia-se uma observação mais sistemática dos gêneros no Ocidente, sendo ela desenvolvida no interior da filosofia grega. Como afirma Marcuschi (2008), nessa tradição ocidental, o uso do termo “gênero” esteve ligado aos gêneros literários. Hoje em dia, a noção de gênero já não mais se vincula somente à literatura, e são muitas as escolas teóricas que tratam dos estudos sobre gêneros textuais, as quais vêm ganhando espaço na Academia.

Ainda segundo Marcuschi (2008), os gêneros têm recebido toda essa atenção nos estudos linguísticos atuais, pois os estudiosos dessa área (e também de outras) têm a clara noção de que a comunicação humana se dá por meio dos diferentes gêneros textuais. Agrega-se a isso que uma análise dos gêneros textuais permite aos estudiosos tanto um macro como um micro enfoque dos mais diversos usos da língua, sendo perceptível, também, que o estudo permite estabelecer variados pontos concretos para a análise das relações entre formas linguísticas, cognição, cultura e ação social.

Bhatia (2004) divide o histórico e desenvolvimento dos estudos de gêneros em três grandes momentos, quais sejam: 1. (1960-1970) *textualização de recursos léxicos-gramaticais*; 2. (1980-1990) *organização do discurso*; e 3. (2000 até dias atuais) *contextualização do discurso*.

No primeiro momento, o ponto de partida está ligado a modelos formalistas baseados em análises da superfície linguística (nível da frase); têm-se estudos da variação de registro (com Halliday e outros) em áreas de disciplinas específicas e estudos sobre a função de elementos léxico-gramaticais no texto científico; há ausência de estudos comparativos. Esse momento é vinculado aos primórdios da linguística textual [(VAN DIJK 1978 e 1977; BEAUGRANDE E DRESSLER (1981)] em que surgem as primeiras reflexões sobre léxico-gramática na relação com texto e discurso.

No segundo momento, os estudos são impulsionados por conceitos como macroestruturas (van Dijk) ou estruturas retóricas, e a ênfase são as regularidades do discurso (padrões de organização da informação em áreas específicas; padrões gerais da organização do discurso; padrões de organização do discurso através de gêneros acadêmicos e profissionais com atenção à variação). Nesse momento, são relacionadas estruturas retóricas a propósitos comunicativos; as estruturas são tidas como padrões sociocognitivos utilizados pelos membros de comunidades profissionais para a produção/recepção dos gêneros e o contexto de uso ganha importante espaço.

No terceiro (e atual) momento, o contexto social ganha um olhar mais atento levando-se em consideração aspectos externos da construção do gênero tais como: os propósitos que podem ser caracterizados como os objetivos institucionalizados da comunidade e os propósitos comunicativos; os produtos entendidos como os artefatos textuais ou gêneros; as práticas, ou seja, os procedimentos e os processos discursivos; e os participantes entendidos como os membros das comunidades discursivas e profissionais. Nesse terceiro momento, podemos perceber ligações entre os estudos em gêneros textuais e a Análise Crítica do Discurso com Norman Fairclough, e também as relações entre gêneros e a análise do discurso (mediado) como interação social a partir de Scollon, entre outros tantos diálogos e abordagens que veremos, principalmente em nossas análises.

Marcuschi (2008) indica sete perspectivas teóricas, abaixo transcritas, a partir de seus fundamentos essenciais, nos prevenindo a respeito de uma “precariedade” e maleabilidade de seus enquadres, os quais não dão conta de representar todas as possibilidades teóricas existentes no momento. Ele frisa que uma maior rigidez nos critérios de classificação apontaria, provavelmente, outros resultados. As sete perspectivas e seus principais representantes mencionadas por Marcuschi (2008, p. 152-153) são as seguintes:

1. Sócio-histórica e dialógica (Bakhtin);
2. Comunicativa (Steger, Gülich, Bergmann, Berkenkotter);
3. Sistêmico-funcional (Halliday);
4. Sociorretórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de língua (Swales, Bhatia);
5. Interacionista sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para a língua materna (Bronckart, Dolz, Schneuwly);
6. Análise crítica (Fairclough, Kress);
7. Sociorretórica/social, histórica e cultural (Miller, Bazerman, Freedman).

Nesse mesmo texto, o autor aponta também os principais centros de estudos do Brasil nos quais cada uma das perspectivas acima tinha mais força. A divisão de centros feita por Marcuschi (2008) caracterizou quatro principais abordagens, a saber: 1) PUC/SP, com uma linha “bakhtiniana”, sendo B. Schneuwly, J. Dolz e J. P. Bronckart os autores representativos; 2) UFC/UFSC/UFES, numa perspectiva “swalesiana”, sendo J. Swales e V. Bhatia os autores representativos; 3) UFSC, com uma linha marcada pela Linguística Sistêmico-Funcional, tendo como autores representativos M. Halliday e J. Martin; e 4) UFPE/UFPA, no que o pesquisador chama de uma linha mais “geral”, aqui, nomes como M. Bakhtin, J. M. Adam, J.

P. Bronckart, C. Bazerman, C. Miller, G. Kress e N. Fairclough são destacados como bastante representativos.

No que se refere especificamente à última perspectiva, é interessante pensar que o que Marcuschi (2008) nomeou como uma linha mais “geral” é percebido por Bezerra (2016) como uma perspectiva mais eclética,

com uma combinação entre a teoria da linguagem e dos gêneros de Mikhail Bakhtin, o interacionismo sociodiscursivo de Jean-Paul Bronckart, a análise textual dos discursos de Jean-Michel Adam, os Estudos Retóricos de Gênero de Charles Bazerman e Carolyn Miller, a semiótica social de Günther Kress e a Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough, estas últimas inspiradas na Linguística Sistemico-Funcional (BEZERRA, 2016, p. 474).

Ainda conforme Bezerra (2016), Marcuschi (2008) não deixa claro como tudo isso se conformaria numa perspectiva mais “geral”. Corroborando com Bezerra (2016), apontamos a necessidade de se levar em conta o momento incipiente nos estudos contemporâneos de gêneros textuais em que Marcuschi desenvolveu as ideias discutidas acima, momento em que não tínhamos a quantidade de publicações e, conseqüentemente, a quantidade de diálogos entre as teorias que podemos perceber atualmente na Academia. Nessa reflexão, “apesar disso, seus estudos deixam clara a intenção de não se filiar a uma perspectiva única, importada, mas moldar diversas contribuições teóricas combinando-as de modo produtivo para os estudos de língua no país” (BEZERRA, 2016, p. 474).

Alguns autores minimizam as diferenças teóricas, concentrando-as nos pontos teóricos mais salientes. Podemos citar aqui Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005), que separam os trabalhos sobre gêneros textuais apenas em três grandes grupos: 1. Abordagens sociossemióticas; 2. Abordagens sociorretóricas; e 3. Abordagens sociodiscursivas. Nesse trabalho, nomeado *Gêneros: teorias, métodos e debates*, os autores apresentam um panorama geral com um enquadramento dos pesquisadores internacionais mais representativos nos estudos de gêneros. Podemos perceber, nessa divisão, uma simplificação, quando vemos muitos estudiosos que não podem ser reduzidos a uma perspectiva única. Apesar de se tratar de uma classificação bastante discutível, “o mérito da coletânea reside, de fato, em apresentar um leque bastante abrangente de autores estrangeiros que em maior ou menor medida desenvolveram alguma reflexão sobre gênero (...)” (BEZERRA, 2016, p. 475).

Ainda nessa linha de categorizações, em seu livro de 2004, *Worlds of written discourse*, Bhatia aponta, concentrando-se no Ocidente anglófono, três chamadas escolas de gêneros: 1. A Escola Norte-americana, inspirada na nova retórica, na qual os principais

representantes são Carolyn Miller, Charles Bazerman, e Carol Berkenkotter e Thomas N. Huckin; 2. A Escola de Sidney, que tem suas bases na Linguística Sistêmico-Funcional de Michael Halliday sendo representada por James Martin, Brian Paltridge, Francis Christie e Joan Rothery; e a 3. Escola Britânica, que trabalha no domínio do Inglês para fins específicos e é voltada para o ensino de gêneros em contextos acadêmicos e profissionais. Essa escola é representada por John Swales e pelo próprio Vijay Bhatia. No entanto, é importante notar que todas essas divisões não são claras e estanques, cada vez mais, pois, dependendo de quem classifica, alguns autores ficam em diferentes posições.

Outros autores que se propuseram a elaborar tais divisões foram Pereira e Rodrigues (2009). Em seu texto, “Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da linguística”, os pensadores brasileiros apresentam um quadro panorâmico bastante detalhado das perspectivas que caracterizam os trabalhos sobre gêneros no país. No quadro 2, representamos as abordagens apontadas no texto e o que os autores definem como cada uma das abordagens.

Quadro 2 - Perspectivas em Pereira e Rodrigues (2009)

Perspectiva	Definição
Sociossemiótica	Compreensão da configuração contextual e textual dos gêneros do discurso a partir da análise das metafunções ideacional, interpessoal e textual e sua relação com a interpretação, a descrição e a explicação da construção discursivo-ideológica do gênero.
Sociorretórica	Análise de gêneros textuais, considerando-os como ações sociais que: (a) materializam uma classe de eventos comunicativos; (b) compartilham propósitos comunicativos; (c) possuem traços específicos prototípicos; (d) apresentam lógica inata; e (e) determinam usos linguísticos específicos de acordo com a comunidade discursiva.
Interacionista Sociodiscursiva	Descrição das características enunciativo-discursivas do funcionamento dos gêneros do discurso, além da seleção, planejamento e projeção de conteúdos de ensino/aprendizagem que estejam de acordo com as capacidades de linguagem que possam ser aplicadas nas práticas didáticas.
Semiodiscursiva	Entendimento dos gêneros como rotinas/comportamentos estereotipados estabilizados e em variação contínua e atividades/atos de linguagem submetidos a critérios de êxito que se refletem como em um contrato, a partir das normas sociais, dos papéis e do jogo interacional que se dá entre os interactantes.
Sociocognitivista	Inter-relações entre os gêneros textuais e as competências sociais e cognitivas da comunicação que são produzidas, compreendidas e regularizadas por sujeitos nas diversas práticas sociais.

Dialógica	Compreensão da constituição e do funcionamento dos gêneros a partir da sua relação com a situação social de interação e a esfera social de atividade.
-----------	---

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Pereira e Rodrigues (2009)

Com essa divisão, Pereira e Rodrigues (2009) também têm o intuito de apresentar outro possível mapeamento das principais correntes de estudos sobre gêneros textuais brasileiros. Como pudemos perceber, também em outras propostas como essa, existem limitações e reducionismos na medida em que muitos trabalhos produzidos, em programas de pós-graduação por exemplo, podem ser deixados de lado. Tais limitações também podem ser percebidas se pensarmos nas inter-relações possíveis entre diferentes abordagens, ou no sentido de determinadas classificações não serem abrangentes no que diz respeito a objetivos de investigação ou a metodologias de trabalho, tendo em vista a heterogeneidade e a fluidez das diferentes correntes.

Nesta tese, também é nosso intuito fazer um mapeamento de que tipos de trabalhos são produzidos sobre gêneros nas dissertações e teses que serão analisadas, por isso pensamos ser válido começar este capítulo com a explanação de pesquisas que, mesmo com caminhos e objetivos diferentes, se prestaram a essa finalidade. Na próxima subseção, discutiremos sobre como são refletidas as definições de gênero textual. Logo após, levaremos em consideração os estudos de Mikhail Bakhtin e, em seguida, a corrente chamada de Interacionismo Sociodiscursivo.

3.2 Começando a discussão sobre definições e correntes de estudos de gênero

Se pensarmos nos estudos textuais dos últimos anos, percebemos que os textos são tratados como eventos comunicativos, sendo identificados aspectos relativos à sua conceituação, descrição, análise e classificação; embora a essa última não seja dada a ênfase, uma vez que ela se desloca da classificação ou da tipologia para a análise dos componentes social, histórico e cognitivo dos gêneros. Na literatura atual, como nos estudos feitos por Marcuschi (2008), observa-se a distinção entre gênero textual como texto exteriorizado em um contexto social e histórico, em grande número de realizações, e tipo textual como modalidade retórica de formato linguístico típico, em número limitado de realizações e que não chega, por si só, a caracterizar um gênero. Os tipos textuais não têm uma relação direta nem significativa com os contextos sociais em que se realizam, pois, de maneira geral, representam sequências mais ou

menos estereotipadas quanto aos aspectos linguísticos. Em contrapartida, os gêneros textuais, de maneira geral, têm essa relação com os contextos sociais em que são realizados.

Sabendo que existe uma distinção entre gêneros textuais e tipos textuais e que alguns leitores e estudiosos ainda não amadureceram o conceito de gênero e de texto e/ou tipo textual em todas as suas implicações, aqui, é importante levar em consideração uma discussão feita por Bezerra (2015), quando o autor fala sobre confusões que se estabelecem no momento em que o assunto é a definição de gêneros textuais. Em seu texto, *Equívocos no discurso sobre gêneros*, o pesquisador aponta, por meio de diferentes exemplos, como diz o próprio título, cinco equívocos praticados na hora de caracterizar o que é gênero de texto. Esses equívocos acontecem na medida em que estudantes fazem confusão com os seguintes conceitos que iremos discutir, a partir de Bezerra (2015), um a um: 1) gênero e texto; 2) gênero e suporte; 3) gênero e domínio discursivo; 4) gênero e forma/estrutura; e 5) gênero e tipo textual.

No primeiro caso, ocorre a confusão quando o texto em sua materialidade é tomado como equivalente ao gênero ao qual faz referência do ponto de vista composicional. Assim, “o gênero não deveria ser confundido com o texto que o ‘materializa’. (...) do gênero jamais se pode dizer que ‘se materializa’. Apenas o texto pode ser descrito como tendo um aspecto material ou uma materialidade linguística”. (BEZERRA, 2015, p. 66). Sobre o segundo equívoco, Bezerra (2015) afirma que ele será bastante frequente no discurso sobre gênero, principalmente pela falta de interesse de linguistas sobre esse assunto. A confusão entre gênero e suporte se dá, por exemplo, quando o *Facebook* é caracterizado como um gênero, quando, na verdade, concordando com Bezerra (2015) e baseados em estudos nossos (PIMENTEL, 2014), o *Facebook* é um suporte, na medida em que nele se instanciam textos em diversos gêneros. E, apesar dos poucos estudos sobre essa temática, seria muito pouco provável que algum estudioso da área não compreendesse o *Facebook* como um suporte.

No que se refere ao terceiro equívoco, trata-se da confusão entre gênero e domínio discursivo. Bezerra (2015) exemplifica essa modalidade de equívoco com um texto no qual o jornalismo é caracterizado como gênero discursivo. “Claro está que o jornalismo, como atividade profissional, caracteriza-se pela construção e circulação de gêneros peculiares a essa atividade, de modo que o jornalismo ‘alberga’ diversos gêneros ‘jornalísticos’, mas o jornalismo em si não é um gênero” (BEZERRA, 2015, p. 70). Para validar a sua assertiva, Bezerra (2015) se baseia também na definição de domínio discursivo de Marcuschi (2008), quando ele discorre que o jornalismo, assim como outras instâncias discursivas, é caracterizado como uma atividade profissional e os gêneros, por outro lado, devem ser vistos como categorias textuais que possibilitam tal atividade.

A confusão entre gênero e forma/estrutura, nomeado como quarto equívoco, acontece quando se reduz o gênero a uma forma, tamanho do texto (quantidade de palavras), ou estrutura, por exemplo, quando se leva em consideração para a caracterização do gênero uma sequência preestabelecida de informações com caráter obrigatório. Bezerra (2015) traz um exemplo para ilustrar tal modalidade em que o gênero carta é caracterizado a partir desses aspectos. Nas palavras do pesquisador, “tal descrição, além de desconsiderar a flexibilidade na configuração formal dos textos efetivamente produzidos nesse gênero, privilegia o aspecto estrutural como se ele fosse um aspecto único ou no mínimo um aspecto privilegiado para caracterizar o gênero” (BEZERRA, 2015, p. 72). No intuito de argumentar sobre isso, o autor se apoia nos dizeres de Marcuschi (2008) e Miller (2012) para quem, ao dominar os gêneros, dominamos uma maneira de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações também específicas.

Por fim, o último equívoco está relacionado com a confusão entre gênero e tipo textual, sobre o que já falamos um pouco no início deste capítulo. Aqui, o gênero é reduzido a uma sequência ou tipologia textual. O exemplo usado por Bezerra (2015) é de um texto de determinado *blog* que aponta a descrição como um gênero textual. Sendo que, como sabemos, a descrição caracteriza-se como uma tipologia textual (MARCUSCHI, 2003), já que os tipos textuais “são aspectos da composição de textos pertencentes a diferentes gêneros, não constituindo, eles mesmos, gêneros como tais nem participando das convenções sócio-históricas que definem os gêneros” (BEZERRA, 2015, p. 73). Aqui poderíamos discutir sobre a questão de a descrição, por exemplo, ser considerada na esfera educacional como um gênero textual, na medida em que os professores podem pedir que os estudantes escrevam uma descrição, como gênero. No entanto, como estamos abordando uma discussão teórica, não adentraremos essa questão. Em síntese, não se trata de estabelecer uma oposição entre tipo e gênero de texto, mas de relacionar as tipologias textuais à composição dos textos nos mais diversos gêneros.

Tendo em vista que não poderíamos seguir uma discussão sobre conceituação e definições de gêneros sem passar por esse trabalho de Bezerra (2015), e já tendo feito isso, podemos agora continuar pensando em outras questões. A primeira delas é sobre como os estudos de gênero textual no Brasil começaram a obter outra caracterização a partir de sua inclusão nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no fim da década de 1990, que, desde então, preconizam, entre outros aspectos, que o ensino de língua materna deve ser realizado a partir dos variados gêneros. Embora o próprio documento difunda uma visão específica de gênero, associada à perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), essa não é a única

possibilidade de compreender esse conceito, de forma que “(...) se hoje parece um bom senso teórico compartilhado pelos profissionais envolvidos com a pedagogia de língua materna no Brasil que 'o texto [na forma de diferentes gêneros] deve estar em sala de aula', esse consenso, muitas vezes, não nos permite perceber a pluralidade de abordagens que tal presença possibilita” (SILVA; BEZERRA, 2014, p. 44).

Considerando os aspectos mencionados, dada a complexidade do conceito, não é de causar espanto que não haja uma definição única do que seria gênero textual. Nesse sentido, é possível reconhecer distintas concepções de gênero, associadas a diferentes tradições e/ou escolas contemporâneas de estudos de gênero. Na literatura especializada, encontramos principalmente quatro abordagens: as três mencionadas já por Bhatia (2004) e o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), também conhecido como Escola de Genebra. No entanto, é importante deixar claro que apenas essas concepções não abrangem todos os diálogos que nos propomos a estudar nesta pesquisa. Desse modo, apesar de indicar essas classificações, não estaremos presos a elas.

As diferentes correntes/tradições de gêneros apresentam concepções distintas a respeito do próprio conceito de gênero, de uma maior ou menor preocupação com a aplicação do gênero para o ensino, entre outras questões que definem e modelam o delineamento teórico-metodológico e epistemológico de cada abordagem. Em grande parte das definições, há em comum o reconhecimento do gênero como uma forma de agir e realizar ações através da linguagem, bem como outros aspectos em comum apontados em Motta-Roth (2008). É possível perceber que cada definição se alinha com uma proposta de compreensão do conceito, com maior ou menor ênfase em aspectos discursivos, comunicativos, sociais ou contextuais.

Contudo, vale ressaltar que se, por um lado, uma taxonomia dos conceitos de gênero e dos autores associados a cada abordagem apresenta aspectos positivos, como, por exemplo, uma maior sistematização dessas informações, por outro lado, a classificação desses modelos pode se revelar problemática, principalmente pelo caráter insuficiente, fechado e redutor inerente à natureza do ato de classificar. Nesse sentido, a heterogeneidade, as peculiaridades e os conflitos internos de cada abordagem são negligenciados. Esse aspecto pode ser percebido através da quantidade de tipologias e classificações existentes, além das flutuações entre a associação de uma determinada abordagem e/ou autor a mais de uma tradição, conforme pontuam Silva e Bezerra (2014) e Bezerra (2016). Este último exemplifica esse aspecto mencionando que, por exemplo, alguns autores utilizam a denominação sociorretórica com sentidos diferentes: para fazer referência à combinação das abordagens ESP e ERG, ou como

sinônimo de ESP ou, ainda, como sinônimo de ERG (BEZERRA, 2016, p. 466). Acreditamos que essas flutuações nas tipologias das tradições de estudo de gênero podem sugerir como essas abordagens estão sendo utilizadas a partir de diferentes acepções de síntese, aspectos que discutiremos mais profundamente nas seções de análise. Por enquanto, na próxima subseção, vamos ao delineamento de uma das mais conhecidas definições de gênero difundida pelo russo Mikhail Bakhtin.

3.2.1 Contribuições de Bakhtin/Volochinov

Em qualquer discussão sobre Bakhtin/Volochinov, palavras como heterogeneidade e dialogismo inevitavelmente estarão presentes. Esses termos, que se referem ao lugar do outro na essência dos discursos, além de nos levar à figura de Bakhtin, nos conduzem também às discussões de teóricos como Volochinov. Assim, é importante levantar aqui, mesmo que não em uma discussão mais profunda, já que não é esse o nosso intuito, mas no esclarecimento de como nos posicionamos em relação a isto, a questão da autoria no chamado “Círculo de Bakhtin”³. É sabido, na academia, da polêmica no que se refere a esse círculo. Se levarmos em consideração, por exemplo, a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, ela é, algumas vezes, referida como sendo de Bakhtin, e em outras vezes atribuída a Volochinov (CUNHA, 2011). Aqui no Brasil, algumas traduções apresentam os dois nomes como autores. Nesta tese, assumiremos Volochinov como produtor da obra. Pensamos ser importante destacar esse aspecto, pois muito dos trabalhos que iremos analisar trazem diferentes percepções sobre a autoria em algumas obras.

Traremos uma reflexão sobre o conceito bakhtiniano de dialogismo sendo desdobrado em dois aspectos, conforme Fiorin e Barros (1999): a interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do texto; e a intertextualidade no interior do discurso. Justificamos essa abordagem sobre Bakhtin/Volochinov na medida em que muitos dos autores das teses e dissertações analisadas defendem que é nessa problemática, que envolve os participantes da enunciação, considerando a situação social e o jogo de vozes que a constitui, que se situam os estudos de gênero do discurso.

³ O círculo de Bakhtin é a expressão utilizada para se referir ao grupo de intelectuais russos de diversas áreas (Literatura, Música, Jornalismo, etc.) que se reuniu entre 1919 e 1929, nas cidades de Nevel, Vitebsk, e São Petersburgo (rebatizada de Leningrado), para debater sobre Filosofia e também sobre Linguagem (FARACO, 2010).

De acordo com Gregolin (2014), a “translinguística” de Bakhtin trazia elementos do exterior da língua, como a história, o sujeito e outros. O filósofo defendia a língua não “como um sistema de categorias gramaticais abstratas, [mas como] a língua ideologicamente construída” (BAKHTIN, 2015, p. 40). Desse modo,

A língua, como meio concreto vivo habitado pela consciência do artista da palavra, nunca é única⁴. Só é única como sistema abstrato de formas normativas, desviada das assimilações concretas que a preenchem e da contínua formação histórica da língua viva (BAKHTIN, 2015, p. 63).

Nessas duas citações do texto *Teoria do Romance I: a estilística*, Bakhtin discorre sobre a sua concepção de língua. A partir do que lemos, podemos perceber a língua que interessa ao autor, no sentido da compreensão de língua que ele toma como sua, caracterizada pelo fator ideológico e, do mesmo modo, o que seria a caracterização de língua com a qual ele rompe, a língua abstrata, única.

Aqui, é importante dizer, segundo Fiorin (2014), que Bakhtin não nega a existência de um sistema linguístico, e de que não condena os estudos das unidades do sistema, considerando, inclusive, tal abordagem como necessária. A problemática se dá, apenas, no que diz respeito ao pensamento de que a descrição do sistema e de suas unidades dão conta do real funcionamento da linguagem. Nesse sentido, para Bakhtin, a língua deveria ser vista como uma atividade social, histórica e interativa, sendo a atividade de comunicação entre dois enunciadores bastante complexa.

Bakhtin (2015) considera a discussão sobre os discursos do outro, ou da palavra do outro, como um dos temas mais importantes sobre o discurso humano. Segundo ele, sempre e em todos os lugares da vida e da “criação ideológica”, o que chamamos de nosso discurso é povoado de palavras que não são nossas, que são palavras alheias. Pensando nisso, Bakhtin (2015) ainda observa que o que mais se nota no cotidiano são pessoas falando sobre o que dizem os outros, e que sempre podemos ouvir transmissões sobre o que diz o outro, recordações da palavra do outro, ponderações, discussões, afirmações, opiniões, indignações em relação à palavra alheia etc.

Caso agucemos o ouvido para fragmentos do diálogo cru na rua, na multidão, nas filas, no saguão do teatro etc., ouviremos como amiúde se repetem as palavras “diz”, “dizem”, “disse”, e, em conversas rápidas na multidão, frequentemente se fundem

⁴ Importante pensar que uma das características da *langue* tal como formulada por Saussure (1916) é que ela, em oposição à *parole*, é homogênea.

em um contínuo expressões como “ele diz... você diz... eu digo” (BAKHTIN, 2015, p. 131).

É interessante pensar aqui na questão do contínuo entre o que eu falo e o que o outro fala. Isso mostra uma provável impossibilidade de se estabelecer limites entre o que é meu e o que é do outro. Bakhtin (2015) aponta, assim, que junto com o meu discurso “soará inevitavelmente a palavra do outro [...]” (BAKHTIN, 2015, p. 129). Respaldados nos escritos do autor, constatamos que as orientações dialógicas nos discursos se materializam nos enunciados através da aproximação e do distanciamento das palavras de outrem. Conforme Rodrigues (2001), isso ocorre, no primeiro caso, em movimentos dialógicos de assimilação e apreensão, e, no segundo caso, em movimentos dialógicos de engajamento, refutação e interpelação.

Segundo Bakhtin (2002), nos movimentos de assimilação, incorporamos as palavras de outrem para tentar definir as próprias bases da nossa atitude ideológica em relação ao mundo e de nosso comportamento. Nos movimentos de distanciamento, recorreremos às palavras de outrem para desqualificar o discurso alheio. Não podemos deixar de pensar que esses movimentos são marcados por procedimentos de elaboração do discurso e de enquadramento contextual, decisivos em tais processos. De acordo com Bakhtin:

A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que o enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso. Por isso, ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissolúvelmente ao outro. (BAKHTIN, 2002c, p. 141).

Podemos associar essa discussão à imagem do Adão mítico, ideia central para Bakhtin, tendo em vista que é discutida e retomada em mais de um de seus textos. Bakhtin (2015), refletindo sobre a impossibilidade de fugir da orientação dialógica afirma que somente o Adão mítico, como que desvirginando o silêncio do mundo, pôde fugir da palavra do outro e, assim, não entrou em relação de tensão com o discurso alheio. Sobre isso, o autor complementa que “o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto. Isto não é dado à palavra histórica concreta do homem” (BAKHTIN, 2015, p. 51).

O Adão solitário e mítico é apresentado também no texto *Os gêneros do discurso*, apesar de não nomeado, estabelecendo a diferença entre ele e os demais homens. Podemos perceber isso quando Bakhtin afirma que nenhum falante “é o primeiro falante, o primeiro a

ter violado o eterno silêncio do universo” (BAKHTIN, 1997, p. 272). Desse modo, todo falante “pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 272)

Bakhtin (2015) defende que todo e qualquer discurso tem como traço fundamental a orientação dialógica. Nesse pensamento, ele diz que todo discurso vivo tem uma tendência natural à relação dialógica com outros discursos. Assim, “em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso [se] depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele” (BAKHTIN, 2015, p. 51). Isso acontece porque “o enunciado vivo [...] não pode deixar de tocar milhares das linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo no diálogo social” (BAKHTIN, 2015, p. 49).

Tradicionalmente, muitas das pesquisas desenvolvidas na temática dos gêneros textuais levam em conta essas considerações do filósofo russo, seja no que se refere a uma corrente mais dialógica (ADD), seja no que se refere à corrente do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). O estudioso define os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, ou seja, textos com traços comuns que estabelecem uma interconexão da linguagem com os aspectos sociais, com a vida social. Em sua comunicação, o ser humano utiliza uma diversidade de gêneros, tanto orais como escritos, considerando inclusive a reelaboração de gêneros mais simples em gêneros com características mais complexas.

Desse modo, o autor parte da relação entre campos da atividade humana⁵ e modos de utilização da língua, os últimos variando de acordo com os primeiros. Segundo ele, o enunciado reflete as finalidades e as condições específicas de cada um desses campos, devido ao seu conteúdo temático, ao estilo verbal e à sua construção composicional, principalmente. Temos, assim, os elementos que caracterizam o gênero: o primeiro [conteúdo temático] é ligado às escolhas dos temas mais prototípicos de determinados gêneros; o segundo [estilo verbal] é vislumbrado pelos elementos típicos adaptados ao contexto de uso, tendendo, então, a uma estilística própria; por fim, a construção composicional é o que diz respeito à forma de determinado enunciado.

No que se refere ao conteúdo temático típico, ele adquire, dependendo de determinadas condições que o autor busca alcançar no limite das suas intenções e das do gênero, um caráter relativamente concluído. Pode-se, portanto, dizer que os gêneros retratam diferentes campos do discurso porque todo gênero possui um conteúdo temático determinado.

⁵ Termo utilizado na tradução de Paulo Bezerra, de 2015.

Em relação ao estilo verbal, é interessante refletir que para que se compreenda o estilo de um enunciado particular, é preciso que se considere a sua natureza genérica, pois os estilos linguísticos ou funcionais são estilos genéricos de determinados campos de atividade e comunicação humana. Assim, pensando na construção composicional, o que coloca o discurso em determinadas formas composicionais e estilísticas é a seleção de um gênero específico, ou seja, é a construção de um enunciado total.

Para o pensador russo, cada gênero faz parte de determinado campo da atividade humana. Bakhtin não trabalhou com classificações de gêneros, entretanto, afirmou haver dois grandes tipos: os primários e os secundários. Os gêneros do discurso primários (simples) se realizariam em circunstância de uma comunicação verbal espontânea e geralmente falada. Os gêneros do discurso secundários (complexos) se realizariam em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e principalmente escrita. Para o autor, em uma citação bastante conhecida,

[...] a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, [...] e cada esfera da atividade humana comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso [...] (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Podemos perceber que a divisão entre gêneros primários e secundários não tem sustentação na modalidade da língua usada, mas no campo de atividade a que o gênero se vincula. Como as pessoas sempre se utilizam de gêneros textuais e tem-se esse repertório deles, na prática, eles são usados com segurança, mesmo que seja possível que estejamos ignorando totalmente a sua existência teórica. Assim, não podemos nos comunicar se não por um gênero e, por isso, “ignorar a natureza do enunciado e as particularidades dos gêneros [...] leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida” (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Bakhtin também falou sobre a transformação, o desenvolvimento e o surgimento de novos gêneros. Para o autor, esses fenômenos se dão pelo desenvolvimento e complexificação das esferas de atividade humana, por novas motivações sociais e pelo embate entre as forças centrípetas e centrífugas. “Essas forças são aquelas da *unificação e da centralização das ideologias verbais* [...] cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas” (BAKHTIN, 2002, p. 81-82, itálicos do autor).

Após essas considerações sobre Bakhtin, podemos, então, sintetizar dizendo que os enunciados constituem as unidades do discurso. A comunicação, nesse sentido, se dá através dos discursos organizados em gêneros, diferentes em função do contexto histórico, da situação espaço-temporal, posição social e das relações entre os participantes (BAKHTIN, 1997). Desse modo, é importante pensar que Bakhtin em geral não deixou de considerar o lado subjetivo do indivíduo na comunicação, definindo-a não só como de caráter social. Além disso, por meio de discursos outros, estamos sempre nos constituindo pelo outro, e, assim, percebemos que a alteridade é uma instância bastante importante na compreensão dos diversos sentidos.

A partir do momento em que os gêneros passaram a ser conhecidos como formações inerentes a toda comunicação na sociedade, muitas pesquisas foram surgindo, e as reflexões sobre os gêneros de texto avançaram, sendo, até hoje, muito importantes na academia os preceitos do pensador russo. Uma das correntes de pesquisa sobre gêneros textuais que foram embasadas pelos trabalhos de Bakhtin/Volochinov foi o Interacionismo Sociodiscursivo, perspectiva de que trataremos na próxima subseção.

3.2.2 O Interacionismo Sociodiscursivo

A abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo tem como principal intuito a descrição de características enunciativo-discursivas do funcionamento dos gêneros. Assim, com objetivos pedagógicos, os autores que desenvolvem estudos nessa corrente procuram selecionar, planejar e projetar conteúdos para situações de ensino/aprendizagem ligadas às capacidades de linguagem que possam ser aplicadas nas práticas sociais do cotidiano. Podemos citar como principais integrantes dessa abordagem, também conhecida como Escola de Genebra, os teóricos Jean-Paul Bronckart (idealizador do ISD com um projeto de atribuir à psicologia da linguagem uma dimensão humana), Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz, entre outros, os quais, com forte inspiração em Mikhail Bakhtin e em Lev S. Vygotsky, enfatizam teorias interacionistas sociodiscursivas. Na formação da abordagem do ISD, Bronckart (1998/2008) recorre aos estudos de Vygotsky no âmbito do interacionismo social. Nesses estudos em que se discute sobre a formação da mente humana e a atividade social, a consciência tem um papel central, pois

A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica, tendo como base as operações com signos. Os processos psicológicos, tal como aparecem nos animais, realmente deixam de existir; são incorporados nesse sistema de comportamento e são culturalmente reconstituídos e desenvolvidos para formar uma nova entidade psicológica (...) (VGOTSKY, 2008, p. 75).

A partir disso, entendemos que a formação da consciência humana não pode ser resumida a meras abstrações processadas no interior da mente, mas se constitui como um “discurso interno” (BRONCKART, 2008, p. 76) na medida em que se constitui na relação com outros discursos do mundo exterior, principalmente do mundo social. Assim, está claro o papel estratégico e fundamental que a linguagem desempenha, segundo Vygotsky, na formação da consciência humana e, por conseguinte, na potencialização do desenvolvimento humano. Conforme Dolz e Schneuwly (2004), o gênero é definido, então, como uma “ferramenta psicológica no sentido vygotkyano do termo”, sendo possibilitada, a partir disso, a mediação entre a criança e o contexto social no qual ela está inserida, que possibilita, em consequência, o seu desenvolvimento.

Sobre essa perspectiva, Bezerra (2010, p. 33) descreve:

A abordagem da Escola de Genebra tem grande influência no Brasil por ter sido aquela que mais diretamente se refletiu na formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), constituindo as diretrizes primárias para toda a atividade de leitura e produção de textos em vigor no ensino de Língua Portuguesa, na atualidade.

Com a finalidade de atingir os seus objetivos, era intuito dos autores nessa corrente integrar parâmetros psicossociais e linguístico-discursivos, com vistas a examinar “as relações que as ações de linguagem mantêm com os parâmetros do contexto social em que se inscrevem” (CRISTÓVÃO; NASCIMENTO, 2005, p. 37). Para isso, os pesquisadores caracterizam como importante: primeiro, compreender a análise das ações semiotizadas; depois, proceder na desconstrução da estrutura do texto e interpretação/descrição dos recursos linguísticos; e, por último, explicar as operações psicológicas na produção do texto e na apropriação do gênero. (PEREIRA; RODRIGUES, 2009).

Nas palavras de Cristovão e Nascimento (2005, p. 37), no ISD, “parte-se, primeiramente, do exame das relações que as ações de linguagem mantêm com os parâmetros do contexto social em que se inscrevem, a seguir das capacidades que as ações colocam em funcionamento e, sobretudo, das condições de construção dessas capacidades”. Desse modo, para compreender os gêneros como reguladores e produtos das práticas sociais, o Interacionismo Sociodiscursivo reflete sobre diferenças entre atividades e ações sob um ponto de vista sóciohistórico defendendo que: “(a) as diversas atividades sociais são os

determinantes do funcionamento psíquico das ações; (b) as atividades sociais são apoiadas às atividades de linguagem; (c) as diferentes atividades pressupõem instrumentos e ferramentas didáticas; e (d) as atividades são reguladas por formas semióticas” (PEREIRA; RODRIGUES, 2009, p. 7).

Os interacionistas sociodiscursivos partem desse princípio de que textos socialmente considerados como pertencentes a determinado gênero apresentarão algumas características semelhantes que são relevantes para o ensino de tal gênero, o que possibilita a construção de “modelos didáticos de gêneros” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). Esses modelos didáticos de gêneros têm, assim, o objetivo de definir “os princípios (por exemplo, o que é um debate), os mecanismos (refutação) e as formulações (modalizações, conectivos) que devem constituir os objetivos de aprendizagem dos alunos” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 180). A partir disso, os autores do ISD desenvolvem, em sua obra, um conjunto de atividades escolares organizadas em torno de determinado gênero textual oral ou escrito, o que ficou conhecido como “ensino por meio de sequências didáticas”.

Dolz e Schneuwly preocupam-se em fornecer elementos de interesse para o ensino da oralidade em sala de aula, e todo o esforço volta-se para a consecução desse objetivo. Central é a metodologia utilizada para construir o que ficou conhecido nessa escola como *ensino por sequências didáticas*, realizado com base em gêneros textuais diversos, especialmente os gêneros orais mais elaborados. Para tanto, os autores desenvolvem uma noção de gêneros, concebido como um *instrumento de comunicação*, que se realiza empiricamente em textos. (MARCUSCHI, 2008, p. 211).

A sequência didática consiste em um dos pilares do ISD, sendo concebida como uma proposta de “elaboração de um modelo teórico capaz de sustentar e de esclarecer essa abordagem prática de ensino” (BRONCKART, 2006, p. 13). As atividades em sua composição são elaboradas e organizadas em função da avaliação dos alunos. Nesse aspecto, se propõe que as atividades sejam alternadas entre aquelas ligadas às situações de comunicação e aquelas específicas para exercitar os novos mecanismos de textualização que ainda não são dominados pelos estudantes.

Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a estrutura da base de uma sequência didática é composta por: i) apresentação da situação; ii) produção inicial; iii) módulos; e iv) produção final. A sequência didática pode ser apresentada sobre o seguinte esquema:

1. elaboração de um texto inicial após uma apresentação da situação na qual é descrita, de maneira detalhada, a tarefa que os estudantes deverão realizar, seja ela oral ou escrita;

2. O professor pode avaliar, a partir disso, as capacidades que os estudantes já possuem e ajustar a sequência de acordo com a situação da turma. As atividades ou exercícios, que constituem os módulos, oferecem os instrumentos para lidar com os problemas apresentados pela turma, possibilitando um trabalho mais sistemático e aprofundado com os aspectos do gênero; e, por fim,
3. O aluno põe em prática os conhecimentos adquiridos através de uma produção final, medindo, com o professor, os progressos alcançados; o que leva o trabalho, também, para uma avaliação somativa.

De acordo com essa perspectiva, não há tão somente uma melhora na competência linguístico-discursiva dos estudantes, como também ela cria e aponta formas de participação social pelas práticas de linguagem que neles se internalizam. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) reconhecem que em diferentes contextos e olhando para as especificidades de diferentes turmas de estudantes, são necessárias algumas modificações para que a sequência didática possa ser eficaz no trabalho com os gêneros.

Apesar de muitos autores brasileiros apresentarem experiências que comprovam a eficácia das sequências didáticas, alguns pesquisadores criticam essa abordagem em alguns aspectos. Um exemplo que pode ser citado é o trabalho de Reinaldo e Bezerra (2012), que se apoiam em Bronckart (2008) quando ele diz que é necessário reavaliar e imaginar outras formas de intervenção em matéria de didática de texto na sala de aula. Reinaldo e Bezerra (2012) afirmam que a ênfase da sequência didática está mais centrada no processo de apropriação da forma do gênero do que na compreensão do contexto de interação em que ele ocorre. Essas e outras críticas não enfraquecem a eficácia da sequência didática, mas, a partir delas, podem ser pensadas maneiras de adaptação com outras teorias, como as dos letramentos, como bem ressalta Lima (2016).

Sobre as sequências didáticas, é importante ressaltar as palavras de Schneuwly em uma entrevista realizada pela professora Cleide Wittke da Universidade Federal de Pelotas. Nessa entrevista, o autor genebrino destaca que em muitos contextos educacionais há um equívoco de que o professor de língua materna precisa construir as sequências didáticas. Para o pesquisador “o indicado é que o profissional selecione sequências já produzidas, observando como elas foram feitas, variando-as, adaptando-as à realidade de sua turma” (WITTKE; SCHNEUWLY, 2016, p. 357). Ele acrescenta: “o professor deve dedicar seu tempo a ensinar e não a preparar material, pois levaria meses para construir boas sequências para ensinar um gênero” (WITTKE; SCHNEUWLY, 2016, p. 358).

Desse modo, Schneuwly quer esclarecer que nem sempre o ensino se dá como foi pensado pelos autores durante os estudos sobre o trabalho com as sequências didáticas, e, apesar de ser difícil estabelecer o que seria um trabalho ideal, ou um professor ideal, o certo é que os estudiosos de gêneros se debrucem na produção das sequências e que os professores a estudem e preparem suas aulas a partir delas, sem necessariamente precisarem produzi-las. Segundo ele, em Genebra, são criados esforços para que isso ocorra e, na maioria dos casos, o trabalho traz resultados positivos. No entanto, como sabemos, aqui no Brasil a questão é bem mais complexa e talvez outras tantas questões, em especial a da produção das sequências didáticas, podem ser suscitadas a esse respeito, o que não é o nosso foco de discussão neste trabalho.

Como pudemos ver, no ISD, o foco da aprendizagem está para além da apropriação do gênero, quando leva em consideração o ensino das capacidades de linguagem que tomam os gêneros como aspecto central. Pensado nisso, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) entendem que seja necessária uma organização e progressão curricular que contemple uma gama de textos de circulação social, de maneira sistemática. Nesse sentido, os autores genebrinos propõem um agrupamento de gêneros que considere tanto as potencialidades dos gêneros, quanto as expectativas de aprendizagem previstas para cada ano do percurso de escolarização dos estudantes.

Desse modo, os autores desenvolveram um quadro no qual os gêneros são agrupados de acordo com aspectos tipológicos, capacidades de linguagem e, conseqüentemente, a percepção da função social de cada gênero de texto, em sua particularidade, porém com semelhanças entre os gêneros do mesmo grupo. Conceber esse agrupamento como um subsídio teórico que possibilite num trabalho mais proveitoso no ensino de língua, só é possível a partir de uma compreensão sistematizada através de teorias e ideologias que mostrem esta forma como eficaz. Vejamos o quadro 3 proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Quadro 3 - Agrupamentos de gêneros

GRUPOS	CAPACIDADES DE LINGUAGEM ENVOLVIDAS NA PRODUÇÃO	EXEMPLOS DE GÊNEROS
NARRAR	- Domínio social é o da cultura literária ficcional - Mimeses (imitação) da ação através da criação ou reconstrução de uma intriga no domínio do verossímil (semelhante à verdade, possível).	- conto de fadas - fábula - lenda - narrativa de aventura - narrativa de ficção científica - romance

		<ul style="list-style-type: none"> - crônica literária - adivinha - piada
RELATAR	-Domínio social é o da memória e da documentação das experiências humanas vividas e cuja capacidade de linguagem dominante é a representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.	<ul style="list-style-type: none"> - relato de experiência vivida - diário íntimo - testemunho - autobiografia - curriculum vitae - notícia - reportagem - crônica social e esportiva - relato histórico - biografia
ARGUMENTAR	-Domínio social de comunicação é o da discussão de assuntos ou problemas sociais controversos, visando a um entendimento e a um posicionamento diante deles e cujas capacidades dominantes são de uso dos movimentos de sustentação, refutação e negociação de tomada de posições e o reconhecimento de situações argumentativas e dos movimentos argumentativos utilizados.	<ul style="list-style-type: none"> - diálogo argumentativo - carta de leitor - carta de reclamação - carta de solicitação - debate regrado - assembleia - resenha crítica - editorial - ensaio - discurso de defesa (advocacia) - discurso de acusação (advocacia) - artigos de opinião
EXPOR	<ul style="list-style-type: none"> - Transmissão e construção de saberes. - Veiculam o conhecimento mais sistematizado que é transmitido culturalmente (conhecimento científico e afins) e cuja capacidade de linguagem dominante é a apresentação textual de diferentes formas de saberes. 	<ul style="list-style-type: none"> - texto expositivo (livro didático) - seminário - conferência - palestra - verbete - tomada de notas - resumo de textos explicativos e expositivos - resenha - relatório científico
INSTRUIR OU PRESCREVER	-Textos variados de instrução, regras e normas e que pretendem, em diferentes domínios, a prescrição ou a normatização de ações e cuja capacidade dominante é a regulação mútua de ações.	<ul style="list-style-type: none"> - instruções de montagem - receita - regulamento - regra de jogo - instruções de uso - comandos diversos - textos prescritivos

Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 121)

Com esse quadro, podemos observar que, apesar das diferentes funções que cada gênero possui, eles estão agrupados com outros textos que possuem características tipológicas e ideológicas semelhantes. Dessa forma, “a hipótese de trabalho subjacente é a de que há uma afinidade suficientemente grande entre os gêneros agrupados, para que transferências se operem facilmente de um a outro” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 62). Ou seja, entende-se que há uma familiarização com os demais textos do mesmo grupo e que essa familiarização proporciona que os gêneros sejam situados conforme seus aspectos em comum

e suas propriedades ensináveis, de modo a contemplar o desenvolvimento de diferentes capacidades linguísticas do oral e do escrito.

Sobre essa proposta, Marcuschi comenta que ela

parte da ideia de que é possível e desejável ensinar gêneros textuais públicos da oralidade e da escrita e isso pode ser feito de maneira ordenada. Os procedimentos têm um caráter modular e levam em conta tanto a oralidade como a escrita. (...) A ideia central é a de que se devem criar situações reais de contextos que permitam reproduzir em grandes linhas e no detalhe a situação concreta de produção textual incluindo sua circulação, ou seja, com atenção para o processo de relação entre produtores e receptores. (MARCUSCHI, 2008, p. 213).

Os gêneros, como sempre, estão fincados em situações corriqueiras, em especial a modalidade oral da língua, e, sendo assim, é justificável usar fatos do dia a dia dos estudantes para praticar essa oralidade, baseada em gêneros textuais. O que não exclui de forma alguma a modalidade escrita da língua no cotidiano, seria um equívoco extremo deixar transparecer essa ideia.

De acordo com a abordagem do ISD, como vimos, é importante considerar que as práticas escolares são orientadas por questões diretamente relacionadas ao ensino e a aprendizagem, o que diferencia a percepção dos gêneros nessas práticas e nas práticas sociais. Ou seja, não podemos pensar simplesmente que os gêneros podem entrar na escola tal como se realizam nas práticas sociais. Desse modo, é importante levar em consideração as especificidades e peculiaridades da escola como um espaço institucional-pedagógico de interlocução (LIMA, 2016). Nesse entendimento, quando um gênero sofre uma transmutação para o contexto escolar, o que acontece é “uma variação do gênero de referência, construída numa dinâmica de ensino-aprendizagem, para funcionar numa instituição cujo objetivo primeiro é precisamente este” (SCHENEUWLY; DOLZ, 2004, p. 81). Nesse sentido, concordamos com Lima (2016, p. 101) quando diz que “apenas o contato dos alunos na sala de aula com uma gama de textos que circulam socialmente não garante a sua apropriação, necessitando, portanto, de um trabalho mais sistemático (...) em função dos usos e do funcionamento dos gêneros na sociedade”.

3.3 Últimas considerações para este capítulo

Bakhtin (2008) faz uma apresentação do percurso histórico do conceito de gênero e percebe que o início das reflexões sobre os gêneros está ligado às práticas de linguagem do

século III a. C. O autor afirma que existe certa flexibilidade nos gêneros, o que, para ele, traz impossibilidade de encontrar limites estruturais totalmente fixos. Os gêneros não surgem do acaso, como também afirmou Marcuschi (2004), eles provêm sempre de outros, os quais, no decorrer do tempo, podem ser modificados, adquirir alguns traços e perder outros. Ainda assim, para o pensador russo, eles sempre conservam traços que garantem a sua identidade:

O gênero sempre conserva os elementos imorredouros do archaica. É verdade que nele esse archaica só se conserva graças à sua permanente renovação, vale dizer, graças à atualização. O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. Nisto consiste a vida do gênero. Por isso, não é morta nem archaica que se conserva no gênero; ela é eternamente viva, ou seja, é uma archaica com capacidade de renovar-se. O gênero vive do presente, mas sempre recorda seu passado, o seu começo. É o representante da memória criativa no processo de desenvolvimento literário. É precisamente por isto que tem capacidade de assegurar a unidade e a continuidade desse desenvolvimento. (BAKHTIN, 2008, p. 122).

Queremos finalizar este capítulo com as palavras de Bakhtin no intuito de apontar, a partir da flexibilidade, mas também da garantia de identidade dos gêneros, essas características nas diversas teorias que se propõem a estudá-lo. Aqui, começamos esse trabalho e vamos seguindo com ele no próximo capítulo. Como já apontamos acima, pensamos ser interessante trazer as considerações sobre o dialogismo de Bakhtin/Volochinov, pois, muitos dos autores de pesquisas que trazem as considerações do autor, o enxergam especificamente por esse viés, enquanto outros o enxergam pelo viés do Interacionismo Sociodiscursivo.

Neste capítulo, queremos deixar claro, não foi nosso intuito levantar discussões sobre os vários problemas que envolvem a teoria de Bakhtin/Volochinov, suas filiações ou os seus desdobramentos, mas sim apresentar aquilo que é desenvolvido em muitos dos trabalhos do nosso *corpus*. Muito daquilo que vamos trazer em nossas análises deve levar em consideração as reflexões apontadas

Devemos perceber que o interesse atual pelo estudo dos gêneros também pode ser explicado pela grande quantidade de questões de forma e função a serem pesquisadas envolvendo os mais diversos gêneros circulantes na sociedade, existindo muito para se pesquisar em várias áreas, de modo também específico. Continuemos, portanto, com a discussão dos principais autores e suas teorias sobre essas questões.

4 TEORIAS DE GÊNERO – SEGUNDA PARTE E A ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNEROS

Como vimos no terceiro capítulo desta tese, gênero textual passou a ser um tema central na definição do que se entende por linguagem. De acordo com Meurer (2000), gênero textual é um fenômeno que se estabelece entre a língua, o discurso e as diferentes estruturas e práticas sociais. Desse modo, quando se discute o conceito de gênero, os campos da linguística se complexificam, ampliando-se, inclusive, as explicações do que se entende por linguagem. Assim, pudemos identificar diferentes abordagens que procuram a melhor maneira de entender a linguagem, principalmente em termos de contextos específicos e práticas sociais específicas.

Nessas discussões sobre o conceito de gênero, percebemos que esse fenômeno tem tanto aspectos unificadores como dispersores para as diversas teorias no campo da linguística (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005). E, por isso, é tão importante, apesar de ser uma tarefa difícil, construir uma reflexão teórica das diversas correntes sobre os estudos de gênero. Começamos a fazer isso no capítulo três, quando trouxemos algumas reflexões para as definições de gênero e apresentamos considerações sobre Bakhtin/Volochinov e também sobre o Interacionismo Sociodiscursivo. Neste capítulo, continuaremos com esse trabalho, na intenção de sermos o mais abrangente possível, tentando conduzir o leitor a perceber o quanto é interessante pensar nos diálogos entre tais teorias.

Dessa maneira, nas próximas linhas, apresentaremos as seguintes abordagens: a do Inglês para Fins Específicos (ESP), discutindo sobre J. Swales e V. K. Bhatia, seus principais autores; a dos Estudos Retóricos de Gêneros (ERG), tratando principalmente de C. Bazerman e C. Miller; a abordagem ligada à Linguística Sistêmico-Funcional, tratando do conceito de estrutura potencial de gênero de R. Hasan, juntamente à perspectiva de J. Martin e de M. Halliday; e a Análise Crítica de Gêneros, abordagem difundida aqui no Brasil a partir dos estudos de J. L. Meurer, A. Bonini e D. Motta-Roth e, internacionalmente, também nos estudos de V. K. Bhatia, que estamos tratando nesta tese como uma “macroteoria” pelos aspectos que discutiremos mais a frente na subseção específica e nas análises das acepções de síntese.

É importante deixar claro que a escolha de discutir essas abordagens e os seus aspectos mais relevantes se deu porque se trata das principais teorias que encontramos nos diálogos das teses e dissertações do nosso *corpus*, no que se refere especificamente a teorias de gênero, claro. Como veremos, esses diálogos também são construídos com teorias que não são teorias

de gênero por “natureza”, por assim dizer. Portanto, não aprofundaremos discussões nesse sentido, tendo em vista que esse não é um dos nossos objetivos.

4.1 A corrente conhecida como inglês para fins específicos

A Escola Britânica de gêneros, como também passou a ser conhecida essa corrente de estudos, é uma escola que parte dos estudos da área de Inglês para Fins Específicos - ESP⁶ (BAWARSHI; REIFF, 2013), estabelecendo uma ligação entre as tradições linguística e retórica, sendo desenvolvida numa perspectiva sociorretórica, voltada para os gêneros textuais em contextos acadêmicos e profissionais, em particular para o estudo/ensino de variedades especializadas do inglês. Nessa vertente, os gêneros são concebidos como eventos comunicativos cujos membros partilham conjuntos de propósitos comunicativos e apresentam-se recorrentemente em ações dinâmicas da vida no dia a dia. Nessa escola, estão presentes, principalmente, os pensamentos dos estudiosos John Swales e Vijay Bhatia.

Em ESP percebemos uma concepção da relação entre traços linguísticos e contexto (definido de modo mais específico) e função social. Têm-se um imperativo pedagógico de tornar visível essa relação entre o linguístico e o social para estudantes desfavorecidos e a convicção de que o ensino explícito de gêneros relevantes propicia acesso aos gêneros a esses estudantes. Desse modo, temos uma pedagogia mais pragmática, direcionada para a aculturação dos falantes (estudantes) não nativos do inglês.

Para os estudiosos em ESP, gêneros são ações linguísticas e retóricas tipificadas pelos membros de uma comunidade discursiva para atender e realizar objetivos comunicativos compartilhados. Ou seja, envolvem o uso da linguagem para comunicar algo a alguém, em algum momento, em algum contexto e para algum propósito. Como uma classe de eventos comunicativos, o gênero não é aleatório e nem é dotado de propósito único, mas é uma classe relativamente estável. A identificação de um gênero é feita através de um espectro de semelhanças de família, em outras palavras, não se dá por meio de propriedades fixas.

No que se refere às abordagens de análise de gêneros em ESP, elas partem do contexto para o texto (não só isso, apesar do que dizem Bawarshi e Reiff, 2013) e envolvem aspectos como a identificação do gênero dentro da comunidade discursiva e a definição do propósito comunicativo que o gênero deve realizar; estudo da organização do gênero caracterizada,

⁶ A sigla aqui corresponde à expressão em inglês: English for Specific Purposes.

principalmente, pelos movimentos retóricos que compõem tal organização; e, depois, parte-se ao exame dos aspectos textuais e linguísticos que realizam os movimentos retóricos.

Ao longo dos últimos anos, os estudos de gêneros em ESP concentraram-se em temas relacionados com o propósito comunicativo, o contexto e a natureza dinâmica e intertextual dos gêneros. Nas próximas subseções deste capítulo, faremos a exposição dos grandes nomes da Escola Britânica, apontando as suas principais contribuições para as pesquisas nessa vertente de estudos.

4.1.1 Contribuições de John Swales

Na teoria de gêneros de John Swales, merecem destaque os conceitos de gênero, propósito comunicativo e comunidade discursiva. Além disso, é importante citar também o seu famoso modelo de análise, o modelo CARS. Para Swales (1990, p. 58), o gênero é “uma classe de eventos comunicativos, cujos membros partilham certo conjunto de propósitos comunicativos”. Como evento comunicativo, o papel da linguagem é significativo e extremamente importante; sofre variações do que se tem como extremamente comum até o que se concebe como relativamente raro; inclui discurso, participantes, funções e situação de produção/recepção.

As contribuições de Swales para a análise de gêneros são diversificadas. Ele discute que gêneros novos podem surgir através da transformação de um antigo ou de vários, e os meios dessa transformação podem estar ligados ao deslocamento, combinação ou inversão do gênero. Nessa perspectiva, são analisados e identificados estágios (movimentos e passos) na estrutura do gênero, preocupando-se com aspectos socioinstitucionais, mais com a escrita do que com a oralidade, marcada pelos conceitos de comunidade discursiva, propósitos comunicativos e atores sociais.

O propósito comunicativo é visto como ligado à convenção social de como o gênero funciona, para que ele serve na sociedade, e não de como é ligado às intenções psicológicas do falante/escritor, por exemplo. Sendo assim, ele não pode ser tomado sobre o viés da produção ou recepção do gênero. Propósitos também não são objetivos da comunidade; para cumprir tais objetivos, os membros de uma comunidade podem utilizar-se de uma série de gêneros, com diferentes propósitos. Nesse sentido, o propósito comunicativo reside no gênero, e não nos interlocutores, pois só podemos realizar determinados propósitos por meio de determinados gêneros.

A caracterização de um gênero textual engloba a conjugação de múltiplos fatores tais como os meios de transmissão e a intenção do produtor ao produzir o gênero. Swales (1990) afirmou, inicialmente, que são os propósitos comunicativos que delimitam e ajudam a diferenciar os diversos gêneros existentes.

Esses propósitos são conhecidos pelos *experts* membros da comunidade discursiva e com isso constituem a base lógica para o gênero [...]. O propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado como um critério que opera para atingir o escopo de um gênero” (SWALES, 1990, p. 51).

Askehave e Swales (2009), por sua vez, afirmam que o propósito comunicativo não é tão visível quanto à forma. Isso se deve ao fato de que o que imediatamente é apresentado ao analista é a forma e o conteúdo e não o propósito. Os autores, portanto, entendem que o analista deve considerar o conceito de propósito comunicativo não como ponto de partida, mas como ponto de chegada para a validação da análise. Segundo eles, o propósito comunicativo “não é mais privilegiado pela centralidade, proeminência ou clareza evidente, mas por sua posição como recompensa ou retribuição aos pesquisadores no momento em que completam o círculo hermenêutico” (ASKEHAVE; SWALES, 2009, p. 243).

Outro conceito-chave em ESP e na teoria de Swales é o conceito de comunidade discursiva. O autor a define como

(...) redes sociorretóricas que se formam a fim de atuar em favor de um conjunto de objetivos comuns. Uma das características que os membros estabelecidos dessas77 comunidades possuem é a familiaridade com gêneros particulares que são usados nas causas comunicativas desse conjunto de objetivos. Em consequência, gêneros são propriedades de comunidades discursivas; o que quer dizer que gêneros pertencem a comunidades discursivas, não a indivíduos, a outros tipos de grupos ou vastas comunidades de fala (SWALES, 1990, p. 9).

A comunidade discursiva possui um conjunto de objetivos públicos comuns; mecanismos de intercomunicação; mecanismos usados especialmente para a troca de informações; um tipo de posse e uso de um ou mais gêneros para alcançar seus objetivos; aquisição de um léxico específico; certo equilíbrio entre novatos e veteranos, o que se dá pelo conhecimento necessário para a admissão. Ou seja, para o autor, existe esse conjunto de marcas que fazem com que reconheçamos as comunidades discursivas, tais como a existência de objetivos em comum que são amplamente aceitos, a existência de elementos de

intercomunicação, o domínio e o uso de gêneros para o encaminhamento de objetivos, além do desenvolvimento de um léxico particular e sua expansão.

Assim como a revisão feita sobre o propósito comunicativo e seu caráter privilegiado para a definição do gênero, o conceito de comunidade discursiva também foi revisto. Swales (2009) modifica cinco dos seus seis critérios para representar esse conceito e chega a afirmar que “a verdadeira comunidade discursiva pode ser mais rara e esotérica do que eu pensava” (SWALES, 2009, p. 206). Assim, uma comunidade discursiva:

1. possui um conjunto perceptível de objetivos. Esses objetivos podem ser formulados público e explicitamente e também pode ser, no todo ou em parte, aceitos pelos membros; podem ser consensuais; ou podem ser distintos, mas relacionados (velha e nova guardas; pesquisadores e clínicos);
2. possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros (não houve mudança neste ponto; sem mecanismos, não há comunidades);
3. usa mecanismos de participação para uma série de propósitos: para prover o incremento da informação e do feedback; para canalizar a inovação; para manter os sistemas de crenças e de valores da comunidade; e para aumentar o seu espaço profissional. (SWALES, 2009, p. 207).

O que podemos perceber com a revisitação do conceito de comunidade discursiva é que agora ela pode ser pensada como sendo um grupo de pessoas que se relacionam em um mesmo ambiente de trabalho (e também outros). Essas pessoas se comunicam por meio de um repertório de gêneros específicos, que valida às atividades da comunidade, através dos traços retóricos de cada gênero. “A novidade e a evolução passaram a fazer parte da concepção de comunidade discursiva, consideradas na medida em que os seus membros podem desenvolver novos gêneros.” (BIASI-RODRIGUES; ARAÚJO; SOUZA, 2009, p. 32). Em um artigo mais recente “Reflections on the concept of discourse community”, Swales (2016) mais uma vez reflete sobre o conceito de comunidade discursiva, pensando agora mais especificamente sobre a validade das atividades comunicativas que os gêneros utilizados trazem para cada comunidade específica.

Finalmente, outra grande contribuição de Swales que está ligada a processos metodológicos é o seu modelo CARS (*Create a Research Space*), modelo de análise de organização retórica do gênero, que descreve os movimentos ou unidades retóricas do gênero e suas respectivas subunidades retóricas. Segundo Bezerra (2006), o modelo é aplicado largamente em estudos acadêmicos ao redor do mundo, inclusive aqui no Brasil, com

adaptações diversas. Alguns exemplos de aplicações feitas com o modelo são apresentados em um artigo de Hemais e Biasi-Rodrigues (2009): trabalhos de Motta-Roth (1995) e Araújo (1996) em resenhas de livros; trabalho de Bernardino (2000), sobre depoimento de alcoólicos anônimos; trabalho de Hendges (2001) com seções de revisão de literatura; pesquisa de Bezerra (2001) com resenhas acadêmicas; ou em Dudley-Evans (2001) com ensaios acadêmicos, entre outros trabalhos.

Em outras pesquisas, algumas mais recentes, John Swales vem tentando ver os gêneros não como objetos singulares e separáveis, mas como parte de uma complexa “rede de gêneros”. Baseado no dialogismo de Bakhtin, o autor chega a afirmar que um gênero vem de outros gêneros, como já falado acima. Assim, uma rede de gêneros vem a ser a totalidade de gêneros que circulam num determinado setor, em dado momento, embora, na realidade, haja pouca estabilidade e maior fluidez, e mudanças relativas aos gêneros que ocorrem a toda hora.

Em linhas gerais, Swales tem contribuído bastante para os estudos de gênero, principalmente ao considerar em suas pesquisas os papéis que os textos desempenham em contextos específicos. Como pudemos ver, o centro de sua análise textual é a organização retórica, analisada a partir de movimentos e passos e que revela aspectos do evento comunicativo ao qual o texto está ligado. Swales tem influenciado vários pesquisadores de gêneros textuais em Universidades internacionais e aqui no Brasil. Exemplos de pesquisas que têm sido inspiradas no trabalho do autor podem ser encontradas no livro *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*, organizado por Biasi-Rodrigues, Araújo e Souza (2009), além, claro, das pesquisas que analisaremos nesta tese. Outro autor que aqui merece destaque é Vijay Bhatia, sobre o qual falaremos nas próximas linhas.

4.1.2 Considerações em Vijay Bhatia

Segundo a concepção proposta por Bhatia, o estudo de gêneros deve levar em consideração elementos como: propósitos comunicativos reconhecidos pela comunidade; os próprios gêneros, produtos das relações comunicativas; as práticas sociais e discursivas típicas daquele contexto específico e os participantes, membros da comunidade discursiva (BHATIA, 2004). Em seu texto *A análise de gêneros hoje*, Bhatia (2009) considera que gêneros são

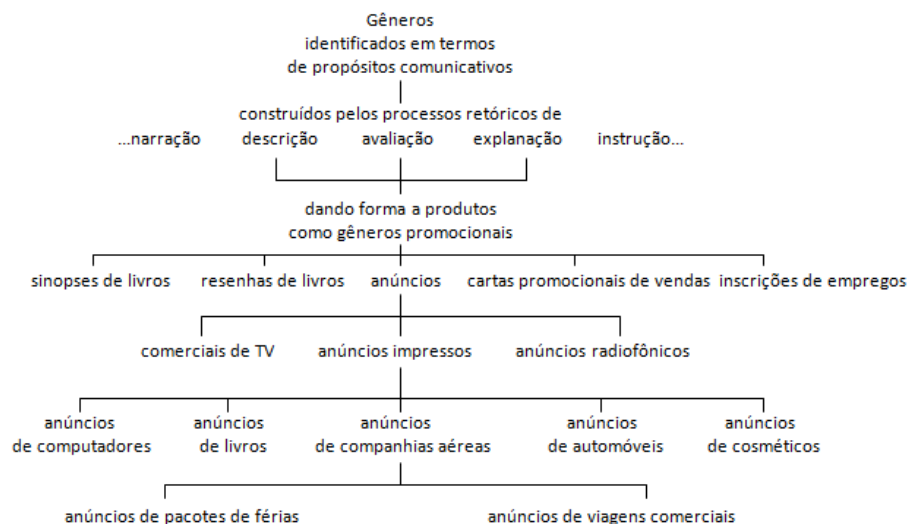
eventos comunicativos, caracterizados por um conjunto de propósitos comunicativos, identificados e compreendidos pela comunidade acadêmica ou profissional em que ocorrem; Gêneros são construtos altamente estruturados e

convencionados, com pouco espaço para a contribuição individual em sua construção; Os membros experimentados das comunidades profissionais e acadêmicas possuem um conhecimento e uma compreensão muito maior do que os novos membros, os aprendizes ou os de fora sobre o uso e a exploração dos recursos dos gêneros; Embora os gêneros sejam construtos convencionados os membros especializados das comunidades profissionais e disciplinares muitas vezes exploram os recursos genéricos para expressar “intenções particulares” e organizacionais ao lado dos “propósitos comunicativos socialmente reconhecidos”; Como reflexo de culturas organizacionais e disciplinares, o foco dos gêneros se concentra na atividade social imbricada no interior das práticas disciplinares e profissionais; Todos os gêneros disciplinares e profissionais possuem uma integridade própria, que geralmente se identifica com relação a uma combinação de fatores textuais, discursivos e contextuais. (BHATIA, 2009, p. 160).

O autor buscou identificar algumas das questões mais importantes que são discutidas recentemente e levantar uma discussão sobre as implicações dessas questões para o desenvolvimento da teoria e para a aplicação no ensino e aprendizagem de línguas. Bhatia discute sobre a atratividade adquirida pelos gêneros e como eles possibilitam o agrupamento de várias áreas do conhecimento sob o mesmo abrigo terminológico.

Sobre os traços essenciais que caracterizam a análise de gêneros e as diferentes abordagens, o estudioso afirma que o primeiro é o conhecimento convencionado. Segundo ele, “as convenções dos gêneros são de grande utilidade para manter a atmosfera comunicativa e a ordem social desejáveis nas comunidades profissionais civilizadas” (BHATIA, 2009, p.163). O segundo traço é a versatilidade dos gêneros. Aponta-se que ela opera e pode ser vista em vários níveis de descrição do gênero (conforme figura 1). E o terceiro traço é a tendência à inovação; apesar de os gêneros terem uma integridade genérica, eles são dinâmicos e tem uma tendência natural à inovação e a mudança.

Figura 1 - Níveis de descrição genérica



Fonte: (BHATIA, 2009, p. 164)

Bhatia chama a atenção para a mistura e a imbricação de gêneros. Ele aponta que, no clima acadêmico e competitivo de hoje, dificilmente os gêneros mantêm valores estáticos. Isso se deve a natureza fortemente compulsiva das atividades promocionais e publicitárias. Nesse sentido, o autor afirma que “a noção de criatividade é a própria essência da definição dos gêneros” (BHATIA, 2009, p. 171). Sobre essa noção de criatividade, claramente implicada na definição de gêneros de Swales (1990)⁷ de “classe de eventos comunicativos com um conjunto de propósitos comunicativos”, Bhatia desenvolve:

os gêneros muito dificilmente servem a propósitos únicos, eles apresentam um conjunto de propósitos, mas esse conjunto muito frequentemente se torna um misto de propósitos complementares. Não será errado alegar que esses mesmos propósitos apresentam “valores genéricos”, caso se possa identificá-los separadamente. Em um gênero promocional, por exemplo, os valores genéricos “descrição” e “avaliação” são usados como uma parte das muitas estratégias persuasivas para se alcançar o efeito promocional desejado (BHATIA, 2009, p. 171).

Assim, pode-se discutir como é possível usar de criatividade no ensino/aprendizagem de línguas embasado em gêneros textuais. Bhatia (2009) afirma o quanto é importante o trabalho com gêneros na escola, e que todos os gêneros envolvem regularidades e essas regularidades devem ser aprendidas por todo aquele que deseja participar de uma comunidade disciplinar especializada. Existem, dessa maneira, pelo menos três aspectos muito importantes sobre o ensino/aprendizagem de línguas. Primeiramente, os estudantes da língua devem se conscientizar sobre os diálogos na comunidade disciplinar à qual desejam entrar. Em segundo lugar, conquistar o conhecimento de gênero, que leva a uma compreensão da integridade genérica. E, finalmente, o conhecimento de gêneros deve ser visto “como um recurso para a exploração das convenções genéricas” (BHATIA, 2009, p.191).

No que se refere à metodologia de análise de gêneros, o autor desenvolveu sete passos para essa análise. Pensamos ser interessante trazer essa metodologia, tendo em vista que em alguns dos trabalhos analisados, ela é utilizada nas pesquisas, a exemplo de Bezerra (2006). Conforme Bhatia (1993), os sete passos são os seguintes:

1. Localizar o gênero textual em questão em seu contexto situacional;
2. Traçar um panorama de pesquisa existente sobre aquele gênero;
3. Refinar a compreensão do pesquisador sobre comunidade discursiva do gênero;

⁷ As traduções das citações em inglês que não forem indicadas como feitas por nós, foram realizadas por Benedito Gomes Bezerra.

4. Coletar um corpus do gênero;
5. Realizar uma etnografia do contexto institucional em que o gênero se apresenta;
6. Decidir sobre o nível de análise a explorar; e,
7. Checar descobertas com um informante especialista no ambiente da pesquisa.

Outras contribuições de Bhatia muito importantes para a análise de gêneros são as noções de colônia de gêneros e hibridização. Sobre a noção de colônia de gêneros, Bhatia discute que ela surge da versatilidade que permite a manifestação dos gêneros. Numa mesma colônia, gêneros, apesar de estarem interrelacionados, “não necessariamente respeitam fronteiras e domínios disciplinares” (BHATIA, 2004, p. 57). Essa versatilidade também permite a respectiva análise em diversos níveis de generalização. Há, nesse sentido, um processo de “colonização”, e, através desse processo, ocorre “a invasão da integridade de um gênero por outro ou convenção genérica, levando frequentemente à criação de formas híbridas” (BHATIA, 2004, p. 58). Em outras palavras, a colônia de gêneros pode ser tida como um agrupamento de gêneros que participam da mesma esfera discursiva, em que são compartilhados, com outros gêneros, de outras esferas discursivas, o propósito comunicativo geral, existindo semelhanças nos propósitos comunicativos específicos.

Ainda sobre a noção de propósito comunicativo, outro esclarecimento fundamental dessa feita, sugerido por Bhatia (2009), é que tal conceito ora pode ser identificado em um nível realmente alto de generalização (um único propósito comunicativo), ora pode ser limitado a um nível bem específico (vários propósitos comunicativos). Dependendo do nível de generalização e do detalhamento em que o propósito comunicativo é especificado, pode-se chegar à identificação de um gênero e diferentes subgêneros, ou de vários gêneros em particular. Assim, o analista de gêneros pode focar tanto as semelhanças como as diferenças entre os vários membros de uma colônia de gêneros, variando de níveis mais baixos a níveis mais altos de generalidade.

As contribuições de Bhatia para a análise de gêneros são de grande valia, principalmente quando nos objetivos de pesquisa tem-se a intenção de fazer um panorama dos estudos de gêneros. Como pudemos ver nas discussões sobre esse autor, ele também esteve preocupado em esclarecer como as pesquisas sobre gêneros vêm se desenvolvendo ao longo dos anos e quais as inter-relações entre os vários estudiosos, o que bastante nos ajuda no desenvolvimento deste trabalho. Visto isso, a partir da subseção seguinte, trataremos dos estudos desenvolvidos no que ficou conhecido como Estudos Retóricos de Gêneros.

4.2 Os estudos retóricos de gênero

Para melhor entendermos de que forma se dá a compreensão sobre os Estudos Retóricos de Gêneros (ERG), representados pelos autores da também chamada Escola Norte-Americana, recorreremos, inicialmente, às considerações de Bawarshi e Reiff (2013) a respeito desta corrente teórica e de seus principais autores e, em seguida, discutiremos os construtos teóricos de Carolyn Miller e Charles Bazerman. Em seu texto *Estudos Retóricos de Gêneros*, capítulo 6 do livro *Gênero: introdução à história, teoria, pesquisa e pedagogia*, os autores examinam, em linhas gerais, de que forma a compreensão de “gênero como ação social” se desenvolveu nos ERG. Apresentam alguns conceitos-chaves para essa corrente teórica, como, por exemplo, apreensão, sistemas de gêneros, conjuntos de gêneros, cronotopos de gêneros, metagêneros e sistemas de atividades; e fazem reflexões sobre as implicações e os desafios para a pesquisa em gêneros textuais a partir de tais concepções.

Os autores se baseiam nas considerações de Berkenkotter e Huckin (1995) que concebem os gêneros como formas de cognição situada, presentes em atividades disciplinares. Tomando por base tal concepção, surgem alguns aspectos importantes que se encaixam nas concepções dos ERG:

1. Os gêneros se desenvolvem a partir de situações recorrentes e servem para estabilizar a experiência e conferir-lhe coerência e sentido;
2. São partes integrantes da recorrência a mudança e a variação;
3. Os gêneros equilibram tanto o conhecimento de mundo formado de maneira singular como as percepções socialmente induzidas pelo coletivo;
4. Os usuários tanto constituem como reproduzem a comunidade.

Nessa linha de pesquisa, os estudiosos tomam por base conceitos sociológicos, sendo os gêneros classificados pelas suas semelhanças nas estratégias, audiências, modos de pensar e situações retóricas. Nesse aspecto, procuram perceber como os gêneros estão ligados às situações de uso, examinando como podem contribuir para que os atores sociais realizem interação (experimentando, construindo e participando) nas diversas práticas sociais, situadas em determinados contextos. Ainda conforme Bawarshi e Reiff (2013), podemos perceber que os ERG concentram também suas pesquisas no modo como os gêneros reproduzem as tensões das relações nas práticas sociais, mantendo dinamicamente essas relações, por meio de seus usos.

Para os ERG, práticas e estruturas sociais são fenômenos recursivos: através de práticas reproduzimos as estruturas sociais, que, por sua vez, tornam nossas ações necessárias, possíveis, reconhecíveis e significativas, de maneira que as nossas práticas reproduzem as mesmas estruturas, e assim por diante. Assim, surge uma compreensão complexa de gêneros com a qual os ERG desenvolvem outras categorias para se pensar o fenômeno.

Uma noção importante é a de apreensão. Ela diz respeito ao modo complexo como os gêneros se relacionam e se ligam uns aos outros em sistemas de atividades. Consiste na habilidade de negociação com os gêneros e a aplicação e a transformação das estratégias de tais gêneros em práticas sociais. Ou seja, conhecer um gênero é saber apreendê-lo em um sistema de relações e, apreendendo-o, se dá o conhecimento sobre o momento e o motivo pelo qual ele deve ser utilizado; de como fazer uma seleção adequada em relação a outros gêneros; e de como alguns deles trazem, de certo modo, em si, outros gêneros.

Decorrente dessa compreensão de que os gêneros se localizam em atividades sociais estruturadas e as coordenam, outra categoria importante para os ERG é o par conjunto e sistema de gêneros. Corroborando com Bawarshi e Reiff (2013), acreditamos que as noções de conjunto e sistema apontam para as ações que os gêneros, numa atuação dinâmica uns com os outros, permitem que os indivíduos realizem ao longo do tempo em diferentes contextos de atividades.

Bazerman (2005), baseado em estudo originalmente desenvolvido por Devitt (1991), define conjunto de gêneros como “a coleção de tipos de textos que uma pessoa num determinado papel tende a produzir” (BAZERMAN, 2005, p. 32). Ele afirma que ao identificar os gêneros que um estudante, por exemplo, produz nas diversas atividades e interações que realiza durante seu processo de aprendizagem, se estará identificando, em boa medida, o funcionamento desses gêneros. Assim, um sistema de gêneros pode ser compreendido como os vários conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que exercem atividades similares de forma organizada, sendo parte de um sistema de atividades. Esse, por sua vez, pode ser considerado como o enquadramento dos sistemas de gêneros focalizando o que as pessoas fazem e como os textos ajudam as pessoas a fazê-lo. Desse modo, todo sistema de atividades é constituído por sujeitos, recursos mediacionais e motivos, que interagem para produzir resultados.

A diferença entre conjuntos de gêneros e sistemas de gêneros reside numa relação de pertinência, de modo que os primeiros são constelações mais delimitadas, que permitem que determinados grupos de indivíduos realizem determinadas ações nos últimos. Vários conjuntos de gêneros interagem em um sistema de gêneros, o qual, por sua vez, interage com

outros sistemas a partir de determinados gêneros de um conjunto, configurando um grande sistema de atividades.

Bawarshi e Reiff (2013), valendo-se do conceito desenvolvido por Giltrow (2002), definem outra noção interessante na linha de estudos que ora está em discussão: a noção de metagênero. Para os autores, metagênero é definido como a atmosfera ao redor dos gêneros que ensina e estabiliza apreensões. Um gênero que versa a respeito de outro, como um programa de disciplina numa universidade, seria um exemplo de metagênero, pois tem a função de fornecer conhecimento de fundo compartilhado e orientação a respeito de como produzir e negociar gêneros dentro de sistemas e conjuntos de gêneros. Nessa corrente teórica, esses e outros conceitos são desenvolvidos mais especificamente por determinados autores. Nesta tese, escolhemos apresentar as considerações desenvolvidas por Miller e Bazerman por eles serem os autores mais conhecidos no Brasil. Assim, apresentaremos, a seguir, aspectos importantes dos estudos feitos por Carolyn Miller.

4.2.1 Os estudos desenvolvidos por Miller

A partir dos preceitos apresentados acima, caracterizados pela Escola Nova Retórica, Miller (2012) aponta para a característica retórica dos gêneros, apresentando-os como entidades instáveis, socialmente construídas e os define como “ações retóricas tipificadas, baseadas em situações recorrentes” (MILLER, 2012, p. 44). A autora fez uma série de colaborações com seus estudos, ao conceber os gêneros como “tipificações socialmente derivadas, intersubjetivas e retóricas que nos ajudam a reconhecer e agir em situações recorrentes” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p.12). Nas palavras da autora,

(...) um gênero incorpora um aspecto de racionalidade cultural. Para o crítico, pode servir tanto como um índice aos padrões culturais como ferramentas para a exploração das realizações de falantes e escritores particulares; para o aluno, gêneros servem como chaves para a compreensão de como participar nas ações de uma comunidade (MILLER, 2012, p. 44).

Miller usa o termo “situação retórica” por perceber que os propósitos dos usuários são componentes essenciais da situação. Nesse sentido, no momento em que interpretamos situações novas como sendo similares ou análogas a outras, criamos determinado tipo ao produzir uma resposta retórica a tal situação, que passa a fazer parte de nosso conhecimento, para que venha a ser utilizado em novas situações. Dessa maneira, aprender um conjunto de

padrões formais para atingir determinados objetivos não é aprender um gênero, ao contrário, aprender que objetivos podemos ter numa dada sociedade é aprender um gênero, e, por isso, os gêneros são maneiras de inserção sociocultural.

Em determinada afirmação a autora se posiciona: “Os gêneros, sugiro, são formas particularmente úteis de pensar sobre a mudança cultural ao longo do tempo (...)”. (MILLER, 2015, p. 177). Assim, ela considera que os gêneros são veículos de reprodução cultural, pois eles exigem que olhemos tanto para a produção como para a recepção, bem como que olhemos tanto para os propósitos particulares quanto para as funções sistêmicas. (MILLER, 2015).

Quando entendemos os gêneros como ação retórica tipificada baseada numa situação recorrente, estendemos a concepção de gênero “centrada não na sua substância ou na forma de discurso, mas na ação que é usada para a realização” (MILLER, 2012, p. 22). A autora, para chegar à concepção de gênero acima abordada, baseia sua argumentação nas teorias de autores da retórica como Fisher (1980), por exemplo. Ele concebe quatro níveis de constituição do gênero, que são: a distinção de formas retóricas e outros tipos de discurso; a classificação de discursos dentro da retórica; as formas retóricas que são identificadas como gêneros; e as categorias de estilo.

Percebemos que o conceito de gênero de Miller é organizado levando-se em consideração a ação retórica tipificada que funciona como resposta para situações recorrentes que são definidas socialmente. Isso se explica, pois, de acordo com a autora, as categorias agem em níveis diferentes e nenhuma das perspectivas apresentadas por Fisher, através de quem ela desenvolveu sua teoria apontando as limitações, leva em consideração a ação retórica situada, que parece ser o ponto focal para a definição de gênero. Para Miller (2012), essas situações devem ser entendidas como eventos reais, objetivos, históricos e sociais dos seres humanos.

Assim, as situações

são constructos sociais que são o resultado, não de “percepção”, mas de “definição”. Uma vez que a ação humana é baseada em (e guiada por) significado e não em causas materialistas, no centro da ação encontra-se um processo de interpretação. Antes de podermos agir, precisamos interpretar o ambiente material indeterminado: definimos ou determinamos uma situação. (...) Em outras palavras, nosso estoque de conhecimentos é útil apenas na medida em que pode ser relacionado a novas experiências: o novo é tornado familiar através do reconhecimento de similaridades relevantes; aquelas similaridades se constituem como um tipo. (MILLER, 2012, p. 31).

Conforme a autora, a forma é a dimensão em que mais facilmente detectamos a tipificação. Tipificação como processo social de produção de sentido e forma como realização, não uma

realização mental, mas a materialização de algum tipo de processo de feitura de um artefato e também um objeto de percepção em que se podem ver padrões. Ou seja, no que diz respeito à tipificação, ela se refere ao fato de os usuários, quando se deparam com um determinado gênero, parecerem dirigir-se a formas relativamente padronizadas, que podem definir determinadas ações em dadas circunstâncias. Dessa maneira, a tipificação, embora esteja relacionada à noção de forma, não se refere somente a ela, mas também a algumas semelhanças de conteúdo e de ações sociais.

É interessante pensar, nesse aspecto, que os gêneros não são apenas meras formas ou estruturas. É importante compreender também que embora a estrutura genérica seja aspecto importante, já que “os gêneros podem ser encontrados onde temos nomes para os tipos do discurso” (MILLER, 2015, p. 169), é apenas um dos aspectos, pois a melhor compreensão do gênero requer uma relação entre a forma e a função que ele exerce na interação, ou seja, além da estrutura, sua força retórica precisa ser reconhecida pelos usuários.

Sendo o gênero uma ação social, não podemos analisá-lo apenas sob o ponto de vista da forma (de suas características linguísticas e/ou imagéticas), antes é preciso considerar o contexto no qual ele se insere e qual seu propósito comunicativo nesse contexto, ou seja, como, onde e para que está sendo utilizado. A combinação dos elementos mencionados é que possibilita a identificação e nomeação do gênero textual que se queira analisar. Concordamos, portanto, com o que afirma Hanks (2008, p. 123) ao falar sobre abordagens de texto, em que ele postula a seguinte afirmação: “Devido à interação entre estrutura gramatical e função textual, a forma de um texto pode fornecer vários indícios para a identidade de seu gênero e para uma interpretação apropriada, porém a interpretação emerge somente da união entre forma e contexto”.

A tendência é que exista uma dada forma para os textos de um mesmo gênero, mesmo que eles apresentem algumas variações e configurem particularidades dependendo da oscilação de influência do estilo pessoal, e, principalmente, determinadas por questões de autoridade, poder e área disciplinar. E é essa estrutura, mais ou menos flexível, que os interactantes partilham como “modelo”; essa forma está aliada ao objetivo que se pretende realizar através do gênero.

As contribuições de Miller na teoria de gêneros textuais estão centradas na importância da retórica que requer ações próprias de uma comunidade e que provém um conjunto de recursos que configuram os gêneros. Essas ações da comunidade devem incluir concordância e discordância, compreensões compartilhadas e inclusão do “outro” e representam muito da força das ações sociais. A apresentação de Miller neste trabalho é

primordial, na medida em que é a partir dos seus escritos que muitos diálogos são construídos, por exemplo, na Universidade Federal de Pernambuco ou na Universidade Federal do Ceará. Pensamos também ser importante discutir um pouco o que nos foi apresentado de contribuição por Charles Bazerman. Faremos isso no próximo tópico.

4.2.2 As contribuições de Bazerman

Bazerman (2005) concebe os gêneros como ocupantes de um lugar definido no tempo e no espaço, sendo coleções de enunciados delimitados, com começo e fim e percebidos como portadores de algum sentido. Para ele,

Gêneros são formas de vida, modos de ser. Eles são *frames* para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Os gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar. (BAZERMAN, 2006, p.23).

Nesse sentido, os gêneros podem ser entendidos como formas de vida essenciais para qualquer tipo de situação comunicativa sejam elas familiares ou não são familiares, apesar de algumas situações poderem sair do nosso controle mesmo que tenhamos conhecimento sobre qual gênero funciona. De todo modo, quando entendemos que determinado gênero funciona bem numa situação comunicativa, podendo ser compreendido de certa maneira, a tendência é que o utilizemos numa situação semelhante. Assim, o gênero é visto como aspecto privilegiado na construção da realidade social. De modo que os gêneros se orientam para aspectos sociais, reforçando valores de grupos e, conseqüentemente, tendo efeito sobre a vida das pessoas. Nesse sentido, e conforme Bezerra (2010, p. 34), “os gêneros, portanto, devem ser concebidos e analisados a partir de sua inserção na vida social, como parte importante da própria organização das ações humanas”.

Nesse sentido, como um dos principais dispositivos para a organização de conceitos e atividades em sistemas sociais distintos, “o próprio gênero torna-se uma das maneiras de organizar a experiência da linguagem e se torna parte dos recursos cognitivos do indivíduo” (BAZERMAN, 2015, p. 68).

Bazerman discute uma série de concepções como fatos sociais, atos de fala, gêneros, conjunto e sistemas de gêneros e sistema de atividades. A partir de tais concepções, ele quer sugerir como são construídas realidades de significação, relações e conhecimento, por meio

de textos, por parte das pessoas. Segundo o autor, é importante perceber, para uma melhor compreensão, que “cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas e depende de textos anteriores que influenciam a atividade e a organização social” (BAZERMAN, 2005, p. 22). Ele afirma que a compreensão de atos e fatos criados pelo texto podem nos ajudar, também, a compreender quando textos que parecem bem produzidos não funcionam se não fazem aquilo que precisam fazer.

De acordo com Bazerman (2005), os fatos sociais afetam tanto as palavras que as pessoas usam, seja falando ou escrevendo, quanto a força produzida por tais enunciados. Para o estudioso, muitos fatos sociais dependem dos atos de fala, desde que certas construções verbais sejam correta e apropriadamente produzidas. “Se realizadas de forma apropriada, essas palavras serão consideradas como atos completos que devem ser respeitados como feitos” (BAZERMAN, 2005, p. 25).

Outro conceito discutido por Bazerman é o de atos de fala, baseado em Austin (1990 [1962]). A partir da afirmação de que palavras não apenas significam, mas fazem coisas; e que toda declaração realiza algum fato, mesmo que apenas declare certo estado de coisas como verdadeiro, John Austin demonstra que os atos de fala operam em três níveis, quais sejam: locucionário, ilocucionário e perlocucionário. Esses níveis podem ser entendidos, de maneira simples, como o que foi literalmente dito, o ato pretendido e o seu efeito real, respectivamente.

Para o estudioso, todo ato de fala é simultaneamente locucionário, ilocucionário e perlocucionário, pois, ao se proferir a sentença, há o ato locucionário de se enunciar cada elemento linguístico componente da sentença, mas há igualmente um ato que se realiza na linguagem, o ilocucionário, e há, também, um ato que não se realiza na linguagem, mas por ela, o perlocucionário. Por exemplo, quando um filho se dirige para a sua mãe com a seguinte sentença: “Eu juro que terminarei todo o exercício hoje.”, existe o ato locucionário de enunciação de cada elemento linguístico, o ato ilocucionário de promessa que se realiza na linguagem, e o ato perlocucionário que seria o resultado se a mãe acreditaria ou não na sentença e como reagiria a ela.

Em algumas das conferências do livro *Quando dizer é fazer: palavras e ações*, Austin escreve sobre alguns critérios que devem ser obedecidos para que um enunciado seja bem sucedido. São as chamadas “condições de felicidade”, as principais condições são: a autoridade do falante para que o ato seja executado, as circunstâncias em que o ato é proferido e a apropriação dessas circunstâncias de maneira eficaz. O autor também afirma que um ato pode, sim, falhar. Isso acontece quando as condições não são atendidas. Por exemplo,

podemos citar o enunciado: “eu o declaro culpado”, pronunciado por um jovem de 15 anos e dirigido a um político no meio da rua. Esse enunciado não produz efeito real, pois não atende às condições necessárias para que se realize.

O texto de Austin fala das infelicidades, destacando-as em dois tipos: os desacertos e os maus usos. Os desacertos estão relacionados com os procedimentos, circunstâncias e execução, ou seja, “mal-entendidos” e “enganos” (AUSTIN, 1990, p. 47) que fazem com que o ato não seja realizado. Os abusos (maus usos) estão relacionados às vontades e aos desejos, às insinceridades e ao não cumprimento de uma determinada ação.

Bazerman traz a discussão sobre atos de fala de Austin, no intuito de melhor refletir sobre como os gêneros realizam ações no cotidiano e também no sentido de perceber que o que o outro entende sobre o que estou falando influencia na interação e na eficácia das situações comunicativas e no reconhecimento dos gêneros e de sua validade contextual pelos grupos de pessoas, pois “encontramos nos gêneros e em sua circulação os mecanismos dos pensamentos socialmente distribuídos” (BAZERMAN, 2015, p. 87).

Na sua abordagem de conceitos, Bazerman discute também aspectos relacionados com tipificação e gêneros. O estudioso afirma que as formas de comunicação que são reconhecíveis e autorreforçadas emergem como gêneros. Nesse sentido, quando criamos formas tipificadas, ou gêneros, também fazemos com que as situações em que nos encontramos sejam tipificadas. Ele define tipificação como o “processo de mover-se em direção a formas de enunciados padronizados, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias, e de uma compreensão padronizada de determinadas situações” (BAZERMAN, 2005, p. 29).

O autor estabelece que seja possível chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos “como fenômenos de reconhecimento psicossocial”, como parte de processos de atividades organizadas socialmente. Considera, assim, que os gêneros surgem a partir da tentativa de compreensão suficiente entre as pessoas, nos processos sociais.

Dentre as contribuições de Bazerman estão também aspectos relacionados com questões metodológicas para uma abordagem analítica. Em seu texto de 2005, deixa claro que não está oferecendo instrumentos analíticos específicos para a investigação de fatos sociais e atos de fala, e que mantém o foco no nível do gênero, em particular dos escritos. Nesse mesmo texto, é oferecida uma discussão sobre o que é um gênero e como nós reconhecemos um. Nessa discussão, o autor esclarece que a maioria dos gêneros tem características que facilitam o seu reconhecimento.

Bazerman sugere uma série de abordagens diferentes para a identificação e análise de gêneros; elas vão desde a utilização de uma variedade de conceitos analíticos linguísticos, retóricos, ou organizacionais até o fazer de uma pesquisa etnográfica no local de trabalho, sala de aula, ou outro local de produção, distribuição ou uso de textos. O autor ainda disponibiliza três diretrizes para definir e realizar uma investigação sobre gêneros. São elas: 1. Enquadre seus propósitos e questões para delimitar o seu foco; 2. Defina o seu corpus; e 3. Selecione e aplique suas ferramentas analíticas. Com uma interessante reflexão sobre aspectos metodológicos, Bazerman (2005) expõe também duas dificuldades prováveis para o não emergir de padrões estáveis após uma coleta e análise abrangente, que são as seguintes: a) a coleção não reflete as práticas reais dos usuários ou um fluxo coerente de documentos; e b) o foco analítico pode estar mal colocado. Assim, o pesquisador americano consegue conduzir o leitor a uma percepção bastante acurada de como se dão trabalhos em que se faz análise de gêneros.

Nesse sentido, para o autor, deve-se pensar que os indivíduos avançam em seus interesses e suas significações são moldadas dentro de complexos sistemas sociais. Ou seja, os indivíduos, nas diversas interações verbais, também atribuem valores e avaliam consequências dessas interações na medida em que utilizam diferentes gêneros. Pensando nesse e nos outros aspectos vistos, não poderíamos deixar Bazerman de fora dessa discussão, já que os seus postulados sobre gêneros influenciaram tantos pesquisadores da linguística e de outras áreas nos últimos anos. Finalizamos esse capítulo com as palavras de Miller (2015, p. 178), “o desafio para os estudos de gênero, particularmente nos estudos retóricos de gênero, é atender apropriadamente as direções tanto para o propósito quanto para a função”.

Com o objetivo de sermos o mais abrangentes possível nas discussões teóricas sobre gêneros, na subseção seguinte, discutiremos sobre os estudos que partem da Linguística Sistêmico-Funcional.

4.3 Os estudos em Linguística Sistêmico-Funcional

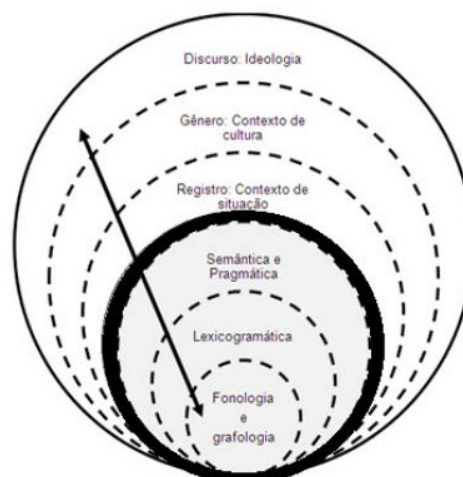
Na também chamada Escola de Sidney, os estudos de gênero caracterizam-se como uma aplicação pedagógica da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Nesse grupo, mais diretamente vinculado a Halliday, podemos destacar J. Martin, R. Hasan, S. Eggins, E. Ventola, Dudley Evans, entre outros estudiosos.

As teorias da LSF apontam para o fato de que a estrutura linguística está integralmente relacionada com a função social e com o contexto. Nesse sentido, a organização de uma língua, que deve cumprir um propósito social, se estabelece de certa maneira inserida em uma determinada cultura, contexto para a realização dos propósitos. Assim, temos, conforme Bawarshi e Reiff (2013), que o “funcional” se refere ao papel ou à função social da língua, e o “sistêmico” diz respeito ao sistema de escolhas, com a sua relação com as variáveis de registro e de macro e micro estrutura, que leva à realização do sentido.

Para Halliday, a linguagem é entendida numa perspectiva semiótica, “como um sistema de significados socialmente construídos” (HALLIDAY, 1989, p. 03). Nesse aspecto, a língua é uma forma de socialização que exerce um papel na maneira como os falantes se socializam e desenvolvem ações significativas dentro do que o autor chama de “contexto de situação”. A ideia parte do princípio de que existe uma relação sistemática entre o ambiente social e a organização da linguagem. Sendo assim, se o texto revela práticas sociais constituídas na linguagem, o contexto, por sua vez, também revela os mais variados significados discursivos prováveis de construção. Por isso, a relação entre texto e contexto é tão sistemática, pois o contexto é expresso no texto por meio de determinados elementos léxico-gramaticais que realizam funções de linguagem.

Levando em consideração que os estudos de Halliday fornecem princípios e instrumentos para a descrição e para a interpretação dos usos da linguagem em diferentes dimensões, nessa teoria, a linguagem é um recurso particular do sistema semiótico baseado na gramática e caracterizado em níveis de estratificação, conforme Mota-Roth (2008).

Figura 2 - Representação da estratificação dos planos comunicativos adaptada de Martin (1992, p. 496) e de Hedges (2005, p. 6)



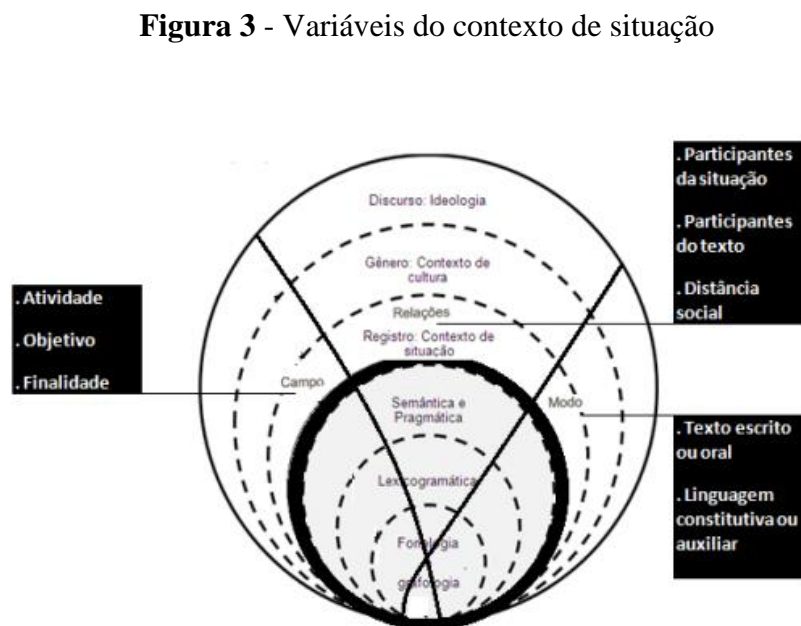
Fonte: MOTTA-ROTH (2008, p. 9)

Um dos conceitos fundamentais da LSF é esse princípio de estratificação. Ele tem por função representar a inter-relação que se constitui entre todas as camadas da linguagem.

Halliday (1989) afirma que os contextos de situação são recorrentes como “tipos de situação”. Os tipos de situação caracterizam-se como um conjunto de relações semióticas e semânticas tipificadas dos quais os sentidos são derivados. Desse modo, se os contextos de situação são recorrentes, o que acontece é que eles criam maneiras tipificadas de interagir linguisticamente para que o falante geralmente as utilize. O autor apresenta três conceitos para a descrição do contexto de situação: i) campo, que se refere à natureza da atividade/ação social que acontece; ii) relação, ligada à natureza dos participantes da situação e também os seus papéis; e iii) modo, que se refere ao papel da linguagem na constituição dessa prática social. Por seu turno, esses três conceitos de descrição contextual encontram sua interface no texto através de um conjunto de escolhas léxico-gramaticais inscrito em três metafunções, conforme Halliday (1989):

- a) Ideacional: representa e constrói os significados de nossas experiências do mundo exterior ou interior, por meio de sistema de transitividade;
- b) Interpessoal: expressa as interações e os papéis assumidos pelos usuários para com o interlocutor e para com o tema;
- c) Textual: tem ligação com o fluxo informativo e a organização da textualização por meio do sistema tema e coesão.

Podemos observar melhor esses aspectos e definição na figura 3, abaixo.



Fonte: Moreira (2012, p. 43)

A obra de Halliday, ao relacionar tipos de situação e padrões semânticos/léxico-gramaticais, serve de fundamento para a abordagem dos gêneros dentro de uma perspectiva sistêmico-funcional. Como nos esclarecem Bawarshi e Reiff,

(...) as abordagens sistêmico-funcionais de gênero surgiram em parte como resposta à preocupação com a eficácia do letramento centrado no estudante e baseado no processo, com sua ênfase em “aprender fazendo”. Tal abordagem, conforme argumentam seus críticos, ignora o contexto em que os textos são adquiridos e em que funcionam, de modo que naturalizam e privatizam algo que de fato é um processo social de aquisição de letramento. (...) Um foco explícito em gêneros no processo de letramento, argumentam os seus proponentes, ajuda a enfrentar tal desequilíbrio, ao revelar a relação entre estruturas textuais e propósitos sociais, de modo a capacitar todos os estudantes a produzirem textos mais eficazes e críticos. (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 49-50)

Em linhas gerais, os estudiosos em Linguística Sistêmico-Funcional entendem o gênero como dotados de regularidades linguísticas que podem ser ensinadas em sala de aula, mesmo percebendo que a sua organização é orientada pelas práticas sociais e compreendendos de forma interativa. Essa abordagem de gênero surge como uma resposta ao ensino centrado no estudante e embasado no processo (MARTIN, 2015). Desse modo, pensando no conceito de gênero discutido por Martin, “tecnicamente falando, um gênero pode ser definido como uma configuração recorrente de significado, selecionando variáveis apropriadas de campo, relação e modo e organizando-as como fases de desdobramento de um discurso significativo” (MARTIN, 2015, p. 37).

Especificamente sobre o ensino, segundo Bezerra (2010a), dentre os principais interesses na relação entre ensino de gêneros e a LSF estão: a demonstração crítica de como os diferentes gêneros incorporam os valores da classe dominante bem como o compromisso pedagógico de instruir os estudantes menos favorecidos no caminho para o domínio dos gêneros socialmente prestigiados. “Assim, a ênfase pode ser colocada no estudo dos condicionamentos sociais por trás do texto ou na explicitação didática das características textuais de cada gênero, como parte do currículo escolar desde os níveis iniciais” (BEZERRA, 2010a, p. 34).

Nesse sentido, o ensino de gêneros é pensado para que os estudantes adquiram e desenvolvam os conhecimentos e tenham igual acesso à aprendizagem através do estudo dos gêneros escritos mais valorizados no âmbito educacional e, posteriormente, acadêmico. Esse pensamento foi desenvolvido através do ensino explícito de gêneros por meio do “ciclo de ensino-aprendizagem” com o objetivo de possibilitar aos estudantes os instrumentos necessários de mudança social e empoderamento de classes desprivilegiadas. “O ciclo de

ensino-aprendizagem foi adaptado por vários pesquisadores (por exemplo, cf. MACKEN *et al.*, 1989; HAMMOND *et al.*, 1992; ROTHERY, 1996; FEEZ; JOYCE, 1998), mas seus componentes básicos incluem três estágios: modelagem, negociação conjunta do texto e construção independente do texto” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 52).

O quadro 4 traz esquematicamente como se caracteriza esse ciclo de ensino-aprendizagem, conforme considerações em Bawarshi e Reiff.

Quadro 4 - Caracterização do ciclo de aprendizagem

Estágio	Descrição
Modelagem	Exposição ao gênero em quantidade representativa;
Negociação conjunta do texto	Envolvimento de estudantes e professor numa negociação conjunta seguida da construção de um texto dentro do gênero.
Construção independente do texto	Construção pelos estudantes, de forma independente, de uma versão do gênero, esboçando o texto, trocando ideias com professor e colegas, revisando, avaliando e finalmente publicando o texto.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das considerações de Bawarshi e Reiff (2013)

Segundo Bawarshi e Reiff (2013), o ciclo de ensino-aprendizagem possui algumas vantagens, mas também recebeu algumas críticas. Dentre as vantagens, podemos perceber: a maneira flexível como os professores podem adentrar o modelo no estágio mais adequado ao nível de preparação dos alunos; demonstração de como os alunos e professor podem continuar girando através do círculo, ao passo que a abordagem se volte para gêneros mais complexos; e a visibilidade dos traços estruturais e linguísticos dos gêneros para os alunos e sua ligação com a função social.

No que se refere às críticas, ainda segundo Bawarshi e Reiff (2013), autores que se dedicam a essa temática como Kress, Cope e Kalantzis mostraram preocupação com o grau de formalismo exibido por tal abordagem, tendo um interesse um tanto quanto classificatório por trás da abordagem de gêneros. Além disso, os críticos refletem sobre o fato “de que tal abordagem ao ensino de gêneros promove uma ‘pedagogia de transmissão linear’”

(BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 53) em que “a forma textual geralmente é apresentada de modo acrítico no estágio de modelagem” (COPE; KALANTZIS, 1993, p. 15 *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 53) para ser emulada pelos alunos. É importante ressaltar que trazemos à discussão a crítica ao ciclo de ensino-aprendizagem porque foi a partir disso que começou a se pensar em novas versões para o ciclo.

Dessa feita, conforme Bawarshi e Reiff (2013), Fezz e Joyce (2002) pensaram numa versão atualizada do ciclo, em que acrescentam um novo estágio, chamado de construção do contexto, precedendo o estágio de modelagem. Devem ser desenvolvidas, nesse momento, estratégias etnográficas como pesquisa, entrevistas, viagens de campo, representações de papéis e comparações transculturais para que sejam exploradas pelos alunos as dimensões culturais e de situação que circundam o contexto social do gênero em estudo. Muitas outras propostas foram elaboradas no que se refere a esse ciclo, sendo repensadas, mais cuidadosamente, algumas etapas e também incluídas outras, a exemplo das considerações de Rose e Martin (2012)⁸, Rose (2014) e Martin (2015).

De acordo com Rose e Martin (2012), reafirmando a validade do método, essa abordagem, ao contrário do que alguns críticos pretendem, permite que os gêneros conhecidos e dominados por uma elite passem para o domínio dos alunos mais desfavorecidos, “conferindo ferramentas que lhes permitem não só o domínio desses gêneros, mas também o uso crítico dos mesmos” (ROSE; MARTIN, 2012, p. 67). Ainda conforme os autores, além dos aspectos mencionados, essa pedagogia prevê a reescrita individual, momento indispensável tanto para alunos com dificuldades de escrita, como para os alunos sem essa dificuldade, pois é a através da reescrita dos textos que os alunos podem melhorar a sua prática de produção de texto (ROSE; MARTIN, 2012).

Como sabemos, na academia, nenhuma teoria está livre de críticas, mas é importante ressaltarmos a validade do “ciclo de ensino aprendizagem” que, com diferentes adaptações, pode ser uma importante ferramenta para o trabalho com gêneros em sala de aula, principalmente por aliar o trabalho com os traços linguísticos, os propósitos comunicativos e ação social que o gênero realiza. Para ilustrar a validade do ciclo, nesse sentido, podemos citar o trabalho de Pereira (2016), que faz uma adaptação a partir de Rose (2014) que, por sua vez, se espelha na versão de Rothery (1996). A autora, em sua dissertação de mestrado, faz um importante trabalho com estudantes da Educação de Jovens e Adultos a partir dessa

⁸ As traduções deste trabalho são de nossa responsabilidade.

ferramenta metodológica, e produz uma proposta de trabalho com o gênero carta de reclamação que pode ser usado por outros professores.

Em um trabalho de 2015, *One of three traditions: genre, functional linguistics, and the “Sydney School”*, Martin aponta algumas críticas sofridas pela escola de Sidney, tais como: falar muito sobre contexto e não fazer nada a seu respeito; estudar a forma do gênero ao invés de estudar o seu significado; ou ter uma noção fossilizada de gênero que não reconhece a mudança. (MARTIN, 2015). O autor discute essas e outras percepções da Escola australiana por outros estudiosos também no intuito de esclarecer aspectos não discutidos no levantamento de tais críticas.

A LSF e todos os aspectos que a circundam também serve de base para as teorias do que se nomeia como Análise Crítica de Gêneros, abordagem sobre a qual trataremos na próxima subseção do nosso trabalho e que acreditamos tratar-se de uma macroteoria, de acordo com o que postulou Bezerra (2017) e também de acordo com a análise que fizemos dos nossos dados, discussão levantada no final de seção seis.

4.4 A Análise Crítica de Gêneros

Alguns estudiosos da linguagem como Meurer (2002, 2003, 2005, 2006), Bhatia (2002, 2004, 2012⁹) e Motta-Roth (2005, 2006, 2008, 2010) dedicam muitas de suas pesquisas aos processos e às condições de contextualização do discurso. Nessas pesquisas, a exemplo de Meurer (2003) e Motta-Roth (2008), os autores não procuraram simplesmente uma compreensão da relação entre língua(gem), texto e sociedade, ou o entendimento do contexto de uso dos gêneros que são utilizados nas interações do cotidiano, mas também desenvolveram uma ferramenta metodológica que, difundida principalmente na Linguística Aplicada, é identificada hoje em dia como Análise Crítica de Gêneros (ACG).

A ACG tem uma orientação teórico-metodológica com uma reflexão crítica sobre gêneros. Essa orientação tem o contexto como elemento principal para a complementação dos estudos de gêneros. Nesse sentido, uma abordagem dita crítica, para esses estudos, deve considerar “primeiramente as condições de produção, distribuição e consumo do texto, o momento histórico [olhando] o texto para interpretar a prática social da qual o texto faz parte”

⁹ As traduções do artigo de Bhatia (2012) são de nossa responsabilidade. Uma versão desse mesmo texto está presente no livro *Genre studies around the globe: beyond the three traditions* organizado por Natasha Artemeva e Aviva Freedman e publicado em 2015, a qual nos referimos como Bhatia (2015b)

(MOTTA-ROTH, 2008, p. 362). Desse modo, o que fundamenta uma análise crítica do texto e do discurso é a noção de gênero em suas dimensões tanto textual, quanto contextual, com igual relevância na pesquisa que se desenvolve.

Essa perspectiva de estudos de gêneros textuais é definida por Motta-Roth, como uma maneira de incorporar o aspecto crítico na pesquisa e no ensino de gêneros, perspectiva em que a autora aponta como importantes para essa maneira de trabalho as contribuições de Mikhail Bakhtin e Norman Fairclough. Em seu trabalho de 2013, Motta-Roth concebe a ACG como uma perspectiva “que combina aportes da Linguística Sistêmico-Funcional, Análise Crítica do Discurso e a Sociorretórica” (MOTTA-ROTH, 2013, p. 121). Ainda conforme a autora, é José Luiz Meurer o precursor da ACG, que desenvolvia tal perspectiva olhando para a língua em uso no contexto brasileiro (MOTTA-ROTH, 2013). Segundo a estudiosa, a proposta de Meurer se difundiu como um importante estudo de gêneros, tanto no âmbito nacional, quanto no âmbito internacional.

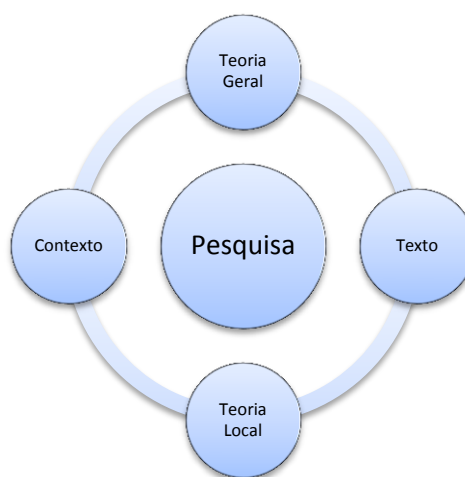
Em trabalho de 2017, onde discute se a ACG seria mesmo uma nova perspectiva de estudos, Bezerra traz interessantes considerações sobre as construções do que se entende por Análise Crítica de Gêneros, tanto aqui no Brasil, a partir do que Meurer difundiu, quanto internacionalmente, através dos estudos de Bhatia feitos nessa abordagem. Em consonância com Heberle (2011), Bezerra discute sobre a abordagem de Meurer enfatizando que ela teria bases mais gerais, procurando integrar quatro perspectivas de estudo sobre a linguagem: i) a Linguística Sistêmico-Funcional; ii) a Análise Crítica do Discurso; iii) os Estudos de gêneros (representados aqui pela chamada análise de gêneros de Swales e Bhatia); e iv) as teorizações sobre o componente sociológico da linguagem, desenvolvidas na teoria da estruturação de Anthony Giddens.

No que se refere especificamente aos trabalhos de Motta-Roth, desenvolvidos na Universidade Federal de Santa Maria, Bezerra (2017) afirma que a reflexão de um componente crítico envolve também, nesse caso, relações entre Bakhtin e Volochinov, perpassando os tratados discutidos por Paulo Freire. Aqui, a teoria de gêneros pode ser entendida tanto no que diz respeito à análise de gêneros, sendo representada principalmente por John Swales e Vijay Bhatia, bem como no que concerne à Sociorretórica, termo que, no Brasil, abrange tantos os autores nomeados como britânicos, quanto os autores americanos Charles Bazerman e Carolyn Miller. Assim, entende-se “dessas considerações que a Análise Crítica de Gêneros, na elaboração de Motta-Roth (2008, 2013), incorpora um leque consideravelmente mais amplo de relações interdisciplinares” (BEZERRA, 2017, p. 116).

Segundo Motta-Roth (2008), a ACG traz importantes contribuições para os estudos da linguagem, podendo ser destacadas três principais, a saber: 1) possibilita uma análise não somente dos elementos linguísticos e retóricos do texto, mas também dos elementos ideológicos do contexto, sendo desenvolvida, desse modo, uma análise detalhada e problematizadora, pois, assim como explica e localiza elementos linguísticos no tempo e no espaço, ao mesmo tempo desnaturaliza valores firmados; 2) torna claro o significado dos textos para a vida individual e também para a vida em grupos sociais, explicitando a função estruturadora dos gêneros para a cultura, na medida em que privilegia a relação entre texto e práticas sociais; e, assim, 3) “permite uma percepção mais acurada da relação entre teoria da linguagem e prática social” (MOTTA-ROTH, 2008, p. 371), pois a análise dos aspectos textuais estruturais deve ser feita com a percepção de que o texto está inserido em um sistema de atividades humanas.

A partir de tais contribuições, que se revelam principalmente no âmbito da Linguística Aplicada, podemos perceber por meio da figura 4, a representação dos aspectos que circundam a pesquisa em ACG no que se refere particularmente aos estudos da Universidade Federal de Santa Maria.

Figura 4 - Círculo de pesquisa para a ACG



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Motta-Roth (2011[2006], p. 167)

O que possibilita uma riqueza analítica dentro da perspectiva da ACG, conforme os seus autores, é a combinação de aparatos teórico-metodológicos distintos, seja a partir de uma teoria geral, seja a partir de uma teoria local, na busca de respostas para discussões detalhadas e problematizadoras, como vimos. O interessante aqui, é que algumas das bases teóricas

convocadas em uma análise crítica de gêneros fundamentam a investigação do texto e outras fundamentam a investigação do contexto, em diferentes dimensões de realização da linguagem.

Levando em consideração tais aspectos, Adair Bonini é outro autor brasileiro que desenvolve pesquisas nesse sentido. Apesar de trabalhar tal abordagem de modo relativamente independente de Désirée Motta-Roth, o pesquisador não deixa de correlacionar tal abordagem com a defendida pela autora (MOTTA- ROTH, 2008b). Assim, o estudioso leva em consideração os princípios caracterizadores da ACG, descrevendo-a como a fusão da Análise de Gêneros e da Análise Crítica do Discurso. Inicialmente, Bonini (2010) atribui a Bhatia (2004) o crédito no desenvolvimento das reflexões da ACG, mas, em trabalhos posteriores, defende que tal crédito dever ser atribuído tanto ao brasileiro José Luiz Meurer, quanto ao indiano Vijay k. Bhatia.

Conforme Bonini (2010), os estudos críticos de gênero devem perceber o seu objeto levando em consideração discussões em torno de problemas sociais, tais como racismo, xenofobia ou relações de poder. Nessa linha de pensamento, nota-se a incorporação dos aspectos que caracterizam a Análise crítica do discurso de Norman Fairclough. Isso nos conduz a percepção, corroborando com Bezerra (2017), de que os estudos desenvolvidos por Bonini têm uma relação mais direta com a abordagem de Bhatia, do que com a abordagem interdisciplinar de Désirée Motta-Roth. Podemos pensar assim, quando refletimos, por exemplo, que um dos aspectos importantes da ACG proposta por Bhatia é que ela se concentra tanto nos artefatos genéricos quanto nas práticas profissionais. Do mesmo modo, se concentra também tanto no quanto ao que é explicitamente ou implicitamente dito, quanto ao que não é dito (BHATIA, 2012).

Bonini (2013), ainda descreve a combinação da Sociorretórica com a Análise crítica do discurso como uma perspectiva que se complexifica a partir da incorporação do conceito de gênero discursivo de Bakhtin e, em alguns casos, com a inclusão de uma base dialógica no lugar da sociorretórica. O autor discute também a semelhança da perspectiva crítica de Paulo Freire com a abordagem de Motta-Roth no desenvolvimento de uma versão específica da ACG (BONINI, 2012). Desse modo, “a ACG aparece agora também nesse autor como uma perspectiva bem mais eclética e mais em linha com diálogos teóricos usuais nas abordagens brasileiras para o estudo de gêneros” (BEZERRA, 2017, p. 119).

No âmbito internacional, como vimos, essa proposta de estudo, intitulada *Critical Genre Analysis* (CGA), tem como principal pesquisador Vijay K. Bhatia, que desenvolve tal trabalho numa combinação entre a teoria de gêneros ligada ao Inglês para fins específicos (em

inglês, ESP) e a Análise Crítica do Discurso baseada em Fairclough. Segundo Bhatia (2012), a ACG é uma tentativa de ampliar a teoria de gêneros para além das análises de recursos semióticos usados em gêneros profissionais (principalmente na perspectiva desse autor) para entender e esclarecer práticas profissionais em contextos acadêmicos e profissionais típicos.

De acordo com Bezerra (2017), na abordagem de Bhatia,

o conceito de interdiscursividade (...) é tomado como um aspecto central para o desenvolvimento de uma abordagem ‘multidimensional e de múltiplas perspectivas’: não só uma perspectiva textual, mas também as perspectivas cognitiva, sociocrítica, institucional e etnográfica (...). A rigor, a integração dessas perspectivas havia sido sugerida por Bhatia (2004) na forma de um ‘modelo tri-espacial’, que abrangia o espaço sociopragmático e o espaço social ao lado do espaço textual (BEZERRA, 2017, p. 119)

Mesmo que os estudos em Bhatia (2004) tenham levado em consideração os conceitos acima, Bezerra (2017) afirma que uma construção mais explícita e bem fundamentada da Análise crítica de gêneros foi mais profundamente desenvolvida em Bhatia (2008b, 2012, 2015a, 2015b).

Sobre esses textos, podemos sintetizar quatro considerações importantes, uma de cada texto, a partir de Bezerra (2017): em Bhatia (2008b), a ACG é situada no patamar de uma mudança de foco do texto para o contexto; em Bhatia (2012), é apontada uma definição sumária da ACG que a concebe como uma teoria fortemente ligada a contextos acadêmicos e profissionais típicos. Nesse artigo, a ACG, com foco na prática, considera membros individuais de organizações profissionais, embora vinculados a objetivos comuns, como tendo flexibilidade suficiente para incorporar “intenções privadas”¹⁰ dentro dos conceitos de valores profissionalmente compartilhados, convenções de gêneros e culturas profissionais (BHATIA, 2012); no texto de 2015a, Bhatia define a ACG também como uma teoria de performance interdiscursiva; e, em Bhatia (2015b), tem-se clara a necessidade de focar a complexidade e a dinamicidade dos gêneros, para além de uma pureza de tais configurações discursivas.

Nesses quatro textos, em especial nos três últimos, o autor preocupa-se em distinguir cuidadosamente a Análise crítica de gêneros e a Análise crítica do discurso, pois, segundo o estudioso, apesar das similaridades, trata-se de duas vertentes diferentes. Sobre essa distinção, reproduzimos o quadro construído por Bezerra (2017).

¹⁰ No original encontramos “private intentions” com as aspas.

Quadro 5 - Diferenças entre ACD e ACG

Análise Crítica do Discurso	Análise Crítica de gêneros
<i>Práticas sociais</i> vistas como discursivamente construídas para comunicar vieses ideológicos.	<i>Práticas profissionais e disciplinares específicas</i> desmistificadas em sua natureza multidimensional
<i>Crítica</i> como interpretação das relações entre linguagem, poder e ideologia.	<i>Crítica</i> como rigor analítico na interpretação de práticas profissionais situadas.
<i>Contexto</i> definido de forma mais vaga pelo analista.	<i>Contextualização</i> como foco analítico muito específico.
<i>Espaço discursivo</i> , social, usado para a construção e interpretação da comunicação.	<i>Espaço interdiscursivo, sociopragmático</i> , em que se negocia a realização de objetivos profissionais.
<i>Análise do discurso textualmente orientada</i> : atenção privilegiada à interpretação do texto.	<i>Análise de gêneros sob múltiplas perspectivas</i> : mais atenção aos aspectos situados do texto.

Fonte: Bezerra (2017, p. 121)

Conforme Bhatia (2015b), a Análise Crítica de Gêneros não constitui necessariamente uma ruptura com a Análise de Gêneros já desenvolvida pelo próprio autor e por John Swales. Na verdade, essa abordagem é defendida numa situação de continuidade direta com os estudos anteriores, ou seja, um desdobramento e um avanço na maneira de fazer análise dentro de tal perspectiva, que se concentra não apenas no gênero como tal, mas também, e de modo mais profundo, nas práticas profissionais que fazem com que os gêneros tenham as suas funções cumpridas eficazmente (BHATIA, 2015b). Desse modo “ACG não é uma iniciativa para mudar as práticas profissionais das comunidades disciplinares, institucionais e corporativas, mas entende como os escritores profissionais usam a linguagem para atingir os objetivos de suas profissões” (BHATIA, 2012, p. 24).

Fechando essa discussão sobre a ACG, pensamos ser interessante, juntamente com Bezerra (2017), levantar quatro considerações importantes no que se refere às relações entre as versões da abordagem de análise de gêneros que vimos neste capítulo do trabalho. Primeiramente, o pioneirismo de José Luiz Meurer sobre a temática e a sua clara influência para o desenvolvimento das pesquisas de Désirée Motta-Roth e também de Adair Bonini. Em segundo lugar, quanto a Motta-Roth, é importante ressaltar os seus acréscimos ao que Meurer propôs, como o viés bakhtiniano, por exemplo. Sobre Bonini, em terceiro lugar, cabe apontar que o autor constrói a sua versão de análise crítica em um diálogo amplo entre as versões centrais da abordagem. E, em último lugar, é importante destacar o foco mais restrito de

Bhatia, em sua versão da ACG, do que o foco que se pode perceber nos trabalhos de autores brasileiros.

4.5 Últimas considerações para este capítulo

Como pudemos perceber, há um grande número de pesquisas sobre gêneros textuais feitas a partir de diferentes teorias ou de articulações de campos teóricos diferentes. Deve-se, portanto, ter cuidado com as terminologias e definições, processo fundamental para o desenvolvimento da própria pesquisa e para a elaboração didática da noção de gêneros. Isso não significa que tais teorias não podem ser articuladas, sob o risco de incontornável contradição. Embasando as correntes de estudo de gêneros, acima descritas, com menor ou maior destaque, reside a ideia de que os gêneros refletem e coordenam modos sociais de conhecer e agir no mundo, e, assim, representam maneiras valiosas de se investigar como os textos funcionam em diversos contextos (MOTTA-ROTH, 2008).

Como sabemos, não existem somente essas abordagens de estudo para a temática que aqui desenvolvemos. Ainda poderíamos citar algumas outras perspectivas e estudiosos importantes, mas que não são muito utilizadas pelos mestrados e doutorandos brasileiros, em especial nas Universidades que selecionamos para o nosso *corpus*, no que se refere especificamente às pesquisas de gênero. Dentre tantas outras perspectivas, poderíamos citar as seguintes: i) na linguística histórica e de corpus, os trabalhos de Amy Devitt (como em DEVITT, 2004); ii) no âmbito da linguística crítica, os trabalhos de Roger Fowler (a exemplo de FOWLER, 1991); iii) na perspectiva discursivo-semiótica, os estudos de gênero de Gunther Kress (a exemplo de KRESS, 1996); iv) mais especificamente, os gêneros textuais na análise crítica de Norman Fairclough (como em FAIRCLOUGH, 2001); v) as discussões sobre gênero e genericidade de Jean-Michel Adam (a exemplo de ADAM, 2011); vi) discussões sobre gêneros do discurso feitas por Dominique Maingueneau (como em MAINGUENEAU, 1997); entre outros.

Vale ressaltar também sobre os estudos de gênero nas tradições literárias, que, em alguns trabalhos, podem dialogar com teorias linguísticas, apesar de não ser nosso interesse pensar em tais abordagens. De todo modo, elas são classificadas em cinco abordagens, conforme Bawarshi e Reiff (2013), quais sejam: 1) abordagens neoclássicas; 2) abordagens estruturalistas; 3) abordagens românticas e pós-românticas; 4) abordagens da estética da recepção; e 5) abordagens dos estudos culturais.

Com essas considerações, finalizamos as seções teóricas de discussão sobre as teorias de gênero textual e as considerações sobre a ACG. No próximo capítulo, procederemos às análises dos nossos dados tentando responder as nossas perguntas de pesquisa e alcançar os nossos objetivos.

5 DIÁLOGOS ENTRE TEORIAS DE GÊNERO EM TESES E DISSERTAÇÕES NO BRASIL

Os diálogos e as interlocuções entre teorias podem ser considerados como inerentes a todo trabalho acadêmico, principalmente nos níveis de mestrado e doutorado. Esses diálogos são parte importante de pesquisas científicas porque as tornam consistentes, principalmente quando existe a discussão de como os autores que se fazem presentes nos trabalhos se complementam e se intercomunicam. Com as pesquisas em Linguística, especificamente com os trabalhos na temática dos gêneros textuais, isso não é diferente. Ao passo que o diálogo deve ser considerado como um processo dinâmico de trocas com a linguagem para a interação eficiente e também para a construção de conhecimentos, é inevitável estudar sobre os gêneros textuais sem que construamos diálogos entre os autores que difundiram saberes tão importantes à área.

Como afirma Dolz (2016, p. 15), “dialogar é uma condição para avançar em qualquer domínio social e também no domínio científico”. Na academia, o diálogo é essencial para que sejam criadas ligações entre pesquisadores que contribuem com os mais diversos posicionamentos para o desenvolvimento de distintos saberes. A pesquisa sobre gêneros é construída a partir de diferentes interpretações dos constructos teóricos e conceituais que levam à reflexão e ao debate constante.

Esse debate permite intercompreensões dinâmicas que se espalham e dão consistência às diferentes pesquisas que podem convergir na elaboração de concepções próprias. Ou seja, pesquisamos sobre gêneros, mas com abordagens diferentes e, por esse motivo, precisamos dos diálogos para que exista confrontação e um melhor desenvolvimento da área. Ainda pensando nesse aspecto, é também que consideramos os diálogos entre teorias de gêneros como sistemas complexos, conforme visto no terceiro capítulo, já que pensamos que “a reflexão sobre os gêneros sempre lida direta ou indiretamente com o diálogo. Diálogo e dialogismo argumentativo supõe conhecer e reconhecer o pensamento do outro” (DOLZ, 2016, p. 15).

Especificamente sobre os diálogos entre teorias de gênero, alguns autores já se debruçaram nessa empreitada a que nos dedicamos neste capítulo. Tendo em vista que o tema do VIII Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET), ocorrido na Universidade de São Paulo (USP) em 2015, foi justamente os diferentes diálogos nos estudos de gêneros, muitos autores se propuseram a discutir sobre isso, a exemplo de Bezerra (2015), Vian Jr. (2015) e do livro *Diálogos brasileiros nos estudos de gêneros textuais discursivos*,

organizado por Lousada *et al* (2016), que reúne os principais trabalhos discutidos no VIII SIGET.

Desse modo, neste capítulo, foi nosso intuito construir um panorama dos estudos em gêneros textuais feitos no país em teses e dissertações, bem como discutir quais os principais caminhos teóricos e seus principais autores que servem de base para essas pesquisas e os diálogos que são construídos entre eles. Optamos por apresentar os nossos dados por Programas de Pós-graduação de cada uma das Universidades, por entender que se faz necessário uma melhor sistematização dos dados nesse momento, para que possamos cruzá-los no próximo capítulo, na qual discutiremos as diferentes acepções de síntese que categorizam os nossos achados. Assim, começamos a nossa reflexão com os trabalhos desenvolvidos no PPGL da Universidade Federal de Pernambuco.

5.1 Universidade Federal de Pernambuco

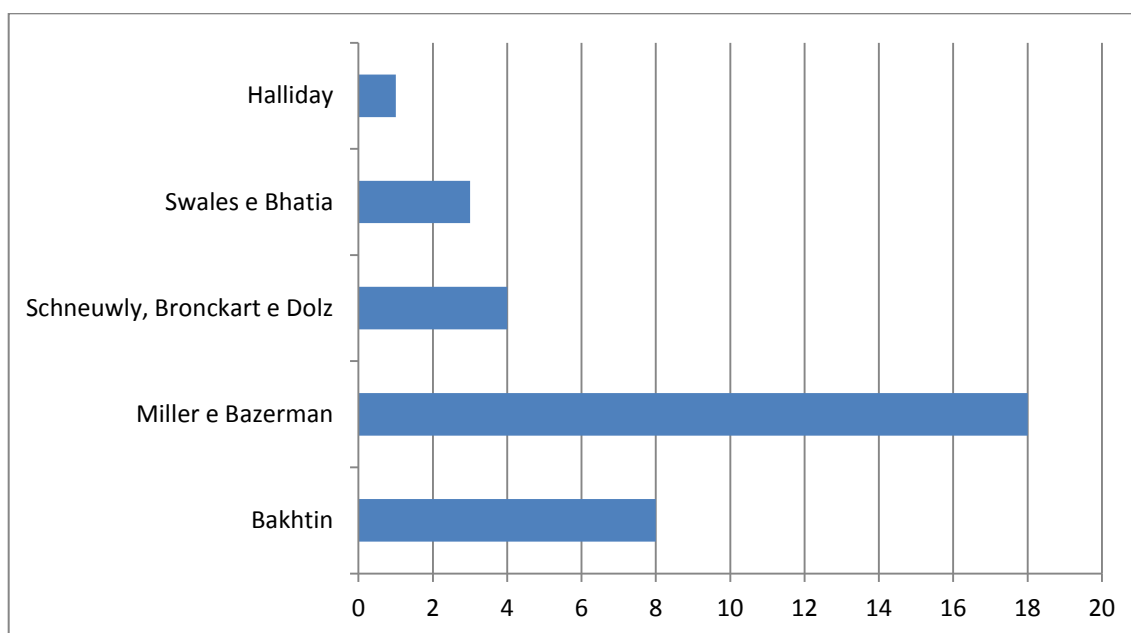
A Universidade Federal de Pernambuco tem grande tradição com o Programa de Pós-Graduação em Letras que é dividido em duas áreas específicas: Linguística e Literatura. Na área de Linguística, o programa conta com quatro linhas de pesquisa que incluem descrição e análise estrutural e histórica de línguas, análises do discurso, estudos textuais-discursivos de práticas sociais e análises de práticas de linguagem no campo de ensino. Os aspectos referentes aos estudos sobre gêneros textuais podem ser encontrados em duas dessas linhas, tanto no que diz respeito à análise estrutural e funcional de gêneros, quanto à relação entre gêneros e o ensino de línguas portuguesa e estrangeira. Uma das áreas a que o programa se dedicou é justamente o estudo voltado para os gêneros textuais. Isso pode ser explicado, principalmente, por ele ter sido a “casa acadêmica” de Luiz Antônio Marcuschi. O programa estabilizou-se como um dos importantes centros de pesquisa em gêneros e os aspectos que os circundam, também pela quantidade de pesquisadores que fizeram o seu processo de doutoramento nessa Universidade, tais como Ângela Paiva Dionísio, Elizabeth Marcuschi, Benedito Gomes Bezerra, Márcia Mendonça e outros grandes estudiosos.

As teses e as dissertações que foram analisadas do PPGL-UFPE são compostas por trabalhos que fazem tanto análises de gêneros como relações entre gêneros textuais e ensino. Sobre o nível de ensino, elas contemplam tanto a educação básica, quanto o ensino superior. No total, no período de 2000 a 2016, são trinta e quatro trabalhos de mestrado e de doutorado, sendo dezesseis teses e dezoito dissertações. Das dezesseis teses, seis fazem análises

estruturais, retóricas e funcionais de gêneros e dez são trabalhos voltados para o ensino. Dessas dez, cinco estão ligadas ao contexto de educação básica e cinco fazem estudos direcionados ao ensino superior. Em relação às dissertações, onze delas fazem análises de gênero e sete são trabalhos que envolvem o ensino. Dessas sete, quatro estão ligadas ao contexto do ensino superior e três fazem estudos direcionados à educação básica. No que se refere à natureza das pesquisas, encontramos discussões de caráter teórico que são finalizadas com análises de gêneros específicos, bem como com propostas de ensino, relatórios de experiências em projetos de ensino com gêneros e análises de material didático.

Com o objetivo de investigar qual(is) a(s) teoria(s) sobre gêneros textuais é/são utilizada(s) mais frequentemente nas teses de doutoramento e nas dissertações de mestrado da UFPE, observamos quais os autores foram mais citados, de forma que foi possível associar esses teóricos às várias abordagens de estudos de gêneros, sobre as quais falamos nos capítulos teóricos desta pesquisa. No gráfico 1, representamos os autores nos quais as pesquisas analisadas buscam aporte teórico. É importante ressaltar que elencamos aqui apenas os autores cujas propostas são assumidas como centrais para o trabalho e não todos os autores que são mencionados, visto que eventualmente há pesquisas que realizam um panorama da literatura sobre o tema ou citam teóricos de forma mais geral.

Gráfico 1 - Autores que são teoria de base¹¹ para as teses e dissertações da UFPE (34 trabalhos)



Fonte: Elaborado pelo autor

Podemos notar, a partir do gráfico 1, que apesar de Bakhtin¹² ser considerado um “consenso teórico” (MARCUSCHI, 2008), ele é autor de base em oito trabalhos analisados, em diálogo com outros estudiosos. Três desses trabalhos estão inseridos na perspectiva da teoria dialógica da linguagem, perspectiva bastante desenvolvida no PPGL-UFPE, principalmente pela professora Dóris Cunha, e cinco deles estão ligados à perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Miller e Bazerman, vinculados aos Estudos Retóricos de Gênero (ERG), são autores de base em dezoito pesquisas. Bronckart, Schneuwly e Dolz, pesquisadores relacionados ao Interacionismo Sociodiscursivo, vigoram como autores de base em quatro trabalhos. Swales e Bhatia, estudiosos do chamado Inglês para Fins Específicos (ESP), são utilizados como base para três trabalhos, com um maior destaque para Swales. Halliday, com a teoria da Linguística Sistêmico-Funcional é autor de base em apenas um dos trabalhos, no qual é feito um estudo sobre a transitividade e a construção de sentido no gênero editorial.

¹¹ O que estamos definindo como autores de base foi caracterizado levando em consideração dois principais critérios: i) o autor da pesquisa, de alguma maneira, indicou que determinado autor seria representativo de uma teoria de base; ii) os principais conceitos mobilizados dentro da pesquisa para se conseguir responder o problema de pesquisa, ou atingir os objetivos são de determinado autor.

¹² Como as perspectivas em que Bakhtin está inserido podem ser diferentes, dependendo do estudo que se faça, nomearemos Bakhtin com dois sentidos diferentes: Bakhtin ADD, levando em consideração a análise dialógica do discurso; e Bakhtin ISD, pensando na perspectiva do Interacionismo sociodiscursivo.

Dessa forma, a perspectiva mais recorrente que embasou teoricamente a noção de gênero textual adotada nas pesquisas sobre gêneros no PPGL-UFPE foi a dos Estudos Retóricos de Gênero (ERG), sendo evocada por dezoito trabalhos analisados. As teorias de Bakhtin apareceram em segundo lugar embasando oito trabalhos. A predominância dos ERG não nos surpreendeu, na medida em que, na última década, a perspectiva de Miller e Bazerman foi bastante difundida na UFPE, não apenas com a tradução de livros desses autores para o português e a gravação de vídeos com entrevistas (série Bate Papo Acadêmico), mas também com a presença dos referidos estudiosos em diferentes eventos promovidos, por exemplo, pelo Núcleo de investigações sobre Gêneros Textuais (NIG), que mobiliza vários pesquisadores e estudantes interessados em pesquisas que envolvem gêneros, coordenado pela professora Ângela Paiva Dionísio, que também fez estágio pós-doutoral com Bazerman na Califórnia. Acreditamos que esse intenso diálogo possibilitou uma grande visibilidade e uma consequente maior familiarização com essa perspectiva, motivos que podem explicar sua predominância nas pesquisas analisadas.

Outro aspecto que chamou a atenção foi o fato de que os autores Mikhail Bakhtin e Luiz Antônio Marcuschi foram citados em todos os trabalhos analisados. Com relação ao primeiro, o fato de Bakhtin ser tomado como “consenso teórico” para pesquisadores na área de gêneros textuais já havia sido apontado por Marcuschi (2002) e nos textos de Silva e Bezerra (2014) e de Bezerra (2016). Contudo, no que diz respeito a Luiz Antônio Marcuschi, como prevíamos que ele seria citado em boa parte dos trabalhos, por ele ser um dos pioneiros pesquisadores de gênero do Brasil, proveniente da UFPE, não nos surpreendeu que ele aparecesse em todos. Associamos essa recorrência ao fato de que, assim como Bakhtin, a proposta de Marcuschi não se apresenta como uma teoria unificada, mas como uma abordagem mais ampla e geral, que pode ser assimilada pelas demais tradições de estudo de gênero. Podemos dizer que Marcuschi, como aponta Dolz (2016), é um pensador “autóctone”. Ele é um pensador eclético com uma visão “original” e ao mesmo tempo derivada do diálogo com as diversas teorias, de gênero e outras.

Vale ressaltar que Marcuschi não é associado a nenhuma tradição contemporânea de estudos de gêneros, mas incluía a si mesmo numa perspectiva mais geral relacionada com autores associados com diferentes abordagens, tais como M. Bakhtin, J. M. Adam, J. P. Bronckart, C. Bazerman, C. Miller, G. Kress e N. Fairclough. Contudo, conforme Bezerra (2016, p. 473), os estudos de Marcuschi parecem deixar “clara a intenção de não se filiar a uma perspectiva única, importada, mas moldar diversas contribuições teóricas combinando-as

de modo produtivo para os estudos de língua no país”. Isso fica claro quando percebemos essa presença intensa de Marcuschi nas pesquisas analisadas.

No objetivo de observar se há diálogo e/ou articulação entre mais de uma perspectiva (de gênero e outra teoria), investigamos se nas pesquisas analisadas os autores centrais evocados para embasar o conceito de gênero eram associados a outras abordagens. O que acontece é que, geralmente, os pesquisadores utilizam as escolas/abordagens de gêneros para a discussão teórica dos trabalhos, em alguns casos mais interessantes, não só citando-as, citando os seus conceitos, mas fazendo uma relação entre as definições de gênero textual para cada uma das escolas/abordagens e os conceitos desenvolvidos por elas. A maioria dos trabalhos faz sempre um tipo de panorama com as teorias desenvolvidas em cada uma das escolas/abordagens, aspecto que poderemos ver também no próximo capítulo.

Miller, Bazerman e Bakhtin são os autores mais utilizados como base para os diálogos no PPGL-UFPE. Desse modo, as teorias de Miller e Bazerman foram combinadas com as de Kress e Van Leeuwen, por exemplo, assim como com as de Maingueneau, entre outras que estão a eles interligadas. Do mesmo modo, as teorias de Bakhtin foram combinadas com as de Bhatia e Swales, por exemplo, como com as de Halliday. Os diálogos perpassam as teorias como um sistema complexo, conforme discutimos no segundo capítulo desta tese, sendo que apenas os trabalhos de Brait e Vygotsky foram utilizados somente em inter-relações com Bronckart, Schneuwly e Dolz.

No trabalho T7UFPE, encontramos a combinação entre as teorias da enunciação de Bakhtin (ADD) e os postulados das teorias do discurso de vertente francesa, representados, na pesquisa analisada, por Beth Brait, como podemos ver na figura 5.

Figura 5 - Recorte de exemplar de resumo T7 UFPE

Um dos postulados de base do pensamento bakhtiniano é o de que a linguagem é uma atividade essencialmente social e heterogênea. Nesse sentido, o sujeito que aí se constitui define-se pela alteridade, numa relação intersubjetiva mediada pela pluralidade de pontos de vista caracterizadores dos lugares sociais ocupados por esses sujeitos na esfera social. Inserindo-se numa perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, este estudo pretende investigar a constituição do sujeito autor a partir do uso que faz do discurso de outrem, analisado sob a forma dos mais variados esquemas sintático-semânticos de sua recepção/transmissão, e dos usos de enunciados *metaenunciativos*, em uma situação enunciativa específica, como a do gênero discursivo *aula*. Objetiva, ainda, observar o processo de construção do discurso do professor no desenvolvimento do evento enunciativo *aula*, procurando traçar o percurso dialógico da produção de sentidos, traduzido em uma seqüência de sobreposição de vozes que, articuladas sob as mais variadas formas, constituem o autor e seu discurso. O *corpus* consta de quatro inquéritos (aulas) extraídos do volume 2 (Elocuções Formais) do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta do Recife – NURC/RE. A escolha desses inquéritos deu-se a partir da consideração do número significativo de ocorrências de enunciados *metaenunciativos* e de outros discursos que se apresentaram no processo de construção de tais aulas, cuja observação ocorreu na fase de descrição dos dados da pesquisa. Com essa amostra, analisamos os processos de constituição/representação do sujeito no discurso mediante sua inserção na grande rede dialógica que compreende o “seu” discurso e o discurso de outrem. A perspectiva teórica adotada é a que se pauta pelos trabalhos advindos das Teorias da Enunciação de Bakhtin (1983, 2000), Bakhtin/Volochinov (1999), Volochinov (1976), Authier-Revuz (1990, 1998 e 2004) e dos postulados das Teorias do Discurso de vertente francesa, representados aqui pelos trabalhos de Brait (1997, 2001, 2005, 2006), Cunha (1992), Possenti (1995, 2001, 2002, 2003), Faraco (2001, 2002) e outros. As análises têm evidenciado que a autoria, compreendida como um fenômeno de natureza lingüística, enunciativa e discursiva, estabelece-se no gênero em análise de forma bastante acentuada e que são as relações concordantes e discordantes, estabelecidas entre o discurso do professor e os demais discursos com os quais ele mantém interação que efetivam o processo de constituição de uma subjetividade no discurso a qual denominamos de autor.

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFPE

www.pgletras.com.br

Nesse caso específico, o autor da tese utiliza-se das discussões de Brait, e essas discussões partem do pressuposto da estudiosa Authier-Revuz; a relação que ele faz está baseada na autoria de Brait, e não na autoria direta de Authier-Revuz. Nesse sentido, podemos pensar que seria importante que houvesse uma discussão mais profunda sobre Authier-Revuz já que os seus preceitos são também importantes para a pesquisa. Isso poderia esclarecer melhor determinadas opções teóricas e analíticas.

Ainda no PPGL-UFPE, encontramos trabalhos que relacionam gêneros textuais e multimodalidade, fazendo combinações entre os postulados de Bazerman e Miller e as teorias de Kress e van Leeuwen. No trabalho T12UFPE, encontramos uma combinação entre as discussões da teoria retórica de gêneros e a teoria da estrutura retórica (TER) sendo representada pelos autores Mann, Thompson e Taboada. Em outro estudo, T15UFPE, pudemos perceber uma interlocução entre as teorias de gênero de Miller e Bazerman, os pressupostos sobre gênero de Dominique Maingueneau e as teorias de análise do discurso de

vertente francesa. Essas interlocuções podem ser explicadas, por exemplo, pela grande quantidade de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos no PPGL-UFPE na área de análises do discurso. Dessa forma, nossos resultados corroboram o proposto por Bezerra (2016, p. 467), ao afirmar que “as pesquisas de gênero *stricto sensu* têm sido conduzidas no Brasil a partir de contribuições dessas abordagens, isoladamente ou em combinações diversas entre si ou com outros aportes teóricos”. No próximo capítulo, mostraremos mais concretamente essas associações no sentido de olhar os dados como um todo.

No que se refere especificamente às dissertações do PPGL-UFPE, destacamos a D11UFPE. Nessa dissertação, a autora, ao pesquisar sobre qual o fenômeno entre todos os ocorridos no percurso histórico do Cartão Postal Publicitário resultou na sua criação, confirmou o processo de transmutação genérica utilizando as teorias de Bakhtin a esse respeito, defendendo, assim, um tipo de “transmutação genérica provocada” (SILVA, 2011). Para chegar às suas conclusões, a pesquisadora perpassa com bastante propriedade a teoria das funções retóricas de Miller e a teoria dos propósitos comunicativos de Swales. Desse modo, as teorias de gêneros da Escola Americana e da Escola Britânica foram aliadas à teoria da tradição discursiva com o conceito da filologia românica alemã em autores como Kabatek (2003) e Aschenberg (2002). Esse trabalho confirma a riqueza de associações feitas em trabalhos sobre gêneros para que se possa chegar a novas concepções, bem fundamentadas, no campo de estudo, que possam ser utilizadas para explicar o funcionamento de outros gêneros, em outros contextos, como podemos ver no resumo da figura 6, abaixo.

Figura 6 - Recorte de exemplar de resumo D11 UFPE

desse gênero resultou na sua criação? Durante a investigação, entre todos os processos de transformações ocorridos com o gênero, confirmou-se ser o fenômeno da Transmutação Genérica (BAKHTIN, 2003; ZAVAM, 2009) responsável pela nova forma genérica. Através do fenômeno, os elementos do Cartão Postal Turístico foram incorporados pelo Cartão Publicitário criando uma nova forma, com funções retóricas (MILLER, 2009) e propósitos comunicativos próprios (SWALES, 2009). Para que se pudesse observar todo o processo de mudança dos gêneros ao longo do tempo histórico, a análise foi realizada do ponto de vista diacrônico, aliando a Teoria dos Gêneros (BARZEMAN, 2005, 2006, 2007; MARCUSCHI, 2001, 2007, 2008; BAHTIA, 2009) à Tradição Discursiva, conceito da Filologia Românica Alemã (KABATEK, 2003, 2005; ASCHENBERG, 2002; SCHELIEBEN-LANGE, 1983 apud ASCHENBERGER, 2002). O ponto crucial da análise foi constatar dois fatos: primeiro que, a nosso ver, nem todos os processos de mudanças e renovações ocorridos na trajetória de um gênero textual se configuram uma Transmutação Genérica, como defende Zavam (2009). O segundo fato é que a Transmutação Genérica só acontece com gêneros de esferas diferentes, como postulou Bakhtin (ARAÚJO, 2004; 2006). O processo de transformações e mudanças ocorridas entre o Postal Turístico e o Postal Publicitário sugere diversas fases de metamorfoses, e não de Transmutações, pois, segundo o que fora observado, só ocorre uma Transmutação Genérica quando o gênero adquire identidade própria de acordo com a esfera discursiva que o Transmutou. Conclui-se que o Postal Publicitário não é fruto de várias transmutações, como sugeridas por Zavam, e sim da Transmutação Genérica, intencionalmente provocada, após todos os processos de mudanças ocorridos com o Postal Turístico. Esse resultado levou a propor a concepção de Transmutação Genérica Provocada como explicação para o que ocorreu com os Postais Publicitários. Entendida como uma Transmutação artificial, fruto da intencionalidade do produtor, a nosso ver, essa concepção também pode responder pela complexidade de outras formas genéricas da contemporaneidade.

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFPE

<http://www.pgletras.com.br>

Como pudemos perceber na análise desse trabalho e também como pode ser visto no resumo, a pesquisadora conseguiu chegar ao conceito de transmutação genérica provocada a partir dos diálogos entres as diferentes teorias. É importante perceber que apenas uma teoria não teria dado conta da complexidade da forma genérica que foi estudada, levando em consideração todos os seus aspectos. Interessante perceber essa formação de um novo conceito que pode servir de base para análise de outras formas genéricas da contemporaneidade, como ressalta a própria pesquisadora.

Outra dissertação que achamos importante trazer para a discussão nesse contexto do PPGL-UFPE é a D15UFPE. Nessa pesquisa, é construído um diálogo entre as teorias dos Novos Estudos de Letramento e as teorias de gênero. Esse diálogo já é apontado no resumo da dissertação, como podemos ver na figura 7.

Figura 7 - Recorte de exemplar de resumo D15 UFPE

A presente pesquisa está inserida na perspectiva dos estudos sobre letramento a partir de uma abordagem social, conforme os Novos Estudos sobre Letramento – *New Literacy Studies* – (STREET, 2012, 2010, 2007; BARTON; HAMILTON, 2005), e investiga as práticas e os eventos de letramento ocorridos em um curso de Letras a distância oferecido pela Universidade de Pernambuco (UPE). Considerando que os eventos de letramento apresentam o texto como elemento central na mediação das interações, neste trabalho parte-se de uma perspectiva textualmente orientada, ou seja, a partir da análise dos principais textos com os quais os estudantes lidam, levando em conta o conceito de gênero, objetivou-se estudar as peculiaridades das práticas e eventos de letramento no ambiente acadêmico, no contexto específico do referido curso. Além disso, objetivamos também identificar o conjunto de gêneros com o qual os alunos lidam (produtiva e receptivamente) ao estarem inseridos no sistema de atividades da Universidade e analisar a percepção, crenças e valores dos participantes da interação (alunos e professores) durante o processo de ensino-aprendizagem acerca dos gêneros principais presentes nos eventos de letramento que ocorrem nas disciplinas: fórum de discussão e WebQuest, bem como o fascículo das disciplina. Teoricamente, destacamos os conceitos de práticas e eventos de letramento, como ferramentas analíticas produtivas para a compreensão do fenômeno do letramento; além desses, foram centrais os conceitos de gênero (cf. MILLER, 2009 [1984]; SWALES, 1990) e conjunto de gênero (cf. DEVITT, 1991), relacionado com os sistemas de gêneros e os sistemas de atividades (BAZERMAN, 2005). A fim de proceder a uma descrição significativa desse fenômeno, os *corpora* se constituíram através de um conjunto de dados diversificados,

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFPE

www.pgletras.com.br

Em seu trabalho, a autora pesquisa sobre as práticas e os eventos de letramento na educação a distância de nível superior. Assim, ela considera que, ao ingressar em um curso superior, o estudante precisa desenvolver letramentos diversos para obter sucesso em sua carreira acadêmica e profissional, entendendo, portanto, que é necessário pesquisar práticas vigentes no ambiente acadêmico a partir de um conceito de letramento essencialmente plural, visto que as práticas de leitura e escrita na Academia exigem o reconhecimento da necessidade de letramentos múltiplos.

Desse modo, a pesquisadora adota a perspectiva delineada pelos Novos Estudos de Letramento com autores como M. R. Lea, B. V. Street, D. Barton e M. Hamilton em uma abordagem social. A partir dessa abordagem, é construído em toda a dissertação um diálogo com os Estudos Retóricos de Gêneros, principalmente no que se refere aos conceitos de gênero, conjunto de gêneros, sistemas de gêneros e sistemas de atividades e com a perspectiva do Inglês para Fins Específicos que trabalha com o conceito de gênero em contextos acadêmicos. Apesar de tratar-se de um diálogo aparentemente simples, constitui-se como um trabalho em que podemos perceber de que modo a mobilização de conceitos específicos pode construir um aparato consistente. Nesse sentido, podemos recuperar o princípio do circuito retroativo da TC, pois, mesmo com a ruptura de determinados conceitos das teorias adotadas,

na medida em que nem todos os aspectos dessas teorias são levados em consideração, existe um equilíbrio dinâmico organizado por retroações mútuas e que mostra a complexidade na construção de determinados diálogos nos quais os teóricos precisam estar em consonância, principalmente na escrita do pesquisador que os propõe. Desse modo, entendemos que, apesar de as teorias conservarem as suas estruturas essenciais, elas podem adquirir novas propriedades analíticas.

Com relação à natureza das associações do PPGL-UFPE, constatamos que, de maneira geral, os pesquisadores utilizam as abordagens de gêneros para a discussão teórica dos trabalhos, descrevendo-as e citando os seus conceitos, às vezes relacionando-as com outras tradições ou teorias, de forma a justapor suas contribuições. Na próxima subseção, faremos algumas reflexões sobre as teses e dissertações analisadas da Universidade Federal de Santa Maria.

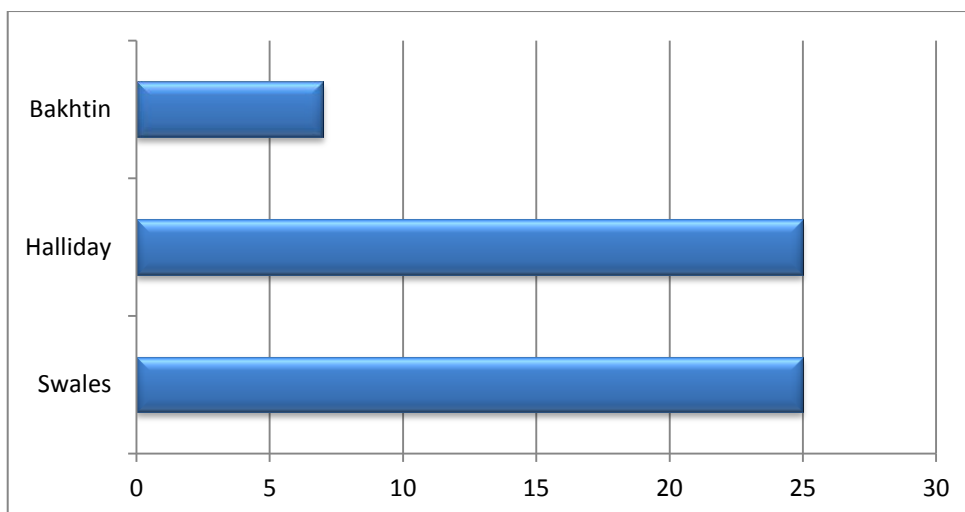
5.2 Universidade Federal de Santa Maria

A Universidade Federal de Santa Maria também atua com pioneirismo nos estudos sobre gêneros textuais, tanto no que diz respeito aos pesquisadores que fizeram mestrado e doutorado nessa instituição, quanto no que se refere aos professores que até hoje lá desenvolvem as suas pesquisas. Na Universidade, os estudos sobre gênero são feitos no programa de Pós-Graduação em Letras que foi credenciado pela CAPES com o início do curso de Mestrado no ano de 1995. As linhas de pesquisa do programa estão distribuídas entre as duas áreas de atuação: estudos linguísticos e estudos literários. Em relação aos estudos linguísticos, as linhas de pesquisa comportam trabalhos sobre língua, sujeito e história, linguagem no contexto social e linguagem e interação. Dentro dessas linhas, os estudos de gêneros podem ser desenvolvidos principalmente nas duas últimas. Um dos importantes nomes do programa na área de gêneros textuais é a professora Désirée Motta-Roth, que desenvolve diversas pesquisas sobre gêneros, principalmente no âmbito dos gêneros acadêmicos e com a temática das notícias de popularização da ciência.

Para o período de tempo estabelecido para a nossa coleta de dados, encontramos um total de trinta e dois trabalhos defendidos no PPGL-UFSM, sendo oito teses e vinte e quatro dissertações. Dentre as oito pesquisas de doutorado, seis fazem análises dos gêneros: autos de processo penal, artigo de opinião, crônica e notícias de popularização da ciência, e dois estão mais diretamente ligados à educação, fazendo análises de reportagens didáticas sobre o ensino

e de material didático para o ensino de língua inglesa. Em relação às dissertações, dezoito trabalhos fazem discussões de caráter teórico finalizadas com análises de gênero, tais como notícias de popularização da ciência, fábula, pôster acadêmico e outros, e seis trabalhos estão relacionados ao ensino com análise de material didático, por exemplo, e outros estudos. Pudemos perceber que a maioria das pesquisas sobre gêneros do PPGL-UFSM, tanto no nível de mestrado quanto no nível de doutorado, são orientados pela professora Désirée Motta-Roth. No gráfico 2, podemos ver os principais autores nos trabalhos.

Gráfico 2 - Autores que são teoria de base para as teses e dissertações da UFSM (32 trabalhos)



Fonte: Elaborado pelo autor

No que se refere aos autores de base para as teses e dissertações do PPGL-UFSM, Halliday e Swales são os principais autores utilizados nos trabalhos. Em sete teses e em dezoito dissertações encontramos tanto a teoria de um, quanto a do outro como importantes para o desenvolvimento das pesquisas. O que acontece na maioria dos trabalhos sobre gêneros textuais desenvolvidos no PPGL-UFSM vai ao encontro da segunda acepção de síntese proposta por Bezerra (2016, p. 471), síntese “como uma espécie de macroteoria construída a partir de contribuições de diversas abordagens (...)”. O autor explica que essa segunda acepção é a mais próxima do que sugerem Bawarshi e Reiff (2013) ao tratarem sobre a síntese brasileira.

Em seu texto, Bezerra (2016) comenta e exemplifica algumas estratégias de síntese de abordagens aplicadas aos estudos de gêneros, enfatizando as experiências com as abordagens “mestiças” a que se refere Motta-Roth que articula conceitos do ESP, ERG, LSF e ISD; e a

Análise Crítica de Gêneros que combinaria contribuições da LSF, Sociorretórica e Análise Crítica do Discurso, cujo precursor, no Brasil, seria José Luiz Meurer¹³. Nesses casos, a junção de diferentes aportes das teorias de gêneros entre si ou com outras teorias possibilitaria a formação de uma macroteoria.

Nos trabalhos desse programa, foram mencionadas várias abordagens dos estudos de gênero, com a exceção do Interacionismo Sociodiscursivo. Como pudemos ver acima, existe uma conjugação entre as teorias do ESP (defendidas por Swales) e da LSF (Halliday) que, junto à Análise Crítica do Discurso (Fairclough), fornece aporte teórico-metodológico específico para as análises desenvolvidas em diferentes trabalhos.

Além desse diálogo entre essas teorias, pudemos perceber também diálogos com os ERG, em C. Bazerman, como, por exemplo, no trabalho T5UFSM, tese cuja pesquisadora analisa o modo como as descobertas científicas são representadas nas notícias de popularização da ciência publicadas nos sites Ciência Hoje e Galileu. Para isso, ela faz um levantamento dos contextos de produção e distribuição das notícias, identificando e comparando a sua organização retórica, verificando possíveis variações de registro nos exemplares do gênero e analisando o modo como os jornalistas se posicionam em relação aos seus enunciados e às vozes não autorais inseridas nas notícias. Para efetivar os seus objetivos, a autora adota uma perspectiva interdisciplinar de análise com o cruzamento de teorias que apontam para uma abordagem sociosemiótica da linguagem e uma abordagem social do discurso. Nas suas referências, estão presentes os preceitos epistemológicos da Análise Crítica de Gêneros, que, como vimos, se fundamenta no quadro teórico-metodológico da LSF, da ACD e da Sociorretórica que, nesse diálogo, inclui os preceitos de Bazerman numa combinação entre a análise do texto e o exame do entorno social (MOTTA-ROTH, 2006).

Outro tipo de interlocução nas teses foi entre os estudos de Halliday, as concepções dos autores dos ERG e os postulados de Van Leeuwen, conforme a figura 8.

¹³ Como vimos no capítulo quatro deste trabalho, Bezerra (2016) destaca uma perspectiva internacional também denominada Análise Crítica de Gêneros e desenvolvida por V. K. Bhatia, mas explica que provavelmente se trata de coincidência terminológica na medida em que o foco da abordagem de Bhatia é mais restrito, combinando mais especificamente a perspectiva de gêneros do ESP e a Análise Crítica do Discurso baseada em Norman Fairclough.

Figura 8 - Exemplar de resumo T1 UFSM

Este trabalho busca responder à seguinte questão: como operadores do direito fazem a representação de atores sociais nos autos de um processo penal de um crime contra a vida no contexto brasileiro? O objetivo central consiste em analisar as formas de representação dos atores sociais, a partir da descrição do sistema de transitividade, em textos produzidos pelos operadores nos autos de um processo penal. Para isso, fez-se necessário o levantamento de dados contextuais sobre a prática jurídica penal. Por meio da consulta a uma fonte documental, constituída de leis e textos informativos da área de Direito Penal, identificamos mecanismos de institucionalização e delineamos o contexto de cultura. Delineamos também o contexto de situação em que se inserem os autos de um processo penal em particular (PP), selecionado junto à 1ª Vara Criminal do Fórum de Santa Maria, RS, Brasil. Por meio do método qualitativo, identificamos os atores sociais que preenchem os papéis da transitividade no nível da oração, com base na Gramática Sistêmico-Funcional desenvolvida por Halliday & Matthiessen (1999, 2004), e analisamos as formas de representação, com base nas categorias sócio-semânticas propostas por van Leeuwen (1997). A análise das escolhas léxico-gramaticais associadas aos dados contextuais mostrou que os autos do processo penal constituem um complexo sistema de gêneros, em que os operadores do direito “administram”, em vista de suas atividades e dos seus propósitos, as representações da realidade construídas pela ré e pelas testemunhas. Dessa forma, os operadores do direito usam a linguagem para elaborar versões da realidade, uma das quais é escolhida pelos jurados.

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSM

<http://coral.ufsm.br/ppgletras/>

Como vimos previamente no resumo, a autora da pesquisa tem como objetivo analisar as formas de representação de atores sociais a partir da descrição do sistema de transitividade em textos produzidos por operadores de direito nos autos de um processo penal. Nesse sentido, é importante para a pesquisa verificar se a perspectiva de gêneros pode auxiliar na descrição dos autos em um processo penal particular. Para descrever as atividades realizadas por meio de textos que compõem os autos, a pesquisadora se orienta pelos pressupostos dos Estudos Retóricos de Gêneros, segundo os quais gêneros partem de processos de atividades socialmente organizadas. Desse modo, é interessante perceber que, ao focalizar os textos na perspectiva dos gêneros utilizados na sociedade para a execução de atividades, a pesquisadora se “familiariza” com as circunstâncias em que as atividades jurídicas são realizadas por meio de textos. Assim, ela consegue utilizar tal abordagem com propriedade, na medida em que consegue delinear o contexto jurídico numa sistematização necessária para entender o gênero na sua funcionalidade.

Podemos pensar os diálogos entre teorias propostos nessa tese como complexos trazendo à reflexão o princípio da recursão organizacional da TC. Nesse princípio, defende-se que os indivíduos humanos produzem a sociedade por meio das diversas interações, entretanto a sociedade produz a humanidade desses indivíduos conduzindo-lhes à cultura e a linguagem.

Isso pode ser pensado na medida em que o autor busca uma teoria que entende que os gêneros podem incorporar interesses e valores de um grupo social e reforçar regras sociais entre leitores e escritores. Nesse sentido, textos podem mudar conhecimentos, crenças, atitudes e valores ao passo que podem ter efeito sobre a vida das pessoas, como já defendia Bakhtin. Desse modo, é necessário entender a relação entre os participantes do evento social que o texto faz parte e vice-versa.

No que se refere às dissertações do PPGL-UFSM, pensamos trazer para esta discussão dois trabalhos. No primeiro, D4UFSM, o autor analisa como se configura o gênero Anúncio Pessoal no meio eletrônico, investigando as escolhas lexicais para determinar perfis para as representações das identidades dos participantes do gênero. O pesquisador mobiliza os conceitos de linguagem, texto, contexto, variáveis do contexto e funções da linguagem em Halliday e Hasan (1989). Esses conceitos dialogam com o conceito de gênero proposto por Bakhtin, sendo levado em consideração, principalmente, o modelo que Halliday e Hasan propõem para analisar gênero a partir das variáveis do contexto e das funções da linguagem. A essa perspectiva, acrescenta-se também os conceitos de discurso e identidade propostos por Norman Fairclough, importante para o trabalho ao passo que a configuração do gênero vai conduzir a construção de determinadas identidades.

Nos diálogos dessa pesquisa, podemos identificar características do princípio hologramático da TC. À medida que o pesquisador investiga determinadas escolhas lexicais na produção do anúncio pessoal no meio eletrônico para que sejam identificadas características da identidade nos perfis, ele procura partes específicas que podem caracterizar o perfil como um todo. É nesse sentido que é explicado o princípio hologramático, afirmando que parte e todo formam uma única realidade. Isso também se reflete nas interlocuções entre teorias, já que o autor do trabalho mescla teorias que tratam especificamente do texto, em relação ao seu caráter lexical, bem como outras teorias que levam em consideração o contexto.

No segundo trabalho, D24UFSM, a autora tem como intuito investigar textual e contextualmente a organização retórica do resumo acadêmico gráfico. Para isso, a sua dissertação está baseada no mapeamento dos significados representacionais, interativos e composicionais do modo semiótico visual do gênero, no levantamento dos marcadores metadiscursivos e na análise das funções e dos propósitos comunicativos do resumo acadêmico gráfico. No que se refere aos diálogos entre as teorias, podemos refletir sobre isso também analisando o resumo da pesquisa, na figura 9.

Figura 9 - Exemplar de resumo D24 UFSM

Esta pesquisa está vinculada ao projeto guarda-chuva *Análise crítica de gêneros e implicações para os multiletramentos* (HENDGES, 2012a). Nossa investigação recai sobre o resumo acadêmico gráfico (RAG), prática discursiva não regular do contexto acadêmico, que, quando ocorre, coexiste com o resumo acadêmico (RA) nos Sumários de periódicos científicos e na versão HTML do artigo acadêmico. O RAG se materializa pela combinação dos modos semióticos verbal e visual. Metodologicamente, propomos investigar o RAG sob a perspectiva da Análise Crítica de Gêneros (MEURER, 2002; BHATIA, 2004; MOTTA-ROTH, 2006, 2008), abordagem teórico-metodológica que possibilita realizar o objetivo de investigar, textualmente e contextualmente, a organização retórica do RAG, por meio da análise dos diferentes modos semióticos que o constituem, a fim de verificar padrões que permitam definir o RAG como (um novo) gênero. Quarenta RAGs de quatro periódicos científicos das áreas de Biodiversidade e de Química (CAPES, 2014) foram selecionados. Para a análise contextual realizamos: i) entrevistas com pesquisadores das áreas investigadas; e ii) análise documental. Para a análise textual, realizamos: i) identificação, descrição e categorização dos significados dos modos semióticos que compõem o RAG, com base na Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), na Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) e nos marcadores metadiscursivos (MORAES, 2005, conf. VANDE KOPPLE, 1985; CRISMORE; FRANSWORT, 1989; BAKHTIN, 1988; 2011, p. ex.); e ii) identificação de padrões retóricos recorrentes em RAGs (SWALES, 1990). Essa análise evidenciou que, embora o RAG apresente movimentos retóricos típicos de outros gêneros acadêmicos, é um novo gênero porque a realização desses movimentos retóricos é necessariamente multimodal, com destaque para o modo semiótico visual. Essa característica o diferencia do RA, pois potencializa o multi-propósito comunicativo de atrair o leitor e sintetizar a pesquisa reportada em um artigo. Esses propósitos dão conta da recorrente necessidade da comunidade científica de otimizar o tempo de busca e seleção de artigos acadêmicos para leitura e de otimizar a divulgação dos resultados da pesquisa científica. O estudo crítico de RAGs possibilita interpretar os novos discursos disponíveis no contexto acadêmico, considerando a multiplicidade cultural e de materialização dos significados, podendo auxiliar na proposição de meios pedagógicos capazes de promover os multiletramentos.

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSM

<http://coral.ufsm.br/ppgletas/>

Para desenvolver o seu trabalho, a autora se baseia na perspectiva da ACG destacando a visão de que a representação e a comunicação ocorrem por meio de diversas materializações linguísticas, entendendo, assim, a linguagem verbal, oral ou escrita, como apenas mais um modo entre tantos outros para a realização de significados, a partir de autores como G. Kress e Van Leeuwen. Esse pensamento está em consonância com a teoria de gêneros adotada, pois, além de evidenciar a natureza multimodal dos gêneros, destaca o modo como a linguagem se organiza com finalidades específicas no contexto de uma interação social (SWALES, 1990). A pesquisadora acrescenta a esse diálogo a concepção da existência de sistemas de gêneros (BAZERMAN, 2004) que permitem estudar o resumo acadêmico gráfico como variações de um gênero do sistema e sua relação com os demais gêneros em termos de papel e de traços materiais.

Nesta dissertação, pudemos perceber o princípio da autonomia/dependência, também caracterizador da TC. Nesse princípio, defende-se que apesar de cada fenômeno ter a sua

dinâmica, ele tem sempre uma dependência de outro fenômeno. Como vimos no trabalho, para proceder à descrição do resumo acadêmico gráfico, a autora, inevitavelmente, teve que recorrer às ações retóricas que são aplicadas ao resumo acadêmico. Este é um princípio bastante marcado nas descobertas científicas, ao passo que cada descoberta está sempre associada com descobertas anteriores em uma mesma área científica e até em áreas científicas diferentes. Isso se reflete nos diálogos entre teorias, pois, para que fossem alcançados os objetivos da pesquisa, foi necessário refletir e discutir sobre a dinâmica daquilo que abrange teoricamente o resumo acadêmico (que pode ser percebido como tradicional) e o que pode aparar teoricamente também as discussões do resumo acadêmico gráfico (que pode ser percebido como inovador). Ou seja, a dinâmica autonomia/dependência não se dá somente entre os objetos/fenômenos, mas também entre as teorias utilizadas para estudá-los, de maneira geral ou especificamente.

Após a reflexão de alguns trabalhos do PPGL-UFSM, na próxima subseção, discutiremos sobre as pesquisas feitas no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

5.3 Universidade Federal de Santa Catarina

Os estudiosos em linguística desenvolvem estudos sobre gêneros textuais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) através do Programa de Pós-graduação em Linguística. O PPGLg foi o segundo programa de Pós-Graduação criado na UFSC, funcionando regularmente desde 1971. Esse programa destaca-se como um dos seis melhores do país em sua área de conhecimento. As linhas de pesquisa dividem-se em quatro abordagens específicas: Linguística Aplicada, Psicolinguística, Sociolinguística e Dialetoлогия e Teoria e Análise Linguística, sendo que os estudos de gêneros textuais são desenvolvidos principalmente na área de Linguística Aplicada.

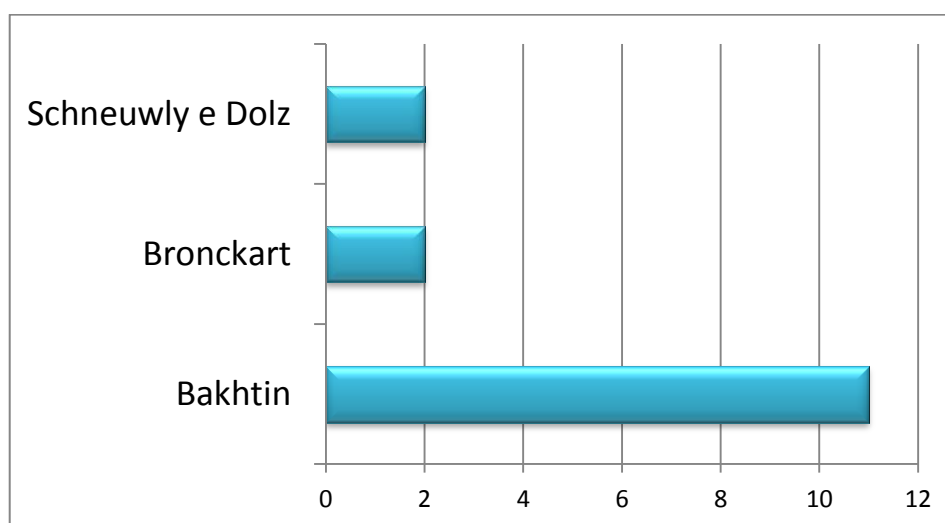
Destaca-se também na área de pesquisas sobre gêneros textuais pela quantidade de pesquisadores no tema que fizeram o seu processo de doutoramento na instituição ou foram professores permanentes da Universidade e proporcionaram grandes pesquisas para o cenário brasileiro. Dentre esses pesquisadores, podemos citar: Adair Bonini que atualmente é professor da Universidade Federal de Santa Catarina; Bernadete Biasi-Rodrigues que depois do doutorado foi atuar na Universidade Federal do Ceará. Foi também autora de diversos artigos publicados em revistas especializadas na área de gêneros, antes do seu falecimento;

Désirée Motta-Roth que fez o seu doutorado em inglês na UFSC e depois passou a trabalhar na UFSM, como já vimos; José Luiz Meurer que, antes de sua morte, foi professor titular de inglês e linguística aplicada da UFSC, foi um dos grandes estudiosos de gêneros textuais no país, influenciando os estudos nessa área com seus escritos ainda hoje; entre outros pesquisadores.

Encontramos no programa, no período de tempo pensado para a coleta de dados, um total de quatro teses e onze dissertações relacionadas ao tema gêneros textuais, totalizando quinze pesquisas. Dentre essas quatro teses, duas desenvolvem propostas de ensino e duas desenvolvem análise de gêneros. No que se referem às dissertações, sete são estudos direcionados ao âmbito do ensino e quatro são estudos em análise de gêneros.

Apesar da grande quantidade de pesquisadores consagrados na área de gêneros textuais que fizeram seus trabalhos neste Programa de Pós-Graduação, como vimos acima, essas pesquisas foram produzidas bem antes dos anos 2000, não fazendo parte do nosso recorte, e alguns não diziam respeito diretamente aos estudos sobre gêneros textuais. Desse modo, depois que começaram a atuar no ensino superior de graduação e pós-graduação foi que alguns desses pesquisadores se dedicaram intensamente a essa área de conhecimento. Mesmo assim, achamos importante incluir os trabalhos do PPGLg-UFSC em nossos dados, por entender a influência que pesquisadores sobre gêneros dispensaram aos mestrandos e doutorandos desse programa.

Gráfico 3 - Autores que são teoria de base para as teses e dissertações do PPGLg-UFSC (15 trabalhos)



Fonte: Elaborado pelo autor

Nos trabalhos desenvolvidos no PPGLg-UFSC, o autor mais utilizado é Bakhtin com a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso. Representamos esse estudioso junto ao nome de Volochinov em razão de alguns pesquisadores se referirem à autoria de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* conforme a bibliografia consagrada. Alguns trabalhos trazem diálogos bem específicos com as teorias de Vygotsky, assim como com Bronckart, Schneuwly e Dolz. Existe também um diálogo específico com Fairclough em um dos trabalhos que é desenvolvido a partir de uma das “vertentes” da Análise Crítica de Gêneros, que inclui os trabalhos de Bonini e o pensamento emancipatório de Paulo Freire.

No que diz respeito às teses coletadas no PPGLg-UFSC, vamos refletir sobre duas delas especificamente: T1UFSC e T3UFSC. A primeira tese, como o próprio título mostra, está ligada ao ensino e tem como interesse a construção de uma abordagem didático-metodológica pautada no conceito de aprendizagem de Vygotsky e nos postulados de Bakhtin sobre a linguagem. Para desenvolver isso, a autora aplica a teoria dialógica da linguagem proposta por Bakhtin e Volochinov (1999) e Bakhtin (2002) ao ensino-aprendizagem do gênero resenha acadêmica, bem como à análise e descrição interpretativa dos aspectos constitutivos do gênero em textos de estudantes universitários. Importante ressaltar que na discussão teórica a autora ilustra a diferença entre a abordagem bakhtiniana e outras abordagens desenvolvidas também nesse sentido. Isso é feito a partir de textos como Rojo (1996), Kintsch e van Dijk (1983), Bonini (2002) e outros. Pensamos ser esse um dos aspectos mais importantes do trabalho, pois a autora apresenta abordagens diferentes que podem ser utilizadas para discutir um mesmo aspecto. Essa é uma discussão teórica bastante pertinente já que a produção acadêmica tem também o intuito de divulgar o saber e propor aos diversos estudiosos de uma área a reflexão sobre os diferentes caminhos que podem ser seguidos nessa área.

Quanto ao trabalho de elaboração e aplicação didática, além da teoria de Bakhtin, é acrescentado o conceito de elaboração didática de Halté (1998). Outro aspecto bastante positivo, pois conduz a análise a um direcionamento específico em consonância com os objetivos que são propostos. Uma falta que sentimos no trabalho foi a de discussões do texto de Swales (1990), já que são pensados mecanismos para o ensino de resenhas acadêmicas e muito do que Swales aborda sobre movimentos retóricos poderia ser bastante interessante à discussão.

A segunda tese, a T3UFSC, se trata de uma análise de gênero, carta de conselhos, tendo como autor de base Bakhtin e os pressupostos da Análise Dialógica do Discurso. Nesse trabalho, é feita uma combinação com as teorias de Giddens da área de Sociologia. Isso se

justifica pelas considerações que foram feitas no que se refere às questões sobre autoajuda. O objetivo do trabalho é realizar uma análise descritivo-interpretativa do gênero carta de conselhos, do jornalismo de revista *online*, como podemos ver na figura 10 abaixo.

Figura 10 - Recorte de exemplar de resumo da T3UFSC

Diversas pesquisas contemporâneas no campo da Linguística Aplicada têm procurado compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros do discurso. Nesta tese apresentamos a análise do gênero do discurso *carta de conselhos*, publicado em revistas *online*. A pesquisa baseia-se nos estudos do Círculo de Bakhtin, e estudos contemporâneos da Análise Dialógica de Discurso, nos estudos sobre comunicação virtual e nos estudos sociológicos de Giddens. Os dados são formados por 30 (trinta) exemplares do gênero *carta de conselhos*, publicados nas revistas *online Claudia, Nova e Veja*, no período de 10 a 17 de março de 2010. Inicialmente, analisamos a dimensão social do gênero, focalizando sua esfera social e seu cronotopo. Observamos que, na contemporaneidade, o jornalismo de revista *online* tem se caracterizado como um jornalismo de revista especializado, seguindo caminhos discursivos múltiplos, dentre eles o do entretenimento e da autoajuda. Em relação ao grande cronotopo, pudemos compreender que a carta de conselhos se constitui nas condições sócio-históricas da modernidade tardia, um tempo-espço da angústia existencial, da cultura de riscos e da busca incessante por respostas para os problemas da vida social. Acerca do pequeno cronotopo do gênero *carta de conselhos*, a situação social de interação, constatamos que a posição de autoria é discursivamente construída por profissionais de diferentes esferas de atuação que assinam as cartas e que são denominados pelas revistas como *conselheiros ou articulistas. Quanto ao interlocutor, assiste*

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSC

<http://ppglin.posgrad.ufsc.br/>

O pesquisador justifica a sua escolha pela investigação da carta de conselhos por acreditar que o gênero se apresenta como um dos diversos gêneros que se constituem a partir das condições sociais e históricas do tempo-espço da modernidade tardia. É a partir dessa discussão que também se justifica a utilização de teóricos da Sociologia principalmente em Giddens. Essa é uma interlocução de teorias que nos conduz claramente ao princípio dialógico da TC, na medida em que o diálogo nesse caso se estende para além de um mesmo campo teórico de saber específico. Nesse mesmo sentido, a análise dos dados no trabalho se propôs interativa com a intenção de refletir sobre as múltiplas dimensões do objeto de estudo, sem se prender a conclusões rígidas, o que também enquadra toda a articulação teórica utilizada nas análises dentro dos preceitos da TC.

No contexto do PPGLg-UFSC, gostaríamos de trazer para a discussão também duas dissertações: a D2UFSC e a D11UFSC. Na primeira pesquisa, a intenção foi investigar o

processo de escrita de gêneros em sala de aula por meio da intervenção colaborativa. O trabalho, desenvolvido no início dos anos 2000, procura averiguar a demanda pelo ensino/aprendizagem de gêneros nas aulas de Língua Portuguesa, identificando os gêneros que circulam em sala de aula, promovendo o trabalho numa turma de quinta série, que hoje equivale ao sexto ano do Ensino Fundamental II. A pesquisadora trouxe como base teórica as contribuições da Teoria da Enunciação de Bakhtin e da Psicologia histórico-cultural de Vygotsky, focalizando as relações de interação entre sujeitos.

Na D2UFSC, apesar das interlocuções teóricas serem interessantes, já que aspectos do ensino devem levar em consideração autores como os citados a cima, vale ressaltar que o conceito de “intervenção colaborativa” proposto não ficou muito claro no desenvolvimento do trabalho, pois, já que esse era o aspecto diferencial para um diferente processo de escrita, poderia ter sido melhor discutido durante a revisão teórica. Desse modo, a apresentação do conceito poderia ter levado em consideração os diferentes aspectos que estão envolvidos numa ação de intervenção e não somente o que está diretamente ligado com a escrita.

Na segunda pesquisa, D11UFSC, a proposta foi analisar a relevância do jornal escolar para a produção de textos de diferentes gêneros no ensino e aprendizagem da língua materna. Para isso, foi importante investigar qual o conhecimento que professores e estudantes envolvidos na produção do jornal escolar tinham a respeito dos gêneros da área jornalística e verificar a existência de repercussão social da experiência do jornal escolar no contexto em que foi estudado. No que se refere às teorias utilizadas, podemos analisar a partir do resumo da figura 11 abaixo, comentando um pouco do que encontramos no capítulo de revisão da literatura do trabalho.

Figura 11 - Recorte de exemplar de resumo D11 UFSC

Esta dissertação teve a sua origem a partir da preocupação de se estudar alternativas de ensino e aprendizagem da língua materna que tenham como base os gêneros textuais/discursivos. Ao tomarmos conhecimento de que algumas escolas vêm utilizando o suporte jornal escolar como um meio para a publicação dos textos produzidos pelos alunos, elegemos nosso objetivo principal: analisar a relevância do jornal escolar para a produção de textos de diferentes gêneros textuais/discursivos no ensino e aprendizagem da língua materna. Para fundamentarmos o nosso estudo, tomamos como base a teoria dos gêneros do discurso na perspectiva de Bakhtin (1997) e do interacionismo sócio-discursivo de Bronckart (1999; 2006). Dentro desse contexto, fazemos ainda uma breve discussão dos gêneros textuais relacionada ao ensino e aprendizagem da língua materna com base em Marcuschi (2002), Oliveira (2010) e Dolz e Schneuwly (2004). Para compreendermos melhor o nosso objeto de pesquisa, fazemos uma abordagem histórica do jornal escolar, da sua origem ao seu uso na atualidade em escolas brasileiras. Nessa discussão nos apoiamos especialmente na questão relacionada ao jornal escolar defendida por Freinet (1974), na pedagogia de Freire (1981; 2004) e nas experiências com esse suporte vivenciadas por pesquisadores como Santos (1993), Ijuim (2005) e Baltar (2006). Nosso enfoque teórico se encerra com uma concisa classificação de alguns gêneros jornalísticos que podem ser encontrados nos jornais escolares, cuja fundamentação se encontra em Melo (1985), Lage (1998; 2001) e outros autores. Para a concretização deste trabalho optou-se pela pesquisa empírica com a utilização da metodologia do estudo de caso sobre o jornal “Galera Roldão”,

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSC

<http://ppglin.posgrad.ufsc.br/>

A discussão teórica levantada pelo autor é iniciada a partir da concepção bakhtiniana do enunciado como unidade real da comunicação verbal até chegar à concepção de gênero através do qual os enunciados se realizam. Em seguida, é trazido o conceito de gênero segundo a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart. Por fim, o autor chega à reflexão dos gêneros como unidade do ensino de língua materna, com base nos estudos de Marcuschi, Dolz e Schneuwly.

Além dessas teorias de gênero e de ensino de língua, a autora também discute aspectos da área do jornalismo que podem ajudar em seus objetivos. Como pudemos perceber, os diálogos vistos nos trabalhos analisados interagem dinamicamente, o que faz com que possamos dizer que esses diálogos são complexos. Isso pode ser justificado se pensarmos mais uma vez no princípio dialógico também apontado para a constituição de sistemas complexos, bastante caro para esta tese.

Na análise dos últimos trabalhos, pudemos perceber uma forte interação entre as pesquisas que foram desenvolvidas durante o nosso recorte no PPGLg-UFSC. O que acontece é que os trabalhos sempre citam uns aos outros. Além do PPGLg-UFSC, isso também ocorreu

bastante nos trabalhos do PPGL da Universidade Federal de Santa Maria. Essa interação dinâmica entre os elementos constituintes de um sistema complexo apontam para intercompreensões importantes para a nossa tese, pois também é nosso intuito caracterizar as pesquisas de modo geral no próximo capítulo. Por enquanto, nas próximas linhas, discutiremos um pouco sobre as teses e dissertações desenvolvidas no Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

5.4 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, as pesquisas sobre gêneros textuais são desenvolvidas através do Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. O LAEL, como é conhecido, foi criado em 1970, sendo o primeiro Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Linguística Aplicada fundado no Brasil. De acordo com o regimento do programa¹⁴, o ensino, a pesquisa e a extensão caracterizam-se pela diversificação e flexibilização da noção de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem de forma a possibilitar a intensificação de novas linhas de investigação e docência, que integram campos de saber sob a perspectiva da reflexão sobre o fenômeno da linguagem e suas formas de interação.

Como pode ser constatado pela exposição sobre o histórico do Programa, o pioneirismo e o investimento do PEPG em LAEL no desenvolvimento da pesquisa da área de Linguagem alcançou ampla repercussão e contribuiu de maneira efetiva na formação de profissionais que hoje atuam em Universidades Estaduais, Federais e privadas em todo o país. O programa apresenta forte influência dos estudos internacionais de gênero e destaca-se pelos programas de inserção social que desenvolve. No que se refere às linhas de pesquisa do programa, elas são as seguintes: Linguagem e Educação; Linguagem e Patologias da Linguagem; Linguagem e Trabalho; e Linguagem e Tecnologias. Cada uma dessas linhas de trabalho se desdobra em outras duas vertentes. Os estudos sobre gêneros textuais podem ser desenvolvidos na primeira e nas duas últimas linhas de pesquisa.

Dentre os professores com o desenvolvimento de importantes pesquisas também com a temática de gêneros textuais, estão, por exemplo, Elisabeth Brait, Sumiko Nishitani Ikeda, e Roxane Rojo (hoje em dia não está mais na PUC-SP), além das grandes contribuições de

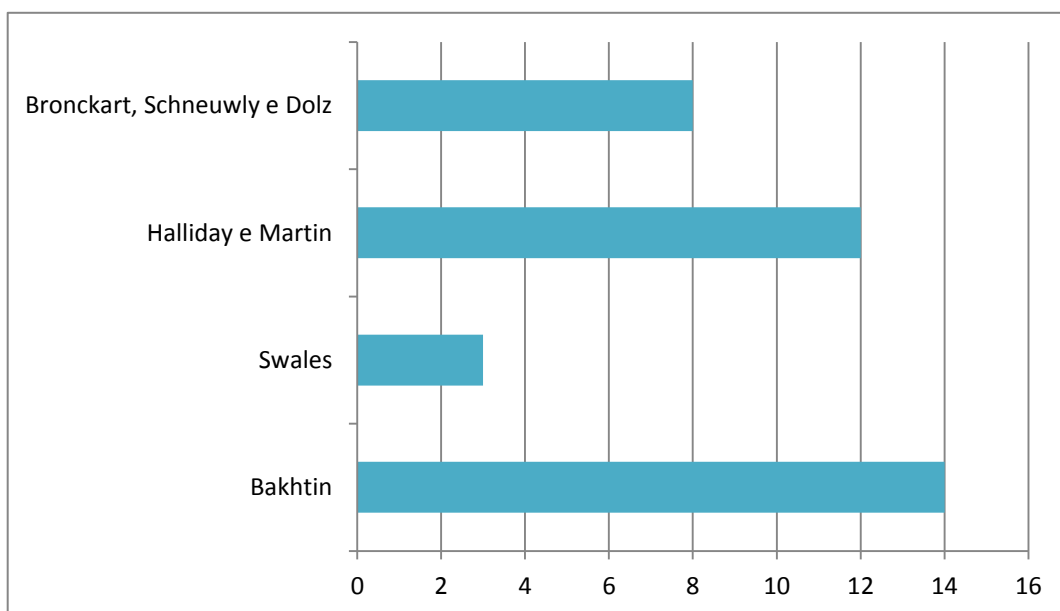
¹⁴ Informações coletadas em: <http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/linguistica-aplicada-e-estudos-da-linguagem#apresentacao> Acesso em 23 de fev. de 2017.

Anna Rachel Machado até o seu falecimento. Outros importantes nomes nos estudos de gêneros que fizeram o seu processo de doutoramento nessa universidade foram Vera Lúcia Cristovão, Orlando Vian Jr. e a própria Roxane Rojo.

No banco de teses e dissertações do LAEL-PUC/SP, encontramos onze teses e vinte e seis dissertações com a temática de gêneros textuais. As teses, em sua maioria, se destinam a discutir o ensino de Língua Portuguesa mediado pelos gêneros textuais. São sete trabalhos que se dedicam ao ensino, sendo que quatro apresentam propostas de trabalho com gêneros e relatos de experiência, e os outros três fazem análises de material didático. As outras quatro pesquisas dedicam-se a análises de gêneros tais como petição, comunicação oral, artigo de opinião e ensaio.

Em relação às dissertações, são exatamente treze trabalhos que fazem análises de gênero, tais como seminário, resenha acadêmica, artigo de opinião, *chat*, entre outros, e treze trabalhos estão mais diretamente ligados com o ensino de nível básico e superior, seja fazendo análise de material didático, seja construindo propostas de ensino e relatos de experiências com gêneros de texto. Para iniciarmos a discussão sobre os principais autores utilizados neste programa e os diálogos que são construídos nos estudos, analisemos o gráfico 2.

Gráfico 4 - Principais autores nas teses e dissertações do LAEL-PUC/SP (37 trabalhos)



Fonte: Elaborado pelo autor

Como era de se prever, M. Bakhtin é o estudioso que mais influencia as pesquisas elaboradas no LAEL-PUC/SP, sendo um dos principais autores para quatorze dos trabalhos. É

importante ressaltar que mesmo não sendo o autor central nos outros trabalhos, o pensador russo foi citado na maioria das outras pesquisas. Em segundo lugar está Halliday, que traz os preceitos da Linguística Sistêmico-Funcional como principal embasamento teórico para treze trabalhos, juntamente com outros autores. Swales também figura como um autor bastante importante para uma tese e duas dissertações analisadas. Schneuwly, Bronckart e Dolz se caracterizam como autores principais em oito dissertações e também foram citados na maioria das teses, com a exceção de um que tinha por objetivo um estudo sobre gêneros na escola, tomando por base a LSF.

Essa predominância de Bakhtin e dos autores de Genebra pode ser explicada por três aspectos diferentes: o primeiro diz respeito ao fato de pesquisadoras como Anna Rachel Machado e Roxane Rojo terem realizado estudos de doutorado e pós-doutorado na Universidade de Genebra, extremamente influenciada pelo teórico russo. Além disso, Roxane Rojo também fez a tradução para o português do livro *Gêneros Orais e Escritos na Escola* dos autores Schneuwly e Dolz. O segundo aspecto é que a maioria dos trabalhos se dedica à aplicabilidade dos gêneros em sala de aula, sendo que os estudos mais difundidos no Brasil sobre essa aplicabilidade são justamente os dos autores genebrinos. O terceiro aspecto se refere ao fato da existência de determinados projetos que proporcionam uma relação mais estreita entre os pesquisadores do LAEL-PUC/SP e os pesquisadores da Universidade de Genebra. Outro fato importante que foi analisado nos dados dessa Universidade é que Luiz Antônio Marcuschi é outro autor bastante citado nos trabalhos desenvolvidos pelos doutorandos e mestrandos, consolidando importantes diálogos nas pesquisas do LAEL-PUC/SP.

Bakhtin é o estudioso mais citado nas pesquisas do LAEL-PUC/SP. Bakhtin faz diálogos, por exemplo, com autores com Brait, Vygotsky, Bronckart, Schneuwly, Dolz e também com Halliday. Este último estudioso, que desenvolveu muitas de suas pesquisas com Martin e outros teóricos, é recorrente nas pesquisas em diálogos com Swales, Bronckart, Schneuwly, Dolz, Marcuschi e outros. Vale destacar que, evidentemente, muitos autores são citados nas pesquisas em todos os programas das Universidades, mas estamos representando nesses diálogos os principais autores, no sentido de contribuições mais específicas feitas a partir de seus textos para a área a que nos dedicamos.

Para exemplificar esses diálogos do LAEL-PUC/SP, vamos apresentar duas teses e duas dissertações. Essas são as duas pesquisas em nível de doutorado nesse programa em que vimos Miller e Bazerman serem citados: trata-se do trabalho T7PUC-SP. Nesse caso,

podemos ver, já por meio do resumo da figura 12, que a pesquisadora fez uma interessante mescla com os vários teóricos de gêneros textuais.

Figura 12 - Recorte de exemplar de resumo T7 PUC/SP

Este trabalho é parte de um projeto maior- *Formação de Professores e Multiplicadores de Ensino-Aprendizagem de Inglês Instrumental para o Sistema de Educação Profissional de Nível Técnico* - identificado como *ESPtec* e tem como objetivo investigar as evidências de aprendizagem da proposta pedagógica de gêneros de Ramos (2004a) no material elaborado pelos Centros de educação de nível técnico, estaduais e federais participantes da Ação 2 do *ESPtec*.

Para atingir esse objetivo, foram analisados o material didático produzido por cada Centro participante e as atividades de auto-avaliação inseridas no curso a fim de identificar as evidências de aprendizagem dos conceitos teóricos sobre elaboração de material fundamentado em gênero, segundo a proposta pedagógica de Ramos (2004a).

A fundamentação teórica deste trabalho englobou o conceito de gênero (Bakhtin, 2000; Swales, 1990; Bhatia, 1993; Martin, 1984; Martin e Eggins, 1997; Miller, 1984; Bazerman, 2005 e Meurer, 2002); os conceitos teóricos sobre material didático e sua elaboração, (Tomlinson, 2001; Graves, 2000; Dudley Evans e St John, 1998; Hutchinson e Waters, 1987); algumas propostas de elaboração de material didático com base em gêneros, focando, em especial, a proposta pedagógica de implementação de gêneros de Ramos (2004a).

Fonte: Repositório de teses e dissertações da PUC-SP

<http://www.pucsp.br>

A proposta da pesquisa é investigar em um material didático específico para o estudo do inglês instrumental na Universidade as evidências de aprendizagem de um trabalho com gêneros textuais. Fundamentando o estudo, a autora aborda o conceito de gênero segundo a compreensão de Bakhtin, dos teóricos do Inglês para Fins Específicos, Swales e Bhatia, dos teóricos da Escola Australiana como Martin, além de algumas concepções de Meurer e de Miller e Bazerman. Sobre Miller e Bazerman, especificamente, refletimos que, como eles dão preferência aos métodos etnográficos de análise para descrever o gênero, o que resulta em uma descrição detalhada dos contextos acadêmicos e profissionais que circundam o gênero, e nas ações que os textos desempenham dentro desses contextos, sua teoria se encaixa muito bem dentro dos diálogos propostos.

Os estudiosos da Nova Retórica são uma base bastante necessária para esse trabalho, na medida em que estão menos preocupados em utilizar o potencial do gênero para ensinar modelos de organização textual e linguagem e mais interessados em auxiliar os estudantes

universitários a compreender as funções sociais do gênero e os contextos nos quais são utilizados. Interessante também na discussão teórica da pesquisa é a reflexão da proposta de aglutinação das definições de gênero do ESP, dos ERG e da Escola australiana pensada por Meurer. Essa reflexão parte da proposta de definir gêneros como tipos razoavelmente estáveis, orais ou escritos, formais ou informais, que podem ser reconhecidos por causa de sua retórica, estrutura e função, ou seja, sua organização e finalidade (MEURER, 2002).

O outro trabalho em nível de doutorado que trazemos para a discussão é o T10PUC-SP. Nesse estudo, o autor procura descrever a estrutura genérica de comunicações orais em Língua Portuguesa, em congressos na área de linguística, identificando as diferenças e semelhanças entre as comunicações levando-se em consideração se os pesquisadores são novatos ou experientes. Além disso, é feita uma análise dos elementos léxico-gramaticais que sinalizam mudanças de etapas e a identificação de como os pesquisadores nomeiam a si mesmos e aos ouvintes por meio de pronomes pessoais.

O pesquisador recorre aos conceitos de gênero da LSF de Halliday e seus seguidores, além de utilizar o modelo de análise da estrutura genérica de Ventola *et al* (2002) no que diz respeito ao gênero sessão de comunicação oral em conferências em inglês para compará-lo com o seu *corpus* de estudo em português na área de Linguística Aplicada e assim identificar suas similaridades e diferenças. Para isso, no estudo, é resenhado o conceito de gênero através das abordagens do ESP, dos ERG, e da LSF. Essa discussão dialoga com a teoria da linguagem da LSF para refletir, então, as teorias de registro e de gênero que são base para a tese.

O autor utiliza especificamente a teoria de gênero de Martin e Rose (2008) por ela ter algumas características que condizem com o seu problema de pesquisa: é uma teoria sociosemiótica, em vez de etnográfica, com o campo, relação e modo explorados como padrões de significado configurado juntamente com as práticas sociais que conhecemos por gênero; integrada dentro de uma teoria funcional; e intervencionista, já que, como afirma Halliday, a linguística deve ser vista como uma forma ideologicamente engajada de ações sociais.

As dissertações que trouxemos para exemplificar os diálogos no LAEL-PUC/SP são a D10PUC-SP e a D23PUC-SP. A primeira dissertação tem como objetivo principal analisar um material didático específico dirigido ao ensino da língua inglesa. Para isso, a autora quer verificar de que forma o estudo dos gêneros para o ensino de língua inglesa é abordado nesse material, acrescentando o olhar de um grupo de professores a respeito dos cadernos estudados para construir uma análise também contextual. No intuito de alcançar os seus objetivos, a

pesquisadora constrói um referencial teórico bastante consistente. A partir das considerações a respeito da visão de ensino-aprendizagem de língua com uma abordagem sociocultural de Vygotsky, é utilizado o conceito de gênero segundo a perspectiva sociorretórica de J. Swales e a proposta de Bhatia (1993) para a análise de gênero. Com a intenção de justificar a proposta de Bhatia (1993), a pesquisadora apresenta o trabalho de Ramos (2004) como um exemplo de estudo bem sucedido a partir de tal abordagem, construindo um diálogo interessante entre os autores.

Um dos aspectos positivos da dissertação é a conjugação da análise do material com a análise da percepção que os professores que utilizam o material têm dele. Nesse sentido, retomamos mais uma vez a TC, que preconiza a inter-relação entre os diferentes sujeitos que envolvem os fenômenos estudados e os próprios fenômenos. Essa análise contextual acrescenta mais validade à pesquisa, justamente por se poder o olhar o fenômeno/objeto a partir de diferentes perspectivas.

A segunda dissertação configura-se com o tema do ensino do gênero oral seminário. O objetivo estabelecido para a pesquisa é investigar sentidos-e-significados¹⁵ atribuídos por participantes no processo de interação do ensino-aprendizagem do gênero seminário para a compreensão de como esses sentidos-e-significados são compartilhados e criticamente transformados durante o processo de apropriação do gênero. Sobre esse trabalho, trazemos o resumo na figura 13.

¹⁵ Utilizamos a expressão, sentidos-e-significados, tal como a pesquisadora utiliza em seu trabalho, inclusive no título.

Figura 13 - Exemplar de resumo D23 PUC-SP

Esta pesquisa tem como tema o ensino do gênero discursivo oral seminário, e, como objetivo, investigar os sentidos-e-significados atribuídos por participantes – professor e professora pesquisadora – sobre o ensino-aprendizagem do gênero discursivo seminário, para compreender como esses sentidos-e-significados são compartilhados e criticamente transformados. Este estudo foi realizado dentro da perspectiva da Linguística Aplicada Crítica, com base em Moita Lopes (2006); Signorini (2006); Fabrício (2006) e Rojo (2006). Apóia-se na teoria sócio-histórico-cultural (Vygotsky, 1984/2010; 1987/2013 e seus colaboradores) e nos conceitos de gêneros discursivos (Bakhtin e o círculo, 2003; dentre outros), ensino de gêneros discursivos orais (Marcuschi, 2008; dentre outros), gênero seminário e sequências didáticas (Dolz e Schneuwly, 2004; dentre outros). A metodologia de pesquisa utilizada foi a crítico-interpretativista (Moita Lopes, 1994/1996; dentre outros) e o *corpus* é composto por duas reuniões entre pesquisadora e professor participante para planejamento das atividades iniciais, aulas e conversas sobre as aulas. Tanto as reuniões de planejamento das atividades, quanto as gravações das aulas foram discutidas nas conversas realizadas entre pesquisadora e professor participante. Para análise e discussão dos resultados foi utilizada a categoria conteúdo temático, evidenciada pelas escolhas lexicais dos participantes, tendo como eixos de interpretação de análise os sentidos-e-significados atribuídos pelo professor participante e pela professora pesquisadora ao ensino do gênero discursivo seminário. Os resultados obtidos a partir da análise dos dados revelam que os sentidos iniciais atribuídos tanto pelo professor participante, quanto pela professora pesquisadora ao ensino do gênero seminário foram ressignificados, possibilitando a transformação de práticas em sala de aula e aprendizagem e desenvolvimento aos participantes.

Fonte: Repositório de teses e dissertações da PUC-SP

<http://www.pucsp.br>

A pesquisa é situada na teoria sócio-histórico-cultural, com a abordagem dos conceitos e métodos discutidos por Vygotsky, Bakhtin e seus seguidores, já que os dois grupos de estudiosos apresentam aspectos em comum, seja na percepção de como se caracteriza a linguagem humana, seja na influência do materialismo dialético para as suas pesquisas. Além disso, fazem parte do trabalho, como podemos ver acima, o conceito de gênero de Bakhtin, as concepções sobre o ensino de gêneros orais em Marcuschi (2008) e a abordagem do gênero seminário e da sequência didática de Dolz e Schneuwly (2004).

Como vimos, o trabalho traz uma importante discussão sobre a teoria sócio-histórico-cultural que tem como Vygotsky seu principal representante, trazendo os conceitos-chave de linguagem, zona de desenvolvimento proximal e sentidos-e-significados. Dentro dessa discussão, seria importante que fosse feita uma relação entre esses conceitos dentro do texto para que ficasse mais clara para o leitor a caracterização da teoria utilizada. Apesar de justificar a escolha pela teoria, o autor apenas apresenta os aspectos sem refletir sobre uma relação mais específica com a sua utilização dentro do trabalho.

Na próxima subseção, discutiremos sobre os trabalhos do último programa de Pós-graduação em Letras que faz parte do nosso corpus de pesquisa situado na Universidade Federal do Ceará.

5.5 Universidade Federal do Ceará

A última Universidade escolhida para a análise das teses e dissertações é a Universidade Federal do Ceará (UFC). Os estudos em gêneros textuais são desenvolvidos com grande força nessa instituição também por meio do Programa de Pós-Graduação em Linguística que funciona desde o ano de 1993. Conforme o regimento do programa¹⁶, o objetivo principal do PPGL-UFC é oferecer uma formação de excelência com sólido embasamento linguístico aos profissionais que atuem em nível superior como pesquisadores e docentes na área de Linguística. Além deste objetivo maior, a formação do PPGL confere ao profissional a capacidade de prestar assessoria que vise ao planejamento e à definição de políticas de ensino de língua materna e línguas estrangeiras.

No programa, existe apenas uma área de atuação, Linguística, que se desdobra nas seguintes vertentes: 1) aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem; 2) descrição e análise linguística; 3) práticas discursivas e estratégias de textualização; e 4) linguística aplicada. O PPGL-UFC também conquistou grande tradição com as pesquisas voltadas para o âmbito dos gêneros textuais, principalmente através dos docentes que compõem o programa desde o seu início, além de desenvolver trabalhos que se espalham nos eventos e nos livros da área por todo o país. Dentre os importantes nomes do programa, podemos citar, por exemplo, Bernardete Biasi-Rodrigues, que fez inúmeras e grandiosas contribuições antes do seu falecimento, Júlio César Rosa de Araújo, Margarete Fernandes Sousa, Áurea Suely Zavam, entre outros. Outros pesquisadores também fizeram o seu processo de mestrado nessa instituição, como Benedito Gomes Bezerra.

No banco de teses e dissertações da UFC, encontramos um total de dezesseis teses que desenvolvem pesquisas na área de gêneros textuais. Desses dezesseis trabalhos, nove fazem análises de gêneros textuais, principalmente no que se refere a tomá-los como agrupamentos de gêneros. O principal conceito de agrupamento é a chamada constelação de gêneros difundida na Universidade pelo pesquisador Júlio Araújo, a partir de sua tese de doutoramento. São feitas nesses trabalhos análises de gêneros tais como *chats*, editoriais, fofoca, carta, entre outros. Três pesquisas estão relacionadas com o ensino e desenvolvem relatos de experiências a partir de propostas de ensino-aprendizagem com gêneros de texto. As outras quatro teses fazem caracterização e descrição de gêneros como, por exemplo, anúncios publicitários.

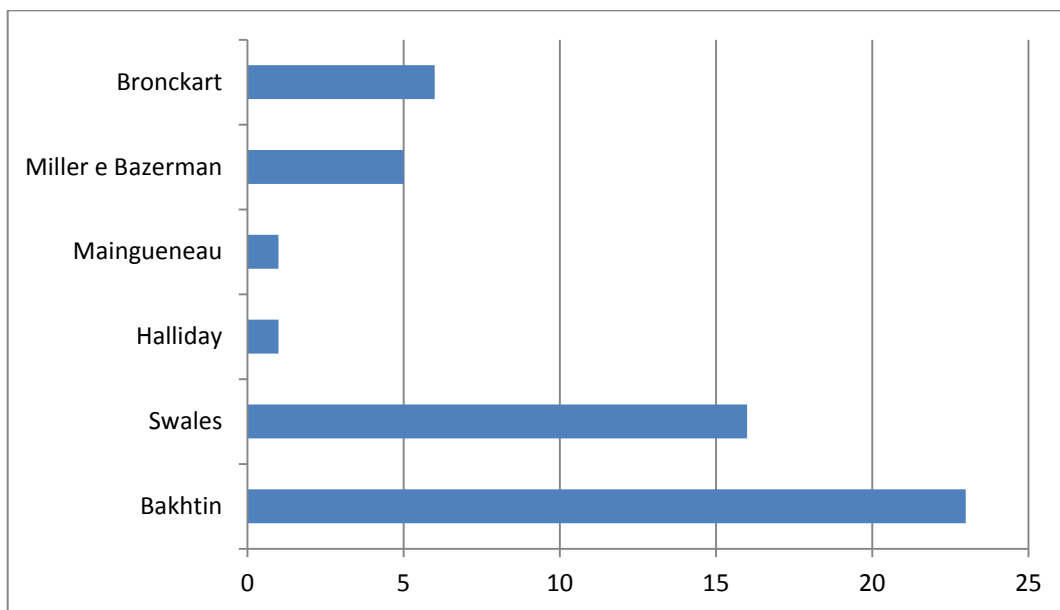
¹⁶ Informações coletadas em <http://www.ppgl.ufc.br/index.php/pt-br/regulamentos> Acesso em 24 de fevereiro de 2016.

No que tange às dissertações, encontramos um total de trinta e seis estudos que envolvem a temática dos gêneros textuais. São pesquisas bastante diversificadas que se propõem a fazer discussões de caráter teórico finalizadas em análises de gêneros específicos, propostas de ensino por meio de gêneros, relatos de experiências com o ensino mediado por gêneros, análises de material didático, entre outras propostas. Desses trinta e seis trabalhos, vinte e dois estão ligados ao ensino de línguas, seja estrangeira ou materna, e quatorze são trabalhos que fazem caracterizações e descrições de gêneros específicos através de diferentes abordagens teóricas.

Como pudemos perceber, o PPGL-UFC é o programa com o maior número de trabalhos do nosso *corpus*, com um total de cinquenta e duas pesquisas defendidas durante o espaço de tempo que separamos para a coleta de dados. A quantidade de dissertações é bem maior do que a dos outros quatro Programas de Pós-graduação, entretanto, a quantidade de teses é igual a do PPGL-UFPE, com dezesseis trabalhos cada um. O grande número de pesquisas desenvolvidas com a temática dos gêneros textuais pode ser explicado também pela quantidade de professores que são especialistas em análise de gêneros textuais e ensino mediado por gêneros textuais que desenvolvem pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC.

Depois do PPGL-UFPE, o PPGL-UFC é o programa de Pós-graduação em Letras em que é construída uma quantidade maior de diálogos entre os teóricos de gêneros e outros teóricos. Observemos no gráfico 3 quais são os autores centrais para esses trabalhos e, conseqüentemente, a base para os diálogos que comentaremos, analisaremos e exemplificaremos a seguir.

Gráfico 5 - Principais teóricos sobre gêneros para as teses e dissertações da UFC (52 trabalhos)



Fonte: Elaborado pelo autor

Caracterizou-se como um pouco mais complicado perceber quais eram os autores principais nas pesquisas desenvolvidas no PPGL-UFC, pois a maioria delas possui diálogos bastante diversificados, e isso dificulta um pouco a tomada dessa decisão; em razão disso, justificamos a maior quantidade de exemplos que trazemos para as análises desse programa. Faremos a discussão, como nas outras seções, mais especificamente de duas teses e de duas dissertações, mas é importante que apontemos também alguns exemplos que ilustrem a diversidade dos diálogos que encontramos nos trabalhos desse programa.

Em alguns casos tivemos que fazer a leitura do capítulo de análise para saber quais os autores que foram tomados como base para determinadas empreitadas analíticas. A pesquisa que trouxe Maingueneau, por exemplo, é um caso bastante interessante, pois ela se dedicava a construção de um conceito de suporte como função para a atualização do conceito de gêneros textuais.

Nesse trabalho, nas definições de gênero, estavam Bazerman e Bhatia, por exemplo, mas, a nosso ver, toda a estrutura do trabalho estava pautada em Maingueneau com fortes diálogos com Marcuschi. Apesar deste trabalho não ser efetivamente sobre gênero, e sim sobre suporte, pensamos ser importante trazê-lo como exemplo, na medida em que gênero e suporte são categorias inseparáveis. Outro aspecto positivo desse trabalho é a questão de

trazer a discussão sobre suporte, aspecto que a maioria dos estudiosos sobre gêneros textuais se abstém de fazer, principalmente por falta de teorias mais específicas.

O trabalho em que nomeamos Halliday como autor principal também necessitou de alguma reflexão para que chegássemos a essa conclusão. Apesar de não estarmos tratando a menção de autores principais como algo rígido, até porque isso não condiz com a proposta que estamos desenvolvendo nesta tese, quisemos fazer uma quantificação dos dados para que pudéssemos ter uma visão mais abrangente para refletirmos sobre os diálogos. A respeito desse trabalho, a perspectiva principal é a da LSF numa interlocução com os estudos da Análise Crítica do Discurso em Fairclough. Esses dois trabalhos são exemplos bastante interessantes da mescla de teorias que ocorre nas pesquisas sobre gêneros textuais analisadas em nosso *corpus*.

Como pudemos ver no gráfico 3, em primeiro lugar está Bakhtin como teórico importante em vinte e três trabalhos. Em segundo lugar está Swales como principal estudioso para dezesseis trabalhos. A difusão dos pressupostos teóricos de Swales pode ser explicada pela grande atuação no PPGL-UFC da professora Bernadete Biasi-Rodrigues que sempre teve as pesquisas do autor como importantes referências para os seus trabalhos, desde quando era pesquisadora na Universidade Federal de Santa Catarina.

Bronckart pode ser considerado como autor principal em seis trabalhos com a perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo, em algumas pesquisas juntamente com Schneuwly e Dolz. Miller e Bazerman são figuras centrais em cinco dos trabalhos analisados, mas também são uma referência constante em quase todas as pesquisas sobre gêneros do PPGL-UFC.

Fechando essa análise de cada uma das Universidades, podemos notar que, assim como o PPGL-UFPE, o PPGL-UFC tem uma quantidade bastante interessante de interlocuções entre teóricos. É importante deixar claro a dinamicidade desses diálogos, ou seja, como os pesquisadores sempre se valem de diversos autores para desenvolver suas pesquisas e alcançar os seus objetivos. Percebemos que todas as principais abordagens de estudo de gêneros, tais como o ISD, ERG, ESP, por exemplo, foram citadas em quase todos os trabalhos. Apesar de existirem autores de base em todos os trabalhos, os doutorandos e mestrados sempre possibilitaram interlocuções entre os teóricos em suas pesquisas. Houve, por exemplo, um diálogo entre a perspectiva da LSF com os aportes teóricos da Análise Crítica do Discurso representados por Norman Fairclough, mas não nos moldes do que acontece no PPGL-UFSM. Nesse caso, houve uma combinação dessas diferentes teorias para

tratar de elementos para uma descrição micro e macrossocial da conversação do dia a dia na T5UFC.

O autor desse trabalho pesquisou sobre a produção discursiva da moral do gênero fofoca com uma abordagem teórica bastante pertinente. Foram discutidas as teorias interpretativas de interações entre participantes de uma cena social cotidiana, tais como as teorias do diálogo e da análise da conversação. Agregaram-se a essas questões a discussão sobre linguagem e ideologia e organização social e as teorias dos sistemas sociais. Trata-se de uma pesquisa muito bem construída e bem detalhada para os seus leitores.

Outro diálogo que podemos utilizar para proceder nessa reflexão é o que ocorreu no trabalho T6UFC entre os preceitos da LSF e o que Hyland trabalha como metadiscorso interacional, além de incluir também considerações sobre a retórica intercultural de Connor para fazer um estudo contrastivo da atenuação retórica em artigos de pesquisa, diálogo sem muitas discussões aprofundadas.

Fizemos também a análise de um trabalho, T9UFC, que mesclou a teoria sociorretórica de Swales com os princípios de composição visual dos gêneros desenvolvidos pelos pesquisadores Kress e van Leeuwen. Trata-se de um trabalho sobre a natureza multimodal do gênero carta, sendo esse tomado como uma constelação. A autora seleciona uma quantidade representativa de cartas de diversos domínios discursivos e analisa, a partir de Swales, os seus propósitos comunicativos e questões sobre comunidade discursiva. Depois ela utiliza alguns princípios de composição visual de gêneros para estabelecer aspectos formadores da constelação.

Na pesquisa, a autora, com base em Araújo (2006), ainda inter-relaciona as categorias linguísticas multimodalidade e propósitos sociais na tentativa de estudar a natureza multimodal de cartas que pertencem a uma mesma família, apesar de manter suas especificidades e transitarem em esferas comunicativas diversas. A abordagem teórica está inscrita na Linguística Textual em interface com a Semiótica Social, especificamente com a LSF. Opções teóricas que condizem com o objetivo de analisar a multimodalidade que perpassa a constelação de gêneros cartas.

Outra interlocução entre teorias percebida foi feita na pesquisa T7UFC. A autora traz os pressupostos de Bakhtin sobre gêneros, implementando a sequência narrativa e a superestrutura textual do gênero notícia como ferramenta de ensino para a Língua Portuguesa. Para isso, ela incrementa a sua teoria de base com as macroproposições da sequência narrativa desenvolvidas por Adam e os elementos da superestrutura textual do gênero notícia trabalhados por van Dijk. A pesquisadora faz uma análise das produções textuais de

estudantes do 9º ano de uma escola da rede estadual cearense, investigando de que forma as macroproposições da sequência narrativa e os elementos da superestrutura do gênero notícia se materializam nessas produções. A intenção é saber de que maneira o ensino desses diferentes aspectos textuais pode contribuir para a melhoria dos estudantes no que se refere às produções de texto.

Trata-se de um trabalho importante com a seriedade de uma pesquisa e o compromisso de uma atividade à disposição dos professores, principalmente porque faz a junção de um trabalho que leva em consideração não só a caracterização do gênero, mas também o desenvolvimento das sequências textuais. Tem-se, desse modo, uma pesquisa que apresenta um olhar linguístico também para o texto narrativo, algo que não é muito comum nos trabalhos que analisamos, tendo em vista que a maioria das pesquisas que se dedicam a questões de produção textual leva em consideração a sequência textual dissertativa, como veremos no próximo exemplo.

Outra tese que trazemos para exemplificar este capítulo é a T14UFC, sobre a qual podemos ver o recorte de exemplar de resumo da figura 14.

Figura 14 - Recorte de exemplar de resumo T14 UFC

A presente pesquisa, pertencente à área da Linguística Textual, tem por objetivo caracterizar o gênero redação do ENEM sob o ponto de vista da ação social que envolve o texto, da estrutura composicional textual/discursiva e dos tipos de acordo e técnicas argumentativas da Nova Retórica. Para a realização desse objetivo, baseamo-nos na concepção de gênero como ação social e de comunidade retórica (MILLER, 2009 [1984]), nas diretrizes metodológicas de análise de gênero (BAZERMAN, 2011a), no protótipo da sequência argumentativa e no plano de texto (ADAM, 1999; 2008), nos tipos de acordo e nas técnicas argumentativas (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Nosso *corpus* compõe-se de 100 redações do ENEM (2013) de todas as unidades da federação, avaliados com a nota 1.000 pelos corretores/avaliadores do ENEM. Essas redações foram analisadas em quatro etapas: a) descrição das condições de produção da redação; b) caracterização do gênero nos aspectos interno e externo; c) sistematização de dados sobre a estrutura composicional textual/discursiva e d) levantamento dos tipos de acordo e das técnicas de argumentação. Nossos dados confirmam que o gênero redação do ENEM apresenta, em sua caracterização externa, aspectos pertencentes à proposta de hierarquia de sentido de Miller (2009), o gênero insere-se como um texto tipificado na situação sociodiscursiva, em nosso *corpus*, a Lei Seca. A caracterização externa também contempla os aspectos, tais como: a produção, a circulação e a recepção do gênero, mobilizando formas de enunciados padronizados determinados pela circunstância. Já a caracterização interna, apresenta todas as macroproposições do protótipo

Fonte: Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFC

<http://www.repositorio.ufc.br>

A proposta da pesquisa consistiu em caracterizar o gênero redação do ENEM a partir da perspectiva de gênero como ação social segundo Bazerman e Miller e desenvolver a análise desse gênero sob os aspectos da estrutura composicional textual/discursiva de Adam (2008) e das técnicas argumentativas em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Para isso, a autora analisou as características de 100 redações do ENEM de todos os estados da federação que obtiveram a nota mil pelos avaliadores. Essa análise se deu no pensamento do gênero como ação social, além de ter sido feito a descrição das categorias de conteúdo temático, construção composicional e estilo de Bakhtin.

Inicialmente, a pesquisadora, além de apresentar a perspectiva de gênero de Bakhtin, concentrando-se nas categorias de estilo, conteúdo temático e construção composicional, adota a abordagem teórica sobre gêneros de Miller e a sua noção de comunidade retórica. Nessa mesma abordagem, adota as diretrizes metodológicas de análise de gêneros de Bazerman, conjunto de gêneros, sistema de gêneros e sistema de atividades, bem como a sua categoria psicossocial para uma compreensão do entorno social do gênero em análise. As teorias de gênero empreendidas fazem diálogo com a teoria de análise textual e de análise do discurso de Adam (2008), com um enfoque na estrutura composicional do plano do texto e do protótipo da sequência argumentativa.

As contribuições de Bakhtin são importantes para a tese, na medida em que ele, assim como Miller, compreende o gênero como ação humana que pode ser interpretada quando lhe são atribuídas intenções marcadas no tempo e no espaço dentro de um contexto específico. Dessa maneira, assim como para Miller o que importa não é classificar ou nomear, para a autora desse trabalho o importante é entender como funciona, como se caracteriza a redação do ENEM como uma ação social de situações específicas. Desse modo, como as teorias que devem orientar para a caracterização da redação do ENEM têm que focar mais a produção do que a recepção, em uma dimensão social que vai do individual para a coletividade, as teorias adotadas pela pesquisadora condizem com os seus objetivos de estudo.

Em relação às dissertações, refletiremos sobre os trabalhos D13UFC e D17UFC. No primeiro trabalho, o autor debruçou-se sobre os processos formadores das postagens praticadas no antigo site Orkut que propiciou a criação e a manutenção de redes sociais digitais. O pesquisador não tomou essas postagens como gêneros, mas preocupou-se em descobrir como gêneros distintos imbricavam-se dando forma a essa modalidade de interação, até então bastante popular. Sua contribuição para o estudo de gêneros foi elucidar como os processos de mesclagem distintos podem dar origem a enunciados híbridos e largamente

difundidos entre os usuários de diferentes redes sociais digitais criadas a partir dos mais diversos sites.

A partir da análise dos processos de mesclagem de gêneros, o pesquisador catalogou diferentes espécies de mesclas, baseado na observação sistemática de seu *corpus* e numa reflexão intercalada com a sua base teórica. Esta base teórica foi construída a partir de Bakhtin e da nova retórica, especialmente em Miller. Para aprofundar o seu estudo, o pesquisador se valeu de distintas linhas teóricas, já que o seu objeto de pesquisa pode ser classificado como complexo. Nesse sentido, ele redefiniu alguns conceitos e os reajustou para a sua realidade de pesquisa, sempre tomando como ponto de partida o que já existe.

A linha teórica adotada valida o trabalho, na perspectiva do autor, principalmente por ser a que melhor expressa uma relação entre tecnologia, sociedade, linguagem e, conseqüentemente, gêneros. Essas teorias se relacionam, entre outros aspectos, pela forma de percepção do gênero, pois o entende como artefatos socioculturais e sociocognitivos permeando a construção e constituição das sociedades e suas relações. E, apesar de a sociorretórica ter dado menos importância do que Bakhtin às características linguísticas, por exemplo, em detrimento do entendimento de que os gêneros são entendidos como formas de conhecimento que engendram o modo como agimos socialmente frente a diversas situações cotidianas, essas teorias se inter-relacionam ao passo que Bakhtin traz a concepção de relativa estabilidade adotada pelos pesquisadores que entendem os gêneros como formas tipificadas de ação social.

A segunda dissertação tem como objetivos: discutir a literatura referente ao conceito de cadeia de gêneros, apontando pontos de convergências, idiossincrasias e lacunas; aplicar as categorias difundidas na literatura específica com a intenção de averiguar a pertinência de tais categorias sobre as práticas discursivas regulares do domínio institucional universitário-acadêmico; propor uma redefinição do conceito de cadeia de gêneros em simples, complexas e cadeias de práticas por meio da análise empírica de anúncios escolares. Observemos na figura 15 o resumo desse trabalho.

Figura 15 - Exemplar de resumo D17 UFC

Esta pesquisa apresenta uma revisão do conceito de cadeia de gêneros desde sua genealogia em Bakhtin (2000 [1953]) até a discussão dos critérios caracterizadores propostos por Fairclough (2001a [1992]; 2003) e por Swales (2004). Para estes autores, uma cadeia de gêneros diz respeito a um agrupamento sistemático de gêneros em que há uma transformação regular, necessária, previsível e, conseqüentemente, cronológica de um gênero a outro. A partir da análise empírica de cadeias de gêneros situadas no domínio institucional universitário-escolar, sugerimos uma distinção entre cadeias simples e complexas. Nas primeiras, todos os gêneros que a constituem seriam produzidos em um único âmbito institucional, cuja disposição linear revelaria aspectos do funcionamento das atividades de determinada instituição. Neste ponto, associamos às cadeias simples a noção de disciplina pensada por Foucault (2008c [1975]), uma vez que o estabelecimento de uma cadeia simples tem por propósito regular as práticas institucionais. As cadeias complexas, por sua vez, são desdobramentos de uma cadeia simples por meio de uma ligação com gêneros produzidos em domínios institucionais alheios. Nesse caso, por meio da análise de anúncios escolares, percebemos que cadeias simples de uma determinada instituição na verdade são complexificadas pelas práticas genéricas de outra, motivadas pela contínua luta hegemônica. Além disso, percebemos que a complexificação de uma cadeia simples se restringe a domínios interinstitucionais que mantêm entre si uma relação de intercontextualidade (MEURER, 2004). Por fim, alegamos que uma cadeia de gêneros é, na verdade, a parte discursiva de uma cadeia de práticas em cuja constituição entram elementos discursivos e não discursivos.

Fonte: Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFC

<http://www.repositorio.ufc.br>

O autor da D17UFC tem uma proposta interessante na medida em que, durante a discussão teórica, já está discutindo as suas questões-problema. A pesquisa traz conceitos de gênero e de dialogismo de Bakhtin, essenciais para a reflexão do conceito de cadeia de gêneros. Já nessa discussão, é construído um diálogo com Fairclough no que tange a sua divisão em relação à intertextualidade tratando dos seus escritos sobre cadeias como uma forma de intertextualidade. Acrescenta-se ao debate as concepções de Swales (2004) também sobre o conceito de cadeias, além de inserir na discussão as vozes de Meurer (2004). O pesquisador justifica trazer Bakhtin para a discussão por pensar que, apesar de nenhuma das discussões sobre cadeias de gênero, cadeias intertextuais e cadeias de práticas terem sido feitas efetivamente pelo estudioso, é importante perceber que todas elas, em maior ou menor grau, sejam desdobramentos da sua teoria sobre o dialogismo.

Esse pensamento sobre os escritos de Bakhtin é uma das respostas para entendermos o motivo de o filósofo russo estar presente em tantos e diversificados trabalhos. Mesmo que muitas das discussões específicas não estejam diretamente ligadas aos escritos do autor, eles servem de base para a difusão de muitos conceitos cunhados por diferentes autores, tanto na área de gêneros textuais, como estamos vendo nesta tese, quanto em outras áreas.

Como pudemos ver em todos esses exemplos, os diálogos e as interlocuções entre teorias de gêneros textuais são bastante complexos e envolvem diferentes e diversos aspectos das

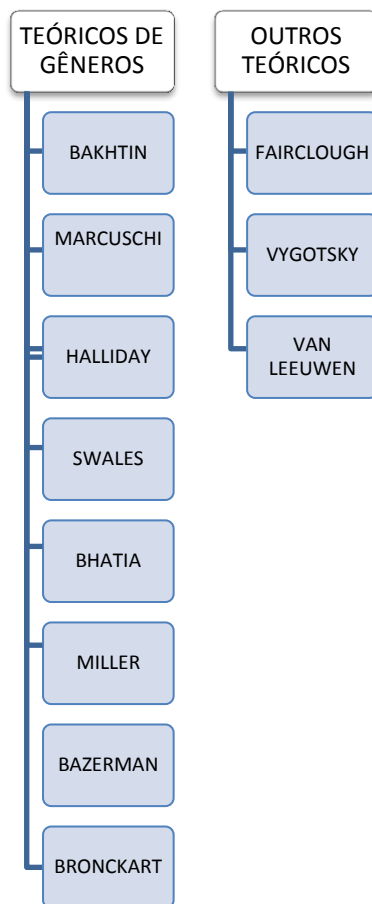
teorias, categorias de análise, modos de análise, entre outros, daí termos tentado explicar todos esses dados nos baseando nos princípios da TC. Ainda neste capítulo, nas próximas linhas, faremos as últimas reflexões sobre os principais autores representados nos trabalhos sobre gêneros e os diálogos construídos; no próximo capítulo, discutiremos a caracterização dos diferentes trabalhos e suas interlocuções, sempre os pensando como complexos.

5.6 Últimas considerações para este capítulo

Neste capítulo, tivemos como intuito observar como as teses e dissertações dos cinco Programas de Pós-graduação em Letras das Universidades pioneiras no Brasil no tema gêneros textuais nos dezesseis anos decorridos entre 2000 e 2016 se apropriam dos conceitos de gêneros associados com as diferentes abordagens contemporâneas de estudo. De modo geral, pelo menos em termos de estudos de gênero, parece-nos que no Brasil há uma tendência maior em absorver (com diferentes graus de alteração) e aplicar as teorias existentes no âmbito internacional, havendo iniciativas mais escassas (mas não menos importantes) de teorização a esse respeito, a exemplo do próprio pesquisador da UFPE, Luiz Antônio Marcuschi. Apesar disso, a produção brasileira não consiste apenas numa reprodução pura e simples das tradições internacionais de estudos de gêneros, existindo confirmações, como já mostramos neste capítulo, de movimentos de combinação entre aportes teóricos diversos com múltiplas possibilidades.

A figura 16, abaixo, mostra os principais autores de estudos sobre gêneros textuais que são utilizados nos diversos trabalhos realizados nas teses e dissertações do nosso corpus, bem como pesquisadores de outras teorias que não especificamente as de gênero de texto.

Figura 16 - Descrição dos autores mais utilizados nos diálogos pesquisados



Fonte: Elaborado pelo autor

Como pudemos ver pela figura, Bakhtin é o autor mais citado levando em consideração todos os trabalhos analisados. Das 170 teses e dissertações analisadas, ele foi o autor central em 57 trabalhos, sendo que ele também foi citado em 147. Do mesmo modo, Marcuschi foi citado em 158 das teses e dissertações.

Nesse sentido, é importante pensar que o diferencial de Bakhtin nessa questão, ao contrário de teóricos de gênero textual como Miller, Bazerman, Swales, Halliday e autores do porte de Coseriu, Benveniste, Maingueneau e outros, por exemplo, é a predisposição que muitos linguistas têm de ligar Bakhtin como a origem de tudo. Se os pesquisadores fizessem o mesmo exercício com outros autores, o resultado também seria o engrandecimento desses autores. É como se Bakhtin, como autor da moda, fosse beneficiário de um “lobby” acadêmico generalizado.

Swales e Halliday também são autores centrais em muitas das pesquisas, sendo importante destacar que na maioria dos trabalhos do PPGL-UFSM tanto Swales quanto Halliday foram considerados autores de base, enquanto em outros trabalhos, o autor britânico

esteve em conjunto com Bhatia nas discussões teóricas levantadas. Depois, figuram Miller e Bazerman, que sempre aparecem juntos nas abordagens teóricas dos trabalhos, com exceção de sete trabalhos, quando são apenas citados e não tomados como autores centrais. Por fim, está Bronckart, que em grande parte dos trabalhos em que se faz presente, é citado juntamente com Schneuwly e Dolz.

No que se refere aos autores mais citados nos diálogos com outras teorias, notamos a figura de Fairclough como um dos grandes nomes, e em seguida Vygotsky e van Leeuwen. Quisemos representar esses dados a partir da figura 16 para mostrar que, apesar de terem sido feitos diálogos das teorias de gênero com outras teorias, esses diálogos não foram tão expressivos quanto os diálogos entre as próprias abordagens e perspectivas de estudo de gêneros, no sentido de termos percebido uma quantidade maior de interlocuções entre as próprias teorias de gênero.

Nesse pensamento, podemos levantar duas assertivas pertinentes para esse momento. Primeiramente, apesar de Bakhtin figurar como o principal autor, isso não comprova que a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo seja a hegemônica quando se trata dos estudos em gêneros no país, tanto porque o próprio Bakhtin foi confirmado como um consenso teórico em todas as pesquisas, como porque os autores que representam a Escola de Genebra, quando fizemos uma análise geral dos dados, estão em último lugar, como pudemos observar na figura apresentada acima.

Outro aspecto importante é que, em muitos dos trabalhos em que Bakhtin se destaca, a teoria que se desenvolve é a Análise Dialógica do Discurso e não o Interacionismo sociodiscursivo, por isso tivemos a intenção de fazer essa separação. O que estamos querendo dizer é que os estudos brasileiros de gêneros não são baseados única e exclusivamente pela abordagem do ISD, como propõem Bawarshi e Reiff (2013). Bakhtin influenciou, talvez não com a mesma força com que influenciou os autores genebrinos, todos os outros estudiosos sobre gêneros, justamente por essa predisposição já comentada de nomeá-lo como origem de tudo o que se faz em Linguística.

Em segundo lugar, está o aspecto de Luiz Antônio Marcuschi ser um autor bastante difundido no Brasil. Quando analisamos os trabalhos da UFPE, pudemos perceber que ele foi citado em todos eles, ficando a pergunta se essa era uma peculiaridade dessa Universidade, principalmente por ele ser o seu principal representante. Pois bem, depois das análises de todas as teses e dissertações, confirmamos que ele foi citado em 158 pesquisas, talvez não com toda a força com que possui na sua Universidade-casa, mas, para as discussões de um ou outro aspecto, o seu nome era sempre lembrado. Talvez não possamos pensar no nome de

Marcuschi com a mesma equivalência de contribuições para as teses e dissertações como o nome de Bakhtin, mas que o primeiro se iguala ao último quando se trata de ser citado nos trabalhos, sim, ele se iguala.

Apesar de não estarmos tratando nesta tese especificamente da chamada “síntese brasileira”, tendo em vista os aspectos mencionados, essa hipótese, como abordagem única que representa toda a pesquisa sobre gêneros desenvolvida nas diferentes Universidades brasileiras não condiz com a realidade, se apresentando como redutora, conforme Bezerra (2016) já sugeriu. Nas palavras desse autor,

(...) parece que tentativas mais ou menos isoladas de sínteses ou, mais apropriadamente, experiências com as ‘abordagens mestiças’ a que se referia Motta-Roth (2008), são tomadas como se representassem os estudos realizados em todo o país e como se refletissem uma espécie de empreendimento nacional em direção a uma teoria unificada e abrangente, o que dificilmente reflete a situação brasileira. (BEZERRA, 2016, p. 470).

Nesse sentido, a próximo capítulo tem como objetivo fazer uma caracterização de maneira geral das pesquisas e aprofundar as discussões apresentadas por Bezerra (2017) para melhor discutirmos os aspectos que foram refletidos neste capítulo. É nosso intuito continuar as análises das teses e dissertações pensando em diferentes acepções de sínteses para os trabalhos no Brasil, as que apresentamos na metodologia deste trabalho como categorias de análise.

6 CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS DE GÊNEROS NO BRASIL E SÍNTESE DE TEORIAS

Neste capítulo, temos como intuito principal uma caracterização geral das teses e dissertações que analisamos, considerando tanto as pesquisas como um todo quanto as acepções de síntese de teorias de gênero que encontramos nessas pesquisas. Nesse percurso, ao fazer a leitura do prefácio do livro digital resultante dos trabalhos do VIII SIGET, ocorrido em São Paulo no ano de 2015, vimos que os aspectos levantados por Dolz (2016)¹⁷, nesse prefácio, com algumas adaptações, serviriam de base para uma caracterização bastante eficaz e interessante dos trabalhos que analisamos. Então, pensamos em utilizá-los fazendo as devidas ilustrações com as teses e dissertações, a partir dos exemplos mais representativos, que compõem o nosso *corpus* restrito.

A opção por utilizar a caracterização de Dolz (2016) ocorreu em função do fato de que se o referido autor visualizou essas linhas de desenvolvimento nos trabalhos do SIGET, um dos maiores eventos sobre gêneros no Brasil, temos a hipótese de que as teses e dissertações também espelham tais eixos. Além disso, Dolz é um dos autores considerados como importante participante da comunidade acadêmica de estudos de gêneros textuais, principalmente na participação de eventos aqui no Brasil, o que o coloca num lugar seguro para refletir sobre possíveis caracterizações.

A formação dessa comunidade acadêmica específica pode ser notada quando observamos alguns congressos que reúnem diferentes pesquisas sobre gêneros. Podemos citar alguns desses, que têm uma visibilidade maior no que diz respeito aos pesquisadores nacionais e internacionais, tais como o Simpósio Internacional de Estudos sobre Gêneros Textuais (SIGET), o Colóquio de Gêneros e Textos (COGITE), o Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais (SINALGE). Há ainda aqueles que não são específicos sobre gêneros, mas sobre Linguagem/Linguística e que sempre incluem os gêneros como eixo temático, tais como a Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), o Encontro de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino (ECLAE), entre outros. Na participação desses congressos, muitos pesquisadores apresentam os trabalhos que são o resultado de suas pesquisas de mestrado e doutorado, além de trabalhos que trazem o andamento de pesquisas também desenvolvidas em teses e dissertações.

Outro aspecto importante para fazermos a utilização e as adaptações nas categorias de Dolz é a relação que pode ser estabelecida com a TC. Nesta tese, estamos sugerindo dinamicidade e

¹⁷ No VIII SIGET, Dolz tinha a missão de ser o observador do evento, com a tarefa de sintetizar o que vira durante o encerramento da programação.

complexidade nos diálogos entre as teorias de gênero textual, a partir dos preceitos da TC com a crítica ao saber fragmentado. Nesta linha de análise, o saber é considerado como multidimensional, não de maneira harmoniosa, completa e realizada, mas no conflito, na contradição. Desse modo, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis e constitutivos do todo, sendo isso o que ocorre na categorização feita por Dolz e por nós adaptada, quando vemos que é apontada uma união entre a unidade de cada produção, seja ela tese ou dissertação e a sua multiplicidade.

Dolz (2016) caracterizou os trabalhos sobre gêneros textuais no país com base em dez categorias. Utilizamos aqui boa parte dessas categorias com adaptações e inclusões para que representassem de maneira mais eficaz os nossos dados. No que se refere à discussão, faremos a enumeração de todas as categorias seguidas das reflexões.

Essa é a primeira abordagem que apresentamos neste capítulo. A segunda é a discussão sobre as acepções de síntese que pudemos perceber nas diferentes teses e dissertações analisadas. Para esse objetivo, adotamos três categorias principais de síntese que destacamos na nossa metodologia e retomamos aqui: i) panorama, visão geral, resumo ou revisão de literatura (BEZERRA, 2016); ii) combinação, justaposição ou união mais simples de teorias (PIMENTEL; LÊDO, 2016), e, iii) macroteoria (BEZERRA, 2016), já que foi nossa intenção tratar esse termo no sentido plural.

Aqui, é importante destacar que as pesquisas apresentarão um ou dois diferentes sentidos de síntese de teorias podendo guiar as suas discussões de diferentes maneiras, por isso não tratamos os nossos dados como estáticos, como pudemos ver no primeiro capítulo, mas como fenômenos complexos. Desse modo, a nossa discussão também será guiada nesse sentido pelo paradigma da complexidade.

6.1 Caracterização dos trabalhos pesquisados

1 - Influências dos textos fundadores das pesquisas sobre gêneros textuais/discursivos em Bakhtin, Volochinov e Medvedev

Como vimos apontando e discutindo durante todo o percurso da nossa tese, a influência de Bakhtin/Volochinov é extremamente visível nas pesquisas sobre gêneros no Brasil nos mais diferentes enfoques.

No estudo T2PUC-SP, por exemplo, a autora pretende contribuir para o desenvolvimento de projetos de trabalho na área de Língua Portuguesa, articulados em torno dos diferentes gêneros do discurso. Trata-se de um trabalho com uma natureza mais programática, na medida em que o objetivo é contribuir para a efetivação de propostas pedagógicas articuladas em torno da teoria de gêneros de Bakhtin/Volochinov e o percurso para isso contempla os mais diferentes níveis de concretização. Desse modo, no que se refere especificamente à teoria, percebemos tentativas de ampliação das diferentes possibilidades de compreensão do conceito de gênero defendido por Bakhtin/Volochinov, sendo levantada uma reflexão sobre a relação com outros postulados, para além do conceito de língua, desse círculo de estudos, contrapondo-os às principais discussões, as que destacamos, que ocupam o mesmo lugar paradigmático em outras teorias linguísticas, como forma de justificar as escolhas teóricas da pesquisa.

Outro exemplo importante aqui é a D16UFPE. Nessa dissertação, a pesquisadora analisa as atividades de leitura e os gêneros que permeiam tais atividades em duas coleções diferentes de livros didáticos pensados para o ensino médio. A análise está pautada em dois documentos oficiais específicos do estado de Pernambuco: a Base Curricular Comum (BCC) e as Orientações Teórico-Methodológicas (OTMS).

Figura 17 - Recorte de resumo da D16 UFPE

Esta pesquisa surgiu da observação em uma escola pública, localizada no município de Igarassu, dos resultados cada vez menos satisfatórios dos alunos do Ensino Médio na proficiência leitora – medida pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica de Pernambuco (Saepe) –, bem como da importância dada, por nós, professores, ao livro didático de português para o atendimento aos descritores do Saepe, os quais são orientados pela Base Curricular para as Redes Públicas de Ensino de Pernambuco (BCC-PE). Por isso, o objetivo deste trabalho é analisar, nos livros didáticos do Ensino Médio que fizeram parte da escolarização entre os anos de 2008 e 2011, e adotados por essa escola, quais competências do eixo de leitura e compreensão da BCC-PE estão neles pressupostas. As coleções didáticas que atenderam a esses requisitos foram: Português: linguagens, de Cereja e Magalhães, e Português, de João Domingues Maia, que servem de *corpus* para a análise do direcionamento teórico-metodológico dado ao ensino de leitura e compreensão dos gêneros textuais, a fim de verificarmos se tais direcionamentos atendem às competências prescritas pela BCC-PE (2008). Para tanto, tomamos como base os pressupostos da Teoria da Enunciação (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 1993, 1997, 2010), do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999, 2007, 2008; SCHNEUWLY e DOLZ, 2004) e da Linguística Aplicada (MARCUSCHI, 2003, 2008, 2010; GERALDI, 2002, 2003; KLEIMAN, 1999, 2004, 2011; SOARES, 2001, 2002; ROJO, 2003, 2008, 2012). Esta pesquisa pautou-se em perspectivas sociodiscursivas de língua/linguagem e as análises dos dados apresentaram os seguintes resultados: a coleção Português: linguagens priorizou o estudo do gênero a partir de suas especificidades canônicas. Por isso, observou-se a ênfase aos aspectos formais e linguísticos do gênero, nas características da linguagem literária e no diálogo entre linguagens situadas em espaço e tempo diferentes. Na coleção Português, Maia, o gênero é estudado como um artefato monológico, servindo para a extração de informações e exercícios de cópia, demonstrando, pois, uma simulação da leitura. Em suma, a coleção didática que se aproximou das competências da BCC-PE foi

Fonte: Repositório de teses e dissertações UFPE

<http://repositorio.ufpe.br>

Na pesquisa, são enfocados os estudos de Bakhtin/Volochinov como enunciados dialógicos que materializam os múltiplos discursos e épocas historicamente situadas. Nesse sentido, defende-se, principalmente, que se os estudos de gêneros aristotélicos englobavam os gêneros da poética e os da retórica, a teoria de gêneros de Bakhtin/Volochinov também permitiu ampliar os estudos de gênero para toda enunciação concreta e representativa das diversas esferas de atividade humana. Ainda nesse trabalho, é apresentada a influência dos estudos bakhtinianos para a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo, sendo, dessa maneira, utilizados em diálogo para proceder ao alcance dos objetivos propostos.

2 - Formação de conceitos teóricos baseada nos grandes paradigmas internacionais sobre os estudos de gênero com referências maiores nas abordagens do Inglês para Fins Específicos (ESP), da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), dos Estudos Retóricos de Gênero (ERG) e do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD)

Outra característica visível das teses e dissertações sobre gêneros estudadas neste trabalho é a influência dos paradigmas internacionais dos estudos de gênero. Trouxemos para ilustrar tal assertiva as pesquisas D5UFC e T6UFSM. No primeiro estudo, a autora se propõe a descrever o gênero artigo de opinião em duas modalidades examinadas numa abordagem comparativa: como gênero produzido por estudantes em seu contexto escolar como resultado da prática de produzir textos para compor o jornal da escola; e como gênero textual produzido pela imprensa, sendo considerado como artigo de opinião especializado. Além disso, a pesquisadora também teve como objetivo investigar o processo argumentativo com diferentes formas de organização interna, a partir das diferentes formas de organização do texto de tendência expositiva e do texto de tendência dialógica. Observando a figura 18 de um recorte do sumário da dissertação, podemos perceber a influência de perspectivas internacionais para o estudo.

Figura 18 - Recorte do sumário D5 UFC

CAPÍTULO 2 – ESTUDOS DE GÊNERO E DO PROCESSO DA ARGUMENTAÇÃO	10
2.1 Concepções de gênero	10
2.1.1 O conceito de gênero na visão aristotélica	11
2.1.2 A abordagem bakhtiniana de gênero	14
2.1.3 As contribuições das tendências contemporâneas à análise de gênero	16
2.2 A concepção de gênero em Swales	21
2.2.1 A noção de comunidade discursiva	23
2.2.2 O modelo de análise (CARS)	26
2.3 Os gêneros na concepção de Bhatia	28
2.4 O modelo argumentativo no estudo de Boissinot	31
2.4.1 O desenrolar e desenvolvimento do texto argumentativo	33
2.4.2 A estrutura do texto argumentativo	35

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFC

http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3177

Nesse trabalho, são abordadas, teoricamente, as noções de gênero textual na visão de diferentes autores, principalmente no que se refere aos postulados de Bakhtin, Swales e Bhatia, que culminam com uma abordagem técnica sobre os processos de argumentação desenvolvidos por Boissinot (1992). Dentro da discussão, os preceitos de Bakhtin são tomados como responsáveis por instituir uma nova perspectiva para o reconhecimento de gêneros dentro das reflexões da literatura especializada. Por outro lado, os estudos de Swales e Bhatia, mais restritos à análise de gêneros em contextos acadêmicos e profissionais, são tomados como modelos subsidiários específicos de uma abordagem do conceito de gênero quanto à forma e ao conteúdo característico de um texto, bem como quanto aos propósitos comunicativos que encerram dentro de uma dada comunidade discursiva.

No segundo estudo, a contribuição está centrada em investigar em que medida e como uma abordagem de letramento multimodal crítico, aliada à perspectiva dos multiletramentos, movimenta-se através das esferas científica, política e pedagógica, com foco no potencial de atividades didáticas de duas coleções de livros didáticos de língua inglesa aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) na promoção de tal abordagem. Trouxemos, na figura 24 um recorte do primeiro capítulo teórico em que podemos ver a utilização de diferentes teorias de autores internacionais para as reflexões que são desenvolvidas no âmbito da Análise Crítica de Gêneros.

Figura 19 - Recorte do capítulo 1 da T6 UFSM

A ACG, concebida inicialmente por Meurer (2002) e Bhatia (2004), vem sendo mais recentemente defendida por Motta-Roth (2008b; 2011[2006]) e seus seguidores (alunos e ex-alunos de graduação e pós-graduação e colegas da linha de pesquisa *Linguagem no contexto social*). Este trabalho se alia à ACG a partir da combinação de pressupostos teóricos da Sociorretórica (MILLER, 1984; BAZERMAN, 1988; SWALES, 1990, 2004; BHATIA, 1993, 2004) com os da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992; 2003; van LEEUWEN, 1996; 2008) e da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; HASAN, 1985/1989; MARTIN, 1985/1989), atravessados pelo princípio dialógico proposto por Bakhtin (1981; 2003) que orienta as atividades sociais (cf. MOTTA-ROTH, 2008b; MARCUZZO, 2011; SCHERER, 2013).

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSM

<http://cascavel.cpd.ufsm.br/>

A autora também tem o intuito de impulsionar as relações entre teoria e prática no acompanhamento do percurso de recontextualização do conceito de letramento multimodal crítico em diferentes contextos. Percebemos ainda a influência de perspectivas internacionais na medida em que a pesquisadora caracteriza conceitos centrais que embasam a análise de gênero e levanta uma discussão sobre o conceito de recontextualização e as concepções de gênero e multimodalidade e gênero e letramento crítico que embasam o conceito de letramento multimodal crítico, sendo associada ainda a esses conceitos a abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional.

3 - Orientação pragmática associada à preocupação social pelo letramento (e multiletramento) no Brasil, assim como a contribuição dos estudos de gênero para o ensino e a democratização da educação

A partir da década de 80, tem sido crescente o número de pesquisas que se debruçam nos novos paradigmas do processo de ensino e de aprendizagem de línguas. São muitas as pesquisas que enfatizam o papel da linguagem em constituir as atividades sociais, os papéis e as relações interpessoais a partir dos estudos sobre letramento. Essas pesquisas têm a preocupação de entender o papel da linguagem no serviço das práticas sociais e na proposta de pedagogias com os multiletramentos. Um exemplo de trabalho nesse sentido é a D18UFSM. No estudo, a autora busca discutir uma proposta didática de letramento científico

por meio da análise de atividades de leitura publicadas em um livro didático de língua inglesa, aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Especificamente, a linguista sistematizou algumas características do gênero notícia de popularização da ciência e refletiu sobre o letramento científico que sirva de base para uma proposta pedagógica numa relação entre teoria e prática, propondo atividades didáticas de leitura para o desenvolvimento do letramento crítico. Assim, o trabalho reforça a relevância de uma perspectiva crítica para o ensino de línguas e de uma educação linguística voltada para o desenvolvimento da capacidade de leitura e compreensão dos textos nas diferentes práticas sociais, especificamente aquelas ligadas ao letramento científico dos estudantes. Na figura 20, abaixo, podemos notar a preocupação da linguista nesse sentido.

Figura 20 - Recorte das considerações finais da D18 UFSM

Uma das possibilidades de aplicação pedagógica para o letramento científico crítico é um trabalho voltado para o ensino de leitura em língua inglesa com foco em notícias de PC. É importante que essa proposta pedagógica esteja orientada por fundamentos teóricos claros, a fim de se evitar que a linguagem perca a sua natureza de ação entre interlocutores e passe a ser reduzida ao foco na forma. Se o objetivo de uma abordagem de letramento crítico é “ensejar a investigação, reflexão e explicitação sobre como as práticas discursivas e as práticas sociais funcionam” (MOTTA-ROTH, 2008b, p. 265), então se deve entender o processo de leitura como uma interação, uma interdependência entre os vários âmbitos do conhecimento do leitor – de mundo, semântico, sintático, lexical, textual, discursivo, etc., conforme proposto pela Análise Crítica de Gênero.

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSM

<http://cascavel.cpd.ufsm.br>

Em outra pesquisa, a D5UFPE, com uma abordagem sociointeracionista da produção escrita, a autora buscou investigar os espaços de atuação social realizados através da modalidade escrita e disponibilizados para a criança em seu meio cultural, analisando os gêneros escritos que estão mais relacionados à sua rotina de atividade social e refletindo sobre a relação entre o ensino de gêneros textuais e o favorecimento da aprendizagem dos aspectos linguísticos e cognitivos específicos a modalidades escritas prevista para crianças que estão sendo inseridas nas práticas sociais de escrita dentro e fora da situação escolar. Esse estudo envolveu crianças de duas realidades diferentes, de escolas públicas e privadas, para entender

se e como essas realidades interferem na apropriação da escrita. Uma pesquisa bastante produtiva no sentido do ensino dos diversos gêneros para a democratização da educação, tal como estamos discutindo. Um dos aspectos mais interessantes da pesquisa é essa comparação entre as realidades das crianças, realidades que podem ser decisivas no processo de apreensão da escrita; processo baseado no ensino dos diversos gêneros textuais.

4 - Resposta às exigências dos novos parâmetros curriculares do país e dos movimentos criados em favor da igualdade de oportunidades dos alunos

As instituições escolares, no intuito de acompanhar as mudanças nas práticas escritas, têm buscado uma reformulação epistemológica e metodológica sobre o ensino de línguas para responder e se adequar às exigências dos programas e parâmetros elaborados pelo governo, a exemplo dos PCN's, que propõem o trabalho com a diversidade dos gêneros textuais pensados em atividades que busquem integrar textos orais, escritos e imagéticos em contextos reais. Nesse sentido, muitas das pesquisas sobre gêneros são desenvolvidas com o intuito de discutir as exigências desses documentos oficiais e dos movimentos criados a favor da igualdade de oportunidades dos estudantes. Para ilustrar essa característica, discutimos os trabalhos D13UFPE e D2UFSC.

Na dissertação que enumeramos por 13 da UFPE, o foco do estudo centra-se nos murais didáticos confeccionados em escolas com o objetivo de trabalhar os conteúdos em eventos de ensino e aprendizagem. Tendo em vista que os murais didáticos passaram a se configurar como um importante veículo de socialização do saber, tornando-se cada vez mais populares na escola, a pesquisadora discutiu a respeito do modo como os estudantes se apropriam de um artefato sobre o qual não têm muito conhecimento e sobre quais os fatores textuais e contextuais devem ser utilizados na elaboração dos murais didáticos, além de investigar quais os sistemas semióticos estão envolvidos na sua elaboração. O trabalho com os murais didáticos é uma resposta ao trabalho com os diversos gêneros textuais no desenvolvimento de diferentes competências dos estudantes. Na figura 21, trazemos um exemplar de mural didático apresentado e analisado pela pesquisadora.

Figura 21 - Exemplar de mural didático do capítulo de análise da D13 UFPE

Figura 35/ MD27: Mural didático com espessas linhas de *framing*



Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFPE

<http://repositorio.ufpe.br>

A autora da D13UFPE faz a análise dos sistemas semióticos de uma quantidade representativa de murais didáticos orientada pelas seguintes categorias: valor informativo, saliência e estruturação. É a partir desse trabalho de análise que é discutido como esses aspectos, e outros que envolvem a criação e circulação de murais didáticos, podem auxiliar no ensino da leitura, da escrita e da oralidade em consonância com o que preconizam os documentos oficiais da Educação no Brasil.

Na segunda dissertação, D2UFSC, a autora elabora uma proposta de intervenção colaborativa numa 5ª série do Ensino Fundamental na busca por alternativas, por novas propostas de ensino. No trabalho, defende-se que a educação constitui-se num processo de formação/transformação que se realiza a partir de experiências vividas pelos sujeitos nos diversos espaços educativos a que têm acesso e na interação com a sociedade que faz parte do seu universo cultural. Nesse sentido, é feita uma investigação sobre a construção da linguagem e da circulação de saberes linguísticos, sendo os gêneros tomados como aporte para tal ação. Isso se justifica, pois a pesquisadora defende que o uso dos gêneros como objeto de ensino prepara os alunos para situações de interação com outros sujeitos e, conseqüentemente, outros discursos. Desse modo, são desenvolvidas sua consciência enunciativa, sua capacidade de adequação de discurso, o que, conseqüentemente, permite que se posicionem criticamente diante dos mais diversos objetos de linguagem.

Como é possível observar, trata-se de pesquisas que se voltam para experiências de aplicação das noções propostas nos documentos escolares oficiais (gênero como prática social focalizado em seu contexto real de uso, multimodalidade, entre outros), especialmente no que se refere ao ensino de língua materna.

5 - Criação de redes intra e interuniversitárias importantes de pesquisadores, que pode ser vista também através dos diálogos feitos nos trabalhos

Outra característica importante das pesquisas sobre gênero no Brasil é a relação entre os diferentes pesquisadores, que pode ser percebida nos diálogos feitos entre os trabalhos. Um aspecto que deve ser levantado aqui é a maneira como os pesquisadores citam uns aos outros em seus trabalhos, demonstrando como as pesquisas podem ser complementares e como esses diálogos oferecem propriedade para cada trabalho. Quando defendemos que os participantes de um sistema complexo interagem dinamicamente, na defesa de que os diálogos entre teorias de gênero e outras teorias são complexos, também levamos em consideração como relações entre pesquisas/pesquisadores contribuem para o fortalecimento da área de gêneros nos estudos linguísticos, um fim desejado por todos os participantes do sistema.

Podemos dizer que isso, na verdade, é o que ocorre na grande maioria de trabalhos acadêmicos, especialmente em dissertações e teses, sendo a base de argumentos utilizada em trabalhos científicos. A pesquisa D29UFC, pode ser tomada como exemplo de um aspecto no que se refere ao que estamos chamando de redes intra e interuniversitárias de estudo de gêneros. Nessa dissertação, podemos perceber que a autora constrói relações entre trabalhos já produzidos na sua temática de pesquisa e o seu próprio trabalho para justificar a importância e a validade do seu estudo. Na figura 22 podemos perceber um pouco do que estamos defendendo.

Figura 22 - Recorte da introdução da D29 UFC

Zavam (2009) adota uma perspectiva diacrônica para compreender as mudanças ocorridas ao longo do tempo com os editoriais de jornais. Partindo de uma concepção bakhtiniana de gênero, a autora traz consideráveis contribuições no que diz respeito à evolução desses artefatos, culminando na elaboração de uma tipologia operacional para classificação dos processos de transmutação pelos quais os gêneros podem passar.

Já Costa (2010), também de base bakhtiniana, dedicou-se a investigar os processos de transmutação de gêneros ocorridos nos deslocamentos transmidiáticos de gêneros audiovisuais da TV para a web, trabalhando com a mesma obra canônica de Bakhtin - **"Estética da Criação Verbal"** - só que traduzida diretamente do russo para o português. Esta tradução, lançada em 2003⁵, elucidou alguns conceitos, até então de interpretação imprecisa. Inspirado por essa publicação, Costa (2010), em seu estudo, discute o reposicionamento terminológico do termo 'transmutação', que na nova tradução publicada foi substituído por 'reelaboração'. Esse movimento de readequação lexical aliou-se a toda uma reflexão de cunho teórico acerca do protagonismo daqueles que reelaboram o gênero, elementos fulcrais no ambiente instável e adaptativo que é a web. Ao final de sua pesquisa, o autor revisita a tipologia proposta por Zavam (2009), acrescentando-lhe um *continuum* que retrata a passagem do gênero em estado emergente para o estado estandardizado.

Já Lima-Neto (2009) debruçou-se sobre os processos formadores das postagens praticadas na rede social Orkut. Embora não tenha tomado essas unidades como gêneros, o autor preocupou-se em descobrir como gêneros distintos imbricavam-se dando forma a essa modalidade de comunicação, então muito popular. Sua contribuição para os estudos de gêneros foi elucidar como os processos de mesclagem distintos podem dar origem a enunciados híbridos, porém largamente difundidos entre os usuários da rede social em questão.

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFC

<http://www.teses.ufc.br>

Nesse recorte, podemos ver o que acontece em muitos dos trabalhos analisados do nosso *corpus*. Outra maneira de mostrar uma relação entre trabalhos é o que acontece principalmente no PPGL-UFSM, onde os pesquisadores explicitam os projetos “guarda-chuva” a que suas pesquisas estão ligadas. Além de levantar a reflexão sobre os projetos de maneira geral, muitos dos autores explicitam a relação direta que existe entre as pesquisas também como forma de dar mais credibilidade aos seus estudos. Para exemplificar isso, trazemos um recorte da D24UFSM, na figura 23.

Figura 23 - Recorte de introdução da D24 UFSM

Esta pesquisa, sob orientação da Profa. Dra. Graciela Rabuske Hendges, é um elo na cadeia de projetos de pesquisa que decorrem e dão continuidade ao projeto guarda-chuva *Análise crítica de gêneros e as implicações para os multiletramentos* (HENDGES, 2012a). Esse projeto guarda-chuva almeja investigar a linguagem em uso a partir de um ponto de vista crítico de análise de gêneros, considerando a multiplicidade cultural e as múltiplas maneiras como os significados podem ser materializados em uma sociedade, a fim de propor meios pedagógicos capazes de promover o ensino de linguagem sob essa perspectiva. Algumas das pesquisas já conduzidas sob esse projeto guarda-chuva e junto a esse grupo de pesquisa investigaram variados gêneros, enfocando suas diferentes materializações linguísticas, como artigos acadêmicos escritos (HENDGES, 2006); livros didáticos (KUMMER, 2012; CATTO, 2014; MACHADO JUNIOR, 2014); notícias de popularização da ciência (MARQUES, 2013; HENDGES; NASCIMENTO; MARQUES, 2013); protocolos de pesquisa audiovisuais (HENDGES, 2012b, SOUZA, 2013; SILVA, 2013; MILANI, 2014); resumos acadêmicos (HENDGES; SANTOS; COMARETTO, 2013); resumos acadêmicos gráficos (HENDGES, 2011; FLOREK; HENDGES, 2013); pôsteres acadêmicos (MOZZAQUATRO, 2014); e tiras em quadrinho (CATTO, 2012).

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSM

<http://cascavel.cpd.ufsm.br/>

Como pudemos perceber acima, a pesquisadora descreve em seu resumo o projeto ao qual o seu trabalho está vinculado no desenvolvimento de pesquisas específicas. Nesse trabalho em particular, percebemos a retomada desse projeto chamado “guarda-chuva” durante quase toda a dissertação desenvolvida. Este é um aspecto que nos ajuda a fortalecer a ideia de uma comunidade acadêmica de estudiosos de gênero textual que valida o trabalho dos colegas propõe relações com esses trabalhos nos mais diferentes âmbitos, sejam eles teóricos ou de aplicação para o ensino.

6 - Domínio de pesquisas empíricas centradas na análise de corpus textuais do mesmo gênero

Para ilustrar essa característica das pesquisas sobre gêneros do nosso *corpus*, trazemos as dissertações D9UFC e D5UFSC. No primeiro trabalho, a autora tem como objetivos principais pesquisar o protótipo da sequência narrativa de Adam (1992) na estrutura textual da notícia e tentar entender quais as relações que podem ser encontradas entre a identificação da

sequência narrativa na notícia e a sua estrutura composicional propriamente dita. Como podemos ver no recorte da introdução abaixo, a autora seleciona uma quantidade específica de *corpus* textual do mesmo gênero para proceder com a sua análise.

Figura 24 - Recorte de introdução da D9 UFC

O *corpus* desta pesquisa constitui-se de 50 notícias, escolhidas e retiradas dos sites dos periódicos jornalísticos *O Povo* e *Folha de São Paulo*, no período de setembro de 2005 a setembro de 2006. Das 50 notícias, 34 são do jornal *O Povo* e 16 do jornal *Folha de São Paulo*, e todas fazem parte do Caderno *Cotidiano* de ambos os jornais, cujas temáticas são bastante variadas e de interesse geral. De acordo com essas temáticas, dividimos as notícias em dois grandes grupos classificatórios: o das notícias de temática policial, que contam com 26 exemplares, e o das não-policiais, que contam com 24 exemplares. Feita essa divisão,

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFC

<http://www.teses.ufc.br>

Nesse caso, temos uma quantidade específica de notícias que foram analisadas e que formam um conjunto representativo de dados. Geralmente, é isso que aconteceu quando a proposta se direcionou para esse sentido, ou seja, é construído um *corpus* representativo do gênero para que a análise seja o mais consistente possível. No entanto, em alguns trabalhos, os pesquisadores utilizam-se de um número pequeno de exemplares do gênero o que pode impedir determinadas generalizações dentro do trabalho, afetando inclusive a sua credibilidade. Em um caso específico, o da T11PUC, foram analisados apenas um artigo científico e um ensaio com o intuito de refletir sobre os recursos argumentativos a partir de uma perspectiva sistêmico-funcional, o que, a nosso ver, deixou a análise pobre no que se refere à considerações específicas para a pesquisa.

A pesquisa D5UFSC, outro exemplar para a característica que agora discutimos, consiste em uma proposta de ensino. No trabalho, o estudioso desenvolve um projeto de elaboração didática para a prática da produção textual do gênero artigo de opinião, de modo que essa produção seja articulada à prática social de leitura e à reflexão sobre a língua. O enfoque da pesquisa foi o texto como unidade básica de ensino e o gênero como objeto de ensino-aprendizagem e também como um elemento integrador das práticas de produção de texto, de leitura e de análise linguística. Pensamos em discutir essa pesquisa por ela representar os trabalhos que são feitos com as práticas sociais integradas ao uso e à reflexão sobre a

linguagem mediada pelos gêneros. Ou seja, os usos sociais dos gêneros são também temática para muitos trabalhos e isso é um aspecto bastante positivo, na medida em que se articula a cobrança dos documentos oficiais no uso dos gêneros em sala de aula e a sua relação com as práticas sociais.

7 - Presença de inovações importantes no domínio dos gêneros orais, sobre a modelização didática e as sequências didáticas para o ensino da escrita e da leitura, sobre os gêneros multimodais e o seu papel no multiletramento e, finalmente, no domínio da linguagem no e sobre o trabalho e os gêneros profissionais destinados à formação docente

Ao analisarmos esse aspecto apresentado por Dolz (2016), podemos perceber que se trata de uma categoria bastante abrangente no que se refere à caracterização dos trabalhos sobre gêneros textuais. Pensando nisso, desmembraremos esse aspecto em outros quatro mais específicos para que possamos apresentar melhor os resultados que percebemos a partir dos nossos dados. Desse modo, falaremos especificamente, e nesta ordem, dos trabalhos sobre: 7a discussão e domínio dos gêneros orais; 7b modelização didática e sequências didáticas para o ensino da leitura e da escrita; 7c gêneros multimodais e o seu papel nos multiletramentos; e 7d gêneros profissionais destinados à formação docente.

7a - Discussão e domínio dos gêneros orais

Até meados da década de 70, muitos estudos linguísticos defendiam a grande divisão entre oralidade e letramento. Prevalencia a noção de que o letramento está relacionado apenas às atividades de leitura e escrita. A fala, tida ainda por muitos como desorganizada e não-planejada, não cabia às concepções de letramento e, portanto, ficou, muitas vezes, à margem dessas discussões.

Sabemos que tanto a fala quanto a escrita são fundamentais para a comunicação humana, mas, ao longo do tempo e com o surgimento das diversas tecnologias de informação e comunicação, a escrita tem ganhado um papel de destaque em sociedades tidas como letradas. Esse “*status*” adquirido pela escrita possibilitou grandes avanços em seus estudos. A oralidade, por outro lado, foi deixada de lado, de modo que na concepção inicial de letramento não havia lugar para os eventos que aconteciam na modalidade oral da língua. Esse quadro só começou a mudar com as ideias propostas pelo modelo ideológico de letramento

(STREET, 1984). A partir dele, os pesquisadores começaram a pensar em como as práticas discursivas orais envolvem os letramentos.

Nesse sentido, alguns autores desenvolveram discussões levando em consideração não somente textos escritos, mas também textos orais, a exemplo de Barton e Hamilton (2005), Marcuschi (2010), entre outros. O mesmo aconteceu com os multiletramentos. Muitos estudiosos desenvolveram seus estudos pensando nesses temas, não somente de forma teórica, mas, principalmente, pensando na sala de aula. No que se refere aos trabalhos que analisamos sobre os gêneros orais, apresentamos o exemplo T10PUC-SP. Em relação à tese, trazemos um recorte do seu resumo, na figura 25, abaixo.

Figura 25 - Recorte de resumo da T10 PUC-SP

Como parte do contexto do projeto de pesquisa 'Design e Desenvolvimento de Material Instrucional para Contexto Presencial e Digital' (PUC-SP/LAEL), esta tese tem como objetivo descrever a estrutura genérica de comunicações orais em língua portuguesa em congressos da área de Linguística Aplicada; identificar as semelhanças e diferenças entre as comunicações orais apresentadas por pesquisadores novatos e experientes; analisar elementos léxico-gramaticais que sinalizam mudanças de etapas; e identificar como os pesquisadores nomeiam a si mesmos e a audiência por meio de pronomes pessoais. Para tanto, utiliza-se da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985, 1994) como arcabouço teórico e seus seguidores (EGGINS; SLADE, 1997; MARTIN; ROSE, 2008), que tem como foco a língua em uso, que permite analisar as escolhas léxico-gramaticais feitas pelos usuários em textos escritos e falados com base nos contextos de situação e cultura em que se realizam. O modelo de análise da estrutura genérica de sessões de comunicação oral em conferências em inglês de Ventola *et. al.* (2002) é utilizado como referência. A pesquisa analisa trinta pesquisadores em quatro congressos de Linguística Aplicada (CBLA e InPLA), sendo transcritas e analisadas manualmente, exceto pela análise dos elementos léxico-gramaticais que é feita quantitativamente por meio do programa computacional *Wordsmith Tools* (SCOTT, 2010). Os

Fonte: Repositório de teses e dissertações da PUC-SP

<https://sapientia.pucsp.br>

Como pudemos ver, os objetivos do autor giram em torno de comunicações orais em Língua Portuguesa em congressos da área de Linguística Aplicada. Durante a sua pesquisa, é desenvolvido um trabalho sobre um gênero ainda com pouca atenção dos linguistas brasileiros: a comunicação oral. As principais contribuições desse estudo para a área são a descrição do gênero comunicação oral e a análise de alguns elementos léxico-gramaticais como marcadores discursivos e pronomes pessoais que caracterizam o gênero. Essa pesquisa é um dos importantes exemplos da dedicação de muitos pesquisadores à investigação de gêneros ligados à oralidade e das inovações que surgiram nesse campo.

7b - modelização didática e sequências didáticas para o ensino da leitura e da escrita

Como exemplo para os trabalhos que tratam sobre a modelização e sobre as sequências didáticas para o ensino e produção de texto, apresentamos a D6PUC-SP. Nessa dissertação, a pesquisadora procura identificar as características definidoras do gênero comentário jornalístico radiofônico, isso no ano de 2009, tendo como objetivo a construção de um modelo didático desse gênero. A proposta se complementa com a elaboração de possíveis atividades que pudessem possibilitar o desenvolvimento de capacidades de linguagem para a produção de textos pertencentes a esse gênero. Trazemos, na figura 26, um recorte de uma das propostas desenvolvidas pela autora.

Figura 26 - Recorte de proposta de atividade a partir da modelização didática de gênero (D6PUC-SP)

Ainda em relação às condições de produção, primeiramente é preciso levar os alunos a conhecerem e compreenderem as características da atividade jornalística radiofônica, ou seja, criar um espaço para que o aluno compreenda o que é essa atividade, qual é o papel que essa atividade exerce socialmente, sua importância para a população, como ela se organiza, quais são suas especificidades (rádios comunitárias, rádios comerciais, rádios musicais), o uso da linguagem radiofônica, observando os elementos não-linguísticos: voz, efeitos sonoros, músicas, silêncio, que modelo de rádio construir, com quais formatos de programas. Nessa etapa, devemos deixar claro o caráter de instantaneidade, simultaneidade e atualidade que caracterizam essa atividade, portanto, sua relação estreita com o contexto sócio-histórico imediato; também mostrar a articulação entre as matérias que fazem parte do mesmo programa, observando que tipo de relações elas têm ou não com o comentário jornalístico.

Fonte: Repositório de teses e dissertações da PUC-SP

<https://sapiencia.pucsp>

A sugestão de atividades levou em consideração alguns conhecimentos que a autora já tinha sobre as produções de alguns estudantes que foram gravadas por ela no início da pesquisa. Como pudemos ver no recorte acima, uma das questões consideradas como essenciais para o ensino-aprendizagem é a necessidade de mobilização adequada das representações sobre as condições de produção de comentários jornalísticos, dada a sua influência para a organização discursiva e linguístico-discursiva dos textos. Toda a proposta didática é muito bem construída, vale dizer, além de poder ser adaptada para o trabalho com outros gêneros da modalidade oral.

7c - gêneros multimodais e o seu papel nos multiletramentos

Muitas pesquisas sobre gêneros textuais em todo o país se debruçam nos estudos sobre multimodalidade e multiletramentos. Tendo em vista que, como estudantes da linguagem, não há como negar a grande influência da multimodalidade dos textos nos diversos contextos de interação, muitos autores procuram relacionar esses aspectos também com o ensino de línguas. Um exemplo que destacamos a esse respeito é a T6UFSM. A proposta da tese é esclarecer como seria possível promover uma educação linguística pensando na chamada multimodalidade crítica em um livro didático de língua inglesa. Na sua empreitada, a autora tenta entender de que modo documentos constitutivos do programa nacional do livro didático abordam uma concepção de letramento multimodal crítico através de uma recontextualização dos conceitos de gênero, de multimodalidade e de letramento crítico. Além disso, foi importante perceber como as atividades didáticas exploram a natureza multimodal das tiras em quadrinhos presentes nessas atividades. Na figura 27, abaixo, trazemos o resumo dessa pesquisa.

Figura 27 - Recorte do trabalho T6 UFSM

Os conceitos de multimodalidade e gênero discursivo e uma perspectiva crítica sobre a linguagem tem sido recorrentes em debates contemporâneos, tanto no contexto local (BRASIL, 2006; MOTTA-ROTH, 2008b; NASCIMENTO, 2012; para citar apenas alguns) quanto global (COPE; KALANTZIS, 2000, 2008, 2012; KRESS, 2003; JEWITT, 2005, 2008; O'HALLORAN, 2008, para citar apenas alguns). No entanto, pouco se sabe sobre práticas de aplicação desses conceitos de forma explícita e inter-relacionada no contexto pedagógico. Com base em um processo de recontextualização desses conceitos, como conhecimentos contemporâneos da ciência da linguagem, investigo na presente pesquisa em que medida e como atividades didáticas sobre gêneros dos quadrinhos oferecem potencial para promover o que denomino letramento multimodal crítico para o ensino de inglês. Com base na proposta da Análise Crítica de Gêneros (MOTTA-ROTH, 2008b), ao associar uma teoria de linguagem de base sistêmico-funcional e sociosemiótica, uma perspectiva de ensino e aprendizagem baseada em gêneros discursivos e uma abordagem crítica sobre o discurso, pretendo verificar práticas de letramento multimodal crítico em livros didáticos de inglês (LDI) integrantes ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de Língua Estrangeira Moderna (LEM) para o Ensino Médio (BRASIL, 2009b, 2011). Para responder ao objetivo da pesquisa, 1) os contextos de produção, circulação e consumo do gênero LDI do PNLD foram investigados em busca de referências aos conceitos de gênero discursivo, multimodalidade e letramento crítico, orientados pela perspectiva dos multiletramentos, os quais teórica e metodologicamente associados compõem uma proposta de letramento multimodal crítico; 2) atividades didáticas que exploram os gêneros dos quadrinhos foram selecionadas e analisadas com base nos estratos linguísticos e contextuais da Linguística Sistêmico-Funcional acionados em combinação a movimentos epistêmicos, os quais descrevem os objetivos analíticos e pedagógicos das atividades; 3) os dados contextuais e textuais encontrados foram combinados para interpretar e explicar em

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSM

<http://cascavel.cpd.ufsm.br>

A autora ainda investigou os contextos de produção, circulação e consumo do gênero tira em quadrinhos em busca de referências ao conceito de letramento multimodal crítico

mobilizado no Guia do Livro Didático (Brasil, 2011), em orientações teórico-metodológicas apresentadas aos professores nos manuais dos livros didáticos e também a partir de questionários aplicados para professores da rede pública de ensino.

7d - gêneros profissionais destinados a formação docente

Para finalizar a discussão, pensando agora nos trabalhos com os gêneros profissionais e naqueles destinados à formação docente, apresentamos a T2UFSC. Esta pesquisa teve como intuito o rompimento com a tradição e o anacronismo do ensino da leitura e da produção textual nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental. O texto do trabalho traz um relato sobre os resultados de uma formação docente subsidiada na abordagem histórico-cultural de ensino e aprendizagem das linguagens. Na figura 28, podemos ver o problema de pesquisa apresentado pelo autor e o seu objetivo geral pensado para discutir a formação docente dos professores de língua.

Figura 28 - Problema de pesquisa e objetivo geral da T2 UFSC

*A investigação implementada, considerando os problemas abordados anteriormente, aspira responder à seguinte indagação: **Averiguar se é possível efetivar a mudança da prática pedagógica, pretendida por esta pesquisa, o rompimento com o anacronismo do ensino da leitura e da produção textual escrita em aulas de alfabetização e de Língua Portuguesa no EF como consequência das trocas intersubjetivas e da perscrutação da prática docente através de uma formação continuada para professor pautada nos princípios da pesquisa-ação, cujo centro da discussão seja o uso do gênero como instrumento organizador da prática docente e como objeto de ensino-aprendizagem?***

Para isso, como **objetivo geral**, propus **verificar a relevância da teoria dos gêneros em atividades de compreensão, produção e divulgação textual na prática pedagógica das aulas de alfabetização e de Língua Portuguesa dos professores do EF envolvidos nessa pesquisa**. Desdobrando esse objetivo, alguns **objetivos específicos** foram focados:

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSC

<http://ppglin.posgrad.ufsc.br/>

Desse modo, a ideia do pesquisador foi a de promover um curso de formação continuada para os professores inseridos em sua pesquisa por meio de um grupo de estudos. Na perspectiva do trabalho no grupo de estudo, as intenções foram as seguintes: i) pensar em ações pedagógicas e linguístico-enunciativas no âmbito dos gêneros textuais; ii) discutir a

necessidade do planejamento dos conceitos e conteúdos para um trabalho mais eficaz com os gêneros como mediadores do ensino; iii) produzir, desse modo, um projeto pedagógico que levasse em consideração as diversas nuances do ensino por meio de gêneros; iv) promover a socialização das experiências entre os professores discutindo as diferentes realidades de cada um e como isso influencia no andamento do projeto, além de outros aspectos; e v) pensar, em conjunto, sobre outras diferentes sugestões que pudessem complementar o projeto pedagógico considerado de modo mais abrangente.

8 - Extensão das pesquisas sobre o ensino de Língua Portuguesa ao ensino do inglês e do espanhol como língua estrangeira

Em algumas Universidades em que coletamos os trabalhos para o nosso *corpus*, pudemos perceber também muitas investigações que se preocupam com o ensino do Inglês como língua estrangeira. Na verdade, não se trata de pesquisas que são uma extensão daquelas sobre o ensino de Língua Portuguesa, mas sim de trabalhos pensados especificamente com o objetivo de se debruçarem sobre o ensino do Inglês. Para ilustrar essa característica, trazemos aqui as pesquisas D8UFMS e D15PUC-SP.

Na primeira dissertação, a autora objetiva a verificação das crenças de uma acadêmica do curso de Letras atuante no contexto do ensino de língua inglesa sobre práticas de ensino envolvendo cultura. Trata-se de uma pesquisa-ação que abrange a discussão da aquisição de conhecimento teórico relevante sobre o ensino de inglês mediado pelos gêneros textuais com a finalidade de modificação da prática da professora, para um trabalho mais eficaz na aprendizagem da língua estrangeira. A ideia foi envolver os aspectos da cultura estrangeira dentro da prática pedagógica da professora para melhorar o trabalho por meio dos gêneros levando em consideração as práticas sociais que esses gêneros possibilitam.

A pesquisadora fez ainda duas entrevistas, com a professora que acompanhava. A primeira entrevista foi feita antes da intervenção e a segunda depois da intervenção. Pensamos serem interessantes essas entrevistas em dois momentos distintos, pois foram levados em consideração aspectos do cotidiano da professora que se relacionavam à cultura da língua estrangeira. Esses mesmos aspectos foram pensados como contribuições para o desenvolvimento das aulas. O que torna o trabalho mais completo, pois conjuga fatores contextuais importantes em sua análise.

Na segunda dissertação, D15PUC-SP, a ideia foi investigar as ações didáticas da professora-pesquisadora durante momentos de atividades de compreensão oral em salas de aulas de Língua Inglesa. O foco da pesquisa era saber sobre as estratégias mobilizadas para a realização dessas atividades. Na figura 29, podemos ver um recorte do resumo da pesquisa.

Figura 29 - Recorte de resumo da D15 PUC-SP

O objetivo desta dissertação é investigar a minha prática como professora durante a atividade de compreensão oral. Mais especificamente, é investigar como as ações da professora pesquisadora contribuem para a compreensão de textos orais numa perspectiva de ensino baseada na abordagem de gênero. As perguntas que direcionam esta dissertação são duas: Quais são as ações didáticas da professora-pesquisadora durante a atividade de compreensão oral? Quais estratégias foram mobilizadas para a realização das atividades de compreensão oral propostas em sala? A pesquisa é realizada no Instituto Philadelphia de idiomas, uma unidade pertencente a uma rede de franquias de Idiomas localizada em Bauru, cidade do interior do Estado de São Paulo, tendo como participante focal a professora pesquisadora e como parceiros de ação os alunos. O procedimento metodológico adotado é a pesquisa-ação por ter envolvido a participação ativa dos alunos e da professora pesquisadora, preservando o contexto normal da sala de aula. A pesquisa se apoia em dois eixos teóricos, sendo o primeiro, composto pelos conceitos de ensino-aprendizagem de língua estrangeira na perspectiva da Teoria Sócio-Histórico-Cultural de Vygotsky (2001), pela concepção de linguagem de

Fonte: Repositório de teses e dissertações da PUC-SP

<https://sapiencia.pucsp.br>

A pesquisa tem contribuição relevante para a área no sentido de trazer uma reflexão sobre o planejamento de aulas, sobre as ações que são realizadas em sala de aula pelo professor e também no sentido de tentar entender a perspectiva de aprendizagem dos estudantes em um contexto específico. No entanto, fica pouco claro o processo de investigação, na medida em que a análise é voltada para a própria pesquisadora e alguns aspectos deveriam ser melhor explicados, além de não poderem ser feitas generalizações, já que toda a pesquisa se volta apenas para uma prática pedagógica.

De todo modo, em sua proposta, a pesquisadora discute sobre diversos processos de aprendizagem que são uma extensão das aulas de Língua Materna para as aulas de Língua Estrangeira, nesse caso, o inglês. É nesse sentido também que pensamos nesse trabalho para fazer a análise dessa última categoria.

Para uma melhor visualização das características dos trabalhos analisados, construímos o quadro 6, abaixo, que traz as porcentagens de cada uma das oito categorias discutidas em relação aos nossos dados. É interessante pensar que as teses e as dissertações podem ser caracterizadas a partir de duas ou mais dessas categorias, tendo em vista que elas dizem respeito a aspectos diferentes tais como autores utilizados, tipos de pesquisa e correntes específicas dentro das teorias de gênero textual. No quadro, trazemos, do lado esquerdo, a numeração que representa as categorias de Dolz (2016) com nossas adaptações e, do lado direito, a porcentagem que ela representa, pensando nas 170 pesquisas.

Quadro 6 - Categorias de Dolz (2016) com adaptações nossas e representações nas pesquisas

Categoria	Porcentagem
1	95%
2	76%
5	73%
4	44%
7	43%
6	31%
3	21%
8	8%

Fonte: Elaborado pelo autor

A partir do quadro, podemos perceber que 95% dos trabalhos têm algum tipo de influência dos estudos de Bakhtin, Volochinov ou Medvedev, aspecto interessante que discutimos durante toda esta tese. Também numa grande porcentagem, 76%, os trabalhos seguem quatro grandes linhas internacionais de estudos de gêneros, como o Interacionismo Sociodiscursivo, os Estudos Retóricos de Gênero, a Linguística Sistêmico-Funcional e o Inglês para Fins Específicos. Essas teorias foram utilizadas também individualmente, mas, em sua grande maioria, são feitos diálogos bastante diversificados, como vimos nas discussões do capítulo cinco.

As outras categorias, que dizem mais respeito às modalidades de estudo, tem uma porcentagem menor, por se dividirem nesse sentido. Aqui, é importante destacar que boa parte dos trabalhos, 43%, foi desenvolvida levando em consideração o ensino de Língua Portuguesa, e pensando nas exigências dos documentos oficiais; inclusive muitos

pesquisadores referenciam esses documentos como justificativas para o desenvolvimento desses trabalhos.

Outra porcentagem que merece destaque é a dos trabalhos com a presença de inovações importantes na discussão dos gêneros da oralidade, sobre a modelização didática e as sequências didáticas para o ensino da escrita e da leitura, sobre os gêneros multimodais e sobre os gêneros profissionais. 43% das pesquisas tiveram os seus objetivos direcionados a alguma dessas temáticas. Isso nos revela certa preocupação dos pesquisadores brasileiros com o ensino da Língua Materna, que pesquisaram nesse sentido levando em consideração diferentes teorias.

No próximo tópico, discutiremos mais um pouco os trabalhos, pensando especificamente nas três categorias de síntese de teorias apontadas na introdução deste capítulo.

6.2 Acepções de sínteses nas pesquisas analisadas

Esta tese tem como intuito principal a discussão dos diálogos, da caracterização e das contribuições dos estudos sobre gêneros textuais em teses e dissertações no país, pensando em cinco Programas de Pós-Graduação específicos que podem ser considerados como principais nessa área e que influenciam outros Programas nesse sentido. Primeiramente, discutimos que esses diálogos entre teorias devem ser pensados como complexos, dada a dinamicidade com que são construídos pelos autores, a percepção do todo e não somente das partes, a presença de sujeitos nas pesquisas, os diálogos entre aspectos aparentemente contraditórios, entre outros aspectos já discutidos no segundo capítulo. Levando em consideração esse caráter dinâmico, os trabalhos podem fazer interlocuções de diferentes maneiras, dependendo dos seus objetivos, problemas de pesquisa, modalidades de estudo, entre outras questões. Neste tópico, queremos fazer uma reflexão sobre isso pensando em três categorias apontadas nos nossos procedimentos metodológicos e na introdução deste capítulo que constituirão os subtópicos a seguir.

Neste momento da discussão, é importante deixar claros alguns critérios que diferenciaram o que caracterizamos como combinação ou justaposição mais simples de teorias e macroteoria. Isso foi feito segundo aspectos de nomenclatura e de propósitos ou funcionalidade das teorias. Desse modo, consideramos: i) o nome que os próprios pesquisadores davam as suas teorias, quando, por exemplo, nomeavam como Análise Crítica

de Gêneros ou Análise Sociorretórica e Linguística de Gênero; ii) a mescla de aparato teórico e analítico em muitos aspectos da teoria; e, iii) a utilização de aspectos mais pontuais de cada teoria. Assim, quando essa combinação entre teorias envolveu todos ou quase todos os aspectos e outro nome surgiu para representá-la, consideramos como macroteoria. Quando essa combinação era mais simples e os pesquisadores utilizavam aspectos apenas pontuais de uma ou de outra teoria como a definição de gênero ou a concepção de propósito comunicativo, por exemplo, sem nomear especificamente esse procedimento, consideramos como uma justaposição, combinação mais simples de teorias. Assim, nas próximas linhas procederemos na discussão dessas questões.

6.2.1 Panorama, visão geral, resumo ou revisão de literatura

No que diz respeito a essa categoria, pensamos nos trabalhos que fazem uma discussão teórica apontando diferentes perspectivas de estudo. Nesse caso, os autores trazem exatamente um panorama, uma visão geral ou uma revisão da literatura. A maioria das pesquisas que analisamos faz esse movimento e depois faz uma combinação mais simples de teorias como na terceira acepção de síntese que veremos. No entanto, muitos autores fazem uma apresentação simples sem articulação de ideias, jogando apenas os conceitos e não apontando inter-relações entre eles, a exemplo da D7UFPE. Por outro lado, algumas pesquisas trazem um panorama bem consistente com uma discussão teórica apurada e madura. Para ilustrar essa acepção, apresentamos as pesquisas T4UFPE e T10UFPE que articulam muito bem os conceitos das abordagens de gêneros que apresentam.

No primeiro trabalho, T4UFPE, o autor levanta uma interessante discussão refletindo que a identificação de abordagens distintas acarreta o risco de subestimar e simplificar os múltiplos e ecléticos tratamentos dados ao fenômeno dos gêneros textuais. Nesse aspecto, é feita a defesa de que é necessário que as multifacetadas teorizações sobre gêneros devam ser lidas e utilizadas seletivamente. Nas discussões do pesquisador, ele privilegiou os enfoques contemporâneos de gêneros que mais se relacionam com o seu objeto de pesquisa, a saber, os gêneros introdutórios em livros acadêmicos, sendo que muitos desses enfoques estão relacionados com perspectivas teóricas variadas. O objetivo central do trabalho foi o de descrever os gêneros denominados como introdutórios de livros acadêmicos, tais como a apresentação, o prefácio e a introdução. Na figura 30 podemos observar como foram trazidas variadas abordagens para a pesquisa.

Figura 30 - Recorte de sumário da T4 UFPE

CAPÍTULO 2: GÊNEROS TEXTUAIS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS	45
2.1 O conceito de gênero em sua origem	45
2.2 Retomada da noção de gênero nos estudos contemporâneos	47
2.3 Para uma noção sócio-interacional de gêneros	55
2.4 Gênero, escrita e multimodalidade	56
2.5 Uma concepção de discurso baseada em gêneros	57
2.6 Texto e discurso – gênero como categoria mediadora	60
2.7 Produção, uso e circulação de gêneros no ambiente acadêmico	61
2.8 Opções teóricas na presente pesquisa	64
CAPÍTULO 3: GÊNERO E PROPÓSITO COMUNICATIVO	68
3.1 Centralidade do conceito	68
3.2 Propósito comunicativo: o que é?	69
3.3 Propósito comunicativo e estrutura esquemática do gênero	71
3.4 Propósito comunicativo como critério de identificação de gêneros	72
3.5 A complexidade do(s) propósito(s) comunicativo(s)	75
3.6 Propósito comunicativo: versatilidade e níveis de análise	76
3.7 Propósito comunicativo na presente pesquisa	78

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFPE

<http://repositorio.ufpe.br>

O autor esclarece que não é o seu intuito trabalhar com uma definição única de um fenômeno tão complexo como os gêneros textuais, ou seja, é necessário que haja a possibilidade de diálogo entre concepções de alguma forma relacionáveis. A reflexão parte de um conceito de gênero textual como evento comunicativo dotado de um ou mais propósitos comunicativos de acordo com o que é defendido por Swales (1990) e Bhatia (1993; 2004), e de que os gêneros se apresentam em situações dinâmicas e recorrentes da vida diária, conforme Miller (2012). Depois o pesquisador discute uma concepção de gêneros textuais como “formas de vida” apresentada por Bazerman (2006); passa pelas considerações de Bakhtin (1997); pelo modelo analítico de Swales (1990) e pela discussão sobre propósitos comunicativos.

Dentre todos os encaminhamentos teóricos apresentados, está uma visão de análise de gêneros como estudo do comportamento linguístico situado (BHATIA, 2002). Nesse sentido, o autor critica o pensamento sobre gêneros como correspondentes à “simples reprodução de formas discursivas” e ao fato de que as descrições de gênero resultem em modelos estáticos que ignoram a criatividade dos usuários nas diferentes combinações possíveis entre os variados artefatos genéricos, ou seja, que ignorem o seu caráter dinâmico e os simplifiquem (BEZERRA, 2006).

Na segunda pesquisa, a T10UFPE, é investigada a relação teórico-prática entre os gêneros textuais empregados numa interação social real dentro das práticas profissionais e os gêneros textuais utilizados como objeto de aprendizagem para ministrar a disciplina de português

instrumental em cursos técnicos do Centro de Educação Profissional de Pernambuco (CEFET-PE). A autora defende que o ensino na Educação Profissional necessita de um trabalho com gêneros textuais que esteja para além do conteúdo específico de português instrumental e que adentre o fazer das disciplinas de formação técnica.

Desse modo, fora da escola, é importante que o estudante compreenda amplamente as relações inerentes às estruturas sociais e, de modo especial, as relações sociodiscursivas pertinentes a tais estruturas. No texto, é apresentado um quadro sobre a síntese das tendências atuais do estudo dos gêneros que reproduzimos na figura 31, a seguir.

Figura 31 - Quadro presente no capítulo 1 da T10 UFPE

Quadro 2 – Síntese das tendências atuais do estudo dos gêneros

Escolas tradicionais	Escola de Sidney abordagem sistêmico-funcional	Escola de Genebra abordagem sócio-discursiva	Escola Norte- americana abordagem sócio-retórica	Escola Swalesiana abordagem sócio-retórica
Principais teóricos	M. Halliday, Ruqayia Hasan, Martin, Joan, Rothery, Frances Christie	Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e Jean-Paul Bronckart,	Carolyn Miller, Aviva Freedman, Anne Freedman, Charles Bazerman,	Jonh Swales, Vijay Bhatia
Concepção teórica	Gênero é uma atividade lingüisticamente realizada com um objetivo definido, própria de uma determinada cultura.(MARTIN, 1984, p. 24).	Gênero é um instrumento semiótico constituído de signos organizados de maneira regular... (DOLZ & SCHNEUWLY, 1998, p. 65).	Gênero textual é uma forma de <i>ação social</i> , que o torna dependente da estrutura e complexidade específica de cada sociedade (MILLER, 1984).	Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros partilham um dado conjunto de propósitos comunicativos (SWALES, 1990, p. 58).

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFPE

<http://repositorio.ufpe.br>

Na construção da sua tese, a pesquisadora faz um percurso histórico da concepção de gênero citando as discussões que ocorreram dentro da retórica, da poética e da linguística. Para isso discorre sobre os escritos de Bakhtin (1992). Em seguida, reflete sobre o conceito de gênero como ação social, aplicando-o às estruturas sociais formadas no ramo da construção civil, da indústria e da prestação de serviços, âmbitos importantes dentro do seu estudo sobre gêneros na Educação Profissional. Além disso, fundamentando-se em Miller (1984), em Bazerman (2005, 2006), em Marcuschi (2000, 2002) e em Meurer (2000) estabelece relações entre os gêneros ensinados nos cursos de nível médio do CEFET-PE e aqueles empregados na prática profissional, discutindo a perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo. Com essa

discussão, tem-se o intuito de validar a necessidade de tornar o ensino de Língua Portuguesa na Educação Profissional mais próximo das práticas sociais (SOUZA, 2008).

Como já discutimos, a maioria dos trabalhos faz esse movimento de “estado da arte” em que refletem sobre um panorama de teorias. As duas pesquisas apresentadas nessa subseção são as que fazem um panorama mais completo das abordagens teóricas de gêneros textuais, além de trazer uma discussão bem apurada dessas teorias, enfocando os principais aspectos de cada uma delas. Em alguns trabalhos, depois desse movimento de apresentação de teorias, é feito o movimento que chamamos de combinações e justaposições sem nomeações específicas, aspecto que tratamos na próxima subseção.

6.2.2 *Combinação ou justaposição de teorias*

No que se refere à natureza das associações dessa segunda categoria, percebemos que os pesquisadores utilizam diferentes abordagens de gênero para a discussão teórica, descrevendo e citando os seus conceitos, relacionando-os com outras tradições ou teorias, de forma a justapor as suas contribuições. Nesse sentido, essas combinações apresentam um caráter mais geral, não elaborando de maneira mais acurada uma macroteoria, conforme propõe a classificação de Bezerra (2016). Para a exemplificação dessa acepção, apresentamos os trabalhos T1UFC e D17UFPE.

O trabalho T1UFC foi a primeira tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística na área de gêneros textuais na Universidade Federal do Ceará. Trazemos essa pesquisa para exemplificar, pois nela é feita uma discussão teórica sobre agrupamentos de gêneros na medida em que o assunto tratado é sobre como pensam diferentes autores a respeito dessa temática, além de o autor da tese combinar diferentes concepções para refletir sobre como se caracteriza uma constelação de gêneros. A partir disso, a pesquisa é especificada no sentido de tratar sobre a constelação de gêneros *chat*. Como podemos ver na figura 32 são apresentadas diferentes concepções de constelação de gêneros, a partir das quais o estudioso cria um importante diálogo teórico para que possa proceder no intuito de responder a sua questão de pesquisa.

Figura 32 - Recorte de sumário da T1 UFC

1.1. PRELIMINARES: LOCALIZANDO A CATEGORIA TEÓRICA	32
1.2. COLÔNIA DISCURSIVA OU CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS?	33
1.2.1 O SIGNIFICADO INDEPENDENTE DA SEQÜÊNCIA	35
1.2.2 AS UNIDADES SUBJACENTES QUE NÃO FORMAM PROSA CONTÍNUA	35
1.2.3 UM CONTEXTO ESTRUTURADO	35
1.2.4 UMA AUTORIA COLETIVA	35
1.2.5 UM COMPONENTE QUE PODE SER USADO SEM FAZER REFERÊNCIA A OUTROS	36
1.2.6 OS COMPONENTES QUE POSSAM SER REIMPRESSOS E/OU USADOS NOVAMENTE	36
1.2.7 OS COMPONENTES QUE PODEM SER ACRESCENTADOS, REMOVIDOS OU ALTERADOS	36
1.2.8 ALGUNS COMPONENTES QUE SERVEM PARA A MESMA FUNÇÃO	37
1.2.9 APRESENTAM ALGUM TIPO DE SEQÜÊNCIA	37
1.3. CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM BHATIA	38
1.4. CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM MARCUSCHI	46
1.5. CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM SWALES	51
1.5.1 HIERARQUIAS DE GÊNEROS	52
1.5.2 CADEIAS DE GÊNEROS	54
1.5.3 GRUPOS DE GÊNEROS	57
1.5.4 REDES DE GÊNEROS	59
1.6. CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM BAKHTIN	62
1.7. SUMARIZAÇÃO DAS DISCUSSÕES E APRESENTANDO A TESE	69

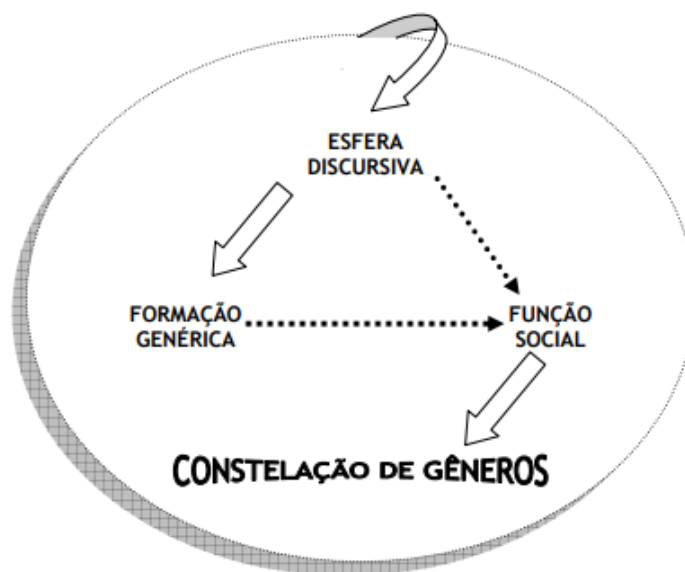
Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFC

<http://www.teses.ufc.br>

Nesse sentido, o objetivo principal do pesquisador foi desenvolver um conceito que desse conta do fenômeno dos agrupamentos genéricos designados como constelações. Assim, ele defendeu a tese de que a constelação de gêneros é “um agrupamento de situações sócio-comunicativas que se organizam por meio de pelo menos uma característica comum à esfera de comunicação que os congrega, partilhando do mesmo fenômeno formativo e atendendo a propósitos comunicativos distintos” (ARAÚJO, 2006, p. 74). Para chegar à defesa desse ponto de vista, a articulação de teorias sobre gêneros e agrupamentos de gêneros foi essencial, pois o pesquisador não dispunha de uma literatura específica que pudesse dar conta do que ele estava concebendo como constelação de gêneros.

Não consideramos essa mescla como uma macroteoria, pelo fato de o autor relacionar apenas aspectos pontuais de cada uma das teorias, especialmente o conceito de agrupamento em cada uma delas. Desse modo, no processo de desenvolvimento da pesquisa, foram discutidos os aspectos a seguir, como exemplificados na figura 33.

Figura 33 - Figura do capítulo 2 da T1 UFC



Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFC

<http://www.teses.ufc.br>

Assim, o autor articula as noções de esfera discursiva, formação genérica e função social dos gêneros como categorias de análise para alcançar os seus objetivos. Pensando nesses aspectos, o autor apresenta reflexões sobre Bakhtin (2000), Marcuschi (2002) e Swales (2004), por exemplo, entre outros teóricos. Desse modo, é importante destacar que quando falamos dessa combinação ou justaposição de teorias não estamos falando de um processo simples no sentido de somente apresentar essas teorias, mas, como no que propõe Araújo (2006), pensando no sentido de entender como cada teoria pode auxiliar na construção de um aparato de análise próprio, principalmente quando se trata de uma tese de doutorado.

Também pesquisando sobre agrupamentos de gêneros, só que pensando na colônia de gêneros de Bhatia (2004), na D17UFPE também pudemos observar o sentido de síntese como combinação mais simples de teorias. Na pesquisa, o autor tem o intuito de responder a seguinte questão: quais os diferentes gêneros e domínios discursivos que caracterizam os processos de hibridização em redes sociais para suprir determinadas necessidades de interação e como acontecem esses processos? De que maneira esses gêneros se agrupam em tal ambiente possibilitando novas formas de perceber a linguagem na relação fala-escrita? Para discutir sobre esse problema, o autor também recorreu a diferentes abordagens teóricas em sua dissertação, como podemos ver na figura 34.

Figura 34 - Recorte de sumário da D17 UFPE

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS.....	18
1.1. Considerações Preliminares.....	18
1.2. Considerações sobre Bakhtin	21
1.3. Estudos retóricos de gêneros.....	22
1.3.1. Contribuições de Charles Bazerman.....	23
1.3.1. Contribuições de Carolyn Miller.....	25
1.4. Os estudos em inglês para fins específicos.....	28
1.4.1. John Swales.....	29
1.4.1. Vijay Bhatia.....	31
1.5. Esclarecendo algumas opções teóricas.....	32

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFPE

<http://repositorio.ufpe.br>

No decorrer de sua discussão teórica, o pesquisador levanta uma reflexão sobre as principais teorias de gênero trabalhadas atualmente na área, apresentando essas teorias de maneira geral e dando destaque àquelas que serviram de aporte para o seu estudo. Primeiramente, ele faz algumas considerações preliminares sobre essas teorias e em seguida discute, mais especificamente, sobre a abordagem de Inglês para Fins Específicos, que tem interesses aplicados, na qual se encontram Swales (1990; 2004), Bhatia (2004) e outros; e da abordagem dos Estudos Retóricos de Gêneros, que se centram na análise mais voltada para a questão social, as relações de poder e os problemas relacionados com a história dos gêneros e seus papéis na sociedade, sendo discutidos os estudos de Miller (2012) e Bazerman (2005). Acrescenta também, antes disso, algumas considerações sobre Bakhtin, justificando a apresentação de tais abordagens por ser a partir delas e dos seus constructos teórico-metodológicos que a sua pesquisa foi guiada.

Em sua revisão de literatura, o autor esclarece suas opções discutindo que Bakhtin, por exemplo, não imaginava os gêneros que circulam hoje em dia no ambiente internetiano, gêneros esses que tornam ainda mais intensa a relatividade de gêneros que foi por ele proposta. É incontornável a discussão de que o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional fazem parte de todo gênero, entretanto, outras abordagens devem ser levadas em consideração quando se fala em Internet, seu universo de pesquisa, abordagens essas que devem tratar da intensificação da relativa estabilidade já mencionada.

Nesse sentido, ainda falando sobre aspectos como maleabilidade, a definição de gênero proposta por Miller (2012) tem papel central em seu trabalho. A perspectiva levantada pela autora, e que se reflete na sua escola teórica por meio de outros autores como Bazerman

(2006), dá uma atenção indispensável às ações sociais, minimizando, mas não excluindo, a questão formal do gênero. Além disso, os gêneros são tratados como reconhecidos social e cognitivamente pelos usuários e são utilizados recorrentemente.

O autor ainda considera importante salientar a consideração de gênero como um constructo sociocognitivo como em Marcuschi (2000), já que seria difícil defender aspectos dos gêneros digitais levando em consideração somente o linguístico, por exemplo. Nesse sentido, vale dizer que os gêneros não têm uma circulação situacional idêntica em todas as culturas, nem tão pouco existem em determinadas culturas e suas formas de reconhecimento na sociedade são diferentes em diferentes espaços de tempo. Por seu turno, o gênero também está localizado na percepção de produtores e receptores e em seus modelos tipificados que cada um têm internalizados de acordo com determinadas situações. Swales (1990; 2004) dá aporte teórico para a dissertação, principalmente, no que diz respeito a sua definição de gêneros, e por tratá-los levando em consideração os seus aspectos linguísticos e retóricos. Bhatia (2004) é citado não somente pelas suas definições, mas também por seus modelos de análise e sua formulação das teorias relacionadas à colônia de gêneros e hibridização.

Consideramos esses trabalhos como os que fazem uma combinação ou justaposição de teorias, sem necessariamente levar em consideração todos os aspectos de cada uma delas. As duas pesquisas combinam aspectos mais pontuais como o agrupamento de gêneros, na T1UFC, e os propósitos comunicativos dos gêneros, na D17UFPE. As outras pesquisas que agrupamos nessa categoria seguem esse mesmo esquema de combinações mais pontuais, o que as difere das combinações que levam em consideração muitos aspectos das teorias, as que vamos discutir no próximo tópico.

6.2.3 *Macroteoria*¹⁸

Para a acepção de síntese que estamos chamando de macroteoria, enquadramos as pesquisas que fazem associações mais sistematizadas com mais de uma teoria (de gênero textual ou outra) e que fornecem aporte teórico-metodológico de análise. Nesse sentido, o “produto final”, isto é, a combinação entre as teorias, parece se afastar dos modelos originais,

¹⁸ Sabemos que as discussões sobre como se caracteriza uma macroteoria podem ser mais complexas e extensas, levando em consideração várias aspectos científicos. Usamos o termo “Macroteoria” para explicar essa acepção de síntese de acordo com o que encontramos e adotamos em BEZERRA (2016, 2017). De todo modo, o uso desse termo pode suscitar outras discussões muito produtivas na continuação da pesquisa que aqui nos propomos.

formando uma nova teoria. Acreditamos ser esse o caso, por exemplo, da Análise Crítica de Gêneros (ACG) sobre a qual discutimos mais especificamente no final do quarto capítulo. Para exemplificar essa aceção, trazemos os trabalhos D13UFSM e T3UFSM.

Na primeira pesquisa, a autora tem como objetivo a identificação dos discursos que circulam em relatos de pesquisa científica de revistas sobre linguagem a respeito da natureza da escrita e de sua investigação. Para isso, ela elenca cinco objetivos importantes, a saber: i) descrição da configuração dos artigos científicos presentes em seu *corpus* em termos de organização retórica; ii) identificação da área de interesse e o foco de estudo em cada artigo; iii) descrição e organização das seções de metodologia dos relatos; iv) sistematização das abordagens e procedimentos metodológicos implantados; e v) explicitação dos discursos sobre a escrita e sua investigação que perpassa o discurso. No que se refere às teorias adotadas, podemos refletir um pouco a partir do recorte da figura 35, abaixo.

Figura 35 - Recorte do capítulo 1 da D13 UFSM

A LSF, a AG e a ACD compartilham uma concepção funcionalista do discurso, segundo a qual:

o foco de interesse não é apenas a interioridade dos sistemas lingüísticos, mas, sobretudo, a investigação de como esses sistemas funcionam na representação de eventos, na construção de relações sociais, na estruturação, reafirmação e contestação de hegemonias de discurso. Está claro, entretanto, que o conhecimento acerca da gramática – uma gramática funcionalista – é indispensável para que se compreenda como estruturas lingüísticas são usadas como modo de ação sobre o mundo e sobre as pessoas (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 13).

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSM

<http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede>

Como pudemos ver, trata-se de uma associação entre os pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, da Análise de Gênero e da Análise Crítica do Discurso. De acordo com o que vimos discutindo, desde o capítulo quatro desta tese, as concepções dessas três teorias resultam na Análise Crítica de Gênero. A ACG é a abordagem teórica que consideramos como macroteoria por fazer uma articulação mais sistematizada entre aspectos pontuais de cada teoria levando em consideração a “análise dos elementos lingüísticos e retóricos em combinação com a análise dos elementos ideológicos do contexto” (MOTTA-ROTH, 2008b, p. 370). Quando dizemos que a articulação é sistematizada, não estamos dizendo que os outros trabalhos que também fazem articulações sejam desorganizados ou precários. Isso diz

respeito principalmente ao fato de os pesquisadores que se debruçam na ACG assumirem essa postura conciliadora e desenharem toda a sua pesquisa no sentido de atender a aspectos bastante específicos da chamada macroteoria.

Nesta pesquisa que estamos discutindo, a D13UFSM, não existe uma apresentação clara do que seria a ACG como em outras pesquisas. Talvez por se tratar de um trabalho publicado em 2008, a ACG ainda não estivesse tão sistematizada como a conhecemos hoje. Apesar disso, percebemos um desenho teórico-metodológico bastante articulado no que seria a convergência de três teorias que formam a ACG. Já na pesquisa T3UFSM podemos ver claramente a explicitação do que se configurou como ACG, mesmo que sem uma articulação mais profunda da Linguística Sistêmico-Funcional, como podemos ver na figura 36.

Figura 36 - Recorte do capítulo 1 da T3 UFSM

O aporte teórico e metodológico desta pesquisa encontra sustentação na Análise Crítica de Discurso e na Análise de Gênero. A confluência dessas duas fontes resulta na Análise Crítica de Gênero, entendida nesta pesquisa como uma perspectiva teórica em construção que visa à explicação e à interpretação das relações entre texto e contexto, ou seja, entre aspectos ideológicos e linguísticos presentes nos diferentes exemplares de gêneros do discurso. A seguir, apresentarei a perspectiva da Análise Crítica de Gênero, bem como os aportes teóricos que a sustentam.

Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSM

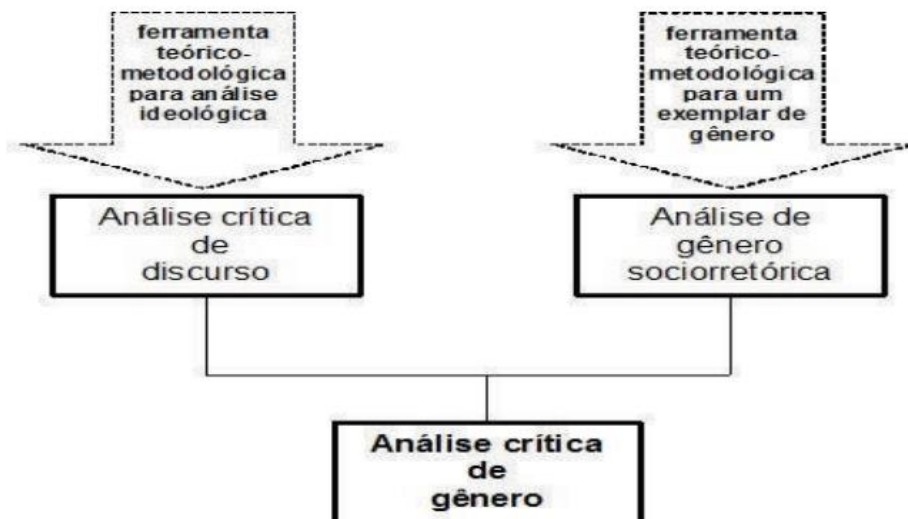
<http://w3.ufsm.br/desireemroth/images/admin/teses/Pinton.pdf>

A abordagem da ACG nessa pesquisa serve de base para a investigação sobre os discursos de produção textual na revista Nova Escola em relação ao uso e ao ensino de textos nesse contexto que se manifesta na reportagem didática. A autora justifica a escolha da revista Nova Escola por ela possuir uma grande representatividade no contexto educacional brasileiro e, por isso, revelar, de algum modo, uma realidade educativa. Na análise do gênero reportagem didática, a pesquisadora delinea em termos de produção e circulação o contexto da prática jornalística da revista Nova Escola, analisa criticamente a configuração textual-discursiva desse gênero, além de identificar e analisar criticamente as estratégias metadiscursivas e os discursos sobre o ensino de produção textual circulantes nessa publicação.

Em sua discussão teórica, a autora traz uma imagem sobre a representação esquemática para a Análise Crítica de Gênero em seu trabalho que reproduzimos na figurar 37, a seguir.

Figura 37 - Figura capítulo 1 da T3UFSM

Figura 2: Representação esquemática para a análise crítica de gênero



Fonte: Repositório de teses e dissertações da UFSM

<http://w3.ufsm.br/desireemroth/images/admin/teses/Pinton.pdf>

Na figura 37, vemos uma articulação entre a Análise Crítica do Discurso e a Análise de Gênero de base sociorretórica. A primeira traz ferramentas para a análise ideológica e a segunda traz ferramentas para a análise dos exemplares do gênero. Nesse tipo de pesquisa, é importante perceber que todos, ou quase todos, os aspectos da teoria são utilizados nos desenvolvimentos teóricos, metodológicos e, por consequência, analíticos, o que difere as combinações. Ainda sobre essa discussão das acepções de sínteses apresentamos a subseção a seguir.

6.2.4 Percepção geral das acepções de síntese

Na discussão que levantamos, é importante lembrar que algumas pesquisas podem apresentar mais de uma acepção de síntese, se considerarmos todos os diálogos e os caminhos teóricos que os trabalhos podem conter. Um exemplo disso é o trabalho T1UFPE. Nele podemos perceber uma interessante revisão de literatura, como no primeiro sentido de síntese, e também uma combinação mais simples de alguns aspectos entre as teorias de Swales (1990) e Miller (1984), como no segundo sentido de síntese.

A grande maioria das pesquisas, 81% delas, o que representa 138 trabalhos, fazem algum tipo de revisão de literatura, panorama ou visão geral sobre as teorias como na primeira acepção de síntese. No que se refere à segunda acepção que é a justaposição ou combinação mais simples de teorias, 54% dos trabalhos, o que representa 92 pesquisas, mostraram esse procedimento. Em outros 42 trabalhos, representados como 25% das pesquisas, percebemos a terceira acepção de síntese categorizada como macroteoria.

Ainda sobre isso, apesar de a revisão de literatura ou o desenvolvimento de um panorama de teorias ser um dos argumentos de desenvolvimento do trabalho científico, algumas pesquisas não fazem necessariamente esse movimento em seus trabalhos e se debruçam exclusivamente naquilo que é considerado pelos autores como pontualmente importante. Outra questão aqui é o caráter de complementaridade que os estudos apresentam, podemos ver tanto uma tendência à análise de fenômenos da linguagem em gêneros particulares associados ao interesse de descrição de gêneros, como também a necessidade de clarificar o próprio conceito de gênero por meio de uma popularização. Nesses dois movimentos percebemos um direcionamento à revisão de literatura/visão geral de teorias. Finalizando essas questões, discutimos um pouco na subseção seguinte sobre a relação entre teorias de gênero, seus diálogos e a Teoria da Complexidade.

6.2.5 Sínteses de teorias e algumas questões sobre a Teoria da Complexidade

Nesta pesquisa, a partir do momento em que decidimos pensar os gêneros textuais como fenômenos complexos e os diálogos entre teorias como sistemas complexos, assumimos uma postura de que as perspectivas partem da heterogeneidade, de que as relações aqui apresentadas são extremamente dinâmicas, não lineares, e que as pesquisas, na construção de sua discussão teórica e aparato analítico, tinham em sua maioria abertura e adaptação no que se refere a tudo o que envolve o fenômeno dos gêneros textuais. Nesse sentido, seria bastante redutor pensar em síntese de teorias de modo engessado, sendo assim desenvolvemos o trabalho pensando em todos os diálogos e caracterizações como sendo plurais.

No capítulo dois, lugar em que discutimos a respeito do paradigma da complexidade e como ele seria uma base epistemológica importante para assentarmos a nossa pesquisa, apresentamos uma discussão sobre como considerar os diálogos/interloquções entre teorias de gêneros textuais como complexos. Neste momento, queremos retomar os princípios da TC apresentados e fazer uma relação entre esses princípios e a caracterização das sínteses de teorias analisadas.

Primeiramente, entendemos o princípio dialógico como caracterizador geral do que nos propomos nesta tese. A partir desse princípio, compreendemos a complementaridade das teorias e a indissociabilidade em uma mesma realidade entre o que pode ser pensado como ordem e desordem nas interlocuções. Em segundo lugar, é importante retomar o princípio da recursão organizacional, na medida em que percebemos que produto e produtor, causa e efeito interagem na complementaridade de teorias, assim como produtos e efeitos devem ser considerados como produtores e causadores do que se produz, do que é tido como resultado final nas pesquisas.

Em terceiro lugar, o princípio hologramático entra para explicar como parte e todo devem ser percebidos como uma mesma realidade ao passo que as teorias podem ser articuladas em todos os aspectos que a representam, mas também em aspectos que, mesmo pontuais, têm características específicas das teorias a que pertencem. Isso nos leva ao quarto princípio, o do circuito retroativo, através do qual percebemos a dinâmica entre continuidade e ruptura, na medida em que alguns pesquisadores utilizam teorias fazendo alterações e adaptações para que atendam da melhor maneira possível aos seus estudos. Desse modo, essa dinâmica de interlocuções pode ter certa autonomia, mas ela depende do que vamos chamar de “entorno teórico” já que sempre se assenta em outras teorias, que, mesmo mais antigas, são extremamente necessárias à compreensão dos novos paradigmas.

Em último lugar, o princípio da reintrodução do conhecimento em todo o conhecimento nos alerta para a questão de que o conhecimento do mundo, seja qual for ele, é sempre uma reconstrução pensada por mentes determinadas em culturas e épocas específicas. Nesse sentido, a dinamicidade dos pensamentos e das relações teóricas é, inevitavelmente, caracterizada por esses aspectos. Ainda nessa reflexão, seguimos para as últimas considerações deste capítulo.

6.3 Últimas considerações para este capítulo

Finalizando a discussão deste capítulo, consideramos pertinente recuperarmos duas questões problematizadas por Silva e Bezerra (2014, p. 45), em seu estudo sobre as repercussões das diferentes tradições no conceito de gênero presente em artigos científicos sobre o ensino de língua materna, que podemos relacionar à questão das acepções de síntese: a primeira nos propõe a pensar em que medida é possível afirmar que “apenas uma abordagem preste-se a orientar atividades pedagógicas nos diversos níveis e modalidades que

integram o sistema educacional brasileiro” e a segunda, assumindo “uma postura conciliadora, como a sugerida por autores que propõem o uso de mais de uma perspectiva [...], como garantir a coerência de um projeto que se assenta em teorias muitas vezes conflitantes?”. Apesar de não termos uma resposta pronta para essas questões, acreditamos, com base no que foi argumentado ao longo da nossa discussão nesta tese, no que diz respeito à primeira, que é problemático falar sobre uma abordagem única, como uma síntese, sendo mais coerente pensar em “sínteses”, como fizemos nas análises dos nossos dados, ainda que elas pareçam “tanto múltiplas, como parciais” (BEZERRA, 2016, p. 470).

Com relação à segunda questão, acreditamos que ela suscita dois pontos: por um lado, pensamos que se faz necessário um maior aprofundamento epistemológico, visto que, em grande parte dos casos, na prática, as pesquisas sobre gênero não se preocupam em analisar os fundamentos das teorias que são combinadas, podendo, sim, haver incoerências entre elas. Como vimos, essas associações entre teorias, em muitos casos, ocorrem em um nível mais superficial, relacionados aos conceitos, de forma que os pressupostos que embasam essas teorias muitas vezes não são acionados, ainda que fiquem implícitos. Nesse sentido, parecem uma “colcha de retalhos” em que apenas os conceitos que interessam de determinada teoria são “recortados” e “costurados” para os fins do trabalho. Dessa forma, são combinadas diferentes teorias, de maneira superficial, para dar conta de cada um dos aspectos que se deseja investigar. Em alguns casos, nossa hipótese é de que um dos fatores pelos quais isso acontece (ou seja, uma das motivações das combinações) é a falta de um conhecimento mais aprofundado a respeito de algumas teorias que poderiam ser utilizadas para tratar de diferentes aspectos do mesmo objeto. Por outro lado, acreditamos ser possível partir da ideia de que as teorias de gênero apresentam pontos em comum, o que permite uma associação sem necessariamente a perda da unidade das teorias combinadas. Nesse ponto, as associações podem ser muito produtivas e apontar para relações mais profundas entre os aportes teóricos combinados. Continuando essas discussões, no próximo capítulo, procederemos com as considerações finais desta tese.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar os gêneros textuais nos seus mais variados aspectos é um dos grandes propósitos de muitos linguistas, principalmente nos últimos trinta anos. Como vimos em toda a nossa discussão nesta tese, várias questões podem ser refletidas dentro dessa temática, estando longe de se esgotarem as possibilidades de pesquisa para esse tema. Nesse sentido, uma proposta que ainda se tratava de uma lacuna, principalmente no que se refere a pensar sobre as teorias de gêneros textuais, é a que aqui nos dedicamos. Fazer um estudo sobre as pesquisas desenvolvidas no país e perceber quais as diferentes contribuições dos estudos de gêneros é uma proposta que ajuda não somente a fornecer um panorama que nos permite entendermos como caminham os pesquisadores dentro da temática, mas também contribuir para direcionar novos pesquisadores em suas jornadas científicas.

Com essa proposta, esta tese teve como objetivo principal investigar como se caracterizaram os estudos de gênero textual no país entre os anos de 2000 e 2016; sendo seus diálogos e interlocuções compreendidos como sistemas complexos, buscamos perceber qual é a efetiva participação das diversas teorias de gêneros no ambiente acadêmico. Para chegar a esse objetivo principal, trabalhamos com objetivos específicos que retomaremos e discutiremos a seguir. No entanto, é importante retomarmos antes a questão de que as teorias de gênero textual não foram o nosso aporte teórico específico para a tese que defendemos. Assim, optamos por nos guiar pelos preceitos da Teoria da Complexidade, que, como vimos, tornou-se uma base epistemológica bastante eficaz para os diálogos e a caracterização dos trabalhos sobre gêneros que analisamos.

Desse modo, discutimos os preceitos da TC no segundo capítulo, após apresentarmos as nossas perguntas de pesquisa, no intuito de esclarecer para o leitor como se caracteriza essa maneira diferente de olhar para os fenômenos estudados. Nesse momento, apresentamos dez aspectos caracterizadores de sistemas complexos, fazendo uma primeira análise de como os diálogos e as interlocuções entre teorias de gêneros são complexos, dada a sua dinamicidade e complementaridade, entre outros fatores já discutidos. Dessa feita, não foi nosso intuito esvaziar essa discussão sobre os diálogos, tendo em vista que eles foram também especificamente discutidos no capítulo cinco.

Em seguida, apresentamos as principais teorias de gênero textual que são discutidas nas pesquisas que analisamos. O intuito de refletir sobre essas teorias foi o de levar o leitor a perceber como cada abordagem é desenvolvida para que a compreensão, no momento de

análise, fosse mais bem direcionada. Nesse sentido, as abordagens foram refletidas levando em consideração os principais aspectos também desenvolvidos pelos autores dos trabalhos do nosso *corpus*. O que foi bem interessante porque, mesmo tendo construído essa discussão das teorias, depois fizemos uma revisão do que havia sido escrito e, após a análise dos 170 trabalhos, pudemos melhor direcionar as nossas escolhas para a discussão. Isso nos remete a uma das reflexões da TC quando diz que não somente as partes estão no todo, mas o todo também está nas partes. Essa é uma concepção importante para esta pesquisa, pois analisamos os trabalhos individualmente, mas pensando-os como um todo, e, em outros momentos, os analisamos como um todo, pensando em sua individualidade.

Isso ocorreu levando em consideração principalmente estes dois aspectos. O primeiro diz respeito a analisar diferentes trabalhos de um mesmo Programa de Pós-Graduação: mesmo olhando para os resumos e para as fundamentações teóricas individualmente, não havia como não fazer relações entre as pesquisas quando linhas teóricas semelhantes eram seguidas, ou quando não o eram. O segundo aspecto trata do caminho inverso: nas discussões sobre os trabalhos de cada Programa de Pós-Graduação, feitas no quinto capítulo, o movimento era o de olhar para cada Programa de maneira geral, mas agora pensando na individualidade de cada trabalho. Talvez por isso não foi possível traçar um percurso totalmente claro sobre os diálogos construídos, daí a complexidade do fenômeno. Nesse caminho, procuramos responder os nossos objetivos específicos.

O nosso primeiro objetivo específico foi o de construir um panorama dos estudos de gênero textual no Brasil, realizados em teses e dissertações, a partir dos Programas de Pós-Graduação das Universidades pioneiras no tema nos 16 anos decorridos entre 2000 e 2016. Para isso, primeiramente, selecionamos os Programas de Pós-Graduação, cuja escolha foi justificada em nossa introdução, no capítulo de procedimentos metodológicos. Os Programas selecionados foram os pertencentes à Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE), a Universidade Federal de Santa Maria (PPGL-UFSM), a Universidade Federal de Santa Catarina (PPGLg-UFSC), a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL-PUC/SP) e a Universidade Federal do Ceará (PPGL-UFC). Depois, fizemos a seleção de todas as teses e dissertações que foram desenvolvidas com a temática dos gêneros textuais.

Desse modo, pudemos perceber que 170 trabalhos se direcionaram especificamente para a pesquisa sobre gêneros textuais, seja levando em consideração estudos específicos de gêneros, produção e discussão de materiais didáticos para o ensino de línguas ou propostas de trabalhos direcionadas a contextos escolares específicos. Existe uma diversidade de pesquisas que se dividem entre esses cinco Programas de Pós-Graduação, sendo 34 pesquisas do PPGL-

UFPE, 32 pesquisas do PPGL-UFSM, 15 pesquisas do PPGLg-UFSC, 37 pesquisas do LAEL-PU/SP e 52 pesquisas do PPGL-UFC. Alguns outros trabalhos também se debruçaram sobre os gêneros textuais, mas apenas os tomando como exemplo para analisar outros fatores da Linguística de Texto, das Análises do Discurso, da Sociolinguística, aspectos gramaticais, entre outras áreas.

É importante destacar a diferença da quantidade de trabalhos do PPGL da Universidade Federal do Ceará em relação aos demais programas analisados. Uma das possíveis explicações para isso, de acordo com as leituras e pesquisa que fizemos, é que esse programa foi formado em meados dos anos 90, ganhando visibilidade a partir dos anos 2000, período em que os diferentes trabalhos sobre gêneros textuais estavam sendo incentivados e desenvolvidos, e muitos doutores e mestres em Linguística se especializavam na área, muitos deles sendo formados por esse programa ou indo atuar como professores nele.

Analisando o nosso *corpus* e também tendo contato com outras leituras na produção deste trabalho, vimos que o panorama de estudos de gêneros é vasto. No que se refere às pesquisas relacionadas aos gêneros acadêmicos e que atraem outros pesquisadores para diferentes análises, podemos citar, por exemplo, Motta-Roth (2002), Pozza (2005), Lousada e Abreu-Tardelli (2004), Araújo (2002) e Bezerra (2002) que se debruçaram sobre o gênero resenha acadêmica, e Hendges (2002), Nascimento (2002) e Marcuzzo (2006) que se dedicaram ao gênero artigo científico. Os gêneros acadêmicos ganharam importante espaço entre os pesquisadores, principalmente nos últimos dez anos.

No âmbito do ensino-aprendizagem de línguas em seus diferentes níveis podemos citar os trabalhos de Cristovão (2005), Lousada (2005), Costa (2005), Mendonça (2005), Machado (2005), Vian Júnior (2002) que também abrem caminhos para pesquisas nesse sentido. Nos últimos anos tornaram-se destaque também os estudos sobre gêneros nas diversas mídias eletrônicas, a exemplo de Hendges (2002), Araújo (2004), Carvalho (2005), Pereira (2007), Paiva (2007), Lima-Neto (2014) e Pimentel (2014). Além de pesquisas sobre gêneros textuais em contextos profissionais e institucionais tais como os de Wilson (2007) e Ferreira (2007).

Sabemos que muitos outros trabalhos foram desenvolvidos nesse recorte de tempo da nossa pesquisa, muitos deles com contribuições marcantes para a área. Todos esses trabalhos analisados podem ser vistos nos nossos apêndices, além de terem sido caracterizados no capítulo seis desta tese. Atingir esse primeiro objetivo foi importante dada à visibilidade acadêmica das teses e dissertações. Ter em mãos um quadro que traz esse panorama de pesquisas será útil para incentivar e guiar/direcionar outros trabalhos a fim de que mais discussões sejam feitas a esse respeito.

O nosso segundo objetivo foi o de caracterizar os estudos brasileiros sobre gêneros, apontando quais os caminhos teóricos que são tomados nas pesquisas de teses e dissertações, bem como que tipo de relação existe, ou não, entre esses caminhos. Para isso, num primeiro momento, analisamos os resumos e as introduções das pesquisas, assim como os capítulos teóricos, quando isso se fez necessário para que pudéssemos esclarecer melhor as nossas dúvidas sobre aspectos mais específicos utilizados em cada teoria.

Desse modo, pudemos perceber que os trabalhos podem ser caracterizados da seguinte maneira: i) como tendo fortes influências dos estudos de Bakhtin/Volochinov para as pesquisas; ii) com a formação de conceitos teóricos baseada nos grandes paradigmas internacionais de gêneros textuais discutidos nos capítulos três e quatro; e iii) com uma orientação pragmática associada à preocupação social pelo letramento e seus desdobramentos, bem como para se perceber a contribuição dos estudos de gêneros textuais para o ensino de Língua Materna.

Ainda há de se considerar, tratando também dos direcionamentos das pesquisas: i) um movimento de resposta às exigências dos documentos oficiais para a educação brasileira, em nível básico; ii) o domínio de pesquisas empíricas centradas em análises de gêneros específicos e dos seus usos sociais; iii) as chamadas inovações na discussão dos gêneros orais, sobre a modelização didática e as sequências didáticas para o ensino da leitura e da escrita; e iv) a extensão das pesquisas sobre o ensino de Língua Portuguesa ao ensino das Línguas Estrangeiras, a exemplo do Inglês e do Espanhol.

Essa caracterização confirma em muitos aspectos a reflexão levantada por Dolz (2016). Apesar de termos feito algumas adaptações às características dos trabalhos apresentadas pelo autor, como discutimos no capítulo seis, ainda é bastante intensa a maneira como os nossos dados mostraram essa caracterização. A esse respeito, podemos levantar uma explicação que parece ser bem clara: Dolz levantou essa discussão a respeito da caracterização dos trabalhos sobre gêneros textuais desenvolvidos no país no SIGET de 2015, ocorrido na Universidade de São Paulo, evento no qual muitos pesquisadores de gêneros expõem as suas pesquisas de mestrado e doutorado. Além disso, a sua trajetória como pesquisador/palestrante nos congressos sobre gêneros textuais no Brasil é bastante reconhecida.

Do mesmo modo que é diversificada a caracterização dessas pesquisas, também são diversificados os diálogos entre as teorias em cada uma delas. Podemos afirmar isso, já que constatamos diálogos entre uma ou mais teorias de gêneros textuais, bem como diálogos entre teorias de gêneros textuais e outras teorias que não são especificamente de gêneros. Nesse

sentido, vimos que são muitas as inter-relações. Isso nos confirma que não há como desenvolver pesquisas sobre gêneros textuais sem ao menos saber dos diferentes domínios teóricos que rodeiam esse fenômeno.

Ainda sobre esses diálogos, é importante ressaltar como algumas determinações de caráter teórico-disciplinar e acadêmico e de caráter didático-pedagógico também dialogam dentro das diferentes instituições. No que se referem às determinações de caráter teórico-disciplinar e acadêmico, isso pode ser percebido quando notamos que o conceito de gênero textual permite uma problematização de categorias como texto/discurso, texto/contexto e tipologia/gênero, ou quando os estudos linguísticos, a partir desses diferentes diálogos, ampliam as possibilidades de discussão sobre os mais diferentes gêneros, a exemplo daqueles que medeiam as práticas sociais no ambiente digital. No que diz respeito às determinações de caráter didático-pedagógico, é necessário destacar que o conceito de gênero textual passa a ser pensado como o principal fator de proposições de ensino que incrementam o trabalho em salas de aula de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira. Isso dá às teorias de gênero destaque central nos mais diferentes ambientes de ensino-aprendizagem em que elas foram utilizadas, seja nas pesquisas aplicadas, seja em futuras propostas de trabalho.

Portanto, não podemos falar em uma abordagem predominante nos caminhos teóricos tomados em teses e dissertações. Podemos até afirmar que alguns autores foram mais utilizados que outros, como Bakhtin/Volochinov e Luiz Antônio Marcuschi, por exemplo, ou que a abordagem do Inglês para Fins Específicos foi a mais utilizada nos movimentos de diálogo, entretanto isso não caracteriza necessariamente uma abordagem predominante, na medida em que defendemos uma complementaridade dos diálogos. O que nos leva a outro dos nossos objetivos.

O terceiro objetivo foi discutir sobre a necessidade de se pensar o fenômeno dos gêneros textuais, bem como os diálogos e as interlocuções entre teorias a partir de um olhar que os considerem como complexos. Como apontamos, isso foi feito primeiramente no segundo capítulo, e, após cada análise dos trabalhos que serviram de exemplo no capítulo cinco, apresentamos também análises relacionadas diretamente aos princípios caracterizadores da TC. Com esse movimento, quisemos apresentar ao leitor uma caracterização específica com a TC, mas que mostrasse que outros trabalhos e outros diálogos também poderiam ser olhados por esse viés, levando em consideração os nossos dados. Desse modo, afirmamos que “a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade” (MORIN, 2003, p. 38), pois cada unidade, cada pesquisa, se revela complexa também por podermos olhar para ela em sua

multiplicidade de teorias e também na inter-relação com outras pesquisas. Isso nos conduz a outro objetivo.

O nosso último objetivo específico foi o de analisar e caracterizar diferentes acepções de síntese de teorias em cada uma das pesquisas. Para procedermos nessa empreitada, foi essencial tentarmos perceber o que cada um dos autores tinha como objetivo quando se propôs a utilizar determinadas teorias. Nesse intuito, selecionamos três categorias de síntese que retomamos aqui: i) panorama ou visão geral de teorias; ii) combinação ou justaposição; e iii) macroteoria. A primeira e a terceira cunhadas por Bezerra (2016), e a segunda acrescentada por Pimentel e Lêdo (2016) em pesquisa desenvolvida para o VIII SIGET.

A partir desse objetivo, pudemos perceber que grande parte das pesquisas, 138 trabalhos, faz uma discussão levando em consideração uma revisão de literatura, uma espécie de panorama. Algumas dessas pesquisas procedem com uma combinação ou justaposição e outras continuam os trabalhos desenvolvendo o que chamamos, junto a Bezerra (2016), de macroteoria. Desse mesmo modo, outros trabalhos não desenvolvem uma reflexão mais apurada, apenas apresentam diferentes teorias com esse modelo de síntese. No que se refere à combinação ou justaposição, 92 pesquisas seguem esse movimento de apropriação e discussão de teorias. Mais uma vez ressaltamos que estamos chamando de combinação ou justaposição o procedimento em que os autores apenas combinam aspectos específicos da abordagem teórica, como o conceito de propósito comunicativo ou o de agrupamentos, por exemplo. Por fim, pudemos perceber que 42 teses e dissertações seguem o modelo de macroteoria, em que são combinadas diferentes abordagens teóricas e muitos aspectos dessas abordagens.

Apesar de ser bastante difícil apontar aspectos marcantes de uma pesquisa que durou quase quatro anos num espaço tão pequeno como o capítulo das considerações finais, é importante que o façamos para seguir os movimentos retóricos deste gênero, sendo o mais claros e abrangentes possível. Assim, vale destacar que não foi nosso intuito avaliar positiva ou negativamente as pesquisas como um todo, a não ser que esse fosse um movimento importante para destacar algum diálogo, algum aspecto caracterizador, ou alguma contribuição para a área. Entendemos, como pesquisadores, que todo trabalho científico é sempre uma continuação de um trabalho anterior e uma ponte para que outros trabalhos possam ser feitos, sendo assim cada vez mais esclarecedores. É esse aspecto de complexidade e, conseqüentemente, de complementaridade que defendemos durante toda discussão aqui levantada.

Nessa linha de reflexão, cabe aqui uma inquietação sobre de onde partem tantas e tão diferentes perspectivas nos trabalhos sobre gêneros textuais. À medida que discutimos os diálogos, as caracterizações e as contribuições, pudemos ver o aspecto central da complexidade, num movimento dialógico de teorias bastante intenso. As pesquisas analisadas partem, assim, da heterogeneidade, da dinamicidade, da não linearidade, da abertura e da adaptação das diferentes teorias. Uma das explicações para tantas perspectivas diz respeito às variáveis relativas à história acadêmica de cada instituição, e, conseqüentemente, de cada pesquisador e o seu lugar no cenário acadêmico, pois o fluxo de saberes não se circunscreve necessariamente na instituição onde se realizam, nem somente nas páginas onde são escritas, mas está para além do saber “científico” propriamente dito.

Seguindo essa linha de análise, quando percebemos, por exemplo, que autores do PPGLg-UFSC e do PPGL-UFMS, ou do PPGL-UFPE e do PPGL-UFC, mantêm relações em termos tanto de formação acadêmica quanto de publicações organizadas em conjunto, sendo isso algo bastante difundido entre os mais diferentes pesquisadores dessa temática, comprovamos esse caráter de dinâmica plural de circulação de saberes caracterizador da complexidade de interlocuções.

Outro aspecto que merece destaque é o da tendência de aplicação das pesquisas brasileiras que se manifestam no delineamento e no estudo de gêneros como objeto de ensino. Como pudemos perceber, essa é uma marca forte dos trabalhos analisados e tende a continuar nos próximos anos já que a proposta de muitos estudiosos é justamente pensar como as diferentes teorias e análises de gêneros podem ser produtivas para o ensino de língua, seja ela materna ou estrangeira. Muitos pesquisadores defendem que todo o saber científico deve levar alguma contribuição para a sociedade. Nesse caso, a escola deve ser a instituição em que os saberes produzidos são desenvolvidos. Pudemos notar esse aspecto na observação, por exemplo, do movimento de transpor para a pedagogia do ensino de gêneros as metodologias de análise dos Estudos em Linguística Sistêmico-Funcional e do Inglês para Fins Específicos, pedagogia que navega do nível micro ao macro, da cultura à língua, mesmo que com estratégias analíticas e teóricas diferentes.

Dessa maneira, podemos afirmar que o panorama de estudos de gêneros textuais no país é bastante diversificado levando em consideração também as diferentes teorias na formação de diálogos para o atendimento dos objetivos direcionados em cada uma das pesquisas. É justamente em razão dessa multiplicidade de teorias e de diálogos que podemos afirmar que esse panorama de estudos e que as interlocuções são consideradas como complexas a partir dos parâmetros da TC apresentados.

Neste trabalho não tivemos o intuito de esgotar as possibilidades de pesquisa sobre os diferentes estudos de gêneros textuais e os diferentes diálogos nesses estudos, até porque isso não seria um objetivo possível. É interessante pensar que tantas outras perguntas de pesquisa nos surgiram enquanto analisávamos os nossos dados, como por exemplo, de que modo ocorre a recepção/estudo das teorias de gêneros textuais por professores da Educação Básica em formações continuadas? Ou como os diálogos vistos nesta tese ocorrem em artigos científicos ou ensaios, já que esses gêneros acadêmicos, diferente de dissertações e teses, têm espaços mais reduzidos para discussões teóricas.

Essas outras perguntas não poderiam ser respondidas, primeiro porque não estavam em nossos objetivos e também porque não havia tempo para isso, já que nos debruçamos em um *corpus* bastante extenso. Desse modo, é importante que outras pesquisas possam ser pensadas a partir do que propomos aqui, também na linha de discussão sobre as diferentes abordagens teóricas de gêneros textuais a partir dos escritos desenvolvidos por Bezerra (2016; 2017).

Desse modo, outros estudos podem ser feitos com foco em Programas de Pós-Graduação diferentes dos aqui pesquisados que se dedicam também à temática dos gêneros textuais, para que possamos ter uma visão ainda mais abrangente sobre o impacto dessas pesquisas nas Universidades brasileiras e, conseqüentemente, na formação dos diferentes professores nos diversos níveis de ensino. Nesse mesmo sentido, pode ser pesquisado como professores de Língua Portuguesa da Educação Básica recebem as teorias de gêneros, seja no estudo de materiais de capacitação continuada ou em sua formação profissional particular. É importante discutir como diferentes materiais de formação abordam as teorias de gênero para os professores que já se encontram em sala de aula. Além da observação desses materiais, entrevistas com professores de diferentes redes de ensino podem ser interessantes a esse respeito para pesquisas futuras.

Outra sugestão de pesquisa diz respeito a como capítulos de livros, bem como artigos e ensaios científicos, organizam a sua abordagem teórica e os diálogos que são formados em cada abordagem. Nesse aspecto, vale ressaltar as considerações de Bazerman (2015), nos anais do VIII SIGET, quando fala sobre o desafio de se pensar especificamente sobre as convergências entre as teorias, além de suas combinações. Essa é uma questão importante também para que sejam entendidas com maior profundidade as teorias e como elas podem ser aplicadas. Como discutimos no final do sexto capítulo, muitas vezes os pesquisadores podem não entender com precisão o que cada teoria tem como proposta. Pensando nisso, a compreensão das convergências e das divergências de teorias, para além disso, pode ajudar

também em um melhor desenvolvimento de pesquisas futuras, bem como de futuras aplicações ao ensino de línguas.

Poderíamos listar aqui outras tantas sugestões, pois, com toda certeza, o campo de estudos sobre teorias de gênero textual é bastante vasto e pode trazer muitas respostas, e ainda mais perguntas, num ciclo de pesquisa que é o que caracteriza as Ciências da Linguagem de maneira geral. O importante é sempre pensar que o panorama da pesquisa de gêneros textuais em seus diferentes desdobramentos deve ser refletido sob o viés da complexidade, da dinamicidade e da complementaridade.

Portanto, para finalizar apenas provisoriamente essa discussão, já que, como vimos, existem outras tantas demandas para serem resolvidas, queremos destacar algumas dificuldades e limitações dentro do percurso de construção desta tese, além de contribuições que nos parecem decorrer das reflexões aqui propostas. No que diz respeito às limitações e dificuldades, podemos destacar dois aspectos principais. Primeiramente, podemos dizer, apesar da grande quantidade de dados, que outros Programas de Pós-Graduação, além dos cinco pesquisados, poderiam nos trazer outras constatações importantes, entretanto a tese tomaria proporções muito grandes para o tempo que dispusemos para a pesquisa.

Assim, vale dizer também que é bastante complicado entender algumas intenções dos autores em relação aos diálogos que eles levantam em seus estudos. Apesar de traçarmos uma metodologia para a análise dos dados, algumas dificuldades se apresentaram quando foi importante levar em consideração essas intenções em alguns momentos específicos dos autores nas pesquisas.

No que se refere às contribuições, além do que já discutimos como justificativa para este trabalho, que envolve a necessidade de caracterizar as pesquisas sobre gêneros no país e entender como são utilizadas as diferentes teorias, de modo que as discussões sobre essa temática ainda são necessárias e fecundas, queremos destacar dois aspectos que consideramos pertinentes. Em primeiro lugar, do ponto de vista teórico-metodológico, podemos pontuar o desafio da reflexão de cunho epistemológico, quando apresentamos a Teoria da Complexidade como aparato nesse sentido. Parece-nos que o esforço de investigação por caminhos diferentes é compensador, mesmo que talvez não tenhamos sido o mais claros possível nesse aspecto. O importante é perceber que existem outras maneiras de olhar para os fenômenos que se querem estudar, e perceber que essas diferentes maneiras são aperfeiçoadas a cada nova pesquisa.

Em segundo lugar, também do ponto de vista metodológico, podemos dizer que contribuímos com uma quantidade considerável de dados analisados. Isso não somente nos

ajudou a entender os nossos objetivos de modo mais abrangente, mas também pode abrir caminhos para diferentes outros estudos na percepção de que, por mais trabalhosa que seja a análise de uma quantidade representativa de dados, é isso que trará mais validade científica à pesquisa, assim como mais segurança argumentativa ao pesquisador. Assim, esperamos que este trabalho seja um incentivador de outras pesquisas que se dediquem a analisar os diferentes diálogos científicos que são firmados dentro da Academia.

REFERÊNCIAS

ADAM, J.M. *Les texts: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

_____. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *A linguística textual: uma introdução à análise textual dos discursos*. Tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da S. Neto e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO, A. D. *Lexical signalling: a study of unspecific-nouns in book reviews*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

_____. Uma análise da polifonia discursiva em resenhas críticas acadêmicas. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

ARAÚJO, J. C. *Os chats: uma constelação de gêneros na internet*. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2004.

ARAÚJO, J. C.; BEZERRA, B. G. (org.) Dossiê Biasi-Rodrigues. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 12, n. 1, p. 181-364, 2012.

ASKEHAVE, I. ; NIELSEN, A. E. 2005. *Web mediated genres: a challenge to traditional genre theory*. Working Papers, n. 6, p. 1-50. 2005.

ASKEHAVE, I. ; SWALES, J. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito G.; BIASE-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica, M. (Orgs.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: EDUPE, 2009, p. 197-247.

AUSTIN, John. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Questões de literatura e de estética. *A teoria do Romance*. 5 ed. São Paulo: Amalume Editora, 2002c.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, [1929] 2008.

_____. *Teoria do Romance I: a estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary J. *Gênero: Introdução à história, teoria, pesquisa e pedagogia*. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, p. 19-46. 2005.

_____. *Escrita, gênero e interação social*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____; BONINI, Adair; FIGUEIREDO, Débora (ed.). *Genre in a changing world*. Forte Collins/West Lafayette: The WAC Clearinghouse/Parlor Press, 2009.

_____. *Retórica da ação letrada*. Tradução de Adail Sobral, Angela Paiva Dionisio, Judith Hoffnagel e Pietra Acunha. São Paulo: Parábola, 2015a.

_____. *Teoria da ação letrada*. Tradução de Milton Camargo Mota, Angela Paiva Dionisio, Judith Hoffnagel e Pietra Acunha. São Paulo: Parábola, 2015b.

_____. A Genre-Based Theory of Literate Action. In: ARTEMEVA, N.; FREEDMAN, A. (org.). *Genre Studies Around the Globe: Beyond the Three Traditions*. Winnipeg: Inkshed, 2015. p. 80-94.

_____. *The brazilian blend: a diferente kind of difference*. In: LOUSADA, E. G. (org.). *Diálogos brasileiros nos estudos de gêneros textuais/discursivos*. Araraquara: Letraria, 2016.

BERKENKOTTER, C.; HUCKIN, T. N. *Genre Knowledge in Disciplinary Communication*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1995.

BEZERRA, B. G. *A distribuição das informações em resenhas acadêmicas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós Graduação em Linguística – Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2002.

_____. *Gêneros introdutórios em livros acadêmicos*. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2006.

_____. *Leitura e produção de gêneros acadêmicos em cursos de especialização*. Anais da XXIII Jornada Nacional de Estudos Linguísticos. Teresina: GELNE, p. 138-150. 2010a.

_____. *Letras: linguística II*. Recife: UPE/NEAD, 2010b.

_____. *Leitura e escrita na interação virtual*. Recife: EDUPE, p. 123-144. 2011.

_____. *Agrupamentos de gêneros: discutindo terminologias e conceitos*. Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN. Curitiba: 2011b. p. 602-610.

_____. Equívocos no discurso sobre gêneros. In: DIONÍSIO, A. P.; CAVALCANTI, L. P. (org.). *Gêneros na linguística e na literatura: Charles Bazerman, 10 anos de incentivo à pesquisa no Brasil*. Recife: Editora Universitária UFPE/Pipa Comunicações, 2015, p. 63-79.

_____. A propósito da “síntese brasileira” nos estudos de gêneros. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, 2016, p. 465-491.

_____. *Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais*. São Paulo: Parábola, 2017.

BEZERRA, B. G; MEDEIROS, Mário: *Educação, linguagem e ciência: práticas de pesquisa*. Recife: EDUPE, p. 115-130. 2009a.

BEZERRA, B. G; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica, M. (orgs.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: EDUPE, 2009, p. 197-247.

BEZERRA, B. G; PEREIRA, S. V. M; LÊDO, A. C. O. Teorias de gênero e suas apropriações na pesquisa brasileira: “uma precária síntese”? *Raído*, Dourados, MS, v. 11, n. 25, p. 160-177, 2017.

BECKNER, C. et al. Language is a complex adaptive system: Position Paper. In: ELLIS, N. C.; LARSEN –FREEMAN, D. (Eds). *Language as a complex adaptive system: Language Learnin*. Boston, MA: Wilay-Blackwell, 2009, p. 1-26.

BHATIA, Vijay K. *Analyzing genre: language use in professional settings*. London: Longman, 1993.

_____. *Worlds of written discourse: a genre-based view*. London: Continuum, 2004.

_____. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, Benedito G.; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica, M. (Org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: EDUPE, 2009, p. 159-195.

_____. Interdiscursivity in professional communication. *Discourse and Communication*, v. 4, n. 1, p. 32-50, 2010.

_____. Critical reflections on genre analysis. *Ibérica*, n. 24, p. 17-28, 2012.

_____. Critical genre analysis: theoretical preliminaries. *Hermes: Journal of Language and Communication in Business*, n. 54, p. 9-20, 2015a.

_____. Critical Reflections on Genre Analysis. In: ARTEMEVA, N.; FREEDMAN, A. (org.). *Genre Studies Around the Globe: Beyond the Three Traditions*. Winnipeg: Inkshed, 2015b, p. 17-30.

BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUZA, C. S. T. (orgs). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BONINI, A. Critical genre analysis and professional practice: the case of public contest to select for Brazilian public University. *Linguagem em (dis) curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 3, p. 485-510, set./dez. 2010.

_____. Análise crítica de gêneros jornalísticos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10. *Anais...* Curitiba: PUC/PR, 2012. p. 1-12.

_____. Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. (org). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística*> Florianópolis: Insular, 2013. p. 103-120.

BORGES, F. G. B. Os gêneros textuais em cena: uma análise crítica de duas concepções de gêneros textuais e sua aceitabilidade na educação no Brasil. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 119-140, 2012.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

_____. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008

CAMPOS, A. M. *Contribuição para o resgate da relevância do conhecimento para a administração*. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 105 – 127, 1997.

CARVALHO, M. M. A construção do discurso no gênero entrevista com convidado na internet. *Revista Letras Magna*. Ano 02, n. 03, 2005.

CILLIERS, P. *Complexity and postmodernism: understanding complex systems*. London: Routledge, 1998.

COSTA, I.; BEZERRA, B. G. Análise crítica de gêneros textuais: o guia eleitoral recontextualizado. *Intersecções*, v. 6, n. 3, p. 76-91, nov./2013.

COSTA, N. B. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. E. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CRISTOVÃO, V. L. L. *Gêneros textuais em LE: os modelos didáticos de gênero na construção e avaliação de material didático*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. O gênero quarta-capa no ensino de inglês. In: In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. E. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CRISTÓVÃO V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. *Gêneros Textuais: Teoria e Prática II*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

CUNHA, Doris Arruda C. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 5, 2011, p. 116-132.

DEVITT, A. J. *Writing Genres*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004.

DEVITT, A. J. Intertextuality in tax accounting: generic, referential, and functional. In: BAZERMAN, C.; PARADIS, J. *Textual dynamics of the professions: historical and*

contemporary studies of writing in professional communities. Madison: The University of Wisconsin Press, 1991, p. 336-357.

_____. Translating Practice into Theory in Genre Studies. In: ARTEMEVA, N.; FREEDMAN, A. (org.). *Genre Studies Around the Globe: Beyond the Three Traditions*. Winnipeg: Inkshed, 2015. p. 386-402.

DOLZ, J. Prefácio: início de um diálogo necessário. In: LOUSADA, E. G. (org.). *Diálogos brasileiros nos estudos de gêneros textuais/discursivos*. Araraquara: Letraria, 2016.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ELLIS, N. C.; LARSEN –FREEMAN, D. (Eds). Language as a complex adaptive system: *Language Learnin*. Boston, MA: Wilay-Blackwell, 2009, p. 1-26.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.

_____. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London/New York: Routledge, 2003.

_____. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed UnB [1992] 2001.

FERREIRA, N. C. V. *O texto oficial: aspectos gerais e interpretações*. In: ANAIS DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GÊNEROS TEXTUAIS, Tubarão, SC. P. 1627-1640, 2007.

FIGUEIREDO, D. de C. Linguagem e gênero social: contribuições da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Sistêmico-Funcional. *DELTA*, v. 25, n. especial, 2009, p. 732-753.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 161-193.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008

FIORIN, J. L.; BARROS, D. P. (orgs). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1999.

FOWLER, R. *Language in the news*. Londres: Routledge, 1991.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler – em três artigos que se complementam*. 39 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREADMAN, A. The Traps and Trappings of Genre Theory. In: ARTEMEVA, N.; FREEDMAN, A. (org.). *Genre Studies Around the Globe: Beyond the Three Traditions*. Winnipeg: Inkshed, 2015. p. 425-450.

GILTROW, J. Meta-Genre. In: COER.; LINGARD, L.; TESLENKO, T. (orgs.). *The Rhetoric and Ideology of Genre: Strategies for Stability and Change*. Cresskill: Hampton, 2002, p. 155-178.

GIUSTI, S. R.; PADERES, A. M.; RODRIGUES, R. B. Teoria da Complexidade: Percursos e desafios para a pesquisa em Educação. *Revista de Educação*, São Paulo, v. 8, n. 8, 2005.

GOMES-SANTOS, S. N. A linguística textual na reflexão sobre o conceito de gênero. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 44, p. 315-323, 2003.

_____. *A questão do gênero no Brasil: teorização acadêmico-científica e normatização oficial*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 33-52.

HALLIDAY, M. A. K. Context of situation. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social semiotic perspective*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989, p. 03-14.

HANKS, William, F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. (org.) Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende e Marco Antônio Rosa Machado. São Paulo: Cortez, 2008.

HEBERLE, V. M. Texto, discurso, gêneros textuais e práticas sociais na sociedade contemporânea: tributo a José Luiz Meurer. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 12, n. 1, 2011, p. 155-168.

HENDGES, G. Citando na internet: um estudo de gênero da Revisão de literatura em artigos acadêmicos eletrônicos. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 8 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

HOLLAND, J. H. *Hidden orden: how adaptation builds complexity*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1995.

HUSSERL, Edmund. *A Idéia da Fenomenologia*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. Coleção: Textos Clássicos de Filosofia. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2008.

HYLAND, K. Genre: Language, Context, and Literacy. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 22, p. 113-135, 2002.

_____. *Genre and second language writing*. Michigan: University of Michigan Press, 2004.
 KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, Beatriz. ; BRITO, Karim S. (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas/União da Vitória/PR: Kaygangue, p. 159-177. 2005.

KRESS, G. Representational Resources and the Production of Subjectivity: Questions for the Theoretical Development of Critical Discourse Analysis in a Multicultural Society. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis*. London: Longman, p. 15-31, 1996.

_____. *Literacy in the new media age*. New York: Routledge, 2003.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LARSEN-FREEMAN, D. *Chaos/complexity Science and second language acquisition*. *Applied Linguistics*, v. 18, p. 141-165, 1997.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. *Complex Systems and Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEWIN, R. *Complexidade: a vida no limite do caos*. Tradução Marta Rodolfo Schmidt. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, P. G. *Tendências Paradigmáticas na Pesquisa Educacional*. Artur Nogueira – SP: Amil, 2003.

LIMA, G. H. da S. *O que eu ensino quando ensino gêneros?* Um estudo sobre as ressignificações do agir didático do professor de Língua Portuguesa. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2016.

LIMA-NETO, V. *Um estudo sobre a emergência de gêneros no Facebook*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2014.

LOUSADA, E. G. Elaboração de material didático para o ensino de francês. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

LOUSADA, E. G. et al (org.). *Diálogos brasileiros nos estudos de gêneros textuais/discursivos*. Araraquara: Letraria, 2016.

LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MACHADO, A. R. Revisitando o conceito de resumo. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MANDLBROT, B. B. *The Fractal Geometry of Nature*. New York: W. H. Freeman and Company, 1997.

MAINGUENEAU, D. *Os termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: UFPE, 2000.

_____. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLCV: Língua, Linguística e Literatura*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40. 2003.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUZZO, P. *Um estudo de relatos de experiência de pesquisa em análise de gênero*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2006.

MARTIN, J. R. Analysing genre: functional parameters. In: CHRISTIE, F. MARTIN, J. R. (orgs) *Genre and institutions: social process in the workplace and school*. London: Cassel, 1997, p. 3-39.

_____. One of Three Traditions: Genre, Functional Linguistics, and the “Sydney School”. In: ARTEMEVA, N.; FREEDMAN, A. (org.). *Genre Studies Around the Globe: Beyond the Three Traditions*. Winnipeg: Inkshed, 2015. p. 31-79

MEURER, J. L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, M. B.; TOMITCH, L. M. B. (orgs.) *Aspectos da linguística aplicada*. Florianópolis: Editora Insular. 2000, p. 149-166.

_____. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (org.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002. P. 17-29

_____. *Análise crítica de gêneros textuais: texto e contexto a partir da linguística sistêmico-funcional com ênfase no componente sociológico da linguagem*. Brasília: CAPES, 2003. Projeto de Pesquisa (estágio pós-doutoral na Macquarie University, Sydney)

_____. Ampliando a noção de contexto na linguística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso. *Linguagem em (Dis)curso*, 4/especial: 137-157, Tubarão, 2004.

_____. BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Análise crítica de gêneros textuais: texto e contexto a partir da linguística sistêmico-funcional com ênfase no componente sociológico da linguagem*. Projeto submetido ao CNPq para Bolsa de Produtividade em Pesquisa, 2005.

_____. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto da cultura. In: KARWOSKI, A.; GADECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006, p. 165-185.

MELO, I. F. de. Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções. *Letra Magna*, ano 05, n.11, p. 1-18, 2º semestre de 2009.

MILLER, Carolyn R. Gênero como ação social. In: _____. *Gênero textual, agência e tecnologia*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. Genre Change and Evolution. In: ARTEMEVA, N.; FREEDMAN, A. (org.). *Genre Studies Around the Globe: Beyond the Three Traditions*. Winnipeg: Inkshed, 2015. p. 154-185.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MOREIRA, Tânia M. *Análise crítica de gêneros de popularização da ciência da área de informática no jornal zero hora (2009)*. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2012.

MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. Os desafios da complexidade. In: MORIN, Edgar. *A religação dos saberes – O desafio do século XXI*, idealizadas e redigidas por Edgar Morin. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 559-567.

_____. *Os sete saberes necessários à Educação do futuro*. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

_____. *O método 5: a humanidade da humanidade*. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. *Ciência com consciência*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOTTA-ROTH, D. *Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics*. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

_____. A construção social do gênero resenha acadêmica. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____. Questões de metodologia em análise de gênero. In: KARWOSKI, A.; GADECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória – PR: Editora Kaygangue, p. 179-202, 2005.

_____. Questões de metodologia em análise de gênero. In: KARWOSKI, A.; GADECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006, p. 145-163.

_____. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *DELTA*, São Paulo, v. 24, n 2, p. 341-383, 2008

_____. Sistema de gêneros e recontextualização da ciência na mídia eletrônica. *Gragotá*, Rio de Janeiro. V1, n. 28, p. 153-174, 2010.

_____. Análise crítica de gêneros com foco em notícias de popularização da ciência. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. (org). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística*. Florianópolis: Insular, 2013. P. 121-143.

MUNNÉ, F. Las teorías de la complejidad y sus implicaciones em las ciencias del comportamiento. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*. v. 29, n. 1, 1995, p. 1-12.

NASCIMENTO, R. *A interface texto verbal e texto não-verbal no artigo acadêmico de engenharia elétrica*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2002.

OLIVEIRA, B. C. S. C. M.; PELOSI, E. M.; SANTOS, L. M. L. Teoria da Complexidade e as múltiplas abordagens para compreender a realidade social. *Serviço Social Revista: Londrina*, v. 14, n. 2, p. 47-72, 2012.

OLIVEIRA, L. A. Gramsci. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.) *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 17-44, 2013.

PAIVA, V. L. M. O. *Fóruns online: intertextualidade e footing a construção do conhecimento*. 2007. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/forum.pdf>. Acesso em 03. Fev. de 2018.

PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. *Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/FAPEMIG, 2009.

PAIVA, V. L. M. O.; CORREA, Y. Sistemas adaptativos complexos: uma entrevista com Vera Lúcia Menezes de Oliveira Paiva. *ReVEL*, v. 14, n. 27, 2016. www.revel.inf.br Acesso em 06 de Out de 2016.

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H. Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da linguística. *Letra Magna*, v. 5, n. 11, p. 1-18, 2009.

PEREIRA, M. L. S. *A carta de reclamação na escola: o processo de reescrita*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Pernambuco: Garanhuns, 2016.

PEREIRA, T. C. A entrevista psiquiátrica: uma prática da/na clínica. In: Anais do SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GÊNEROS TEXTUAIS. Tubarão, SC. UNISUL. p. 1891-1904, 2007.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIMENTEL, R. L. *Um estudo sobre hibridização e agrupamentos de gêneros no Facebook*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-graduação em Letras – Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2014.

PIMENTEL, R. L.; LÊDO, A. C. O. Gêneros textuais e ensino: diálogos entre teorias de gênero em teses e dissertações na UFPE. In: LOUSADA, E. *et al. Diálogos brasileiros nos estudos de gêneros textuais/discursivos*. Araraquara: Letraria, 2016, p. 34-47.

POZZA, P. R. *A leitura da resenha acadêmica na graduação e no mestrado: um estudo exploratório com estudantes da área de educação*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2005.

REINALDO, M. A.; BEZERRA, M. A. Gêneros Textuais como Prática Social e seu Ensino. In: REINALDO, M. A.; MARCUSCHI, B.; DIONÍSIO, A. *Gêneros textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino*. Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2012.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. C. V. S. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

ROSE, D.; MARTIN, J. R. *Learning to Write, Reading to Learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School*. Sheffield, UK, Equinox, 2012.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SIGNORINI, I. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2006. p. 169-190.

SILVA, N. I. da; BEZERRA, B. B. O conceito de gênero em artigos científicos sobre ensino de língua materna: repercussões de quatro tradições de estudos. In: APARÍCIO, A. S. M.; SILVA, S. R. da. (Orgs.). *Gêneros textuais e perspectivas de ensino*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 17-48.

SIMÕES, A. C. A perspectiva sistemicista de análise de gêneros: a proposta de Ruqayia Hasan. *Linguasagem*. Vol. 1. n.19, Jan./Jun. 2012. p. 1-17.

STREET, Brian V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: University Cambridge, 1984.

SWALES, John M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. *Research genres: exploration and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. A text and its commentaries: toward a reception history of “Genre in three traditions” (Hyon, 1996). *Ibérica*, n. 24, p. 103-116, 2012.

_____. Reflections on the concept of discourse community. *ASp*, n. 69, p. 07-19, 2016.

VAN DIJK, T. *Discurso, notícia e ideologia: estudos de Análise Crítica do Discurso*. Campo das Letras, Porto: 2005.

_____. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VIAN JR, Orlando. *O planejamento de cursos instrumentais de produção oral com base em gêneros do discurso: mapeamento de experiências e interpretações sobre um percurso*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. Beyond the three traditions in genre studies: a brazilian perspective. In: ARTEMEVA, N.; FREEDMAN, A. (org.). *Genre Studies Around the Globe: Beyond the Three Traditions*. Winnipeg: Inkshed, p. 95-114, 2015.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WALDROP, M. M. *Complexity: the emerging Science at the edge of order and chaos*. New York: Touchstone, 1992.

WITTKE, C. I.; SCHNEUWLY, B. A didática na formação do professor de línguas sob a perspectiva do pesquisador Bernard Schneuwly. *Calidoscópio*, v. 14, n. 2, p. 350-361, 2016.

APÊNDICE A - RELAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – 2000/2016		
TESES		
Número de ordem/Título		Autor/Ano
T1UFPE	Estudo sociorretórico do ofício – gênero textual da correspondência oficial e empresarial	Maria Inês Matoso Silveira (2002)
T2UFPE	Relatório de prática de ensino: um perfil textual do concluinte de Letras	Maria das Graças Soares Rodriguês (2002)
T3UFPE	O gênero textual no espaço didático	Williany Miranda da Silva (2003)
T4UFPE	Gêneros introdutórios em livros acadêmicos	Benedito Gomes Bezerra (2006)
T5UFPE	Parecer pedagógico: um gênero textual construindo a prática docente	Normanda da Silva Beserra (2006)
T6UFPE	Transitividade e construção do sentido no gênero editorial	Maria Medianeira Souza (2006)
T7UFPE	Uma abordagem diacrônico-comparativa da abreviação em diferentes gêneros, suportes e tecnologias	Fabiana de Souza Silva (2006)
T8UFPE	A autoria do gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa	Pedro Farias Francelino (2007)
T9UFPE	Ciência em quadrinhos: recurso didático em cartilhas educativas	Márcia Rodrigues de Souza Mendonça (2008)
T10UFPE	Gêneros textuais na perspectiva da educação profissional	Edna Guedes de Souza (2008)
T11UFPE	A transformação histórica do gênero capa de jornal	Tarcísia Travassos (2010)
T12UFPE	Retórica e Multimodalidade do PowerPoint educativo	Ana Regina Ferraz Vieira (2011)
T13UFPE	Gêneros acadêmicos escritos: crenças e estratégias de aprendizagem	Márcia Candeia Rodrigues (2012)

T14UFPE	O gênero proverbial na imprensa: usos e funções retóricas	Glauco Ramos Figueiredo (2012)
T15UFPE	Ciberviolência, ethos e gêneros do discurso em comunidades virtuais: o professor como alvo	Morgana Soares da Silva (2014)
T16UFPE	O que eu ensino quando ensino gêneros? Um estudo sobre as ressignificações do agir didático do professor de Língua Portuguesa	Gustavo Henrique da Silva Lima (2016)
DISSERTAÇÕES		
D1UFPE	Dissertação: gênero ou tipo textual?	Edna Guedes de Souza (2003)
D2UFPE	Os gêneros textuais na atividade empresarial da era digital	Cilda Palma (2004)
D3UFPE	Gêneros textuais e produção de universitários: resumo acadêmico	Vicentina Maria Ramires Borba (2004)
D4UFPE	Gêneros visuais multimodais em livros didáticos: usos e tipos	Anne Karine Queiroz (2005)
D5UFPE	Gêneros textuais e letramento	Regina Celi Mendes Pereira (2005)
D6UFPE	Logs de bate-papos virtuais: a transformação de um gênero hipertextual	André Alexandre Padilha Leitão (2006)
D7UFPE	O gênero textual dissertação: um caso de referência anafórica	Daniel Fernandes Viana Filho (2006)
D8UFPE	Multimodalidade e argumentação na charge	Maria Clara Catanho Cavalcanti (2008)
D9UFPE	Práticas sociorretóricas do gênero artigo científico de história e sociologia: variação, identidades e ethos disciplinar	Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes (2009)
D10UFPE	Enquetes do “Controle de qualidade” do CQC: uma análise multimodal	Nadiana Lima da Silva (2011)
D11UFPE	O gênero textual cartão postal publicitário: um estudo da transmutação genérica	Xênia Soares da Silva (2011)
D12UFPE	Representações multimodais: a religião pela capa de revista	Monique Alves Vitorino (2011)

D13UFPE	Murais didáticos: caracterização e descrição	Andréa Danuta Aguiar Costa (2012)
D14UFPE	Espaços em branco: um convite a anotar	Andrea Silva Morais (2013)
D15UFPE	Letramentos acadêmicos: práticas e eventos de letramento na educação a distância	Amanda Cavalcante de Oliveira Lêdo (2013)
D16UFPE	Leitura de gêneros textuais em livros didáticos de português: perspectivas sociodiscursivas	Silvania Maria de Santana (2014)
D17UFPE	Um estudo sobre hibridização e agrupamento de gêneros no Facebook	Renato Lira Pimentel (2014)
D18UFPE	Intertextualidade como traço constitutivo da identidade acadêmica de mestrados em letras: a produção de artigos científicos	Camila Maria Araújo (2016)

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – 2000/2016		
TESES		
Número de ordem/Título		Autor/Ano
T1UFSM	Linguagem e representação nos autos de um processo penal: como operadores do Direito representam atores sociais em um sistema de gêneros?	Cristiane Fuzer (2008)
T2UFSM	Ciência em debate: uma análise das vozes em notícias de popularização da ciência	Patrícia Marcuzzo (2011)
T3UFSM	Análise crítica das reportagens didáticas sobre o ensino de produção textual publicadas na revista Nova Escola (2006-2010)	Franciele Matzenbacher Pinton (2012)
T4UFSM	Análise crítica de gêneros de popularização da ciência da área de informática no jornal zero hora (2009)	Tânia Maria Moreira (2012)
T5UFSM	A homogeneidade discursiva em notícias de popularização da ciência nas revistas Ciência Hoje online e Galileu	Cristina dos Santos Lovato (2014)
T6UFSM	Do entretenimento à crítica: letramento multimodal crítico no livro didático de inglês com base em gêneros dos quadrinhos	Nathalia Rodrigues Catto Predebon (2015)
T7UFSM	Foto do dia ou microcrônica verbo-visual: um gênero na perspectiva da escola de Sidney	Nara Augustin Gehrke (2015)
T8UFSM	Artigo de opinião como macrogênero: relações lógico-semânticas na perspectiva sistêmico-funcional	Gessélda Somavilla Farencena (2015)
DISSERTAÇÕES		
D1UFSM	Novos contextos, novos gêneros: a revisão da literatura em artigos acadêmicos eletrônicos	Graciela Rabuske Hendges (2001)
D2UFSM	Redação na escola: gêneros textuais e objetivos comunicativos na 3ª série do ensino médio em escolas públicas de Santa Maria/RS	Sônia Terezinha dos Santos (2001)
D3UFSM	Uma análise do gênero coluna social nas revistas Caras e Isto é	Marcia Maria Severo Ferraz (2002)

D4UFSM	De homem para homem: uma análise do gênero textual anúncio pessoal eletrônico	Leandro Lemos Padro (2002)
D5UFSM	A configuração textual do capítulo de metodologia em artigos acadêmicos eletrônicos de linguística aplicada	Flávia Medianeira de Oliveira (2002)
D6UFSM	Contribuições da análise de gênero para o estudo de conceitos de linguagem em livros didáticos e no discurso de professores de inglês	Luciane Kirchhot (2003)
D7UFSM	Uma análise de gênero em artigos eletrônicos de linguística aplicada com foco em tópicos e procedimento de pesquisa.	Fabiana Diniz Kurtz (2004)
D8UFSM	Ensino de cultura e gêneros textuais: as crenças de uma aluna-professora de LE	Marcia Juliana Dias de Aguiar (2005)
D9UFSM	Pesquisadores da linguagem no ciberespaço: um estudo sobre o gênero homepage pessoal	Débora Marshall (2005)
D10UFSM	Um estudo do relato de pesquisa em análise de gênero	Patrícia Marcuzzo (2006)
D11UFSM	“Um agricultor exemplar”: linguagem avaliativa no gênero história de vida	Andrea Franciele Weber (2007)
D12UFSM	O sistema de gêneros da seleção de candidatos a empregos no contexto empresarial	Janete Maria de Conto (2008)
D13UFSM	Análise crítica de gênero de relatos de pesquisa sobre escrita	Franciele Socoloski Rodrigues (2008)
D14UFSM	Diário de um detento: nas fronteiras do gênero testemunho	Luciara Pereira (2009)
D15UFSM	Análise de gênero: investigação da organização retórica de notícias de popularização da ciência da revista Ciência Hoje online	Cristina dos Santos Lovato (2010)
D16UFSM	A unidade didática como gênero do livro didático de português e sua constituição nas décadas de 1960/70/80	Joceli Cargnelulti (2010)
D17UFSM	Estudo da fábula: contexto, linguagem e	Gessílda Somavilla (2011)

	representação	
D18UFSM	Letramento científico crítico e gênero notícia de PC: análise de atividades didáticas de leitura em língua inglesa	Thaiane da Silva Socoloski (2011)
D19UFSM	Uma análise crítica do gênero multimodal tira em quadrinho: questões teóricas, metodológicas e pedagógicas	Nathalia Rodrigues Calto (2012)
D20UFSM	Os gêneros textuais em livros didáticos de língua portuguesa: em busca do segredo da esfinge	Raquel da Silva Goulart (2012)
D21UFSM	Letramento científico em ciência da linguagem no gênero livro didático de Ila	Jane Aparecida Florencio (2014)
D22UFSM	A organização retórica do Pôster acadêmico sob a perspectiva da análise crítica de gênero	Luziane Boemo Mozzaquatro (2014)
D23UFSM	Promovendo o letramento visual a partir do gênero discursivo notícia de popularização da ciência	Pâmela Mariel Marques (2015)
D24UFSM	Uma análise crítica de gênero de resumos acadêmicos gráficos	Cristiane Salete Florek (2015)

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - 2000/2016		
TESES		
Número de ordem/Título		Autor/Ano
T1UFSC	Uma abordagem para o ensino aprendizagem do gênero resenha acadêmica	Luzinete Carpin Niedzieluk (2007)
T2UFSC	O gênero textual na formação docente e na sala de aula: cenas de compreensão, produção e divulgação de textos	Isaac Ferreira (2007)
T3UFSC	O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda	Rodrigo Acosta Pereira (2012)
T4UFSC	A avaliação do docente em formação no curso de espanhol a distância da UFSC: uma análise crítica do gênero “atividade obrigatória em EAD”	Tânia Regina Martins Machado (2016)
DISSERTAÇÕES		
D1UFSC	Os gêneros do discurso na produção textual escrita nos livros didáticos de língua portuguesa	Juliana Cemim (2002)
D2UFSC	O trabalho com gêneros do discurso em sala de aula: um caminho de autoria	Marília Maia sobral (2003)
D3UFSC	O ensino/aprendizagem da produção textual escrita na perspectiva dos gêneros do discurso: a crônica	Jorge Marcos Bussarelo (2004)
D4UFSC	O ensino-aprendizagem de leitura no ensino médio: uma proposta a partir de oficina com o gênero carta do leitor	Márcia Elisa Haeser (2005)
D5UFSC	O gênero do discurso artigo como objeto de ensino-aprendizagem: uma proposta de integração da prática de produção textual à leitura e à análise linguística	Márcio Noberto Maieski (2005)
D6UFSC	Produção, correção e avaliação de textos a partir dos gêneros do discurso.	Tayana Moritz Tomazoni (2005)
D7UFSC	O gênero entrevista pingue-pongue:	Nívea Rohling da Silva (2007)

	reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro	
D8UFSC	O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração	Rodrigo Acosta Pereira (2008)
D9UFSC	O lugar dos gêneros do discurso nos projetos e relatórios de estágio do curso de graduação em Letras inglês/Português da URBlumenau	Ana Paula Kuezmynda da Silveira (2009)
D10UFSC	Os gêneros do discurso como referenciais para a atuação fonoaudiológica: um estudo de caso	Rita de Cássia Fernandes Signor (2010)
D11UFSC	O jornal escolar como estratégia para a produção e publicação de diferentes gêneros textuais em sala de aula: um estudo de caso do jornal “Galera Roldão”	Reginaldo Amorin de Carvalho (2011)

Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP – 2000/2016		
TESES		
Número de ordem/Título		Autor/Ano
T1PUC-SP	Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação de material didático	Vera Lúcia Lopes Cristovão (2001)
T2PUC-SP	Trabalhando com os gêneros do discurso: uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa	Jacqueline Peixoto Barbosa (2001)
T3PUC-SP	O planejamento de cursos instrumentais de produção oral com base em gêneros do discurso: mapeamento de experiências vividas e interpretações sobre um percurso	Orlando Vian Jr. (2002)
T4PUC-SP	A estrutura e o funcionamento de gêneros de texto do processo civil: petição inicial contestação e sentença	Emanuel Messias Cardoso da Silva (2002)
T5PUC-SP	Os gêneros poéticos em livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental: uma abordagem enunciativo-discursiva	Simone de Jesus Padilha (2005)
T6PUC-SP	Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitaria” de uma vertente do gênero de autoajuda	Adail Sobral (2006)
T7PUC-SP	Uma proposta pedagógica de implementação de gênero para cursos de inglês instrumental: evidências de aprendizagem	Zélia Cemin Cardoso (2008)
T8PUC-SP	CONTE UMA HISTÓRIA... Um estudo de gêneros na escola sob a ótica da Linguística Sistêmico Funcional	Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa (2009)
T9PUC-SP	A presença de gêneros da esfera da propaganda no livro didático de língua portuguesa	Sueli da Costa (2009)
T10PUC-SP	Comunicação oral em português em congressos de linguística aplicada: estrutura genérica e escolhas léxico-gramaticais sob a perspectiva sistêmico-funcional	João Paulo Soares (2014)

T11PUC-SP	Recursos argumentativos presentes em textos dos gêneros ensaio e artigo de opinião: uma abordagem sistêmico funcional	Greta Nascimento Marchelti (2015)
DISSERTAÇÕES		
D1PUC-SP	Estudos de transitividade em língua portuguesa: o perfil do gênero carta de vendas	Rodrigo Esteves de Lima-Lopes (2001)
D2PUC-SP	A notícia esportiva em foco: uma análise estrutural e pragmática do gênero	Ana Cristina Souza de Alcântara (2005)
D3PUC-SP	Um gênero jurídico: o recurso – uma análise de gênero e de modalidade	Maria Regina Miranda Mayer (2006)
D4PUC-SP	Inclusão digital e gêneros digitais em cursos a distância	Andréa Martini Pineda (2007)
D5PUC-SP	O ensino-aprendizagem do gênero resenha crítica na Universidade	Maria Cristina da Silva Firmino Cervera (2008)
D6PUC-SP	O modelo didático do gênero comentário jornalístico radiofônico: uma necessária etapa para a intervenção didática	Carla Messias Ribeiro da Silva (2009)
D7PUC-SP	O gênero diário de leitura e o desenvolvimento de capacidades da linguagem	Carla Mascaranhas de oliveira Galhardo (2009)
D8PUC-SP	A estrutura genérica e as escolhas léxico-gramaticais das introduções de dissertações de mestrado na área de linguística aplicada	Elaine Cristine Fernandes da Silva (2011)
D9PUC-SP	Língua e gênero em redações dissertativo-argumentativas: um enfoque sistêmico-funcional	Fernanda de Castro Gonçalves (2011)
D10PUC-SP	Gêneros e os cadernos de língua inglesa da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo	Luzia Colferai Araújo (2011)
D11PUC-SP	Práticas de linguagem em situação de trabalho – chat: um novo gênero digital	Joelma Sá Teles dos Anjos (2011)
D12PUC-SP	Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de	Marcus Vinícius Batista Nascimento (2011)

	sentidos	
D13PUC-SP	A persuasão em dois gêneros discursivos: um enfoque sistêmico-funcional	Rosania Feliz Nakasaki (2011)
D14PUC-SP	Material didático para o ensino de inglês instrumental online: uma abordagem experiencial baseada em corpus, gênero e tarefa	Maurício E. de Castro Barbosa (2011)
D15PUC-SP	O desenvolvimento das habilidades de compreensão oral em alunos intermediários de língua inglesa durante um curso baseado na abordagem de gênero	Leila Maria Gumushian Felipini (2012)
D16PUC-SP	Um caso de transposição didática dos gêneros textuais: a nova proposta curricular do Estado de São Paulo e os cadernos de aluno do Ensino Médio	Ana Elisa Jacob (2013)
D17PUC-SP	A persuasão no gênero pregação sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional	Rafael Henrique de Lima (2013)
D18PUC-SP	Entre o oral e o escrito: uma proposta enunciativo-discursiva para o ensino do gênero entrevista	Ana Marta de Santana (2013)
D19PUC-SP	Análise dialógica do gênero artigo de opinião em livros didáticos para o ensino médio	Maria Isabel Fernandes Bezerra (2013)
D20PUC-SP	Resenhas acadêmicas: caracterização do gênero nas áreas de linguística, literatura e história, à luz da LSF	Aline Cristina Flávio da Silva (2014)
D21PUC-SP	Orientações curriculares e material didático de ensino de língua portuguesa: concepções de linguagem e gênero em uma pesquisa documental	Amanda Fernandes Ribeiro (2014)
D22PUC-SP	O modelo didático do gênero cordel: uma contribuição para o ensino-aprendizagem	Dalve Oliveira Batista Santos (2014)
D23PUC-SP	Sentidos-e-significados atribuídos ao gênero oral seminário: uma investigação crítica	Elizabete Cristina de Brito Fernandes (2014)
D24PUC-SP	A tragédia grega em outro tempo e espaço: uma contribuição para o modelo didático de	Luís Cesar Sparslrod Santos

	gênero	(2014)
D25PUC-SP	Desafios, questionamentos e práticas de leitura e escrita no Ensino Fundamental II: sequência didática sobre o gênero currículo	Jessika Gama Ribeiro (2015)
D26PUC-SP	Produção escrita no ensino médio: a apropriação das capacidades de linguagem no trabalho com o gênero artigo de opinião	Larissa Correa Martins (2015)

Universidade Federal do Ceará – UFC – 2000/2016		
TESES		
Número de ordem/Título		Autor/Ano
T1UFC	Os chats: uma constelação de gêneros na Internet	Júlio César Rosa de Araújo (2006)
T2UFC	Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais	Antônio Duarte Fernandes Távora (2008)
T3UFC	Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornal	Aurea Suely Zavam (2009)
T4UFC	Letramento e apropriação do gênero textual carta de reclamação no contexto da EJA	Bárbara Olímpia Ramos de Melo (2009)
T5UFC	A produção discursiva da moral no gênero fofoca: elementos para uma descrição micro e macrossocial da conversação cotidiana	Hans Peter Wieser (2009)
T6UFC	A atenuação retórica em artigos de pesquisa: um estudo contrastivo com base em corpora	Ednúsia Pinto de Carvalho (2011)
T7UFC	A aprendizagem da escrita em textos narrativos de gêneros jornalísticos em sala de aula	Mirna Gurgel Carlos da Silva (2011)
T8UFC	A ação de blogagem: uma constelação de gêneros na web	João Paulo Eufrazio de Lima (2012)
T9UFC	A natureza multimodal de uma constelação de gêneros carta	Ana Keyla Carmo Lopes (2013)
T10UFC	A expressão da evidencialidade no português escrito no século XX no contexto dos gêneros textuais	Isabel Larissa Lucena Silva (2013)
T11UFC	Um estudo da emergência de gêneros no Facebook	Vicente de Lima Neto (2014)
T12UFC	A funcionalidade dos gêneros textuais híbridos para o tratamento da leitura em língua espanhola	Letícia Joaquina de Castro Rodrigues e Souza (2014)

T13UFC	O percurso histórico discursivo do gênero anúncio publicitário em jornais de fortaleza dos séculos XIX e XX: entre recorrências, variações e transgressões	Hildenize Andrade Laurindo (2015)
T14UFC	Um estudo sobre a caracterização do gênero redação do ENEM	Flávia Cristiana Candido de Oliveira (2016)
T15UFC	Uma proposta de descrição para gêneros multimodais animados	Erasmio de Oliveira Freitas (2016)
T16UFC	Multimodalidade e diacronia na web 2.0: as reconfigurações do gênero anúncio publicitário	Maria Coeli Saraiva Rodrigues (2016)
DISSERTAÇÕES		
D1UFC	Depoimento dos alcoólicos anônimos: um estudo do gênero textual	Cibele Gadelha Bernardino (2000)
D2UFC	A distribuição das informações em resenhas acadêmicas	Benedito Gomes Bezerra (2002)
D3UFC	A apropriação dos gêneros textuais: concepções, diretrizes e expectativas na alfabetização de jovens e adultos	Bárbara Olímpia Ramos de Melo (2003)
D4UFC	Chat na web: um estudo de gênero hipertextual	Júlio César Rosa de Araújo (2003)
D5UFC	A organização retórica de artigos de opinião na imprensa e no jornal escolar	Cristina Mácia Maia de Oliveira (2004)
D6UFC	Um estudo do gênero jornalístico acórdão	Elisabth Linhares Catunda (2004)
D7UFC	A ação retórica de resenhar na comunidade jornalística: um estudo dos propósitos comunicativos e da avaliação	Socorro Cláudia Tavares de Souza (2004)
D8UFC	A organização retórico-argumentativa do capítulo de justificativa no gênero textual projeto de dissertação	Damião Carlos Nobre Joca (2006)
D9UFC	Um estudo da realização da sequência narrativa no gênero notícia	Aurinívia Ferreira da Silva (2007)
D10UFC	Gênero carta corrente digital: estudo dos	Larissa Pereira de Almeida

	aspectos formais e funcionais	(2007)
D11UFC	Uma colônia de gêneros anúncios	Ana Keyla Carmo Lopes (2008)
D12UFC	Blog(ueiros): critérios para o estudo de comunidades discursivas globais e locais	João Paulo Eufrazio de Lima (2008)
D13UFC	Mesclas de gêneros no Orkut: o caso do scrap	Vicente de Lima Neto (2009)
D14UFC	A distribuição das informações em notícias	Viviane Batista de Oliveira (2009)
D15UFC	O gerenciamento das vozes enunciativas no gênero fátia de vida da ordem do relatar	Paula Francinete Ribeiro de Araújo (2009)
D16UFC	A organização textual de relatórios de estágios escritos por professores de Língua Portuguesa em formação inicial	Jaciara Lemos Botelho (2009)
D17UFC	Para uma concepção ampliada de cadeia de gêneros	Kennedy Cabral Nobre (2009)
D18UFC	Intergenericidade em anúncios publicitários: uma abordagem semiolinguística	Marília de Carvalho Cerveira (2009)
D19UFC	Análise de relatórios de observação de aula: uma abordagem interacionista sociodiscursiva	Cristina Dantas da Rocha Lima (2009)
D20UFC	A TV na web: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia	Rafael Rodrigues da Costa (2010)
D21UFC	Intertextualidade e ironia na interpretação de charges	Avanúzia Ferreira Matias (2010)
D22UFC	O agir do professor no ensino de gêneros textuais em sala de língua materna	Maria Vieira Monte Filha (2010)
D23UFC	O gênero anúncio: uma análise multimodal e semiolinguística da construção argumentativa	Lucina Costa Rodrigues de Paula Duarte (2011)
D24UFC	Multimodalidade e tradição discursiva; um estudo sobre gênero anúncio publicitário	Maria Coeli Saraiva Rodrigues (2011)
D25UFC	Funções discursivas dos marcadores	Silmara Ferreira da Rocha

	metadiscursivos no gênero carta do leitor	(2011)
D26UFC	Intergenericidade e encenação argumentativa na construção de sentidos em anúncios publicitários	Edelyne Nunes Diniz de Oliveira (2012)
D27UFC	Modalidade do gênero webcomentário do jornal “O povo”: efeitos de sentido e relação com o midium digital	Erasmio de Oliveira Freitas (2012)
D28UFC	Representações e metáforas no discurso de professores: uma análise do gênero relatório	Lucelane Cordeiro Nojosa de Freitas (2012)
D29UFC	TWEET: reelaboração de gêneros em 140 caracteres	Sayonara Melo Costa (2012)
D30UFC	Aprendendo a produzir notícias na era digital	Adriana Paula da Silva Amorim (2013)
D31UFC	A interação em anúncios publicitários	Débora Maria Rodrigues (2013)
D32UFC	A hibridização dos subsistemas atitude e graduação no gênero memórias literárias	Angelane Faustino Firmo (2014)
D33UFC	A narrativização dos gêneros do discurso	Ingrid dos Santos Rocha (2015)
D34UFC	Tradições discursivas em gêneros jurídicos: um estudo sobre o gênero denúncia em processos criminais dos séculos XX e XXI	Ticiane Rodrigues (2016)
D35UFC	Tradições discursivas em resenhas acadêmicas: mudanças e permanências entre os séculos XX e XXI	Jorge Luiz Queiroz Carvalho (2016)
D36UFC	Reelaboração de gêneros: uma questão para a sala de aula	Raudete Cunha Feitosa (2016)